



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Enio Marcos de Oliveira

**FRANCISCO DE ASSIS E O ISLÃ: a vida segundo a forma do Santo Evangelho
e a Minoridade como caminho para o diálogo
inter-religioso**

JUIZ DE FORA
2014

Enio Marcos de Oliveira

**FRANCISCO DE ASSIS E O ISLÃ: a vida segundo a forma do Santo Evangelho
e a Minoridade como caminho para o diálogo
inter-religioso**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz
de Fora, como requisito parcial para obtenção do
grau de Doutor.

Área de concentração: Religiões e Diálogo

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora
2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Enio Marcos.

Francisco de Assis e o Islã : a vida segundo a forma do Santo Evangelho e a Minoridade como caminho para o diálogo inter-religioso / Enio Marcos Oliveira. -- 2014.

246 p.

Orientador: prof. Dr, Volney José Berkenbrock

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

1. Diálogo inter-religioso. 2. cristãos/muçulmanos. 3. Francisco de Assis/Malek-al-Kamil. 4. Evangelho/Minoridade. 5. Cruzadas. I. Berkenbrock, prof. Dr, Volney José, orient. II. Título.

Enio Marcos de Oliveira

**FRANCISCO DE ASSIS E O ISLÃ: a vida segundo a forma do Santo Evangelho
e a Minoridade como caminho para o diálogo
inter-religioso**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Religião, da Universidade Federal
de Juiz de Fora, como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor.

Área de concentração: Religiões e Diálogo

Juiz de Fora (MG), ____ de _____ de 2014

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (Orientador) - UFJF

Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira - UFJF

Prof. Dr. Zwinglio Mota Dias - UFJF

Prof. Dr. Sandro Roberto da Costa - ITF

Prof. Dr. Marco Zeno Dal Corso – ISEVENEZIA, IT

Dedicado à memória de Prudente Lúcio Nery, um Irmão Menor.

AGRADECIMENTOS

Alguém me disse certa vez que “gratidão é a memória do coração”. É com a memória do coração que quero agradecer a tantos que se fizeram presentes neste processo de gestação da tese agora apresentada:

À minha mãe, e à Kika, com todo carinho e amor.

A CAPES pela bolsa do (PDSE – 7895/13-5) que tanto contribui para minhas pesquisas na Itália.

A Dom Dario Campos, pelo apoio sempre presente, e ao Frei Fábio L’ amore, que não mediu esforços para apoiar meus trabalhos.

Ao Padre Erinaldo, ao Túlio França, aos frades do convento são Francisco da Vinha que me acolheram em Veneza como a verdadeiro irmão.

Ao seminário Nossa Senhora de Guadalupe, da Diocese de Leopoldina, sempre de portas abertas, bem como o convento do Sagrado Coração de Jesus da Ordem dos Frades Menores de Petrópolis, que juntamente com o ITF me proporcionaram realizar tantas pesquisas.

Aos padres Filhos do Amor Misericordioso, pela acolhida em Roma, e, de maneira especial, ao Padre Franco, pelo incentivo.

Ao Monsenhor Waltencyr, sempre me apoiando em minhas buscas com paternal amor; aos amigos do *Istituto di studi Ecumenici* de Veneza, na pessoa do Frei Roberto Giraldo, pela acolhida e apoio acadêmico no tempo em que lá estive pesquisando.

Aos membros da Paróquia de São José de Além Paraíba, que apesar da minha ausência sempre apoiaram meus estudos; agradeço a todos eles nas pessoas de Gilma, Frank e Padre Antonio Marcio.

Ao senhor Pedro Lopes, que sempre se interessou pelas minhas pesquisas e foi um grande incentivador.

À Marise Reis pela correção e sugestões, e à Gisele Lamoglia pela digitação dos textos em anexo.

Agradeço de coração à minha família e em especial minha mãe, Geralda Reis de Oliveira, pela gratuidade e generosidade do amor.

Ao meu orientador Dr. Volney José Berkenbrock, para quem faltam palavras para agradecer; ao professor Dr. Faustino Teixeira pela alegria de encontrar em Francisco de Assis um homem do diálogo.

A Deus, e a Francisco de Assis.

RESUMO

Esta tese analisa a trajetória de Francisco de Assis e o significado do encontro com o Sultão num período de conflitos entre cristãos e muçulmanos, durante a V Cruzada.

A vida segundo a forma do Santo Evangelho e a escolha da Minoridade como modo de ser no mundo abriram caminhos para que Francisco de Assis pudesse ser apontado como um buscador do diálogo inter-religioso. Sua postura e seus textos são analisados nesta pesquisa através de autores que escreveram sobre o encontro acontecido entre Francisco de Assis e o Sultão Malek-al-Kamil, em Damietta, no ano de 1219, um encontro claramente dialogal. A pesquisa foi dividida em três Partes e em sete Capítulos, contendo a primeira Parte, três Capítulos, e a segunda e terceira Partes, dois Capítulos cada uma. Na primeira Parte foi abordado o processo de conversão pelo qual passou Francisco; na segunda Parte foi abordado o processo de evolução da fraternidade formada ao redor de Francisco, a constituição da Regra de vida da Ordem, os momentos de aproximação e de distanciamento da visão de Francisco diante da visão da Igreja. Na terceira e última Partes foram abordados os textos e atos de Francisco que mostram como o seu projeto de vida segundo a forma do Santo Evangelho e a escolha da minoridade o apontam como um buscador de diálogo.

Palavras-chaves: **Evangelho/minoridade. Cruzadas. Diálogo. Francisco de Assis/Malek-al-Kamil. Muçulmanos/cristãos.**

SUMMARY

This thesis seeks to analyze the trajectory of Francisco de Assis and the meaning of his meeting with the sultan in a time of conflicts between Christians and Muslims during the V Crusades. Life according to the Holy Gospel and the Minority's choice as to how to exist in the world opened up paths so that Francisco de Assis could be appointed as a man who searched for inter religious dialogue. His stance and his texts are analyzed in this research through authors that wrote about the meeting that occurred between Francisco de Assis and Sultan malek-al-kamil in the city of Damietta in the year 1219-- it was clearly meeting for dialogue. The research was divided into three parts and seven chapters. The first part has three chapters, and the second and third have two each. The first part contains the process of conversion in which Francisco went through, the second part contains the process of the evolution of the brotherhood formed around Francisco, a constitution of the Law of Life of Order, the moments of nearing and distancing of the vision of Francisco compared to the church's vision. The third and last part explain Francisco's texts and acts show how his life project according to a form of the Holy Gospel and the choice of the minority indicate him as a dialogue seeker.

Keywords: Evangelho/minority. Crusades. Dialogue. Francisco de Assis/Malek-al-Kamil. Muslim/christian.

ESTRATTO

Questa tesi ha cercato di esaminare la traiettoria di Francesco d'Assisi e il significato dell'incontro con il sultano Malek-al-Kamil in un periodo di conflitto tra cristiani e musulmani durante la quinta crociata. La forma di vita secondo il santo Vangelo e anche la scelta di minorità come un modo di essere nel mondo, ha aperto strade perché Francesco d'Assisi potessi diventare e essere visto come un ricercatore del dialogo inter-religioso. La sua postura e suoi testi sono analizzate in questa ricerca verso gli autori che hanno scritto circa l'incontro avvenuto tra Francesco d'Assisi e il sultano Malek-al-Kamil a Damietta nel corso dell'anno 1219, un incontro chiaramente dialogico. La ricerca è stata divisa in tre parti e sette capitoli. La prima parte contiene tre capitoli e la seconda e la terza due capitoli ciascuno. Nella prima parte è stato affrontato il processo di conversione vissuto da Francesco. Nella seconda parte è stato affrontato il processo di evoluzione della fraternità formato intorno Francesco, l'istituzione della Regola di Vita dell'Ordine, i momenti di vicinanza e allontanamento dei pensieri di Francesco verso la visione della Chiesa. Nella terza ed ultima parte sono affrontato dei testi e atti di Francesco che mostrano come suo progetto di vita secondo la forma del santo Vangelo e la scelta per la minorità sono stati come una finestra di ricerca di dialogo inter-religioso.

Parole chiave: **Vangelo/Minorità. Crociata. Dialogo. Francesco d'Assisi/Malek al-Kamil. Musulmani/cristiani.**

LISTA DE SIGLAS

- Ad** - Admoestações
- 1Cl** - Carta aos Clérigos (1ª Recensão)
- 2Cl** - Carta aos Clérigos (2ª Recensão)
- Cnt** - Cântico do Irmão Sol
- 1Ct** - Carta aos Custódios (1ª Recensão)
- 2Ct** - Carta aos Custódios (2ª Recensão)
- ExL** - Exortação ao Louvor de Deus
- 1Fi** - Carta aos Fiéis (1ª Recensão)
- 2Fi** - Carta aos Fiéis (2ª Recensão)
- 1Fr** - Fragmentos da Regra não Bulada (Códice de *Worcerster*)
- 2Fr** - Fragmentos da Regra não Bulada (Hugo de Digne)
- 3Fr** - Fragmentos da Regra não Bulada (Tomás de Celano)
- LD** - Louvores ao Deus Altíssimo
- Ord** - Carta a toda Ordem
- PA** - Palavras de Exortação: “Ouvi, pobrezinhas”
- PN** - Paráfrase ao Pai-nosso
- RB** - Regra Bulada
- RnB** - Regra não Bulada
- Test** - Testamento
- Al** - Aliança Sagrada (*Sacrum commercium*)
- AP** - Anônimo Perusino
- AtF** - Atos do Bem-aventurado Francisco e companheiros
- CA** - Compilação de Assis
- 1Cel** - Primeira Vida, de Tomás de Celano
- 2Cel** - Segunda Vida, de Tomás de Celano
- 3Cel** - Tratado do Milagres, de Tomás de Celano
- 4Cel** - Legenda para o uso do Coro
- Ec** - Crônica de Tomás de Eccleston
- 1EP** - Espelho da Perfeição (menor)
- 2EP** - Espelho da Perfeição (maior)
- Fior** - I Fioretti
- JJ** - Crônica de Jordano de Jano

Jul - Vida de São Francisco, de Juliano de Espira

Lm - Legenda Menor, de São Boaventura

LM - Legenda Maior, de São Boaventura

LMM - Legenda Maior, Milagres, de São Boaventura

LTC - Legenda dos Três Companheiros

Tm - Testemunhos Menores

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PARTE I.....	19
O ARDOR MISSIONÁRIO DE FRANCISCO DE ASSIS.....	19
CAPITULO I.....	20
1 A ORIGEM DO IDEAL MISSIONÁRIO DE FRANCISCO.....	20
1.1 <i>O sonho da cavalaria e da nobreza</i>	<i>22</i>
1.2 <i>A restauração da Igreja</i>	<i>30</i>
1.3 <i>Pregar o Evangelho sem distinção.....</i>	<i>37</i>
CAPÍTULO II.....	42
2 A MISSÃO NAS VISÕES DA IGREJA E DA COMUNIDADE DE FRANCISCO: proximidades e distanciamentos	42
2.1 <i>o objetivo da pregação da igreja</i>	<i>44</i>
2.2 <i>As propostas de pregação de Francisco e seus Irmãos</i>	<i>51</i>
2.3 <i>Os diferentes sentidos na pregação de Francisco e da Igreja.....</i>	<i>56</i>
2.4 <i>As bases da Missão na Fraternidade de Francisco</i>	<i>62</i>
CAPÍTULO III	74
3 FRANCISCO ENCONTRA O ISLÃ	74
3.1 <i>O desejo de ir ao Islã</i>	<i>77</i>
3.2 <i>O cenário do encontro – a Cruzada</i>	<i>89</i>
3.3 <i>Paz e missão</i>	<i>98</i>
PARTE II.....	109
ORGANIZANDO DA ORDEM PARA O MUNDO	109
CAPÍTULO IV	110
4 A MISSÃO E A GESTAÇÃO DA REGRA.....	110
4.1 <i>Francisco como regra inicial.....</i>	<i>113</i>
4.2 <i>A Missão nos primeiros Capítulos da Ordem</i>	<i>127</i>
CAPÍTULO V.....	135
5 O MUNDO É NOSSO CLAUSTRO	135
5.1 <i>Os protomártires</i>	<i>136</i>
5.2 <i>Da espada à cruz</i>	<i>144</i>
5.3 <i>Encontro com o outro</i>	<i>148</i>
5.4 <i>A novidade de uma Regra missionária</i>	<i>153</i>
PARTE III.....	161
O DIÁLOGO NA POSTURA E NOS TEXTOS DE FRANCISCO	161
CAPÍTULO VI	163

6 MUNDO: onde o encontro acontece	163
<i>6.1 Francisco e seus textos</i>	165
<i>6.2 O Capítulo XVI da Regra não Bulada</i>	166
<i>6.3 Os nomes de Deus</i>	187
<i>6.4 Oração</i>	192
CAPÍTULO VII.....	200
7 TESTAMENTOS	200
<i>7.1 Toda terra é santa, ou o Natal em Greccio</i>	201
<i>7.2 Por inspiração divina ou a Perfeita Alegria</i>	206
<i>7.3 Viver segundo o Evangelho ou o Testamento</i>	212
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	218
REFERÊNCIAS	249

“A vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida.” (Samba da Bênção, Vinícius de Moraes).

INTRODUÇÃO

A frase de Vinícius de Moraes se encaixa perfeitamente na construção de vida de Francisco de Assis: o itinerário do pobrezinho desde os sonhos da juventude, o seu processo de conversão, passando pela formação da vida em fraternidade, a organização da Regra de vida, os escritos e a missão. Encontros e desencontros forjaram a sua identidade, bem como a identidade da Ordem por ele fundada, profundamente marcada por esta arte de encontrar e de se encontrar no outro.

A pesquisa aqui apresentada mostra a construção do ideal de Francisco de Assis nos muitos encontros que ajudaram a marcar esta história. Os sonhos da juventude de um pequeno burguês que desejava alcançar a nobreza por meio da cavalaria e das muitas batalhas, até o encontro com a enfermidade e a prisão. Depois delas, e ainda alimentando o sonho da cavalaria, aspirando à casa das armas e a proposta de servir ao Senhor e não ao servo¹.

O retorno à casa dos pais e os encontros com os leprosos, segundo ele, marcaram definitivamente o seu processo de mudança e a inserção em um novo mundo.² O encontro com o crucificado, na Igrejinha de São Damião,³ o fez compreender a sua missão de restaurar a Igreja, embora não tenha captado plenamente, no primeiro momento, o que significava restaurar a Igreja em ruínas.

Após o início da reconstrução da igrejinha, começaram a chegar os irmãos e este novo encontro exigiu, mais uma vez, uma mudança nos rumos de Francisco e a revisão da vida construída, quando buscou, então, o Evangelho para orientar os novos rumos. À medida que crescia a comunidade os caminhos se abriam para a missão de anunciar o Evangelho e a penitência. Aos poucos, a Assis de então foi ficando pequena para aqueles jovens que queriam viver segundo a forma do Santo Evangelho, sendo menores entre os pequenos.

O desejo de viver em comunidade e se espalhar pelo mundo levou Francisco e os seus primeiros frades a Roma, para se encontrarem com o Papa Inocêncio III e pedirem a ele uma autorização para que pudessem viver em comunidade e pregar o Evangelho. Segundo o próprio Francisco, tal autorização foi confirmada pelo senhor Papa⁴.

¹ Cf. 2 Cel II-6 FFC, 2004: 304.

² Cf. Test, FFC, 2004: 188.

³ Cf. 2 Cel II-10, FFC 2004: 308.

⁴ Cf. Test, FFC, 2004: 189.

Naquele momento, a Igreja passava por uma situação difícil com muitas lutas internas provocadas pelas questões políticas, e pelos muitos movimentos chamados heréticos. Inocêncio buscou um trabalho de reconciliação com muitos destes movimentos, e lutou contra outros de forma sistemática e violenta. Ao mesmo tempo, a cristandade enfrentava um inimigo externo, os muçulmanos, em uma guerra que já durava quase duzentos anos.

O Papa acolheu o movimento de Francisco com uma aprovação verbal. A partir de mais este encontro e com o crescimento da fraternidade, sentiu-se a necessidade de organizar uma regra de vida que foi sendo elaborada nos muitos Capítulos⁵ e a partir das experiências do grupo no mundo.

Francisco e a Igreja tinham projetos de expansão, mas enquanto a Instituição via na guerra um caminho para alcançar o mundo, o pobrezinho buscava viver em fraternidade a minoridade, segundo a forma do Santo Evangelho, mantendo sempre a identidade católica, embora ultrapassando as fronteiras do pensamento institucional, fazendo do mundo o seu claustro, e de cada homem um Irmão.

Mas a planta ainda não estava madura; o Papa Inocêncio III escreveu carta aos cristãos convocando o IV Concílio de Latrão, e entre suas propostas estava inserida uma grande reforma da Igreja e uma guerra de extermínio contra os sarracenos, guerra que ele mesmo conduziria se não fosse tomado pela morte, meses antes de ela começar, em julho de 1216.

Enquanto a Igreja se preparava para o IV Concílio de Latrão e para a guerra contra o Islã, como caminho para a reforma desejada, Francisco via seu grupo crescer e se organizava cada vez mais dentro do seu projeto de vida segundo o santo Evangelho.

A partir dos Capítulos, a Ordem ia organizando as províncias, transpondo não só as fronteiras da Itália, mas também do Ocidente.

Seguindo este propósito, Francisco também se dispôs a ir para o meio dos sarracenos. Duas de suas tentativas foram frustradas, mas, finalmente, chegou a Damietta, por volta dos meses de julho/agosto de 1219, ali podendo se encontrar com o sultão Malek-a-Kamil.

Segundo vários autores, muitas eram as motivações que o impulsionavam a fazer o caminho em direção aos muçulmanos.

A construção da Regra e da identidade da Ordem era edificada simultaneamente a partir das experiências dos Irmãos que andavam pelo mundo e da experiência particular de Francisco, que era uma espécie de regra viva para a fraternidade, que com sua vivência pontuava a maneira como eles deveriam viver no mundo, sempre pautado pela fraternidade,

⁵ Reuniões dos frades que aconteciam, inicialmente duas vezes ao ano e posteriormente por volta da festa de Pentecostes, nestas reuniões eram definidos os passos a serem dados pela fraternidade.

pela Minoridade, e pela vida segundo o Santo Evangelho. Neste itinerário de experiências pessoais é fundamental o encontro com o sultão Malek-al-Kamil, que definitivamente alargou o mundo para Francisco, e quando ele pode elaborar um projeto missionário pautado na convivência espiritual, no fervor da identidade e na abertura para o diálogo com o outro.

Todos estes encontros são tratados na pesquisa com o intuito de aprofundar a compreensão sobre a relação que se estabeleceu entre Francisco de Assis e o Islã; das motivações que o levaram ao encontro com o sultão, naquele julho/agosto de 1219; e das razões pelas quais sua postura diverge daquela de uma Igreja que armava os homens para matar os que eram considerados filhos do Diabo.

Desta forma, são apresentados:

A leitura da vida de Francisco nos encontros que a marcaram;

Uma análise da importância do outro na vida de Francisco e de sua fraternidade;

A leitura das primeiras biografias no texto e nas entrelinhas, que pontuam a relação de Francisco com o Islã;

Os projetos de expansão e de reforma da Igreja, sobretudo aqueles inseridos no IV Concílio de Latrão;

Análises dos textos e das ações de Francisco, que o apresentam como um buscador do diálogo.

O trabalho está organizado em três partes. A Parte I subdivide-se em três Capítulos iniciais; a Parte II é composta pelos Capítulos IV e V; e a terceira e última, a Parte III, constitui-se dos Capítulos VI e VII.

Na primeira parte, aborda-se o ardor missionário de Francisco, onde é analisado o histórico do pobrezinho, com seus sonhos e anseios, a busca da glória nas batalhas, o sofrimento, a prisão, e o processo de mudança vivenciado desde o encontro com os leprosos, passando pelo encontro com os Irmãos até chegar ao encontro com o Papa Inocêncio III, e, posteriormente, com o sultão Malek-al-Kamil.

No primeiro capítulo é pontuado o ardor missionário de Francisco, que nasce a partir do sonho no qual ele recebe o convite para servir o patrão, e não ao servo. Assim, ele deixa para trás os sonhos de cavalaria e de nobreza, desposando a senhora pobreza. O encontro com o leproso, com o crucificado, na Igreja de São Damião, e com os Irmãos, que desejam viver com ele o mesmo ideal, vão demarcando o caminho que deveriam seguir na busca de respostas das suas demandas no Evangelho.

No II Capítulo são descritos os encontros e desencontros da missão, nas respectivas visões da Igreja e de Francisco. Enquanto a Igreja tinha um claro projeto expansionista, e, ao

mesmo tempo, tentava deter o avanço do Islã, combatendo os hereges, o pobrezinho buscava, com forte ardor missionário, pregar a todos. Sem nunca deixar de fazer parte da Igreja, mas indo além dela, o jovem de Assis ia organizando a sua fraternidade para o anúncio da paz, que ele dizia ter recebido como revelação divina. Para viver esta paz era preciso buscar a pobreza e a minoridade diante do Evangelho.

No III Capítulo apresenta-se o encontro de Francisco de Assis com o Islã, pontuando os motivos apresentados pela biografia, ao longo dos últimos oito séculos, para que ele pudesse buscar tal encontro: o cenário da V Cruzada, as tratativas de paz, o desejo de subjugar o Islã. Francisco vai desarmado, como cordeiro no meio dos lobos, e se encontra com Malek-al-Kamil, homem sábio e fiel, diferente da figura construída pela propaganda Cruzada, que o acolhe com reverência e respeito. Nenhum autor que retrata o encontro ousa falar mal do sultão.

Na Parte II da pesquisa, ‘Organizando a Ordem para o Mundo’, composta pelos Capítulos IV e V, trabalhou-se a elaboração e desenvolvimento da regra de vida da Fraternidade reunida em torno de Francisco, e tendo nele uma espécie de regra viva. Ao mesmo tempo, analisou-se a postura da Igreja diante dos movimentos chamados pauperísticos, e as posturas de Francisco, que horas parecia totalmente ajustado à Igreja, enquanto outras parecia enxergar muito além dos muros da mesma.

No IV Capítulo aborda-se a construção da Regra Franciscana, a sua elaboração e desenvolvimento, tendo como base o Evangelho e o testemunho vivo de Francisco. A posição do Papa Inocêncio III diante dos movimentos pauperísticos, elemento importante para a organização do movimento Franciscano que procurava se expandir, avançando além do Ocidente, sempre com um olhar diferenciado da parte do pobrezinho e de seus Irmãos.

No V Capítulo pontua-se de que forma esta nova visão permite à Ordem Franciscana viver segundo parâmetros diferentes das ordens já estabelecidas, fazendo do mundo um claustro e o lugar de encontro entre irmãos, ainda que os protomártires do Marrocos tenham se comportado de um modo diverso de Francisco. O Papa Inocêncio, através da Carta *Quia Maior* convida a cristandade para um projeto de renovação que se dará com o IV Concílio de Latrão, no qual serão apresentados os pontos da reforma desejada, passando pelo extermínio do inimigo maior, os sarracenos. Neste contexto tem-se a atitude de Francisco que anda desarmado em meio à guerra, levando a cruz ao invés da espada, propondo uma religião diversa, aprendendo e apreendendo elementos da piedade alheia.

Na Parte III e última da pesquisa, formada pelos capítulos VI e VII, é abordada a postura de Francisco no mundo, lugar de encontro e aprendizado, através de sua postura

diante do outro, e de textos que hora se mostram em consonância com a experiência vivida nos dias de Damietta, e, em outros momentos, busca orientar aqueles que alimentam o mesmo desejo que ele viveu.

O VI Capítulo trata dos textos por ele elaborados sob a influência já do encontro com o sultão Malek-al-Kamil: o Capítulo XVI da Regra não Bulada, primeiro estatuto missionário *ad gentes* dentro da Igreja no medievo; a forma de tratar os nomes de Deus em uma profunda sintonia de coração com os muçulmanos nos louvores ao Deus Altíssimo e no Capítulo XXIII da Regra não Bulada. Conclui o Capítulo uma leitura da carta aos Governantes dos Povos, de clara influência das orações oriundas dos minaretes.

Concluindo a tese, o Capítulo VII traz os três Testamentos⁶ de Francisco, no qual, em seus encontros e desencontros, se depara com um buscador do diálogo, um coração místico de Irmão Menor que, baseando a vida no Santo Evangelho, demarca claramente a sua identidade católica, ao mesmo tempo em que se permite aprender com o outro.

O Capítulo VII se subdivide com o Natal em Greccio e o desejo de fazer de toda a terra um lugar santo, e de todos os homens, irmãos. No segundo tópico apresenta-se a Perfeita Alegria como um testamento de Minoridade, o que permitiu a Francisco se esvaziar, se identificando com o Cristo sofredor e redentor de todos os homens, e dando lugar ao outro.

O Testamento de Francisco fecha o Capítulo e a tese, apresentando os elementos que marcam a sua identidade católica, a formação da sua fraternidade, a importância do seu encontro com os outros (leprosos, irmãos, Papa, sultão) e a cada encontro, se transformando através da revelação divina. A vida em Minoridade e o anúncio da paz a todos os homens que se aliam ao ser submisso a todas as criaturas pontuam claramente um cristão que vê o mundo como sua casa, os homens como seus irmãos, e a paz como revelação divina.

O encontro com a pesquisa se deu através das leituras dos textos do primeiro século do Franciscanismo e dos próprios textos de Francisco, reunidos na obra intitulada Fontes Franciscanas e Clarianas, publicada pela Editora Vozes, em 2004.

A discussão do tema foi fundamentada ainda em autores modernos que trabalham, sobretudo, o encontro de Francisco com o sultão Malek-al-Kamil. No entanto, a tese aqui apresentada, considerando estes textos, se prende de forma especial aos textos de Francisco, visando a compreensão mais apurada dos elementos constitutivos da identidade dialogal do Irmão Menor, que de encontro em encontro semeou um modelo de ser no mundo, numa

⁶ Francisco escreveu no fim de sua vida um texto que foi chamado de Testamento, usando esta ideia, a presente pesquisa chama de testamento também outros dois momentos da vida de Francisco, o Natal em Greccio e o texto da Perfeita Alegria.

postura de submissão a todos por amor de Deus, e de tal forma, que esta maneira de viver se tornou claramente um caminho para o diálogo.

PARTE I

O ARDOR MISSIONÁRIO DE FRANCISCO DE ASSIS

“Não levem nada pelo caminho” (Mt 10,9), vivam na simplicidade, e anunciem o Reino. Estas palavras do Evangelho, ouvidas por Francisco de Assis, na Igrejinha da Porciúncula, parecem ter sido um ponto crucial para que ele pudesse viver segundo o Evangelho, e segundo os discípulos de Jesus, seguir pelo mundo pregando o Reino de Deus. Entre os anos de 1204 e 1206, Francisco havia passado por um processo de conversão que se deu em momentos distintos, quando acometido por uma longa enfermidade após encontros com leprosos, no encontro com o Crucifixo de São Damião⁷, e no distanciamento com o modo de vida da sociedade a que pertencia.

A partir de então, Francisco abraça o ideal de restaurar a Igreja que estava em ruínas. O que a princípio pareceu ser uma obra de alvenaria foi se transformando em um modo de vida. Aos poucos, foram se aproximando jovens que abraçavam o ideal de Francisco, e nascia então um ardor missionário, um desejo de fazer do mundo um convento, onde os homens, tocados pela paz, pudessem abandonar as guerras e viver como irmãos.

Nesta primeira parte da tese, descreve-se como o ardor missionário foi nascendo em Francisco, se manifestando em seu desejo de restaurar a Igreja, desejo esse que não era só dele, uma vez que nos séculos XII e XIII o anseio por mudanças também estava marcadamente presente dentro e fora da hierarquia da Igreja. Demonstra-se de que forma, algumas vezes, o seu ardor foi de encontro ao anseio da hierarquia, enquanto outras vezes, tendeu para o distanciamento do mesmo, mostrando Francisco e sua comunidade dentro da Igreja, mas, em certos momentos, com o olhar muito além.

⁷ Cf. FFC, 2004: 83.

CAPITULO I

1 A ORIGEM DO IDEAL MISSIONÁRIO DE FRANCISCO.

Entre 1181 e 1182, nasce em Assis, o filho de Pedro Bernardone e de dona Joana (provável nome da mãe, conhecida pelo cognome de Pica). No batismo, recebe o nome de João, mas o pai, ao regressar de uma viagem, lhe dá o nome de Francisco⁸. O filho de Pedro Bernardone vive seus primeiros anos como qualquer outro cidadão de Assis, alimentado pelos mesmos ideais e costumes da época, entre o culto à guerra através da cavalaria, entre as canções heroicas, em meio à rivalidade entre as cidades e os anseios de nobreza. Todo esse ambiente fazia parte dos primeiros anos de vida de Francisco.

A vida e a missão do jovem de Assis no seio da Igreja, desde o século XII aos nossos dias, têm sido apresentadas com diversas nuances, mas, em quase todas elas, se realça a importância do filho de Pedro Bernardone para a vida da Igreja, e mesmo para todo o Ocidente:

Os sumos pontífices e a tradição católica têm unanimemente reconhecido em São Francisco de Assis o homem enviado de Deus à Igreja, como profeta, para a renovação do espírito evangélico. (Basetti-Sani, 1975: 2).⁹

Nesta primeira parte ainda se descreve a Assis do tempo de Francisco e os processos pelos quais ele passou até deixar de ser apenas o filho de Pedro Bernardone, tornando-se o homem de paz, indo de encontro ao outro. Neste tópico apresentam-se os elementos importantes que fizeram originar o ideal missionário em Francisco, e como alguns jovens de seu tempo se juntaram a ele.

A segunda metade do século XII foi um tempo de turbulência na vida da Igreja e do Ocidente. Os muçulmanos retomam Jerusalém em 1187, enquanto cresce a consciência de que o Islã era outra religião, e não apenas um grupo cismático ou herético (MANSELLI R., 1997: 2). Na Europa, os movimentos considerados heréticos se intensificam em vários países, e a Igreja tenta se organizar diante de todos os desafios, ao mesmo tempo em que pune os heréticos.

A cidade de Assis não estava alheia à toda esta situação. Situada geograficamente em um ponto estratégico para o controle das estradas que ligam Foligno à Perúgia, ou que chegam até Espoleto, e marcada por lutas internas entre a nobreza e os chamados menores, a cidade entrou, logo no início do século XIII, em batalha contra Perúgia. Francisco, que tomou parte nesta batalha, foi feito prisioneiro em 1202, na Perúgia (MANSELLI R., 1997: 30). Este

⁸ Cf. FFC, 2004: 83.

⁹ Os textos usados nesta pesquisa oriundos de outra língua foram traduzidos pelo autor da pesquisa.

tempo na prisão passou a provocar mudanças na vida do jovem assisense e nos seus sonhos de cavalaria.

A trajetória de Francisco, marcada pelos conflitos que ocorriam no século XII e início do século XIII, foi se fazendo num processo de conhecimento de si, da realidade que o cercava, conferindo uma nova direção à sua vida, a ponto de torna-lo aclamado como um profeta de renovação na Igreja e no ocidente.

A origem missionária de Francisco e seu desenvolvimento vão fazer com que, em pleno século XIII, e em meio às cruzadas, ele se abra ao encontro com o outro, numa postura que não se ousará chamar aqui de diálogo inter-religioso, o que seria um anacronismo. Entretanto, cabe sim, chamar de germe do que hoje se entende por diálogo inter-religioso. Talvez, todos os conflitos na vida de Francisco tenham feito com que ele percebesse o quanto a paz era importante, e que talvez lutar por ela, e não pela guerra, pudesse ser um ideal mais nobre. Ao longo do trabalho quer-se avaliar a saudação que ele recebeu como missão e deixou em seu testamento: “Como saudação, o Senhor me revelou que disséssemos: O Senhor te dê a paz.” (Test, FFC, 2004: 190)¹⁰. Avalia-se, entre outros pontos importantes, esta saudação e a sua importância na missão que Francisco assumiu, de servir ao Senhor dos senhores – da forma como ele parece ter entendido - promovendo a paz, e não como o servo dos servos, praticando a guerra. Para Basetti-Sani (1975, p.50): “O chamado a não seguir ao apelo do servo e fazendo o deixar o ideal de ser cruzado, para escutar, ao contrário, o convite de servir ao Senhor foi o início da transformação de Francisco.” Um dia enquanto caminhava Francisco encontrou-se com um leproso, e ele mesmo relata em seu *Testamento* que ao ver um leproso sentia repugnância, mas quando o Senhor o conduziu a eles (Test, FFC, 2004: 188-191)¹¹, o que era amargo tornou-se doce. Avançando um pouco em sua biografia, depara-se com outro encontro importante na trajetória de Francisco, ou seja, com o Crucifixo na capela de São Damião. Estes dois encontros abriram novas perspectivas em sua vida fazendo com que ele se sentisse impulsionado por outras batalhas que não a de se fazer herói da cavalaria e ou das cruzadas. Nesta mesma perspectiva é possível entender o encontro com o Sultão Malek-Al-Kamil. Francisco parecia ser chamado a uma mudança de rumos, chamado para uma missão que foi sendo descoberta no processo de sua vida.

Os caminhos de Francisco pareciam mudados, e uma questão se sobressai: o que fazer da vida? Como fazer? As respostas se descortinavam, e Francisco parece começar a entender

¹⁰ O texto na íntegra do Testamento de Francisco foi anexado ao final do trabalho.

¹¹ Conforme a Obra Testamento, a vida de Francisco é toda marcada por encontros e, no seu entender, o próprio Senhor se revelava para ele ou o conduzia a estes encontros.

que os encontros com o leproso e com o Cristo em São Damião o despertava para fazer a vontade de Deus, a vontade do Senhor dos senhores, e não a vontade do servo dos servos. Uma nova questão vai se delineando para ele: qual é a vontade do Senhor dos senhores? Restaurar a Igreja? Como seria esta restauração? Propor a paz? Mas como propô-la se o mundo estava em guerra e a mesma era justificada em nome do Senhor? Vale lembrar que no curto espaço da vida de Francisco, a Igreja esteve envolvida em três cruzadas, a terceira (1187), a quarta (1204) e a quinta (1217), da qual Francisco participou. Mas Francisco parecia estar convencido de que sua missão não era a guerra.

Este pensamento fixo que o atormentava na busca da vontade de Deus, era em relação com a ordem de Cristo de não ir à Puglia para se fazer cruzado. Nesta meditação retornava o desejo de se fazer alguma coisa pela paz quando parecia que todos ao seu redor se preparavam para a guerra e, sobretudo ocorria fazer alguma coisa para refazer a paz com “os inimigos da cruz de Cristo”, os muçulmanos. (BASSETTI-SANI, 1975: 52).

Numa sociedade marcada pela guerra, na qual os jovens sonham com a cavalaria onde existe a possibilidade de ascensão social, Francisco parece totalmente inserido nesta compreensão de mundo, mas algo parece estar acontecendo no sentido de leva-lo ao encontro com o evangelho.

O tópico seguinte trata exatamente do sonho que Francisco alimentava, de se tornar cavaleiro e nobre, e como os acontecimentos de sua vida foram mudando o foco de seus ideais, deixando de lado as pretensões de servir aos homens da guerra para servir ao Senhor, buscando no Evangelho as respostas para as perguntas que lhe angustiavam o coração, tornando-se, gradualmente, o arauto do grande Rei.

1.1 O sonho da cavalaria e da nobreza

Segundo Léclerc os sentimentos despertados pela cavalaria surgiram na França e logo se espalharam por toda a Europa. O pai de Francisco tinha uma relação muito estreita com o mundo francês, relação que influenciou inclusive, como defendem alguns autores no próprio nome de Francisco. “Esta riqueza natural de sentimentos, no jovem Bernardone, está inserida no contato do mais importante movimento cultural da época, o aparecimento e a difusão do ideal do amor cortês. Saído das cortes dos senhores do centro da França, este ideal se espalhou velozmente através de toda a Europa, levado pelo canto dos trovadores e dos romances da cavalaria”. (LÉCLERC, 1982: 38). Francisco, como muitos jovens do seu tempo, sonhava com a cavalaria, com os caminhos da nobreza. O universo medieval, as batalhas da cidade de

Assis, a propaganda da Igreja e o sonho dos pais com relação ao futuro dos filhos contribuía para que se almejasse a esse fim.

Francisco era um devoto da cavalaria; ele amava as canções dos trovadores franceses e, desde o seu nascimento, havia se embebido dessa cultura. As canções trovadorescas francesas sobre o rei Artur e seu grupo de heroicos cavaleiros também instigaram a imaginação de Francisco a um ponto tal que, mais tarde, ele conceberia sua incipiente ordem de frades maltrapilhos como uma nova espécie de irmandade despojada da violência. “Estes meus irmãos são meus cavaleiros da Távola Redonda”, exclamou ele uma vez. Francisco amava a cortesia e a cavalaria à qual os cavaleiros aspiravam, mesmo em tempos que estavam ainda por vir, quando por fim rejeitou sua violência. Todos os homens da comuna tinham de se apresentar nos portões da cidade com o dever de ir à guerra. Aqueles que deixavam de cumprir essa obrigação sofriam severas punições. (MOSES P., 2010: 25).

Inspirado pelo sonho da cavalaria, Francisco empreendeu algumas batalhas em defesa de sua cidade, quando conheceu os horrores da guerra, das doenças e da morte, horrores que parecem tê-lo marcado até o fim de sua vida. Os pais medievais aspiravam para seus filhos um lugar na cavalaria e na nobreza, e se empenhavam por esta ascensão.

Artesãos, mercadores, pessoas do comércio e de dinheiro podiam ambicionar a ascensão dos seus filhos aos graus superiores da classe social. Não era fácil entrar e fazer parte da classe nobre, mas com coragem e heroísmo se podia entrar na cavalaria. O ideal da cavalaria animava no crente, depois da instituição das cruzadas, o dever da defesa da fé contra o paganismo, e fomentava um amor a pátria, um apego ao império e um forte culto à mulher [...] Francisco no ambiente eclesiástico onde foi enviado á escola, desde criança sentiu exaltar os gestos heroicos dos cruzados como de autênticos servidores de Cristo intencionados a combater os inimigos “da cruz”. A cavalaria era consagrada pela Igreja como a força armada a serviço da verdade desarmada. (Basetti-Sani, 1975: 27).

O ideal da cavalaria era conduzido por uma inspiração religiosa e profana ao mesmo tempo, que levaria a uma sociedade mais justa no seio de uma sociedade desordenada. A cavalaria queria transmitir a ilusão de certa ordem. Para os jovens, significava o ideal de uma vida bela e justa, onde o cavaleiro é o representante de uma liberdade absoluta que se entrega a uma causa. A imagem da cavalaria estava diretamente ligada a um sonho de heroísmo e de amor. (MAZZUCO, 2008: 25-26)

A origem da cavalaria remonta à pré-história, relacionando-se ao controle da força selvagem do cavalo. Na idade média o cavaleiro ganhou um caráter de defensor da ordem social. A ordem tinha uma infinidade de significados, desde a santidade mais elevada até a mais simples solidariedade de grupo. Para se tornar cavaleiro era necessário passar por todo um ritual. Os cavaleiros nobres emitiam três votos religiosos. Havia, entre seus membros, os que se dedicavam exclusivamente ao serviço das armas, os que cuidavam dos doentes e dos

serviços caseiros, e os presbíteros, responsáveis pelo o serviço religioso. O espírito religioso medieval tentava santificar tudo, até mesmo a guerra. (MOREIRA, 1996: 37).

As cruzadas acrescentaram a honra de defender a terra onde Jesus viveu e morreu aos ideais da cavalaria. Assim, parece claro que o sonho da cavalaria está inserido no processo pelo qual Francisco foi vivenciando a sua conversão. Não é algo isolado na vida do jovem assisense, mas um elemento importante, uma vez que conhecendo os horrores da guerra parece ter percebido que a sua missão era outra, um tanto quanto mais importante. Parece que, embora não tenha perdido os sonhos de ser cavaleiro, começou a empreender simultaneamente uma nova batalha: a restauração da Igreja.

Nesta primeira etapa da conversão, Cristo apanhara-o com o engodo das armas; de futuro, iria esperá-lo por detrás de rostos humanos. Através de uma igreja nem sempre santa na forma de viver, a forma mais aprofundada de Cristo ia lhe permitindo compreender cada vez melhor como Jesus tinha derrubado com morte na cruz “o muro do ódio”, e como os seres humanos, por mais diferentes que sejam, não podem viver em guetos ou em ilhas separadas. (JEUSSET G. 1995: 31).

A guerra contra os inimigos da cristandade reveste-se de um aspecto heroico, e o cavaleiro cristão se torna, segundo Basetti-Sani (1975:3) o “soldado de Cristo (Miles Christi), que a Igreja consagrará com um especial rito litúrgico.”

Havia em Assis uma luta entre o imperador e os partidários do papa, entre os nobres feudais e os novos burgueses, sendo que o local era uma praça bem situada, que interessava a todos. O povo de Assis expulsou os partidários do imperador da praça, mas não a entregou aos partidários do papa, incendiou a fortaleza e expulsou os nobres, que se refugiaram em Perúgia. Os peruginos, em defesa dos nobres, declararam guerra ao povo de Assis. (Le GOFF. 2005: 61).

Ainda segundo Le Goff (2005: 60), nesta guerra entre Assis e Perúgia, Francisco, que gostava da poesia sobre cavalaria e era atraído pelo ofício das armas e pela guerra, foi feito prisioneiro, tendo sido esse um tempo de sofrimento para aquele que tinha sonhos nobres e empunhava uma espada para matar. Pode-se notar uma biografia insipiente que fale sobre esta realidade na qual Francisco se veste e se arma para matar, caindo prisioneiro em consequência desta situação, e sendo vencido na primeira etapa dos seus sonhos.

Nesta guerra, bois puxavam o Carroccio, um altar rodante que simbolizava o casamento entre a guerra e a religião nas mentes das pessoas. Não era decorado com esplendor litúrgico, mas sim nas cores da cidade, azul e vermelha. Levava a bandeira de Assis e um sino usado para alertar os moradores para estarem preparados para a guerra. O Carroccio simbolizava Deus e a “comuna”, a fé na qual Francisco foi educado, que unia o cristianismo a interesses políticos muitas vezes contraditórios a ela, tal como travar uma guerra para obter vantagens econômicas. Tudo indica que o

jovem Francisco foi sugado pelas sedutoras ficções do seu tempo: ele desejava ser um cavaleiro. (MOSES P. 2010: 23-26).

A violência grassava e era decantada em versos e prosas; trovadores cantavam e decantavam os desejos e os temores dos corações enamorados, canções bem conhecidas e cantadas por Francisco (LÉCLERC, 1982: 38). Também para Basetti-Sani os heróis povoavam o coração e a mente daqueles que buscavam certa ascensão social, que aspiravam uma forma de mudar de classe, de fazer justiça e tornar-se livre. Todos estes elementos se agregam no coração de Francisco e da juventude assisense.

Assim, Assis ao final do século XII e início do XIII mostra a Francisco o espetáculo da guerra civil. Quais foram então as impressões de seu ânimo juvenil? Ele, filho de um mercador, no fundo de seu coração teria participado ao menos em pensamento com os ideais de justiça que reclamava e pretendia com a violência aquela parte do povo que se sentia oprimida e reclamava por justiça, liberdade e uma melhor situação econômica, talvez pela destruição das riquezas dos outros e com o coração cheio de vingança e de ódio. Em certo aspecto exultante desta luta poderia entusiasmar o ânimo de Francisco. Era já uma realização do seu sonho de ser um dia ‘cavaleiro’. (Basetti-Sani, 1975: 31).

Por um lado, os desencontros da guerra não fazem com que Francisco abandone os seus sonhos de cavalaria e de nobreza, embora tragam para ele sofrimentos e traumas. Na guerra entre Perugia e Assis, Francisco provavelmente participou da tensa e angustiante frente de cavalaria que iniciou a batalha. O terror que o jovem combatente sentiu no seu primeiro avanço não pode ser subestimado. (MOSES, 2010: 29). Mas, por outro lado, tais desencontros parecem ter mexido com as estruturas emocionais e configuram uma nova experiência que mudará a sua vida. Um tempo após a sua volta para Assis, e em recuperação das enfermidades adquiridas no cativo, Francisco se anima para uma nova batalha com os anseios ainda vivos de tornar-se cavaleiro, conforme esclarece Frugoni.

O longo período da prisão não dobra os sonhos daquele rapaz de vinte anos, decidido a fazer seu caminho manejando a espada... É um Francisco gravemente doente que abraça os familiares ao voltar: se a vontade resistiu à terrível experiência de Perugia, o físico sentiu as provocações; por muito tempo, Francisco não passa de um pobre enfermo. Adquirir fama no combate: ainda seria possível, tendo constatado a sua fragilidade física? Ou talvez melhor seria ter paciência, esperar voltar o gosto pelos divertimentos anteriores, recobrar as forças, retomar os exercícios a cavalo e o treino com as armas? Os três companheiros dizem apenas que depois que voltou a Assis passaram alguns anos antes que lhe surgisse novamente a grande ocasião para realizar seus sonhos de glória. Um nobre se Assis se preparava para tomar armas e ir combater em Perugia [...] Quando soube do assunto, Francisco pensou imediatamente em se unir ao seu conterrâneo; “na esperança de ser nomeado cavaleiro por aquele conde gentil, dedica-se a preparar um cabedal dos mais preciosos tecidos, pois, embora menos rico, ao gastar era bem mais pródigo do que aquele nobre”. Francisco se empenha de corpo e alma nos preparativos em ebulição, arde de desejo de se por a caminho, e certa noite tem um sonho [...] ‘Estou certo de que me tornarei um grande príncipe’. Sem hesitar, decide partir para a Puglia. (FRUGONI, 2011: 24-28).

Os sonhos da juventude, os anseios da família e em especial do pai, Pedro Bernardone, a guerra entre as comunas, a enfermidade e a prisão, vão preparando Francisco para uma nova forma de ver o mundo e os seus próprios sonhos. Parece que aos poucos Francisco foi percebendo e maturando em seu coração a convicção que o caminho para glória não estava em servir aos servos, mas em buscar um novo processo, uma nova via. A sua generosidade não acordava com os fazedores da guerra, e em seu coração germinava a paz.

A sua enfermidade lhe proporcionou o tempo necessário para começar a perceber mudanças em si, e buscar uma glória maior. “Mas não poderá talvez oferecer a sua generosidade como cavaleiro em defesa da fé cristã contra os inimigos da cruz de Cristo? São pensamentos que durante a enfermidade vem à sua mente.” (BASSETTI-SANI, 1975: 36). E, quando volta para os sonhos das batalhas e decide ir para Puglia, é tomado de vez pelo Senhor, que o mostra o novo caminho a ser seguido.

Servir ao Senhor e não ao servo

Francisco seguia seu caminho em busca da glória que alimentava os sonhos dos jovens de seu tempo tais como a fama, a nobreza, as riquezas e os títulos. No entanto, como Paulo no caminho de Damasco (Cf. At 9,3-6)¹², Francisco vivenciou, como indicam os primeiros biógrafos, algo novo, uma experiência que parece ter mudado os rumos do seu desejo em se tornar cavaleiro, servo da Igreja em busca de conquistas e fama. Parece não ter desistido dos sonhos, ainda sonhava desposar uma nobre senhora (1 Cel III-7, FFC, 2004: 203), mas os caminhos para esta glória parecem ter mudado: se antes queria combater em nome do servo dos servos, agora se vê compelido a servir ao próprio Senhor dos senhores.

A mudança de projetos na vida de Francisco o fez deixar de lado as armas e a guerra para encontrar sua razão de viver nos pobres, nos leprosos, no lobo do caminho, na fraternidade, nos muçulmanos, dando mostras que o evento acontecido em Espoleto abriu seu coração para uma vida feita de vários encontros e para uma visão de mundo sobre o homem e sobre as guerras travadas entre eles.

Combater na Apúlia seria seguir os anseios de Inocêncio III, dando continuidade a uma guerra que já durava séculos, poderia trazer as glórias sonhadas pela família Bernardone, e trazer a satisfação de libertar Jerusalém, a terra Santa que fora tomada pelos pagãos e precisava ser libertada por aqueles que amavam Jesus.

¹² Segundo os Atos dos Apóstolos Paulo de Tarso, se dirigia para Damasco com o fim de perseguir e prender os cristãos, quando sofreu uma queda no caminho, passando a ter uma visão. A partir desse momento começou seu processo de seguimento de Jesus Cristo.

O apelo do papa, o servo dos servos de Deus, encontrou eco também em Assis. Seria uma guerra diferente daquela que Francisco havia combatido contra Perugia, porque Deus estaria com os seus, com aqueles que respondem ao chamado insistente do papa: é Deus que o quer. (BASSETTI-SANI, 1975: 39)

Pode ser que Francisco, anos mais tarde, quando vai ao Egito, possa ter respondido ao chamado do Senhor e, ao mesmo tempo, do servo. Do servo ao se colocar presente no campo de batalha, e ao mesmo tempo do Senhor, ao se portar como um homem da paz. Mais adiante se retomará este tema. Mas o fato é que em nome do servo dos servos, Francisco empreende mais uma tentativa de tornar-se cavaleiro. No entanto parece que outros planos eram traçados.

Francisco partiu, mas não foi muito longe. Em Espoleto começou a passar mal. Evidentemente, estava preocupado com a longa viagem que tinha pela frente. Decidiu descansar; em estado de semivigília, teve a impressão de que lhe indagavam para onde pretendia ir. Tendo respondido a voz lhe disse: quem julgas que te pode fazer um bem maior, um senhor ou seu servo? O senhor. E então por que deixas o senhor para seguir o servo, e o príncipe por seu subordinado? Senhor o que queres que eu faça? Volta para a tua cidade e lá te será dito o que deves fazer. Essa nova visão o obriga a se recolher em si mesmo, ao amanhecer monta o cavalo e volta a Assis. Mudou totalmente seus projetos, a expedição à Puglia não lhe importa mais. Agora quer apenas conhecer e seguir a vontade de Deus. (FRUGONI, 2011: 29-30).

Como Paulo no caminho de Damasco, Francisco experimenta o chamado do Senhor. (2 Cel II-6, FFC, 2004:304). Um chamado que parece ter mudado a orientação de seus projetos e despertado uma questão profunda: “quem é o Senhor, e quem sou eu?”¹³ Celano, ao comparar o encontro de Francisco com o encontro de Paulo, nos deixa está abertura uma vez que Paulo se viu cego, ou se perguntando: quem é o senhor e quem sou eu?

A vida parecia bem definida, sabia quem era, o que pretendia, era filho de mercador, sonhava com a cavalaria e a ascensão social, mas no caminho de Espoleto, em resposta ao chamado do servo dos servos para ir à Puglia, vê caírem por terra as suas certezas, o seu universo bem definido, e toda a sua estrutura de vida.

O Papa gozava de poder e tinha uma posição definida, sonhava com a retomada de Jerusalém e a expansão da Europa. Os fiéis seguiam suas orientações e muitos procuravam obedecer. Esta era a lógica social do século XIII, esta seria a lógica natural para Francisco.

¹³ Segundo A. Rotzetter, a busca de si mesmo e de Deus era fundamental na vida de Francisco “conta-se que Francisco andava errando por dias e dias, repetindo para si mesmo estas palavras: ‘quem és tu, o Deus, e quem sou eu, mísero homem?’ Creio que são duas questões as quais não conseguimos dar uma resposta no arco de uma vida. A pergunta: quem é Deus? Quem acredita saber, já está no erro. Um Deus fácil de se compreender, aos nossos olhos, não é mais Deus. Deus permanece sempre um mistério. A pergunta: quem sou eu? Quem crê saber é arrogante, autoritário. Um homem que se compreende, que acredita poder manejar a si mesmo, não é mais um homem. O homem permanece um mistério de si mesmo.” (ROTZETTER, 1990: 41).

Ir como soldado para Puglia era a ordem de Inocência aos cristãos que desejavam libertar “Jerusalém”. O mandato vinha do “servo dos servos de Deus” e Francisco não hesitava em obedecer. Agora o comando é contestado: vale mais obedecer ao servo, ao papa, que ordenou a cruzada, ou ao patrão, o Senhor, o qual tem outro plano e quer fazer de Francisco “o chefe de uma nova milícia”? A ordem de cristo é voltar à sua cidade de Assis.

Enquanto ele se aquecia com a preparação para a guerra da cruzada, ele sente “ainda mais forte o ardor do seu espírito” para fazer os cristãos compreenderem a vontade de Deus. (Basetti-Sani, 1975: 90).

Mas, contrariando o seu universo bem definido, Francisco se vê diante de um chamado e uma missão. Missão que apresenta muitas nuances como será visto no decorrer do trabalho, e que na visão de Basetti-Sani está intimamente ligada com a questão da paz e da relação com o Islã.

O chamado de Cristo em Espoleto (LTC 6; AP 6-7). A ordem tinha vindo do “servo dos servos de Deus”, o papa, e Francisco não hesitara em obedecer. Essa ordem agora parece estar sendo contestada: é melhor obedecer ao servo que ordenou a cruzada ou ao Senhor, o patrão, que tem outros planos, isto é, fazer de Francisco o chefe de uma nova milícia? Após a visão e a fala de Espoleto Francisco se dirigiu à Roma para comunicar a Inocência III que Cristo o havia convocado para a cruzada. O papa acolheu muito mal o novo profeta que foi tido como louco e expulso grosseiramente do palácio de Latrão.¹⁴

Pode-se considerar a missão de Francisco como uma missão de paz em nome do Senhor, mas não se pode fechá-la a outras interpretações. Acredita-se que o encontro no caminho de Espoleto foi importante para a vida de Francisco, mas não foi o único, uma vez que outros encontros parecem ter marcado profundamente a sua vida e os caminhos de Francisco de Assis daí em diante, tais como o encontro com o leproso na estrada e com o Crucifixo, em São Damião, com os irmãos que entraram para formar a Ordem e, por fim, o encontro com o Sultão Malek-Al-Kamil.

O leproso e o Cristo em São Damião: o primeiro mandato missionário

Depois de voltar para Assis, Francisco passou um tempo meio perdido. O jovem que sonhava ser cavaleiro, alçar a nobreza, andava solitário pela sua cidade, procurando talvez entender melhor o que era servir ao Senhor. Segundo o próprio Francisco relata em seu testamento, o Senhor o conduziu ao encontro com os leprosos¹⁵ no caminho. Ele mesmo diz que esse encontro fez parte importante no seu processo de mudança, como se estando perdido,

¹⁴ Dicionário de Franciscanismo, 1993: 692.

¹⁵ A exclusão social dos leprosos é relatada em muitos autores e remete a um tempo bem anterior aos séculos XII e XIII. “A sorte dos leprosos era terrível: eram banidos da cidade e deviam viver isolados [...] também Francisco conhecia estes sentimentos. Também ele tinha evitado os leprosos e tapava o nariz, quando passava ao lado de suas casas.” (Cf. ROTZETTER, 1990: 29).

agora se encontrasse. O leproso¹⁶ que foi acolhido no abraço de Francisco também o acolheu, talvez como Ananias, que acolhe Paulo, e chama de irmão aquele que fora responsável pela morte de Estevão:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecado, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos, e o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei um pouco e sai do mundo. (Test, FFC, 2004:188).

O encontro com os leprosos tem uma importância muito grande no processo de conversão e na missão de Francisco, pois sendo condenados a uma espécie de morte civil como diz Manselli (1997: 43), totalmente alijados do convívio social, é entre eles que Francisco vivencia uma experiência fundamental na sua vida. As tradições judaica e cristã sempre mantiveram os leprosos à distância, com prescrições rígidas para com eles, e o encontro com os leprosos abre uma nova perspectiva de vida e de projetos para Francisco. Antes, ele era um homem em busca de si mesmo, que começa a se encontrar quando fez misericórdia para com os leprosos.

Quebrada a barreira que separava Francisco dos leprosos, abre-se o caminho para a queda de muitas outras (JEUSSET, 1995: 5) no decorrer de sua vida, permitindo que ele pudesse ir ao encontro do outro, não como um nobre ou como um filho do rico mercador de tecidos, menos ainda como um guerreiro, mas possivelmente como pregador da paz, um irmão menor.

A conversão de Francisco não é a de um rapazinho cheio de sonhos que abraça o amor da senhora pobreza. Como seu testamento afirma, a sua conversão se dá a partir do encontro com os leprosos. Sua vida anterior é considerada uma vida de pecado. A conversão está na solidariedade dos doentes do corpo, com ele, que era doente de alma, conforme observa Manselli (1997: 40-45). No encontro com o outro que lhe dará uma nova ordem familiar, não mais a dos laços de sangue, mas a dos laços do Evangelho que não termina nos muros da cristandade, mas se alarga pelo mundo.

Após o encontro com os leprosos, Francisco vai experimentar um novo encontro, agora com Jesus Crucificado na capela de São Damião. E neste encontro começará a perceber a sua missão.

Um dia, entrou na igreja de San Damiano. Começou a rezar fervorosamente. Francisco teve a impressão de que a imagem se dirigia a ele e dizia: 'Francisco, não vês que a minha casa está desmoronando? Vai consertá-la'. Ele se engana mais uma vez quanto ao significado simbólico das palavras. Acredita que deve salvar da ruína

¹⁶ As biografias falam do encontro de Francisco com o leproso, no entanto, Francisco, no seu Testamento diz que o Senhor o conduziu entre os leprosos, não especificando um encontro como o relatado nas biografias.

o edifício material, e não percebe qual é a tarefa que o aguarda: salvar o edifício espiritual, a Igreja. Sai todo contente, parece-lhe que a vida finalmente tem um objetivo. Não era o medo da danação que lhe tirava a paz, e sim o vazio que se via abrir à sua frente. Agora sabe o que fazer, as palavras misteriosas do sonho começam a se tornar claras; por isso, pode ver pela primeira vez quem o chama e pronuncia seu nome. Tal era a ordem que esperava. (FRUGONI, 2011: 38).

Agora Francisco parece ter um objetivo traçado: restaurar a Igreja que estava em ruínas. Embora tenha considerado literalmente o mandato, Francisco parece se sentir mais confortável, uma vez que o convite do Senhor vai se tornando mais claro.

O encontro com os leprosos e com o Crucifixo em São Damião vão dar diretrizes para Francisco começar a sua missão. A restauração da Igreja está inserida claramente na solidariedade com o pobre e excluído. Tamanha é a importância do encontro com os leprosos que no final de sua vida Francisco fala em voltar a servi-los e a conviver com eles, segundo Teixeira (1995: 20). Para Basetti-Sani (1975: 56), no encontro com o leproso, Francisco vence a si mesmo e se torna apto para alistar-se para se tornar um verdadeiro soldado de Cristo. Ou seja, os sonhos de cavalaria continuarão presentes na sua vida, mas, agora, como cavaleiro do Senhor e não mais do servo.

Embora a definição mais clara ainda espere algum tempo, no encontro com os leprosos e o crucifixo as linhas gerais para um ministério de paz e reconciliação já ficaram estabelecidas.

Sua conversão teve como raiz a rejeição de todos os valores que o levaram à desastrosa batalha de Collestrada, à prisão em Perugia e o caminho para guerra em Apulia. Francisco adotou uma vida de penitência por seus pecados, de expiação de sua culpa e de autoconhecimento por meio de uma compaixão radical, definida no momento em que beijou o leproso (MOSES, 2010: 43).

Os encontros com os leprosos e com o Crucifixo em São Damião parecem fazer de Francisco um novo homem, e começam a clarear nele a sua missão, a compreensão do que significa servir ao senhor e não ao servo. Ele se abre então para uma missão, mas não ficará sozinho, e logo aparecerão homens e mulheres de sua própria Assis que se alistam no novo propósito de vida, dando origem à comunidade dos frades menores e depois das damas de São Damião.

1.2 A restauração da igreja

Os caminhos começavam a se clarear para Francisco, era preciso ir deixando os laços que o prendiam ao modo de vida de Assis para buscar um novo modo de viver pautado no Evangelho, começando por restaurar a Igreja de pedra.

E assim, obtida a libertação de seu pai carnal, a primeira obra que o bem-aventurado Francisco empreende: constrói uma casa para Deus e não tenta construí-la de novo, mas

restaura a antiga, conserta a velha; não arranca o fundamento, mas edifica sobre aquele [fundamento], reservando – embora sem o saber – sempre a Cristo aquela prerrogativa: ninguém, pois, pode pôr outro fundamento além daquele que foi posto, que é o Cristo Jesus (1 Cor 3,11). E depois que voltou ao lugar em que - como foi dito – antigamente fora construída a igreja de São Damião, acompanhando-o a graça do Altíssimo, restaurou-a cuidadosamente em breve tempo. (1 CEL VIII-18, FFC, 2004:210).

A Igreja dos séculos XII e XIII estava passando por grandes reformas, a sociedade mudava rapidamente, e muitos homens da Igreja ansiavam por mudanças. Francisco de Assis nasceu no coração deste período de grande desenvolvimento do Ocidente medieval, e em uma região fortemente marcada por este desenvolvimento, época de crescimento demográfico e econômico, quando dobra o número de habitantes na Itália do norte e do centro, sendo preciso alimentar, material e espiritualmente, esses homens (Le GOFF, 2005: 24).

A urbanização é crescente e os conflitos aparecem naturalmente, a organização do poder passa por entraves entre bispos e senhores das cidades. Junto às mudanças da organização social política e econômica a Igreja também sofre transformações. São Bernardo de Claraval foi um dos grandes mentores das mudanças realizadas na Igreja, e era preciso estar mais em consonância com a nova sociedade citadina e urbana, formada depois do ano 1000. Era preciso restaurar a Igreja e livrá-la da corruptela da própria cúria. (MANSELLI, 1994: 13).

Neste contexto de mudanças sociais, políticas, demográficas e religiosas, Francisco recebe o mandato do crucifixo de São Damião para restaurar a Igreja. A restauração que ele, a princípio, entende como a edificação do templo, se mostrará no decorrer de sua vida e no alvorecer da comunidade que se formará, ligada a ele e muito mais abrangente. Restaurar, e não construir uma nova igreja, nessa missão de restauração serão pautadas as relações de Francisco. Diante do outro, Francisco terá sempre um grande apreço pela sua identidade, ou seja, será sempre um filho da Igreja, aberto ao encontro respeitoso com o outro.

A Igreja de Francisco estava envolvida na guerra contra os muçulmanos, e no anseio de expandir suas terras e áreas de domínio, muitos cristãos, acolhendo o pensamento de Bernardo de Claraval e o convite dos papas, alistavam-se no exército cristão, tornando-se soldados de Cristo. Neste momento Francisco começa a sua missão de restaurar a Igreja de São Damião, e quando os jovens se aproximavam dele eram convidados a ajudá-lo naquela que ele entendia ser a sua missão (FRUGONI, 2011: 46).

Muito se fala sobre o entendimento de reforma e restauração empreendidas por Francisco, mas é bem verdade que muitos movimentos pediam a reforma da Igreja e muitos foram os que neste ínterim foram condenados. (MANSELLI, 1994: 15-26). Francisco

restaurava uma Igreja de pedra, mas não estava muito longe das areias das heresias e dos movimentos cismáticos. Aos poucos Francisco foi reerguendo com pedra, cal, tábuas e areia a igreja de São Damião e, como muitos jovens se interessavam nessa restauração da igreja, Francisco começou a receber irmãos que queriam se juntar a ele neste propósito, o que deu início, então, a uma vida de comunidade gerada a partir de novos encontros.

A voz do crucifixo chama Francisco pelo nome e diz: “Francisco vai e restaura a minha casa, que como vês, está toda destruída.” (2 Cel VI-10, FFC, 2004: 308). Francisco fica a tremer, fica não pouco estupefato, e tornar-se como que fora de si com esta sentença. Prepara-se para obedecer, entrega-se totalmente ao mandato. Restaurar a Igreja é o grande mandato de Jesus para Francisco, uma Igreja que está em transformação, assim como a sociedade que a envolve. Uma restauração que ultrapassa em muito a reforma feita com pedra e cal.

A origem da comunidade e os primeiros Irmãos

Começando a sua obra de restauração, e mudando completamente o seu modo de vida, Francisco não vai demorar a chamar a atenção de jovens em sua Assis, e em pouco tempo eles se achegaram a ele para buscarem juntos, um novo modo de vida, embora ainda não fosse claro o que isso significava exatamente.

Tudo indica que Francisco não tinha intenção de fundar uma comunidade e nem uma nova ordem segundo Conti (2004: 23), mas o seu modo de vida e o seu anseio pela restauração da sociedade e da Igreja chamam atenção de alguns amigos, que depois se tornam irmãos, dando início então à comunidade dos Frades Menores e, posteriormente, das Pobres Damas de São Damião.

Aos poucos vai surgindo uma vida de comunidade que busca no Evangelho a inspiração primordial. “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho.” (Test, FFC, 1994: 189).

Francisco, ao ouvir a pregação do Evangelho, e nela, o mandato para a missão, compreende que as palavras do Cristo em São Damião: “vai e restaura a minha casa” se referiam ao anúncio do Evangelho, por meio do qual, a Igreja de Cristo se constrói e se restaura. (CONTI, 2004: 22). Começa então a sua pregação, uma pregação que sempre tem início com a invocação à paz: “O Senhor te dê a paz!” (1 Cel X-23, FFC, 2004: 213). Esta saudação, tão cara a Francisco e presente em seu Testamento, chama a atenção de velhos amigos e estes começam a procura-lo desejosos de se unirem a ele no hábito e na vida. Os

primeiros são Bernardo de Quintavalle e Pedro Catani; a esses se une Egídio, e muito rapidamente o grupo alcança o número de oito. (CONTI, 2004: 23).

Francisco não saiu atrás de companheiros ou seguidores e nem esperava ser líder de nenhum grupo não tendo previsto o sucesso que a sua comunidade alcançaria. (FRUGONI, 2011: 65). Os companheiros foram uma dádiva concedida pelo Altíssimo. Ele queria apenas viver de acordo com o Evangelho e pelo Evangelho restaurar a vida da Igreja; não pensava em nenhuma estrutura e ou ordem de irmãos, mas os encontros foram modificando o seu modo de pensar e lhe impondo a necessidade de uma organização para poder acolher tantos irmãos que se aproximavam dele e queriam viver ao lado dele, no hábito e na vida.

Ao verem e ouvirem tais coisas (modo de vida de Francisco segundo o Santo Evangelho), dois homens daquela cidade, inspirados pela visita da Graça divina, aproximaram-se humildemente dele. Um deles era frei Bernardo, e o outro frei Pedro. E disseram com simplicidade: ‘doravante, queremos estar contigo fazer o que tu fazes. Dize-nos, portanto, o que devemos fazer de nossos haveres’. Ele exultando pela chegada e pelo desejo deles, respondeu-lhes benignamente: ‘vamos pedir conselho ao Senhor.’ (AP II-10, FFC, 2004: 766).

No Evangelho, Jesus fez um convite ao jovem rico: “vai, vende tudo o que tem e dá aos pobres, e depois vem e me segue.” (Mt 19, 21). Francisco de Assis assumiu para si este convite, e ao abrir o Evangelho junto com Bernardo e Pedro Catani, compreendeu plenamente junto com eles que este era o projeto especial do Altíssimo. Nascia a comunidade de irmãos, que fascinados pelo entusiasmo e pelo poder das palavras de Francisco, encontravam agora um ideal maior de vida.

Juntamente com o grupo masculino que foi crescendo até atingir o número dos doze, cedo ainda, Francisco acolhe Clara de Assis, uma jovem que estará sempre ao seu lado e nascerá o braço feminino do ideal de vida iniciado por ele.

Acolhendo Clara e a comunidade feminina Francisco segue o evangelho, que não dá tratamento diferenciado para homens e mulheres: a mensagem de Cristo é para toda a humanidade, sem distinção de sexo. E é o evangelho que Francisco pretende difundir e fazer viver. (FRUGONI, 2011: 97).

Se havia desconfiança quanto aos primeiros irmãos, ela foi cedendo aos poucos, embora não tenha se desfeito completamente, e logo vieram se unir a eles outros companheiros que tinham, juntamente com Francisco, o ideal de viver segundo o Evangelho.

Por volta de 1209-1210, tendo aumentado o número e atingido a inevitável cifra dos doze, querendo perseverar como os apóstolos na tarefa assumida, pregar e evangelizar, Francisco e os companheiros sentiram a necessidade de um reconhecimento formal e respeitável; queriam ir longe, e a benevolência do bispo Guido não podia acompanhá-los além de Assis, por isso se dirigiram a Roma [...] O

papa Inocência, que é como a árvore mais alta e poderosa do mundo, assim se curvou benevolente à pregação do beato Francisco. (FRUGONI, 2011: 86-87).

Uma comunidade organizada em dois braços, um masculino e outro feminino, deixa um pouco transparecer o acanhado conhecimento de Francisco da própria estrutura da Igreja, uma vez que ele acolheu uma menina em sua comunidade, sendo apenas um simples diácono, tomando atitude que era função episcopal, não podendo ser transferida nem mesmo a um sacerdote, a não ser por autorização expressa. (SABATIER, 2006: 29).

O Evangelho e a Missão

Quando muitos grupos buscavam restaurar a Igreja pelo modelo da própria Igreja da antiguidade, o que parece nortear a vida de Francisco e seus companheiros é uma volta ao Evangelho.

Mas, certo dia, quando se lia o Evangelho na mesma Igreja (Porciúncula) o Evangelho sobre como o Senhor enviara seus discípulos a pregarem, estando presente o santo de Deus, como tivesse entendido de alguma forma as palavras do Evangelho, depois que se celebraram as solenidades da missa, ele suplicou humildemente ao sacerdote que lhe fosse explicado o Evangelho. Depois que este lhe expôs tudo por ordem (cf. Est 15,9), ouvindo São Francisco que os discípulos de Cristo não deviam possuir ouro ou prata ou dinheiro, não levar bolsa nem alforje nem pão nem bastão pelo caminho nem ter calçados nem duas túnicas (cf. Mt 10, 9-10; Mc 6,8; Lc 9,3; 10,4), mas pregar o Reino de Deus e a conversão (cf. Lc 9,12; Mc 6,12), exultando imediatamente no espírito de Deus (cf. Lc 1,47), disse: 'É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do meu coração'. (1Cel IX-22, FFC, 2004: 212).

A leitura do Evangelho na missa, relatada em várias páginas pelos primeiros biógrafos segundo as Fontes Franciscanas e Clarianas¹⁷ (Jul III-15, 2004: 513 e LM III-1, 2004: 564) deixa clara a importância do Evangelho para Francisco e para a comunidade que se reunia ao redor dele, nos atos de restaurar a Igreja a partir do Evangelho e na nova forma de vida a que ele se propõe.

Francisco agia de acordo com o Evangelho, o que mostra que tinha autonomia, porque era o Senhor mesmo que lhe dava irmãos, que lhe revelara que deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho; o Senhor mesmo o mandava pregar a paz e com o mandato de Jesus guardado na memória (Jul III-15, FFC, 2004: 513) e no coração, ele vai ao encontro dos homens nas praças, estradas, aldeias, campos, conversando com eles e lhes anunciando a paz como dom de Deus (FRUGONI, 2011: 60).

Viver segundo o Evangelho fez com que Francisco despertasse o espanto de muitos e a admiração de outros tantos. Mas a missão não era simples e enfrentou tormentos,

¹⁷ Algumas das primeiras biografias de Francisco de Assis, e outros textos referentes a ele, foram selecionados e organizados por uma equipe de estudiosos da Ordem Franciscana, compilados em uma obra intitulada Fontes Franciscanas e Clarianas (FFC), publicada no Brasil pela Editora Vozes, em 2004.

adversidades, injúrias. A primeira missão encontrou resistência, e o insucesso, no entanto, é ponto chave para se compreender a vocação de Francisco e de seus companheiros, uma vocação destinada à paz, uma vez que o Evangelho é promotor da paz. Na visão de Francisco, a saudação da paz que recebeu do próprio Senhor já é um anúncio do Reino. Ser missionário é pregar e proclamar, mas é fundamentalmente viver os valores evangélicos proclamados (TEIXEIRA, 2005: 9-11), não obstante todos os desafios impostos pela missão.

Às vezes, porém, os irmãos sentem medo perante a grandiosidade do projeto que os exortava a enfrentar tormentos, injúrias, adversidades, a estar sempre prontos a viajar por regiões e entre pessoas desconhecidas [...] O plano das primeiras missões, com os frades enviados aos pares como os apóstolos, também conheceu o insucesso e os momentos de desânimo que nossas fontes tentam disfarçar, mas não conseguem ocultar totalmente. (FRUGONI, 2011: 81-82).

Iluminado pela leitura do Evangelho, Francisco compreende a sua missão providencial para a salvação das almas, vendo na cruz o sinal da salvação de todos, mesmo para os chamados heréticos, os cismáticos e os estrangeiros, entre os quais os muçulmanos. (BASSETTI-SANI, 1975: 56-57). O Evangelho mostra o caminho para a missão de Francisco e seus companheiros, mesmo parecendo estar na contramão do projeto da Igreja que se prepara para luta armada.

Iluminado pelo Espírito Santo, meditando a paixão e morte de Jesus sobre textos do Evangelho, ele descobre o significado da sua missão providencial para a salvação das almas, particularmente dos muçulmanos. Se Cristo o chamou para entrar na Cruzada, ele está compreendendo que a verdadeira defesa da Igreja do perigo da violência islâmica, é o sofrimento. A cruz é o sinal da salvação da humanidade e, portanto, também da salvação do mundo muçulmano. (BASSETTI-SANI, 1975: 56-57).

O esvaziamento e a cruz de Cristo são para Francisco e seus companheiros um sinal de que a Igreja deveria se empenhar na salvação de todos os homens, inclusive dos muçulmanos. Esta compreensão de missão a partir do Evangelho parece ter alcançado, gradualmente, a clareza aos seus olhos. O Evangelho o chamava a compreender a sua vida como missão e os irmãos que se uniram a ele eram uma confirmação dessa própria missão. (ROTZZETER, 1990:31). Viver o Evangelho, ou, conforme o Evangelho era a essência primária e determinante da vida do pobrezinho e de seus companheiros. (ESSER, 1980: 57).

As respostas do Evangelho aos Irmãos

Francisco e seus irmãos sentem a necessidade de um projeto de vida que esteja de acordo com a escuta do Evangelho e que, ao mesmo tempo, seja uma resposta para uma sociedade que anseia por mudanças. O mundo medieval estava em profunda transformação, a

Igreja buscava mudanças, e entre os traços das mudanças se inseria uma volta aos ideais das primeiras comunidades cristãs. Procurava-se mudar o comportamento do clero, os elementos da liturgia e a forma de vida espiritual.

A reconquista da Terra Santa, que jogou a Igreja em uma guerra contra o mundo muçulmano, estava dentro dos planos de mudança. Quando Francisco nasceu, esta guerra já durava um século. Francisco parece pensar a transformação e a restauração da Igreja de uma forma diferente: escutando a leitura do Evangelho ele tem a revelação de sua missão, uma missão que o torna apóstolo, como real arauto do grande Rei, reunindo em torno de si os primeiros companheiros. (BASSETTI-SANI, 1975: 63).

Havia outros grupos no tempo de Francisco, outros líderes, quase todos ansiavam por uma volta à Igreja primitiva, numa visão quase sempre eclesial, mas Francisco e seus companheiros ao invés de viver segundo a forma da Santa Igreja preferem viver segundo o santo Evangelho. (ROTZETTER, 1990: 13). Há aqui uma mudança de eixo do ser humano eclesial para o ser humano evangélico, uma mudança que é muito importante para se entender a postura que Francisco e seus companheiros assumem ao longo de suas vidas. Este viver segundo o Santo Evangelho permite ainda entender porque Francisco se proclamava arauto do grande Rei e servo da paz.

Não leveis nada pelo caminho

A leitura do Evangelho era essencial aos olhos de Francisco, a visão no caminho de Espoleta vai se clareando, e a missão vai sendo revelada aos poucos - a dama que o aguardava se revela como a senhora pobreza. Ele saiu do mundo, mas não queria sair da sociedade cristã, perder o convívio com os homens, queria estar no meio deles, vivendo no mundo, de encontro em encontro, moldando sua identidade, sendo o arauto do Rei que se fez pobre, e como tal rei, também ele se fazia pobre.

Era necessário encontrar, entre tantas possíveis, uma estrada própria. Francisco não quis a vida clerical, não quis deixar um mundo de segurança para entrar em outro mais seguro, quis passar para o lado de quem não era e de que não tinha nada. A conversão de Francisco é mais do que uma mudança espiritual, é uma escolha de vida social. Um pobre entre os pobres, um leproso entre os leprosos. (MANSELLI, 1997: 65).

A escolha pela pobreza pelo evangelho pode clarear também a relação de Francisco com o Islã. A Igreja entrou em uma guerra com objetivos de expansão de território e de rotas comerciais, e Francisco sabia claramente que quando se tem patrimônio é preciso defendê-lo (LTC IX-35, FFC, 2004: 814), usar armas e, como poderia ele anunciar “o Senhor te dê a paz” (Test, FFC, 2004: 190) se tivesse que brigar para defender algum tipo de patrimônio. O

próprio mandato de Jesus era claro quando ao anunciar “Não leveis nada pelo caminho”. Francisco queria viver segundo o santo Evangelho, e não segundo a Santa Igreja, no entanto, sem sair dela, queria restaurá-la.

Os movimentos pauperísticos¹⁸ que se alastraram por toda a Europa pediam uma posição da Igreja de maior simplicidade, deixando de lado o modo de vida dos senhores feudais. Entre os muitos questionadores nesse sentido, pode-se citar, na metade do século XII, o clérigo Arnaldo de Brescia que criticava duramente os cardeais e o próprio papa; Arnaldo foi linchado em Roma. Outras pessoas seguiram a linha crítica à opulência da Igreja e formaram verdadeiros movimentos de massa tais como os cátaros (ou puros) que tinham suas comunidades e igrejas. Paralelamente, nasce na França, o movimento dos valdenses ou pobres de Lyon, guiado por Pedro Valdo, que buscava uma vivência católica, mas apelando para a pobreza do Evangelho.

Esses grupos reunidos em torno de um líder, que proclamavam uma vida de pobreza eram comuns no tempo de Francisco. Tais grupos ansiavam por uma mudança na vida e no modo de ser da Igreja. Francisco se fez pobre por causa do evangelho, mas a restauração que desejava não o colocou contra a Igreja. O Evangelho o inspirava a restaurá-la a partir de si mesma.

1.3 Pregar o Evangelho sem distinção

A missão dada por Deus a Francisco e seus companheiros não era restrita à cidade de Assis. Muito cedo, Francisco percebeu isso e quando o grupo chegou ao número de oito membros, segundo Moses (2010: 47), eles foram para além dos muros da cidade pregando o Evangelho e convidando o povo à penitência.

Pouco tempo depois a região se torna pequena e o ardor missionário impulsiona o grupo para terras distantes. Ao invés de abandonar o mundo, Francisco e seus frades mergulham nele.

Que Francisco não abandona o mundo realmente, mas o considera como verdadeiro lugar de sua nova vida que acabara de conquistar, pode se ver, por exemplo, na nova lei que dará aos seus irmãos: ‘quando os irmãos andarem pelo mundo eles devem (incorporar o espírito do Evangelho)’ (1Rg 14). A comunidade franciscana é uma comunidade peregrinante: ela não deve estabelecer-se em lugar algum, nem no alto das montanhas, nem no fundo dos vales, no máximo pode demorar-se por algum tempo, mas sempre de novo tem que partir [...] O mundo inteiro é o nosso convento. (ROTZETTER, 2003: 29).

¹⁸ Movimentos que desejavam uma Igreja pobre como seria supostamente a Igreja dos Atos dos Apóstolos e se alastrava por toda a parte nos XI, XII e XIII “seguiam a prática dos bens em comum, a condenação da riqueza do clero e a negação do dízimo” (GONNET, 1988: 793). Um movimento que ganhou notoriedade e grande importância foi o dos pobres de Lion liderados por Valdo. (MANSELLI, 1980: 20).

A pregação do Evangelho deve se estender a todos os povos, a todos os homens, inclusive aos chamados hereges, aos de outras religiões; o convento é o mundo inteiro e, lá, onde se encontram os homens, o Evangelho deve ser anunciado com uma proposta de paz.

Francisco chegou a Poggio Bustone com seus frades. Ao contemplar a vasta planície lá embaixo, ele teve uma certeza: nós fomos enviados para o vasto mundo. Por isso, chamou a si todos os frades e falou-lhes do Reino de Deus e do chamado a que todos deveriam corresponder. Depois dividiu-os em quatro grupos de dois, e disse-lhes: ‘ide, caríssimos, dois a dois por todas as partes do mundo, anunciando aos homens a mensagem de paz! Sede pacientes na tribulação, confiando que o Senhor iria cumprir o que prometeu! [...] Eles não queriam anunciar esta ou aquela verdade, mas sim levar a paz. (ROTZETTER, 2003: 71-72).

Uma missão evangélica que não se separa da missão de paz permite compreender a postura de Francisco diante da Igreja, diante dos movimentos heréticos de seu tempo, das cruzadas e, evidentemente, diante do Sultão com quem ele encontrará em 1219.

Henrique de Abranches retratou Francisco como um santo ingênuo de acordo com Moses (2010: 73), e tal ingenuidade parece ser exatamente em decorrência da visão diferente dos movimentos que estão se desenrolando diante do jovem de Assis, movimentos traduzidos nas lutas contra os hereges dentro da Igreja, e para fora, na luta contra os muçulmanos.

Para Basetti-Sani (1975: 56-57), Francisco não se manifesta contra os chamados hereges, nem tão pouco contra os muçulmanos, ele quer anunciar o Evangelho, uma vez que na meditação sobre o mesmo ele descobre o significado da sua ação providencial para a salvação das almas, mesmo aquelas dos que são considerados inimigos da Igreja. E assim, na sua missão de pregar o Evangelho, ele avança para além das barreiras do seu tempo, descobrindo, em outros lugares, homens de fé. Segundo Moses (2011: 73) o seu desejo de ir ao encontro do outro como Irmão parece incomodar a Igreja, mas Francisco mantém esse desejo como missão enviada de Deus.

As pregações itinerantes

Segundo Rotzetter (2003:29) o mundo era o convento com o qual era preciso ir de encontro e pregar para todos. Este era o anseio de Francisco e seus companheiros, tal como confirma Moses.

Assim que foram contabilizados oito irmãos em seu grupo inexperiente, Francisco os enviou em pares, dizendo a eles que fossem em frente anunciando “paz e arrependimento”. Eles eram instruídos a abençoarem seus perseguidores. Francisco considerou a não violência como o primeiro passo rumo à conversão, não apenas para ele próprio e seus companheiros frades, mas para todos. (MOSES, 2011: 47).

Viver segundo a forma do Santo Evangelho era o grande impulso que movia Francisco e seus companheiros ao encontro um do outro, pelas cidades, vilas, campos, estradas, pregando a paz como mandato divino. (Test, FFC, 2004: 188). Ao dividir seus irmãos de dois a dois e enviá-los para a missão, Francisco relembra o envio dos discípulos de Jesus, que, ao voltar partilham as alegrias e as tristezas da primeira de muitas outras viagens.

Os frades têm o dever de se manterem livres e disponíveis para a sua missão de anunciar o Reino, pregar a paz, ensinar o caminho da salvação e a penitência para a remissão dos pecados, um ofício que não se distancia daquilo que a Igreja tem como a sua missão, de acordo com Esser (1980: 78), mas parece que ao superar os muros de divisão, Francisco dá um passo à frente, conforme complementa Jeusset (1995: 5).

Os primeiros biógrafos que registraram a vida de Francisco mostram que ele não deixou o mundo, ao contrário, se inseriu nele de tal forma que fez dele todo o seu convento, com o propósito de restaurar a Igreja em ruínas e a própria vida. Para restaurar Francisco teve que voltar às origens de sua formação. Tomás de Celano diz que ali onde ele aprendeu a ler, ele começou também a pregar. Uma pregação muito mais pelo modo de vida do que pelas palavras, o que permite pensar que no lugar onde se está, a vida que se vive era a prioridade para Francisco.

Na sua primeira biografia Tomás de Celano descreve Francisco que, depois de ter escutado o Evangelho da missão dos apóstolos na Porciúncula, volta rápido a Assis e começa a pregar. Mais ainda, Tomás de Celano sublinha uma coincidência miraculosa: ‘iniciou a sua pregação lá onde, criança, aprendeu a ler, e onde depois teve a sua primeira gloriosa sepultura’, porém, no anônimo Perusiano lemos que, também depois que Bernardo, Pedro e Egídio se uniram a ele, ‘Francisco não pregava ainda ao povo de Deus’. Parece quase que o autor anônimo da legenda queria desculpar-se junto aos seus leitores, os quais, em base em outros relatos, poderiam ter uma imagem diversificada de Francisco e esperar então um caminho diverso do relato. Como se sabe, não há dúvida que Francisco e seus primeiros frades não atribuíam muita importância à pregação, esses insistiam muito mais sobre a prática de um estilo de vida que, com base em suas experiências, era o único caminho para a verdadeira paz. (HOEBERICHTS, 2002: 105).

A pregação era importante para Francisco, prova disto é que enviava grupos de dois em missão, mas anterior à pregação estava o modo de vida segundo o Evangelho, o que permite uma chave de leitura para todo o comportamento de Francisco frente aos diversos grupos com os quais se encontrou, tais como líderes de outras comunidades, autoridades da Igreja, como o papa Inocêncio III e seus sucessores, bem como os encontros com grupos chamados hereges e os muçulmanos. E em todos os encontros a imagem que prevalece é a daquele homem que ao começar a falar tinha como mandato do Senhor a pregação da paz, como bem pode se ver em seu testamento. (Test, FFC, 2004: 188).

Voltar ao Senhor e ao Evangelho é o objetivo traçado por Francisco e seus companheiros. A consciência de que era preciso ter uma orientação vai crescendo junto com o número de frades que vão se somando a Francisco, e ao mesmo tempo em que cresce a convicção que o modo de vida que seguiam antes não é o mais adequado para o propósito que abraçavam.

O mundo anterior de Francisco e de seus companheiros parecia assegurado nos títulos, na riqueza, no modo de vida, segundo a sociedade medieval, e, conseqüentemente, segundo a Santa Igreja. Ao serem enviados para o mundo, assumindo um novo modo de vida, Francisco e seus frades lançavam suas preocupações no Senhor. O Evangelho era agora o alimento que sustentava os irmãos, e ao enviá-los abraçava-os com ternura e devoção e dizia-lhes para lançar todas as preocupações no Senhor que Ele os alimentaria na missão (1 Cel XII-29, FFC, 2004:217).

De acordo com Moses (2011: 45) este novo modo de vida deixa transparecer que a vida anterior de Francisco fez dele um homem doente, quando confiava sua vida ao poder do pai Pedro Bernardone, quando vivia de acordo com os valores dos amigos, na riqueza e na honra, e a sua vida foi perdendo sentido até que ele então adota outra vida, que parece, aos olhos da sociedade, vergonhosa, e mesmo sabendo que este novo modo de vida o deixará exposto até mesmo à violência. No entanto, o suporte que agora o sustenta é a força do próprio Deus, aquele com o qual se encontrou no caminho de sua “Damasco”, e continuou a encontrar no leproso da estrada e no crucifixo da capela de São Damião, nos membros da Fraternidade e nos muçulmanos de Damieta.

Francisco e seus companheiros agora têm uma missão que vai se delineando - ide e pregai o Evangelho como os discípulos de Jesus – projeto este a se tornar cada dia melhor a realidade, viver em comunidade como irmãos e frades menores; uma mensagem específica dada pelo próprio Senhor Jesus: ‘o Senhor vos dê a paz’. E uma forma de vida muito clara não simplesmente conforme a Igreja medieval, mas vivendo segundo o santo Evangelho, esta é a raiz da primeira regra e toda a vida de Francisco e seus companheiros então será alimentada pelo Senhor, e vivida de acordo com o Santo Evangelho.

Uma maneira diferente da visão de Francisco e de seus frades parece ser a visão da Igreja, que ao invés de tentar expandir o Evangelho, pretende também expandir seus territórios e suas áreas comerciais, confiando na força dos acordos políticos, dos títulos e das armas, transformando o soldado de Cristo de Paulo no soldado de Cristo de Bernardo de Claraval. (Basetti-Sani, 1975: 46-49).

O ardor missionário de Francisco e seus irmãos vai se encontrar e se fazer presente no ardor missionário da Igreja, como apresenta o capítulo subsequente. Projetos que se tocam e se distanciam em determinadas situações, que mostra um Francisco dentro da Igreja, mas, ao mesmo tempo, um homem livre pela força do viver segundo o Santo Evangelho.

CAPÍTULO II

2 A MISSÃO NAS VISÕES DA IGREJA E DA COMUNIDADE DE FRANCISCO: proximidades e distanciamentos

No século XIII a Igreja passava por uma grande ânsia de reforma e entre os novos caminhos traçados estava a ideia de expansão. No mesmo período nascia também o conceito de missão de Francisco de Assis e sua comunidade.

Há autores que defendem a ingerência da Igreja na missão de Francisco, que provavelmente teria mudado os projetos. Outros autores, no entanto, não percebem desta forma, e defendem que Francisco vivenciou sua missão dentro daquilo que era seu projeto. O fato concreto é que tanto Francisco quanto a Igreja tinham projetos de missão, mas nem sempre estes projetos andavam na mesma via.

Paul Sabatier (2006: 241-242) defende a tese de que a Cúria Romana mantinha uma ingerência sobre a ordem de Francisco inclusive no campo da Missão. Manselli (1997:186) questiona esta tese, argumentando que se Francisco não foi à França, pelo menos mandou Pacífico em seu lugar e não chamou de volta os frades enviados. Apesar do autor não questionar a importância do Cardeal Hugolino para a Ordem nascente, afirma que ele jamais exerceu sobre o santo uma influência capaz de mudar suas ideias na essência.

A Missão na visão da Igreja parecia ligada ao projeto de expansão e domínio, ao passo que na visão de Francisco e seus companheiros tinha como fundo o anseio de levar a paz, como pedia o próprio Senhor ao enviá-los para o mundo.

Mas ao que parece, e como defendem alguns, entre os quais, Moses (2010: 11), a visão de Missão de Francisco junto ao povo cristão e, especialmente, junto ao Islã, ficou escondida, pois, os primeiros biógrafos não poderiam ir na contramão do projeto da Igreja no momento em que o papado vivia o apogeu do poder político e religioso. O episódio do encontro entre Francisco e o Sultão em Damietta, ficou relegado a um fato sem muita importância dentro da missão franciscana, pois seria um escândalo para a Igreja do século XIII se algum de seus cronistas escrevesse que o Sultão havia influenciado o Santo de forma semelhante conforme conclui ainda o autor, e, mais ainda, que Francisco tinha uma percepção muito diversa daquela elaborada e manifestada em tantas propagandas da Igreja.

A verdade sobre Francisco e sua relação com o Islã e as cruzadas foi escondida. As primeiras e mais importantes biografias de Francisco foram escritas sob a influência dos poderosos papas medievais, os mesmos homens que organizaram as cruzadas e usaram os aríetes da excomunhão para forçar governantes relutantes a aderir. No século XIII, com o papado medieval no apogeu do seu poder teocrático, os antigos biógrafos nada podiam dizer sobre o que realmente aconteceu em Damietta, que

Francisco se encontrava numa missão de paz e esperava dar fim ao conflito pela conversão do Sultão ao cristianismo. (MOSES, 2010:11).

Talvez a mentalidade de Francisco, aberta ao encontro do outro pela força do Evangelho, tenha permitido que o encontro com o Sultão o fizesse pontuar algumas coisas de forma diversa, como se pode perceber nas entrelinhas das primeiras biografias, mas o espírito do tempo não permitiu deixar tantos vestígios, e fato é, que ainda hoje, não se confere tanta importância a esse encontro.

Dentro da missão da Igreja a conquista da terra santa era quase uma obstinação no pontificado de Inocêncio III. Para ele toda a vida da Igreja estava diretamente marcada por esta conquista, a paz entre os príncipes cristãos, o bem da Igreja, tudo interligado à retomada da terra que Jesus comprou com seu sacrifício, e que agora estava de novo nas mãos dos infiéis.

Em 1215, quando aconteceu o IV Concílio de Latrão, afirmou-se que a reforma da Igreja estava diretamente ligada à conquista da Terra Santa (BASSETTI-SANI, 1975: 83), mas tudo indica que a visão de Francisco com relação à Missão e ao mundo muçulmano era bem diversa, conforme observa o autor. Embora a reforma da Igreja motivasse também a missão de Francisco, o seu modo particular de ver a missão não estava em sintonia com aquele proposto por Inocêncio e pelo IV Concílio de Latrão.

O Papa Inocêncio III tinha uma elaboração muito bem definida para a missão da Igreja, assim como para as cruzadas. Ele havia apresentado razões convincentes no sentido de concretizar a empreitada a que se propunha a Igreja, entre elas, por exemplo:

1. Vingar a ofensa feita a Jesus, assumindo a cruz;
2. Retomar a herança de Jesus e as terras onde correm leite e mel;
3. Possibilitar a igualdade entre religiosos e leigos no processo de salvação;
4. A salvação através das cruzadas;
5. Demonstrar a gratidão a Jesus;
6. Restaurar o mundo cristão;
7. Restaurar a idade de ouro do cristianismo;
8. Derrotar os inimigos de Cristo (fossem hereges, infiéis ou pagãos).¹⁹

A cruzada era sem dúvida uma expedição militar dotada das características espirituais e penitenciais da peregrinação ao lado do santo sepulcro. O cruzado recebia assim na partida uma benção especial que acompanhava a guarda de sua bagagem. Ele e a sua família gozavam por parte da Igreja de uma proteção específica, que se estendia também aos bens, até ao desligamento do voto. Sob suas vestes vinha marcada, com belo bordado, uma cruz como sinal da sua pertença e

¹⁹ Os oito pontos apresentados são baseados no texto de Hoeberichts (2002: 33-34).

também dos seus privilégios, diferente do peregrino o cruzado era armado. (RADI, 2006: 23).

Francisco provavelmente quis também ser peregrino, mas sua visão iria, mais uma vez, ao encontro da vida segundo o Santo Evangelho e a proposta de paz.

Neste capítulo, os dois projetos missionários que conviveram num só tempo e dentro da mesma igreja, embora com nuances claramente distintas, são contrapostos. Ambos se lançavam em busca da reforma da Igreja, mas pareciam entender a reforma de maneiras diferentes.

2.1 O objetivo da pregação da Igreja

A expansão do Islã, as ameaças sofridas pela Igreja do oriente, juntamente com o pedido de ajuda à Igreja de Roma, abriram espaços para uma nova etapa na vida da Igreja, que a partir do final do século XI agrega à sua pregação um desejo claro de reconquistar terras perdidas e expandi-las ainda mais.

Em 1095, o Papa Urbano II convocou a primeira cruzada, conforme analisa Jeusset (1995: 12) em resposta também ao anseio do povo, que gritava que a guerra era desejo de Deus. Este grito de “Deus o quer” dado pelo povo ressoou por séculos na Europa, passando por papas e pregadores entusiasmados. Em pouco tempo a Igreja reconquistou Jerusalém, e a tomou de forma violenta, provocando o massacre de muitas pessoas. Mas, na sequência das batalhas que se seguiram, a cidade santa de Jerusalém voltou para o domínio dos muçulmanos.

Logo após a retomada de Jerusalém por Saladino, em 1187, o papa Gregório VIII convoca uma nova cruzada e envia uma carta, a *Audita Tremendi* a todos os fiéis, declarando que a queda de Jerusalém estava ligada à justiça de Deus contra o povo, constituindo uma punição pelas divisões e dissidências que Satanás havia disseminado entre os cristãos. Portanto, a guerra que se convocava era uma cruzada contra os inimigos externos da Igreja, os muçulmanos, e os inimigos internos, pecado que fazia com que os cristãos amargassem uma derrota na Terra de Jesus. Segundo Basetti- Sani (1975: 15), nessa carta o Papa convocava ainda os fiéis para um dia de jejum universal para aplacar a justiça divina.

Malograda a terceira cruzada nos seus objetivos de retomada da Terra Santa, coube aos sucessores do papa Gregório VIII o empenho na retomada da Terra Santa por meio de uma cruzada.

O Papa Inocêncio III levou muito a sério o seu ônus de reconquistar a Terra Santa, mas a IV Cruzada convocada por ele, ao invés de reconquistar a Terra de Jesus, dirigiu-se

para Constantinopla, saqueando a cidade sem conseguir conquistar os objetivos inicialmente traçados. Em Abril de 1203, o pontífice enviou cartas a todos os príncipes, reis, bispos, arcebispos e o clero, convocando todos a se juntarem a ele no seu duplo desejo, a reconquista da Terra Santa e a reforma da Igreja. (HOEBERICHTS, 2002: 19).

Na sessão de abertura do IV Concílio de Latrão, Inocêncio tomou a palavra que segundo o Evangelho teria sido dita por Jesus na última ceia: “desejei ardentemente comer convosco esta páscoa” (Lc 22,15), e o papa dava sentidos diversos a estas palavras de Jesus e as atualizava para os tempos de reforma e de guerra da Igreja contra os inimigos.

A sagrada Escritura, dizia o papa, usa a palavra Páscoa com o sentido de ‘passagem’. O papa convidava então o Concílio e toda a cristandade a uma ‘tríplice passagem’. 1. A passagem para além mar, isto é a passagem temporal na Terra Santa para a libertação da Jerusalém terrestre; 2. ‘passagem espiritual para a reforma da Igreja’; 3. ‘Passagem à eternidade’, isto é da vida terrestre para a glória do céu, a Jerusalém celeste. (Basetti-Sani, 1975: 90).

A ideia da guerra era tão difundida que se opor a ela poderia parecer uma heresia. Quando no IV Concílio de Latrão o papa Inocêncio III convocou a V Cruzada, ele mesmo a queria conduzir, mas morreu antes de ela acontecer. Após sua morte, o papa Honório III assume a Cátedra de Pedro, e com isso, também a empreitada da Cruzada convocada pelo antecessor.

Inocêncio tinha muito claro o seu projeto de dominar o mundo e transformar todos os reinos em uma cristandade *ut unum sint*. Mesmo após a sua morte, o sonho continuava, “Honório III, e depois dele Gregório IX e Alexandre IV, se esforçaram ainda para realizá-lo, reforçando para dentro e para fora a unidade e a homogeneidade da cristandade e estendendo o seu corpo até os confins da terra”. (AJELLO, 1999:11).

Dos pregadores da Igreja na questão das cruzadas, talvez o mais eminente tenha sido Bernardo de Claraval, para quem matar um muçulmano não era um homicídio, mas um malecídio, e ao fazê-lo o cristão estaria purificando a terra dos pérfidos muçulmanos. Na pregação de Bernardo, o soldado de Cristo de Paulo passa a ser o cruzado armado para matar e limpar a terra.

Com toda tranquilidade podemos dizer mal daqueles cuja maldade é sempre maior do que qualquer mal que deles se possa dizer. Filhos de Agar a escrava de Abraão; povo escravo do demônio; canalha que é preciso escorraçar a terra santa; imundície dos pagãos. Bernardo de Claraval defendeu os judeus, mas não os muçulmanos (JEUSSET, 2005: 21).

Outro pregador importante que merece destaque é Jacques de Vitry. Neste trabalho ele alcança um destaque ainda maior pelo fato de ter sido contemporâneo de Francisco de Assis, cuja visão destoava e muito no que diz respeito à pregação.

Jacques de Vitry foi teólogo, cronista e cardeal. Estudou na Universidade de Paris, pregou a Cruzada contra os Albigenses. Entre 1211 e 1213, chegou a deslocar-se por todo o seu país e pela Alemanha com a finalidade de recrutar cruzados para essa ação. Foi eleito bispo de Acre em 1216, e depois, ainda nessa condição, se envolveu na promoção da Quinta Cruzada (1218-1220), vendo-se fortemente envolvido com ela, chegando a participar no cerco de Damietta.

Em um sermão dirigido aos templários, Vitry afirmou:

Quando as pessoas falsamente afirmarem que você não pode, por qualquer motivo que seja, pegar fisicamente em uma espada ou lutar corpo a corpo contra os inimigos da Igreja, este é o demônio tentando atacar o tecido da ordem e desta forma destruí-la completamente. (MOSES, 2010: 124).

As pregações da Igreja que atrelavam a sua reforma à conquista da Terra Santa perpassaram toda a vida de Francisco. Nessas pregações estavam bem amarradas as convicções de um projeto temporal e um projeto espiritual; Francisco de Assis não estava alheio a estas questões e, embora não existam relatos de qualquer palavra dele em favor da guerra, também ele se empenhava pela reforma da Igreja, mas no sentido de um viver de acordo com o Santo Evangelho.

O projeto da missão da Igreja implicava a ideia de expansão territorial ligada à retomada das terras que o Islã havia conquistado desde o século VII, e do combate às heresias que cresciam em todo o seio da Igreja como se verá adiante.

A expansão territorial²⁰

Para Boff (2002:30), desde o século VII, o Islã começou um processo de expansão que resultou, em pouco tempo, a sua presença em grande parte da África, na Ásia e em lugares santos, como Jerusalém, a cidade sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos. Existem atlas históricos com mapas que indicam sucessivamente os principais avanços da expansão muçulmana, alguns militares, outros pacíficos, realizados pelo proselitismo de comerciantes, de professores ou de pregadores muitas vezes pertencentes a confrarias.

O primeiro, Califa Abu Bakr (632-634) conseguiu pacificar a Arábia. O segundo, Califa Omar Ibn al-Khattab (634-644) fez conquistas para além da Arábia apoderando-se da Síria e de Jerusalém, e chegando até a Armênia. Estava se formando um verdadeiro império árabe que haveria de durar dois séculos.

²⁰ O pequeno histórico do Califado foi extraído da Obra *Islamismo, história e doutrina* de Jaques Jomier. (JOMIER, 2001: 35-51).

O terceiro Califa, Othman Ibn Affan (644-656) continuou as conquistas em direção ao leste e ao Oeste, chegando a invadir a Tunísia, e se retirando logo em seguida. Encarregou ainda um grupo de fixar o texto oficial do Corão, enviando uma cópia para cada cidade conquistada.

O quarto Califa, Ali Ibn Abi Taleb (656-661) enfrentou muitos conflitos internos e perdeu o poder para Moawiya, governador da Síria, que procurava a expansão do Islã, embora sua maior preocupação fosse expandir seu próprio poder. Ele teve o mérito de compreender a importância do mar para ampliar o território Islã.

Em 670, a Tunísia foi finalmente tomada pelos muçulmanos, e entre 670 e 700, toda a África do Norte foi submetida ao mesmo poder; no início do século VIII houve incursões na Espanha e na França; a China Ocidental foi ocupada em 750, e ainda antes, nos anos 711-712 acontece a ocupação do Paquistão, e Kabul, capital do Afeganistão, em 800.

A dominação acontece no campo político, mas também no campo cultural e científico. Em contrapartida à expansão do Islã, ocorre o desenvolvimento da Europa impulsionado pelo incremento de novas técnicas agrícolas para atender a demanda de aumento demográfico, e a consequente necessidade de expandir territórios e rotas comerciais. Desde o século XI, quando o papa Urbano II convocou os cristãos para a primeira Cruzada, o Ocidente estava em contra ofensiva diante do Islã; esta contra ofensiva caminhava em duas direções: parar a expansão do Islã e expandir-se.

Em 1095, o imperador de Bizâncio pediu ajuda ao Ocidente, mas o papa viu neste pedido de ajuda uma oportunidade para alargar o poder da Europa e retomar os territórios antes usurpados pelos muçulmanos. Desta forma, acabariam as guerras entre senhores feudais, que destruíam a Europa e aumentavam os seus domínios. Assim, foram convocados os cristãos para a guerra, afim de que a paz de Deus reinasse na Europa e a guerra de Deus assolasse o Oriente. (Armstrong, 2000: 314).

O imperador de Bizâncio pediu ajuda a Roma e viu uma verdadeira invasão bárbara chegando aos seus territórios. Enquanto o povo lutava por uma paixão pela terra Santa no intuito de retomá-la para os cristãos, o Papa e o alto clero pensavam numa guerra santa de libertação que aumentasse o poderio e o prestígio da Igreja ocidental.

Para se chegar à vitória e tomada de Jerusalém, os cruzados passaram por muitas dificuldades, e além das intempéries da natureza, enfrentavam as táticas dos muçulmanos, grandes conhecedores da região.

Apesar de tudo obtiveram a vitória e, quando se viram diante dos muros da cidade Santa, em 1099, haviam mudado o mapa do Oriente Próximo. Destruíram a base dos

seldjúcidas na Ásia Menor e criam dois principados governados por ocidentais: um em Antioquia, sob o normando Boemundo de Tarentino, e o outro em Edessa, na Armênia, sob Balduino de Bolonha. (ARMSTRONG, 2000; 316).

Os cristãos conquistaram Nicéia, Edessa, Antioquia, e em 1110, o Ocidente já havia conquistado Anatólia, Cesaréia, Haifa, Trípoli, Sidônia e Beirute, estabelecendo um novo estado, o condado de Trípoli. Todas as conquistas foram realizadas juntamente com massacres de judeus e muçulmanos.

A segunda Cruzada, em 1145 teve o intuito de retomar o território de Edessa perdido para os muçulmanos em 1144. A queda de Edessa favoreceu a unidade dos muçulmanos, que sistematicamente foram subtraindo os territórios até a retomada de Jerusalém, em 1187, por Saladino.

Foram realizadas três cruzadas até o início do século XIII, quando a cátedra de Pedro era ocupada pelo então Papa Lotário de Seni, ou Inocêncio III, destinado a ser o mais poderoso de todos os papas medievais. (MOSES, 2011: 26). Como uma das metas de pontificado, a Reforma da Igreja dependia da reconquista da Terra Santa, o que motivou Inocêncio III a se empenhar bravamente pela Cruzada. Mantendo a ideia de expansão de seus antecessores, promulgada na ampla reforma na Igreja, o catedrático percebia nos hereges e nos muçulmanos os inimigos a serem vencidos para a conquista de seus propósitos.

Três ideais de expansão se inter cruzam no início do século XIII: O Islã, que desde seu nascimento no século VII não parava de crescer; o Ocidente, procurando meios de expansão de território e poder, um projeto que estava em comunhão com o pensamento da Hierarquia da Igreja; e Francisco, que por mandato divino procurava restaurar a Igreja, desejando que o Evangelho chegasse a muitos lugares.

Para Inocêncio III a expulsão dos muçulmanos da Terra Santa constituía parte essencial da reforma, por ser algo que agradava a Deus, uma vez que a terra comprada com o sangue de Cristo havia sido tomada por infiéis.

A ideia da guerra era ponto importante na agenda de Inocêncio que queria se empenhar pessoalmente nos campos de batalha, mesmo sabendo que o Sultão Al-Adil²¹ estava mais preocupado em garantir o seu poder no mundo árabe, e já havia assinado um tratado de paz em 1212. O próprio Inocêncio havia mantido em segredo a informação de que talvez a guerra não fosse necessária uma vez que o patriarca de Jerusalém havia escrito ao Papa sobre a intenção de negociar com o Sultão e seus filhos sobre a posse de Jerusalém. (MOSES, 2010: 69).

²¹ Al-Adil é pai de Malek-Al-Kamil e irmão de Saladino.

Eles estão bastante dispostos a devolver a Terra Santa, que no momento eles detêm, às mãos do senhor papa, para uso dos cristãos, contando com que, em contrapartida, eles tenham a certeza de que suas outras terras estariam a salvo das invasões cristãs. Eles estariam dispostos a pagar anualmente ao patriarca de Jerusalém um tributo acordado e, então; prometiam não infligir nenhum dano à Terra Santa, por onde caminharam os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo. (MOSES, 2010: 68).

Mas o Papa parecia mesmo disposto a fazer a guerra e a expandir seus territórios e atrelava a esta ideia a reforma da Igreja. Um dos maiores propagadores da V Cruzada, Jacques de Vitry, tinha a clara convicção de que a guerra era um desejo de Deus e que sua vocação, enquanto arauto do Santíssimo era defender o combate contra os invasores da terra santa (HOEBERICHTS, 2002: 66), ao passo que Francisco também era arauto, mas pregava a paz e não a guerra.

Quando chegou a Acre, Jacques de Vitry conseguiu, em pouco tempo, converter a população, batizar e marcar com a Cruz muitos homens, e prepará-los para a guerra em socorro da terra Santa. Segundo o mesmo Hoeberichts, (2002: 69) acrescenta, fazia isso como propósito e vocação divina.

A Igreja quer de volta a idade de ouro do Império, luta pela expansão e pelo poder. É possível perceber que a cruzada atendia a muitos anseios. De um lado, o Papa aumentava seu prestígio político e sua influência sobre os soberanos das nações europeias; por outro, o povo, cansado da miséria moral e religiosa, encontrava motivações para praticar o verdadeiro espírito do cristianismo, defendendo as tentativas de posse da terra do próprio Jesus, conforme analisa Radi (2006: 26). Eram os efeitos colaterais do empreendimento cruzado que, depois de várias tentativas, foi reduzido a um grande fracasso no que diz respeito aos objetivos traçados inicialmente.

O combate às chamadas heresias

Os séculos XII e XIII podem ser chamados séculos da heresia quando se observa a história com o olhar da Igreja do Ocidente. Desde o seu início, a igreja cristã mostrou dificuldade de se relacionar com os heterodoxos, buscando manter uma unidade desde o Concílio de Niceia, ainda no século IV. Muitas vezes, fez uso da força de estado para privar os sacerdotes considerados heréticos de suas imunidades e também de seus privilégios, e, desta forma, tentava manter uma coesão.

Se nos primeiros séculos as heresias, assim como consideradas pela igreja cristã, tinham um cunho mais filosófico e teológico, com o decorrer do tempo foram ganhando um aspecto mais popular, mantendo quase sempre uma postura crítica à hierarquia da Igreja e uma tentativa de voltar aos primórdios da mesma.

A pobreza, a humildade, a caridade, não eram exatamente as características da Igreja nos primeiros tempos da religião, nos séculos XII e XIII. O considerado herético recorre ao devaneio místico para fugir desta realidade e construir uma nova Jerusalém. Também não se pode desvincular o fenômeno do surgimento das chamadas heresias, que ocorre nestes séculos, de seu contexto histórico amplo, ou seja, o renascimento comercial e urbano que ocorre a partir do século XII, cada vez mais intenso, após um longo período de recesso e estagnação que se estendeu até o século XI.²²

No fim do século XII e início do XIII assumiu a cátedra o Papa Inocêncio III que, como muitos outros papas, desejava uma reforma ampla na Igreja, julgando necessário combater energicamente as heresias, que em seu entender, quebravam a unidade da instituição e do Ocidente que tinha um inimigo externo a ser igualmente combatido.

É bem verdade que Inocêncio III, no seu projeto de reforma da Igreja, buscou um diálogo com alguns grupos, tendo uma postura um pouco diferente de seus antecessores. Concedeu espaço para um dos anseios principais, como a pregação, a alguns grupos, superando o *ordo hierarchicus*, segundo o qual, somente os seguidores dos apóstolos, bispos e dos discípulos sacerdotes tinham esse direito. Esse ponto era um dos grandes entraves no diálogo com os valdenses, os humilhados da Lombardia e outros grupos que queriam viver na pobreza evangélica e na pregação. Não havia grandes problemas com relação à tradução das Sagradas Escrituras e nem mesmo com relação à vida de pobreza. A grande questão era exatamente a pregação, e que Inocêncio III conseguiu superar com habilidade política. Regulamentou a Ordem dos Hospitalários do Espírito Santo, em 23 de abril de 1198, que embora não fosse parte dos grupos heréticos, não estava tão distante dos mesmos; o mesmo se deu com a ordem da Santíssima Trindade, em 17 de dezembro de 1198; a Ordem Hospitalara Teutônica foi reconhecida em 19 de fevereiro de 1199; e acolheu ainda a Congregação Hospitalaria de São Marcos, de Mântua, congregação de vida comunitária integrada por homens e mulheres, em 18 de janeiro de 1207.

Com relação aos grupos dos hereges propriamente ditos, Inocêncio III, que em 1201 acolheu os Humilhados, orientando-os com disposições tiradas da regra beneditina e agostiniana, com elementos próprios do grupo, regularizou, em 1207, uma parte do grupo dos Valdenses, tornando-os Pobres Católicos. Em 1210 acolheu outro grupo proveniente também do grupo dos Valdenses, que em 1212 recebeu um especial propósito de conversão.²³

²² Cf. FALBEL, Nachman, Heresias medievais.

²³ Sobre o *Ordo Hierarchicus* e a relação de Inocêncio III com os chamados hereges conferir: Teixeira (2006: 13-17).

Inocência não pensava apenas na reforma política e estrutural da Igreja. Se aprovou Ordens que beiravam à heresia, e acolheu grupos de heréticos como os Humilhados e os Valdenses, por outro lado, acreditava que era necessário usar a força para combater outros grupos contrários, como foi o caso da Cruzada promovida contra albigenses e muçulmanos. Mas, além da luta armada, considerava ser necessário que tanto os clérigos quanto os leigos fossem mais devotos e tementes a Deus (MOSES, 2010: 67), e diante disso se empenhava e exigia da população um comportamento mais condizente com o modo de viver da Igreja, uma espiritualidade e disciplina que agradasse a Deus.

O Papa Inocência III agiu ferozmente contra todos os que se opunham aos seus projetos de reforma e expansão, e mantinha a convicção de que ele, como chefe da Igreja devia ir a campo contra todos os oponentes e inimigos da Igreja, tanto internamente (hereges), como externamente (muçulmanos). Assim, conforme observa Hoeberichts (2002: 42), ao longo de seu pontificado organizou cruzadas contra vários grupos, tais como: os mouros, os albigenses, grupos dos estados bálticos e contra todos os seus adversários políticos. Mas, ao mesmo tempo, abriu espaço para o diálogo para com os grupos que tiveram as portas fechadas pela igreja de seus antecessores; enfrentou positivamente a questão dos movimentos religiosos, mostrando uma visão progressista através da ruptura com concepções seculares, concedendo espaço na vida da Igreja e autorizando a pregação. (TEIXEIRA, 2006: 17).

O IV Concílio de Latrão, em 1215, decretou medidas contra os senhores seculares caso protegessem heresias em seus territórios, ameaçando-os até com a perda dos domínios. Já antes do Concílio e como consequência dele, as autoridades laicas decretaram a pena de morte para evitar a disseminação de heresias em seus territórios, a começar por Aragão em 1197, Lombardia 1224, França 1229, Roma 1230, Sicília 1231 e Alemanha 1232²⁴.

A postura política de Inocência nos permitirá ver adiante a sua relação e o seu acolhimento ao grupo de Francisco em 1209.

2.2 As propostas de pregação de Francisco e seus Irmãos

Os embates da Igreja contra os muçulmanos e os hereges deixam transparecer o seu propósito de organização diante da percepção da necessidade de uma reestruturação, de uma conversão e de sintonia com aquilo que compreendia como desígnios de Deus.

Por outro lado, a Igreja queria também a volta da idade de ouro do Império, lutando por expandir seu território e aumentar seu poder. Francisco e seus frades, ao contrário, queriam andar pelo mundo sem posses, sem guerra, levando a paz e não se opondo ao

²⁴ FALBEL, Nachman. Heresias medievais.

inimigo, vivendo segundo a forma do Santo Evangelho. (HOEBERICHTS, 2002: 102). O desejo e os meios de expansão de Francisco diferiam do desejo e dos meios de expansão do Papa.

Os grupos considerados hereges queriam a volta do modelo antigo de Igreja baseado nos Atos dos Apóstolos, e Francisco desejava voltar até ao Evangelho. Segundo o biógrafo Tomas de Celano, logo que o grupo de discípulos de Francisco atingiu oito pessoas ele os enviou para pregarem o Evangelho, dizendo-lhes:

Ide, caríssimos, dois a dois (cf. Lc 10,1), pelas diversas partes do mundo, anunciando aos homens a paz (cf. At 10,36) e a penitência para a remissão dos pecados (cf. Mc 1,4); e sede pacientes na tribulação (cf. Rm 12,12), seguros de que o Senhor cumprirá seu propósito e sua promessa. (1 Cel XII- 29, FFC, 2004: 217).

Pregar o Evangelho era o propósito de Francisco, e constantemente ele insistia em abrir a palavra, em ouvir a palavra, buscando nela o elemento fundamental da sua forma de vida e da sua pregação. Pregam a penitência segundo o modelo do próprio Evangelho está bem expresso na citação: “o tempo já se cumpriu e o Reino de Deus está próximo, convertei-vos e crede no Evangelho” (Cf. Mc 1,15), e no entender de Francisco significava purificar o modo de vida vigente na sociedade dos seus dias, alcançando o novo modo de ser segundo o Evangelho.

Por fim, a pregação da paz era para Francisco o mandato do próprio Senhor, como deixou claro em seu testamento. O Evangelho, a penitência e a paz parecem ser os propósitos que moviam o missionário e seus companheiros de saga. Embora não pareça claro que quisessem se opor à forma de ser da Igreja, mostravam que a reestruturação da mesma só seria possível através do retorno ao Evangelho.

Francisco foi o profeta enviado para a reforma da Igreja mediante a revalorização dos ideais de pobreza evangélica. Não estava nos projetos de sua missão sair pelas ruas e praças gritando contra o clero e o modo de vida da Igreja pautada na riqueza e no espírito mundano e temporal. Mas, com o exemplo da sua própria vida desenvolveu a sua Missão, na qual todos os homens são tratados como hóspedes e peregrinos (1 Pd 2,11) a caminho da Jerusalém celeste. (BASSETTI-SANI, 1975:7).

Francisco e seus companheiros queriam uma pregação em sintonia com a Igreja, e ao completar o número de doze, o grupo foi a Roma pedir autorização da instituição e antes disso, já haviam recorrido ao Evangelho para definir a missão à qual deveriam se entregar.

A pregação de Francisco começou na Itália, mas aos poucos foi surgindo a necessidade de correr o mundo, para, mais uma vez, seguindo os preceitos do Evangelho,

pregar a toda criatura. Este projeto de expansão, entendido por Francisco como mandato divino, queria que o Evangelho chegasse a vários lugares.

De acordo com os relatos do século XIV, Francisco pregava na imensa catedral de Santiago, a qual levou um século para ser construída e ficou pronta na época em que ele nasceu. Este foi um acontecimento importante para Francisco, pois, conforme descrito nas pequenas flores de São Francisco, 'Deus revelou a São Francisco, naquela igreja, que este haveria de conhecer muitos lugares pelo mundo afora, pois a sua ordem estava destinada a se espalhar e se expandir alcançando um grande número de frades'. Por isso 'como resultado desse comando divino', Francisco começou a estabelecer comunidades de frades 'em várias terras'. Esse momento foi um divisor de águas para Francisco: ele decidiu que Deus desejava que ele transmitisse a mensagem do Evangelho para o mundo – assim como o apóstolo Tiago tinha feito. (MOSES, 2011: 63-64).

A proposta de pregação de Francisco, ou seja, fazer-se pobre de acordo com o mandato do Evangelho, pregar a paz conforme mandava o próprio Senhor, se fazia presente nos primeiros integrantes tão logo abraçavam a causa da comunidade.

Com relação aos muçulmanos, bem como aos hereges, não se vê em Francisco qualquer traço de objeção a estes grupos no sentido de oposição e luta. Não se encontra em seus escritos, qualquer menção desrespeitosa aos mesmos, e nem sequer uma alusão aos escritos e decretos dos papas que se opunham, fosse a hereges ou muçulmanos.

Para Moses (2010: 111), enquanto na Europa a Igreja combatia os albigenses por meio da força, e, em nome de Deus, homens se matavam uns aos outros às margens do Rio Nilo, Francisco reunia sua crescente comunidade de irmãos na Itália, com novas esperanças de realizar seu sonho de, pacificamente, levar a fé cristã aos muçulmanos e outros descrentes.

Durante a vida de Francisco, três Cruzadas foram realizadas contra os muçulmanos além daquela empreendida contra os hereges, mas, em sua trajetória o que se nota é, de fato, o anseio de viver como itinerante, na pobreza, pregando o Evangelho.

A proposta de paz

Ao longo das cruzadas, muitos foram os momentos de tréguas e mesmo as tentativas de acordos de paz, embora se saiba que as tréguas, muitas vezes, representam estratégias de guerra, visando futuros ataques.

Na política adotada na Europa pelos papas, desde Urbano II, em 1095 e, em especial, na política de Inocêncio III, em fins do século XII e início do século XIII, era preciso fazer a paz de Deus para lutar na guerra de Deus contra os inimigos da Igreja.

Pouco antes da conversão de Francisco, quando ele tinha por volta de vinte dois anos, a Cruzada contra os muçulmanos desviou do caminho, invadindo Constantinopla, saqueando

a cidade e aumentando ainda mais o fosso de separação entre a Igreja latina e a Igreja do oriente. A guerra se espalhava por todos os lados entre papado e o império, entre as cidades, e entre facções dentro da mesma cidade. (FRUGONI, 2011: 61).

Lutar pela paz, na Itália do século XIII, poderia parecer a contramão da história e exigia uma renúncia à própria identidade. Considerando-se com atenção, poderá parecer constrangedora a ideia de que Francisco, no seu processo de transformação de homem guerreiro, que empunha armas, em homem pacificador, possivelmente possa ter matado nos campos de batalhas. Ninguém pode dizer com certeza que ele o tenha feito, mas é uma hipótese bem plausível segundo discute Moses (2010: 29-300), uma vez que, exatamente os horrores da guerra foram infundindo no pensamento daquele homem, um novo anseio, e quando sentiu o chamado para sair no mundo, estava nele implícita a questão da paz, não apenas para a Europa, mas para todos os homens, inclusive para com os hereges. Vale ressaltar não somente a Cruzada contra os cátaros, conforme lembra Frugoni (2011: 61), destruiu cidades e matou milhares de pessoas, mas também as cruzadas de modo geral, que havia séculos opunham cristãos e muçulmanos em uma guerra sangrenta.

Durante as cruzadas, ocorreram tentativas de acordos de paz, muitas das quais vindas da parte dos muçulmanos; tanto o Sultão Al-Adil quanto seu filho Al-Kamil parecem ter sido homens propensos a paz. Antes deles, porém, Saladino já havia tentado e até conseguido tréguas entre os exércitos²⁵. Entre os cidadãos parece que já havia uma convivência pacífica no que diz respeito às relações comerciais e no trânsito entre territórios dominados tanto por cristãos quanto por muçulmanos, o que surpreende um viajante de 1184.

O viajante andaluz Ibn Jobair, que visita Damasco naquele ano, se mostra surpreendido ao ver que, apesar da guerra, as caravanas vão e vêm desembaraçadamente do Cairo a Damasco através do território dos Franj. “Os cristãos”, constata, “fazem os muçulmanos pagar uma taxa que é aplicada sem abusos. Os comerciantes cristãos, por sua vez, pagam direitos sobre suas mercadorias quando atravessam o território dos muçulmanos. O entendimento entre eles é perfeito e a equidade é respeitada. Os guerreiros se ocupam com a guerra, mas o povo permanece em paz. Saladino, longe de querer por fim a essa coexistência, se mostra disposto a ir mais longe no caminho da paz. (MALOOUF, 2001: 174).

Entre Ricardo Coração de Leão e Saladino aconteceram diálogos, admiração de ambas as partes e tentativas de paz e tréguas. Após Saladino, o Sultão que assumiu o poder, Al-Adil, se mostrou um homem propenso a paz. Se a disputa no Ocidente dizia respeito à cidade de

²⁵ Durante as cruzadas foram selados muitos acordos de paz, como por exemplo, o acordo entre Saladino e Ricardo Coração de Leão. Outros acordos foram feitos por Al-Adil, pai de Malek-Al-Kamil e os líderes cristãos. No entanto, o Papa Inocêncio III preparou a V Cruzada em um período de trégua (MOSES, 2010: 69) e, mesmo durante o Cerco a Damietta foram oferecidas por Al-Kamil algumas tentativas de trégua e paz, inclusive cedendo a cidade de Jerusalém aos cristãos (RADI, 2006:45).

Jerusalém, ela foi oferecida por Al-Adil e seu filho Al-Kamil ao Papa e aos reis ocidentais em determinados momentos, mas não foi aceita.

Na consecução e manutenção da paz na Idade Média, a Igreja desempenhou um papel muito ambíguo. Como instituição cristã tinha a obrigação de pregar e promover a paz. Mas, proprietária de grandes terras, fazia parte do sistema em vigor. Havia interesses a serem protegidos e promovidos. Aos clérigos era proibido o porte de armas. Isso não impedia que senhores eclesiásticos conduzissem seus exércitos. (FLOOD, 1986: 82).

A necessidade de expandir os domínios, e a confiança de que os exércitos cristãos seriam vencedores, fizeram com que o Ocidente, e, em especial, os papas, rejeitassem as propostas de paz. Um exemplo claro desta realidade pode ser visto com o caso do Cardeal Pelágio, que em Damietta, recebeu propostas de paz de Al-Kamil, entre as quais a de devolução de Jerusalém. Vale observar que mesmo a proposta tendo deixado os cristãos divididos, Pelágio foi irredutível.

Após a conspiração falhada de fevereiro de 1219, o Sultão do Egito apresentou uma proposta para acabar com a guerra. Estava resolvido a 'restituir' o reino de Jerusalém, conquistado outrora pelos primeiros cruzados, com exceção da Transjordânia. Propunha ademais uma trégua de trinta anos. O legado Peláio e as ordens militares recusaram essas condições de paz, alegando que as praças fortes da Transjordânia eram necessárias para a segurança do reino.

Malek-Al-Kamil apresentou então uma concessão suplementar: para assegurar a passagem das caravanas entre a Arábia e o Egito, pretendia conservar em seu poder as fortalezas dessa rota comercial e o território adjacente, mas aceitava ser apenas o locatário dos dois grandes castelos de Kerak e de Shawbak, pegando a renda anual de 15000 besantes de ouro.

João de Briene, o rei de Jerusalém, e os cruzados franceses, achavam a proposta aceitável. Outros, porém, por motivos diversos, tinham opinião diferente: o cardeal acicatado pela ambição de conquistar o Egito; as ordens militares, por razões estratégicas ou por deferência em relação ao prelado; os italianos, por interesse em abrir feitorias comerciais desse lado do Mediterrâneo, todos eles teimavam em não abandonar a presa por nada nesse mundo. (JEUSSET, 1995:109).

Neste cenário de guerra e tréguas, com alguns príncipes cristãos dialogando a paz, e a dificuldade de entender este anseio por parte dos papas e de seus legados, surge em cena Francisco de Assis com a saudação, segundo ele, designada por Deus: "O Senhor te dê a paz". Com este propósito ele se junta aos cruzados para chegar a Damietta e se encontrar com o líder dos muçulmanos.

Na raiz de sua experiência estava o anseio pela verdadeira alegria, fundamentada no viver segundo o Santo Evangelho, propósito este o do pobre de Assis, desde quando convidado a deixar o anseio do servo para servir o Senhor, trocando o mundo da cavalaria e da guerra para se tornar um irmão Menor.

2.3 Os diferentes sentidos na pregação de Francisco e da Igreja

Depois que Francisco saiu da prisão e regressou à casa de seus pais, ele atravessou um período de enfermidades e de vida vazia, e foi, aos poucos, vivenciando uma nova experiência e ocupando os seus vazios através de Deus. O inferno da prisão de Perugia abriu espaço para a espiritualidade na alma de Francisco.

Ele passou a ser generoso com os pobres e a desprezar a si mesmo. Em um determinado momento Francisco abre mão de suas vestimentas para vestir um cavaleiro pobre²⁶, levando Celano aparentemente a traçar um paralelo entre Francisco e Martinho de Tours, soldado que doava seus bens aos pobres, mesmo sofrendo zombarias de seus companheiros. Uma noite, quando Martinho rasgou seu manto de soldado para dar a metade a um pobre mendigo que penava no frio, seus companheiros de armas zombaram dele por estar com a roupa rasgada. Naquela noite, ele sonhou com Jesus usando a outra metade do seu manto. Martinho foi batizado aos vinte dois anos, em um momento em que os cristãos já não eram mais perseguidos, mas, ainda assim, desafiou o imperador Juliano que o queria mandar para a guerra em Worms contra os bárbaros que invadiam a Gália: “sou um soldado de Cristo: não me é permitido lutar.” (MOSES, 2010: 37).

Ninguém, no século XIII, poderia escrever a biografia de um santo e afirmar que ele fosse contra a guerra ou as cruzadas. Ao traçar um paralelo entre Francisco e Martinho de Tours, talvez Celano estivesse mostrando, nas entrelinhas da biografia, que o primeiro não era favorável à guerra, mas um soldado de Cristo, ao modo de Paulo e Martinho, e não da forma como Bernardo de Claraval concebia na convocação para segunda Cruzada e que se tornou modo recorrente nos dias de Francisco.

Francisco pregava e queria viver em nome do Senhor, e não em nome do servo. A Igreja, por sua vez, tinha convicção de que a guerra era querida por Deus, e vista como uma forma de alcançar a pureza espiritual, reavendo a terra que Jesus havia conquistado com seu próprio sangue. Assim,

Inocência retirou todas as barreiras, garantindo àqueles que lutaram contra as forças imperiais o privilégio cruzado, o que significava que eles poderiam vestir a cruz sagrada e receber as mesmas indulgências concedidas aos soldados que seguiam a ardorosa jornada ao Oriente. Sendo as cruzadas uma guerra santa sancionada pelo papa, ao oferecer esse privilégio, Inocência elevou a luta por seus latifúndios ao patamar de causa sagrada. (MOSES, 2010: 38).

Francisco, por sua vez, achava que a guerra levava ainda mais ao pecado, porque o pecado estava na origem de toda guerra. Ele não queria possuir bens para não ter que armar

²⁶ 2 Cel II-5, FFC, 2004: 303.

exércitos para defendê-los; não queria que seus irmãos vivessem de acordo com regras de outras comunidades, mas de acordo com uma única regra: a do Santo Evangelho.

A Igreja pregava a conversão, a penitência e a paz para a Europa, o pobrezinho pregava a conversão, a penitência e a paz para todos. A Igreja via a guerra como uma causa de Deus, e, ao que parece, Francisco, diante da guerra, via demônios²⁷ se regozijando por todos os lugares e manipulando os cidadãos uns contra os outros para a sua destruição, assim como sustenta Moses (2010: 56).

Durante o IV Concílio de Latrão, ao tentar implantar as reformas na Igreja, o Papa as condicionava à reconquista de Jerusalém. A pregação da Igreja se estendeu por toda a Europa, convocando os homens para a guerra em defesa da terra conquistada com o Sangue do Senhor Jesus. Com certeza, a pressão que Francisco e seus frades sofreram para apoiar a guerra foi enorme, mas, mesmo sendo obediente ao Papa, ele nunca pregou a favor da cruzada (MOSES, 2010: 70). Se Francisco tivesse apoiado as cruzadas isto provavelmente estaria registrado em suas biografias e até em seus próprios escritos, uma vez que esse pensamento e atitude eram quase correntes no século XIII. O caminho por ele escolhido, entretanto, foi o de viver segundo o Santo Evangelho.

Enquanto os cruzados faziam orações e jejuns pela vitória, Francisco o fazia pela paz (JEUSSET, 1995: 78). Se a guerra parecia ser o único modo de lidar com os muçulmanos e resolver o problema da Igreja, Francisco se sentia enviado por Deus para viver no meio deles sem contendas e nem litígios Basetti-Sani, 1975: 23. Todos pensavam que a felicidade dos cristãos e a glória de Deus dependiam da conquista da Terra Santa. Este argumento favorecia a Igreja e encontrava apoio no sentido que Bernardo de Claraval deu ao soldado de Cristo. Francisco, por sua vez, resgatou o sentido Paulino do pregador do Evangelho, portanto é preciso eliminar a ideia de que Francisco tenha sido ou buscado para si o ideal cruzado.

A Igreja entendia que era preciso unir o Ocidente e combater os muçulmanos. Francisco entendia que era preciso unir a todos, e a todos saudava com a paz recebida do Senhor. A ideia de que a guerra era desejada por Deus era tão forte que se pode encontrar em um dos sermões dirigido às ordens religiosas por Jacques de Vitry, a demonização daqueles que se opunham a tal ideia:

Quando certas pessoas afirmam falsamente que a vós não é absolutamente permitido tomar a espada ou combater fisicamente contra os inimigos da Igreja, é o Diabo que busca atacar os fundamentos mesmo de vossa ordem e de destruí-la completamente

²⁷ De fato, aconteceu que uma vez ele chegou à Arezzo, quando toda a cidade (cf. Mt 8,34), abalada por uma guerra interna, era ameaçada de destruição próxima. (Francisco mandou Silvestre expulsar os demônios da cidade), pouco depois, a cidade volta à paz, e [todos] guardam com grande tranquilidade entre si e os direitos de cidadania. (2 Cel LXXIV-108, FFC, 2004: 369-370 e CA 108, FFC, 2004: 947).

por meio destas pessoas. Estes abusam dos testemunhos das Escrituras e vos introduzem interpretações provadas de quaisquer valores. (HOEBERICHTS, 2002: 76).

Vitry se empenhou também na proclamação da mensagem cristã aos sarracenos, mas não se importava de portar armas ou mesmo de usá-las na sua proclamação, fazendo exatamente o contrário de Francisco, que foi ao Sultão sem armas e sem riquezas, agindo de forma pacífica. Nos escritos de Francisco, ao contrário da pregação de Vitry, não se encontra uma só palavra negativa com relação a Mohamed ou ao Islã. Para o pobrezinho, a sua missão de paz junto ao Sultão era uma alternativa à violência das cruzadas, deixando em seus escritos o legado que asseguraria às futuras gerações a memória de um homem e de sua comunidade de operadores da paz em meio à guerra. (HOEBERICHTS, 2002: 112).

Se Francisco não se opunha à guerra em suas pregações, demonstra, entretanto, com o exemplo de sua própria vida, que ela não estava de acordo com o evangelho pelo qual ele optou diante do mandato de Jesus. Portanto, é possível observar proximidades e distanciamentos na ideia de missão da forma como era sustentada pela Igreja e por Francisco.

Proximidades e distanciamentos

Francisco viveu toda a sua vocação dentro da Igreja. Na capela de São Damião, segundo seus biógrafos, encontrou-se com Jesus, e ouvindo dele o apelo, colocou-se a restaurar a Igreja. Quando começou a receber irmãos, os enviou para pregar o Evangelho, a penitência e a paz, e quando o grupo cresceu se dirigiu ao Papa para pedir autorização de continuar a sua missão. Ou seja, nasceu, viveu, cresceu e morreu dentro da Igreja, criando nela um movimento que se tornou um dos maiores da história da própria instituição.

É natural que entre a visão de Francisco e a visão da instituição houvesse distanciamentos e proximidades, afinal, tinham por objetivo em comum, a restauração da Igreja pela missão; porém, a forma de fazer esta restauração, ou os caminhos escolhidos para alcançar esse objetivo nem sempre foram os mesmos.

A Igreja tinha uma proposta de voltar ao tempo das primeiras comunidades apostólicas, combatia os hereges e aqueles que eram considerados inimigos. Francisco e seus frades, ao contrário, evitavam antagonismos e rivalidades com pessoas em particular. Conforme pensa Flood (1986: 108), conflitos destes tipos não tinham outra intenção a não ser as ambições pessoais. Eles queriam viver em obediência à Igreja, diferentemente de muitos grupos heréticos, mas, sobretudo, viver segundo a forma do Santo Evangelho (ESSER, 1980: 63).

Ao convocar o Concílio, Inocêncio tinha uma ideia religiosa e colocava na cruzada um empenho espiritual; acreditava que a piedade e a penitência dos cristãos, juntamente com a espada dos cruzados conquistariam a Terra Santa e, junto a ela, um tempo novo na vida da Igreja. Francisco, por sua vez, havia recebido em São Damião, o mandato de Jesus para restaurar a Igreja em ruínas, e parecia muito empenhado neste intuito. Porém, junto ao mandato de restauração da Igreja, estavam outros dois mandatos fundamentais e que se opunham à maneira como o papa pensava seu projeto; ou seja, Francisco havia recebido também dois mandatos, o da paz e o de viver segundo o Santo Evangelho, claramente contrários ao anseio de guerra inerente à restauração da Igreja no pensar do Papa. A ideia de restauração estava próxima, a forma de execução estava distante.

Assim Francisco respondia a todos aqueles que andavam repetindo e denunciando o mal dos muçulmanos, inimigos dos Cristãos'. Estas ideias ele tinha esperado após os seus colóquios com o papa e alguns membros da cúria romana que fossem aceitas pelo concílio; ao invés da cruzada armada preocupada em conquistar aquela 'Terra' considerada santa, ele esperava que a Igreja sentisse mais profundamente a exigência apostólica da evangelização dos muçulmanos, cujas almas foram resgatadas pelo sangue de Cristo, e voltam repetidamente ao mesmo 'sepulcro de Cristo'.

Hoje o historiador deve constatar que entre os contemporâneos de Francisco nem mesmo entre os padres conciliares do IV Concílio de Latrão não se levantava uma voz apostólica para reagir à atmosfera belicosa das cruzadas. Enquanto as preocupações dos cristãos, conclamadas pela insistência dos pontífices, não viam outra coisa senão a libertação do sepulcro de Cristo e da palestina, das mãos dos infiéis, só Francisco fez presente à Cristandade o dever de pregar o evangelho a todos os povos, compreendendo então os povos muçulmanos. (Basetti-Sani, 1975: 102-103).

Francisco queria se dirigir a todos os homens, sem armas e portando a paz, confiando na misericórdia do Senhor que é Deus de todos os povos.

Enquanto o Cardeal Ugolino, protetor de Francisco e seu grupo, estava profundamente empenhado em reunir homens e meios para a Guerra Santa contra os infiéis muçulmanos, Francisco tinha uma resposta profética ao cardeal, dizendo que ele e seus frades tinham aquilo que necessitavam para viver, e que, manteria, daquela forma, a promessa feita ao Senhor de ir pelo mundo sem riquezas, sem armas, saudando, antes de tudo, em qualquer casa ou lugar onde entrasse: "A paz esteja nesta casa". É difícil imaginar um maior contraste entre a missão de paz (na verdade de guerra de Ugolino e do Papa) e a missão de paz de Francisco, segundo conclui Hoeberichts (2002: 63). Enquanto a Igreja professava a paz para os de casa e a guerra para os estrangeiros, o pobre de Assis pregava a paz universal como um mandato do Senhor, a quem ele se propôs a servir desde que abandonou o caminho de Espoleto.

Francisco e a Igreja queriam a restauração, o que lhes era comum, mas enquanto a Igreja pensava em uma unidade dos tempos áureos, Francisco pensava o viver segundo a maneira de Jesus de Nazaré, no amor a todos os homens.

Mas, refletindo sobre as bases da missão da Igreja e as bases da missão de Francisco, pode-se compreender melhor suas proximidades e distanciamentos.

As bases de compreensão na Missão da Igreja

Ao longo da história da Igreja sempre procurou reformas para se adequar aos tempos e aos povos que acolheram a mensagem do Evangelho. Muitas vezes, estas reformas foram associadas a uma volta aos tempos apostólicos.

Nos séculos XI e XII, muitos grupos queriam mudanças, o por isso eram, muitas vezes, considerados hereges, o que gerava conflitos internos na Igreja, ao mesmo tempo, em que esta mantinha também um inimigo externo a ser batido, o poderoso Islã.

O desejo de reformar a Igreja, que está diretamente associado à vitória contra seus inimigos, é a base para compreensão da missão da instituição. É preciso, portanto, ver nas cruzadas um movimento religioso que muitas vezes parece ter se perdido na história. As cruzadas eram um movimento espiritual para se restabelecer o que o Papa entendia ser a vontade de Deus para o mundo cristão, uma vontade que se impunha com a necessidade de vencer os inimigos da cruz de Cristo.

Inocência III estava convicto que para renovar a cristandade não se podia dissociá-la da ação das cruzadas, pois, para ele, o Islã era o grande inimigo da humanidade, que somente a espada dos cruzados assinalada pela Cruz de Cristo (soldado de Cristo) poderia esmagar.

Em abril de 1213, o papa Inocência III enviou uma série de cartas ao mundo cristão, da Calábria à Escandinávia, da Hungria à Irlanda. Inicialmente, a carta *Vineam Domini*, direta a todos os arcebispos, bispos e abades e a todos os reis e príncipes, na qual anunciava o seu desejo de ter o IV Concílio de Latrão para a realização de seus maiores desejos: a reconquista da Terra Santa e a reforma da Igreja universal. Em segundo lugar, a encíclica *Quia Maior*, enviada a todos os cristãos, com a qual lhes convidava para preparar uma nova cruzada. Enfim, a carta *Pium Et Sanctum propositum*, aos quais confiava o dever especial de pregar em toda parte do mundo cristão aquela cruzada que ele havia decidido, por inspiração divina, organizar para vingar a ofensa feita ao crucificado. (HOEBERICHTS, 2002: 19, tradução minha).

Inocência parecia ter pouca confiança em um projeto pacífico, e até o tentou em 1213, mas, pela leitura do Apocalipse via chegar ao fim o inimigo, a grande besta, e encorajava seus guerreiros a lutar em nome do Senhor para se cumprir a palavra: “O dia da libertação está próximo. A potência do Islã, cuja duração é indicada no Apocalipse do número da besta 666 está chegando ao seu fim”. (BASSETTI-SANI, 1975: 21).

Se a cruzada era um movimento bélico, a participação na mesma era também, e, em primeiro lugar, a expressão de profundos sentimentos religiosos. O movimento cruzado era um movimento religioso: os cruzados eram o “exército de Cristo, eram os novos cavaleiros de Cristo”, segundo os dizeres de Hoeberichts (2002: 36).

A pregação da Igreja mostrava claramente a cruzada como um movimento religioso:

A ideia da cruzada como ocasião para a salvação foi desenvolvida, sobretudo, por Bernardo de Claraval na convocação para a segunda cruzada (1146-1148). O apelo de Bernardo girava em torno do tema da cruzada como início do tempo da salvação, eis o dia aceitável, eis o dia da salvação (2 Cor 6,2). Bernardo reconhecia que Deus poderia libertar a Terra Santa enviando legiões de anjos ou pronunciando uma só palavra. Mas Deus havia preferido conceder aos cristãos a possibilidade de demonstrar a sua verdadeira fidelidade a Cristo participando da cruzada. Os cristãos não deveriam perder esta oportunidade. (HOEBERICHTS, 2002: 38).

Inocência acolheu as ideias de Bernardo e tinha seus próprios pregadores que discorriam em favor da cruzada, com a clara convicção de que esta era uma oportunidade de salvação, como um movimento religioso para fazer a vontade de Deus.

A Igreja mostrava a guerra aos cristãos do tempo de Francisco como uma obra digna de admiração, porque parece que também ela acreditava ser a guerra uma oportunidade e uma causa de salvação. Quem combatia fielmente por Cristo receberia dele a coroa da glória e da felicidade eterna. O próprio Papa, no seu papel de chefe do mundo cristão, deveria subir aos campos de batalha contra aqueles que ameaçavam os povos cristãos e os interesses dos mesmos, estivessem os inimigos dentro ou fora dos muros da cristandade. Segundo Inocência, o melhor meio de superar a ameaça dos inimigos era a organização da cruzada. Não existia a possibilidade de conversão ou de missão junto aos muçulmanos, pois os mesmos eram tidos como inimigos da Igreja, que nasceram pela espada, devendo ser mortos por ela, portanto, portar a espada assinalada pela cruz de Cristo era ocasião de salvação e motivo de glória para o cavaleiro.

Só uma vez, e indiretamente, se menciona a possibilidade da missão entre os sarracenos em uma bula que, como hoje sabemos, era simplesmente uma cópia de uma bula escrita por Alexandre III em 1175. E também, a menção da missão não se trata da cruzada na terra Santa, mas na Espanha’ (HOEBERICHTS, 2002: 57)’.

Reestruturar a Igreja, chamar o povo à conversão e vencer os inimigos internos e externos; estas eram as convicções e as bases da missão da Igreja, nos planos de Inocência III e nos decretos do IV concílio de Latrão. O caminho para a reestruturação da Igreja passava pela guerra, o caminho para a reestruturação desejada por Francisco passava pela paz.

2.4 As bases da Missão na Fraternidade de Francisco

Francisco queria se tornar cavaleiro, e para isso contava com o apoio da família e da sociedade que o cercava. Lutou em favor de sua cidade, pegando em armas; tinha a ideia de que o outro era um inimigo a ser vencido pelas armas, num embate que poderia chegar à morte do opositor.

Depois que caiu prisioneiro e ficou doente, passou por uma experiência fundamental em sua vida que o fez repensar seus valores e seu modo de vida; tentou ainda se tornar cavaleiro e se juntar aos cruzados, mas no caminho de Espoleto teve uma ‘visão’ e ouviu uma voz que o convidou a deixar o caminho das armas e a voltar para a sua casa, pois era preciso servir antes ao Senhor e não ao servo.

Aquele que o mandou voltar para casa, também o pediu para restaurar a Igreja em ruínas. O desejo de restaurar a Igreja era comum a Francisco e aos papas, mas na base da restauração de Francisco estava o mandato do próprio Senhor e, portanto, a força do Evangelho que se tornava, a cada dia, numa arma de batalha.

No amor a Cristo ele amadureceu sua vocação missionária, uma vocação dirigida a todos os homens e também para o mundo muçulmano que era tido como o grande inimigo e entrave para a restauração da Igreja na visão do papa.

Como descreve Basetti-Sani (1975: 57), no encontro em São Damião, Francisco foi convidado a despojar-se de todos os seus bens, o que ele fez em praça pública, devolvendo-os ao pai, Pedro Bernardone, e sendo acolhido pelo bispo de Assis que o colocou em sua proteção.

A guerra estava presente no projeto de missão da Igreja, um projeto que se enchia a cada dia de pregadores e propagadores, tornando um benfeitor aquele que matasse em nome do Cristo e defendesse a terra que ele comprou com o próprio sangue. O jovem de Assis, que estava pronto para receber a investidura de cavaleiro na Apúlia e partir para as cruzadas, recebeu outra investidura que o fez “soldado de Cristo” no sentido paulino, manso e pacífico, amante dos “inimigos”, contra a violência dos guerreiros, que ao invés de “amar os inimigos”, os matavam “em nome de Cristo”. (Basetti-Sani, 1975: 58).

Francisco, assim como seus frades estavam dispostos a viver segundo a forma do Santo Evangelho, e entendiam a missão como o levar o Evangelho a todos os povos. E assim, Francisco enviou seus discípulos para o mundo, não somente ao Ocidente, mas também ao mundo árabe, como a Tunísia, Marrocos, e ele mesmo quis ir junto aos sarracenos por várias vezes, até conseguir chegar ao Egito, o que será ainda objeto de reflexão posterior.

Desde o princípio de sua comunidade, Francisco e seus frades buscaram um estilo de vida laical, acreditavam que a paz seria mais bem salvaguardada com este estilo de vida, e não quiseram adotar nenhuma regra preexistente, talvez para não mudar seu estilo de vida, mais próximo aos pobres de seu tempo. (HOEBERICTHS, 2002: 104).

O centro da conversão de Francisco estava ligado ao seu encontro com o leproso; aquele que pertencia ao último grau da escala social de seu tempo tornava-se o centro de sua nova forma de vida. Quem se juntava aos pobres e se fazia pobre com eles não precisaria fazer guerra contra os inimigos, não precisaria resistir ao mau (cf: Mt 5,39), mas ofereceria a outra face a quem lhe batesse (Lc 6,29). Todo o valor e toda a base da missão de Francisco se encontram na humildade e pobreza de Cristo, ou seja, no viver a Minoridade segundo a forma do Santo Evangelho.

As peregrinações a Roma e a Jerusalém

O universo religioso medieval era muito propício às peregrinações, o que tornava comum o desejo de visitar alguns locais, como Roma, onde, segundo a tradição da Igreja, foram martirizados Pedro e Paulo, passando a ser considerada por isso, o centro do mundo cristão medieval, que ainda se mantém nos dias atuais; Jerusalém e a Terra Santa, os lugares onde Jesus nasceu, cresceu, reuniu ao redor de si discípulos e apóstolos, e onde também morreu, e segundo a crença cristão, ressuscitou para redimir o ser humano. Jerusalém é, ainda hoje, uma cidade sagrada para os judeus, criada pelo rei Davi; sagrada para os cristãos uma vez que, segundo os mesmos, ali Jesus completou a sua missão; sagrada para os muçulmanos, segundo os quais, foi nesta cidade que Mohamed fez a viagem aos céus, levado pelo anjo Gabriel²⁸.

Com a expansão do Islã, Jerusalém foi assumida pelo domínio do mesmo, mas não deixou de ser um lugar de peregrinação para os cristãos, na verdade mesmo com o domínio dos muçulmanos, Jerusalém era uma cidade onde habitavam judeus, cristãos e muçulmanos.

Em 1095, o Papa Urbano II armou muitos dos peregrinos e os transformou em cruzados, ou seja, fez os cristãos transformarem a peregrinação em guerra, conforme Jeusset, (1995:20). Segundo o autor, quando os cristãos começaram a conquistar pela espada os territórios tidos como sagrados, escreveram cartas ao Papa falando da alegria de terem conquistado a Terra da peregrinação e vingado assim o nome do Senhor.

²⁸ Muitas batalhas foram realizadas ao longo da história, pela posse da cidade de Jerusalém. Pode-se encontrar uma análise bem fundamentada na obra de Karem Armstrong: *Jerusalém, uma cidade, três religiões*. São Paulo, Companhia das Letras: 2000.

Os turcos que tanta afronta causaram a nosso senhor Jesus cristo, foram capturados e mortos; e nós, os jerosolimitanos ressarcimos a injúria feita ao Deus supremo, Jesus Cristo. Escreviam a Urbano II os chefes da primeira cruzada em setembro de 1098, após a queda de Antioquia. Pois os nossos, radiantes e chorando de alegria, puderam enfim adorar o sepulcro do Nosso Senhor Jesus e cumprir as promessas que tinham feito. Desviando a violência dos príncipes cristãos contra a 'impiedade', tentava-se transformar a guerra em peregrinação. (JEUSSET, 1995: 19)

Francisco parecia convencido de que a guerra não era o melhor projeto para a relação com o Islã, e se a Terra Santa era arrolada como grande motivo, ele parece ter buscado uma contraproposta apresentando a Porciúncula como alternativa.

Francisco foi à Perugia para se encontrar com Inocêncio III e tentar acabar com as cruzadas. No entanto, Inocêncio estava em Perugia, exatamente com a intenção de conduzir a cruzada, quando veio a falecer.

Para Francisco, homem de grande fé na providência, a morte repentina do papa, assim determinado a fazer e a participar da cruzada, foi um novo 'sinal divino', de que aquela guerra não estava de fato no plano de Deus. Agora ele buscava convencer o novo papa a mudar o programa 'belicoso' para se aproximar do mundo muçulmano, por um programa mais evangélico. A primeira graça poderia ser aquela de obter a indulgência plenária à Porciúncula para assim tentar desestimular os fiéis de irem à Terra Santa. (Basetti-Sani, 1975: 114).

Francisco também, como as pessoas do seu tempo, valorizava a peregrinação, o que pode ser claramente percebido na sua viagem a Roma, antes mesmo de receber companheiros. Lá andou como peregrino, deu e pediu esmola como nos relata Tomás de Celano.

Numa ocasião, ao fazer uma peregrinação a Roma, depôs as vestes delicadas por amor da pobreza e, coberto com as vestes de um pobre, no átrio diante da Igreja de São Pedro, que é um lugar cheio de pobres, sentou-se alegremente entre os pobres e, considerando-se como um deles, come avidamente com eles. Muitas vezes, ele teria feito semelhante coisa, se não tivesse sido impedido pela vergonha dos conhecidos. – quando se aproximou do altar do príncipe dos apóstolos, admirando-se que aí os visitantes faziam tão módicas ofertas, lança dinheiro com a mão cheia no lugar, indicando que deve ser mais especialmente honrado por aqueles que Deus honrou mais do que os outros. (2 Cel IV-8, FFC, 2004: 306).

É natural que Francisco tenha desejado fazer peregrinação também na Terra Santa, uma vez que se comovia com a paixão do Senhor Jesus e com toda a sua história. O amor de Francisco pela paixão de Jesus e, também pela encarnação, fica claro quando fez o presépio em *Greccio* e convidou a todos para partilhar a graça da encarnação do Verbo.

As pequenas Igrejas – Porciúnculas

Depois que descobriu que a vontade do Senhor era que ele vivesse segundo a forma do Santo Evangelho, Francisco se afastou, mais e mais, do modo de vida de seus

contemporâneos, e não queria ter nenhum privilégio ou segurança, procurando viver da forma mais pobre possível.

Desta forma, quando começou a receber irmãos, precisava encontrar um lugar para que pudessem viver, mas não para se tornarem proprietários. Tomas de Celano, na sua primeira biografia, nos mostra como Francisco deixou Rivortorto, indo morar em Santa Maria da Porciúncula. Relato semelhante encontra-se na legenda dos três companheiros (MANSELLI, 1997: 130), ao passo que no relato do anônimo Perusino, a comunidade já se instalou, desde o princípio, na Porciúncula. Logo que irmãos da parte do Senhor vieram se somar a Francisco, e não tendo hospedaria onde ficar, o missionário retira-se para uma igreja pobrezinha que encontrou quase abandonada, e que se chamava Santa Maria dos Anjos, ou Porciúncula. Ali construíram uma casinha onde passaram a morar juntos (AP III-14, FFC, 2004:768). Para Manselli, a saída de Rivortorto e a ida para a Porciúncula permitiu exatamente aquela forma de vida que Francisco tinha proposto para si e para os outros.

Deste modo, a “fraternidade” teve a sua morada, a predileta, enquanto o santo viveu, destinando-a no momento de sua morte, para ser, como se dirá, exemplo e modelo para todas as outras casas minoríticas, quando a comunidade originária se tinha finalmente expandido em uma verdadeira e própria ordem religiosa. (MANSELLI, 1997: 131).

Para o autor acima citado, a casa, porém, não pertencia a Francisco e seus frades, mas aos monges do Monte Subásio, os quais recebiam como pagamento um cesto de peixes uma vez por ano, como um ato de reconhecimento de que a propriedade permanecia do mosteiro.

O modo de viver de Francisco e de seus frades, sem posses, sem poderes, contrasta com o modo de vida da Igreja de seu tempo, que procurava a expansão e a vitória contra os seus inimigos, tentava também assegurar os caminhos para os peregrinos que visitavam a Terra Santa e assim ganhavam a indulgência plenária. Francisco procurou transformar a Porciúncula em lugar de peregrinação, e pediu ao Papa a indulgência plenária, conseguida em 1216, para aqueles que fossem até Santa Maria da Porciúncula. Esta indulgência dava aos pobres os mesmos privilégios de graça concedidos aos cruzados, conforme Beer (1982: 22).

Assim, o significado da transferência da indulgência plenária cruzada à Porciúncula, no contexto histórico da missão profética de São Francisco, mostra que ele, muito provavelmente, tentou dissuadir o pontífice, em nome de Deus, a transferir a indulgência de Jerusalém para a Porciúncula de Assis, que seria considerada, a partir de então, o Novo Oriente. (BASSETTI-SANI, 1968: 19).

Prossegue o autor acima que, no entanto, mais do que a libertação da Terra Santa, os objetivos da cruzada se voltavam para a destruição do poderio muçulmano. Francisco, contrariamente, desejava que a mansidão substituísse as armas e queria que em nome de Jesus os muçulmanos fossem reconhecidos como irmãos e amigos. Neste contexto, a indulgência concedida aos que se dirigiam à Porciúncula ganhava um sentido muito especial, uma vez que a salvação dos muçulmanos redimidos pelo sangue de Cristo, no entender de Francisco, era mais preciosa do que as pedras do Santo Sepulcro.

Mais uma vez, vai se delineando o viver segundo o Santo Evangelho como o plano principal na vida de Francisco e seus irmãos. Este viver que o permite estar na Igreja, e ao mesmo tempo estar disposto a fazer do mundo seu convento, sua casa e sua missão, tornando-se pobre como os pobres numa vida profética de paz que o faz irmão de todos.

Tornando-se pobre

Que a mudança de vida de Francisco de Assis, a partir do encontro no caminho de Espoleto, se assemelha muito ao encontro que mudou a vida de Paulo no caminho de Damasco, é evidente e comentado por historiadores e hagiógrafos. (2 Cel II-6, FFC, 2004: 304).

É bem verdade que o hino que Paulo escreve na carta aos Filipenses (Fl 2, 5-11) falando do esvaziamento de Jesus, bem condiz com a vida do próprio apóstolo, que diz em determinado momento: “já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim.” (Gl 2, 20).

Seguindo o mesmo raciocínio, não é difícil perceber o esvaziamento de Francisco que desde o encontro com os leprosos foi orientando o seu modo de viver pelo Evangelho, fazendo se pobre e irmão menor de todos.

O encontro pessoal de Francisco com Jesus, relatado pelas primeiras biografias (2 Cel VI-10, FFC, 2004: 308), começou a mudar os seus planos. Ele, que queria ser cavaleiro, agora começa a ser restaurador, um restaurador da Igreja e de si mesmo. Ele, que queria servir ao servo, passa agora a servir ao Senhor, e outros encontros vão mudando sua vida, deixando, cada vez mais, o *eu* de lado, e dedicando um espaço cada vez maior para Deus.

No caminho de sua conversão, Francisco encontrou-se com o leproso, e tal encontro, que era para ele repugnante inicialmente, tornou-se um instrumento de esvaziamento de si, para deixar, segundo ele, agir a misericórdia de Deus. Este esvaziamento é relatado por Tomás de Celano com muita ternura: “vivendo ainda no hábito secular, num certo dia encontrou um leproso e, *superando se a si mesmo*, aproximou-se e beijou-o” (1 Cel VII-17,

FFC, 2004:209, grifo do autor) e o próprio Francisco relata esse encontro como um momento crucial de superação do eu (Test., FFC, 204:188).

Aquele que sonhava com a cavalaria encontrou-se com o Senhor em sonhos, e foi se esvaziando de si e deixando o Senhor ser em sua vida. Ao encontrar-se com o Leproso, transforma em doçura o que antes lhe era amargo, e vai se configurando a experiência mística, o espaço que permitirá o diálogo com todas as criaturas, porque vai se tornando simplesmente um irmão menor.

Para Manselli (1997: 131), vai se fazendo pobre aquele que era rico, e nem mesmo casa para habitar terá mais, não queria possuir mais nada (Test, FFC, 2004: 189), mas partilhava com os deserdados junto à cruz de Cristo o privilégio de nada possuir; em sua fraternidade não havia diferença entre clérigo e leigo, mas eram inferiores e submissos a todos. Jesus Cristo era o ponto último de referência na vida de Francisco. A marginalidade era essencial para o seu propósito de vida, por isso eram chamados irmãos e irmãs menores (MANSELLI, 1997: 166). Pobres, para partilharem da sorte dos pobres, sem a segurança da sociedade e nem da Igreja.

A história de São Martinho, que dividia os bens com os pobres e era contra a guerra, tocava profundamente Francisco segundo Moses (2010: 37), e o movia para um mundo completamente novo, longe de todo e qualquer privilégio, uma vez que escolheu colocar toda a sua confiança na paternidade divina, mostrando que o Evangelho não caía do céu (ROTZETTER, 1990: 26), se tornando presente no modo de vida escolhido.

Viver pobre, segundo a forma do santo Evangelho, pode ser uma chave para a maneira que Francisco se comportava diante de todos os acontecimentos do seu tempo, incluindo sua relação com os hereges e ainda mais com os muçulmanos, que eram considerados inimigos a serem destruídos na luta por terras e posses. Ele, pobre, os via como irmãos a serem conquistados pela força do Evangelho que havia mudado radicalmente a sua própria vida.

A peregrinação em Assis

Francisco desejava transformar a Porciúncula em um lugar de oração e indulgência plenária, e vale lembrar que tornar-se cruzado e ir à Terra Santa dava direito à esta indulgência, conforme salienta Basetti-Sani (1975: 107-109).

Quando Celano fala da Porciúncula, ele usa vários textos bíblicos ligados à cidade de Jerusalém.²⁹ Jerusalém, cidade santa, lugar para onde se dirigem todos os povos. Para a nova Jerusalém, Francisco pede a atenção do Papa e dos cristãos, talvez numa tentativa de fazer se

²⁹ 1 Cel, VII- 105-106, FFC, 2004: 270-271

cumprir a missão que o Senhor lhe havia indicado através da saudação: “O Senhor te dê a paz!”

Para facilitar o recrutamento dos cruzados que iam combater os muçulmanos na Terra Santa, a Igreja concedeu a indulgência plenária. Na mente de Francisco ao obter milagrosamente da Santíssima Virgem o mesmo privilégio da indulgência plenária para a sua igreja da Porciúncula, poderia ser um modo de desviar cruzados e peregrinos de chegar na Terra Santa. Francisco imaginava poder fazer a transposição espiritual de todos os santos lugares da Palestina, para a Itália. Assis será o “novo Oriente”, onde a Porciúncula representará o templo de Jerusalém. (BASSETTI-SANI, 1975: 110-111).

Segundo Basetti-Sani (1975:16), alguns historiadores colocam em dúvida a questão da substituição da indulgência ligada a Jerusalém, e transferida para Assis por meio de um pedido de Francisco, por não estarem relatadas nem em Celano e nem em Boaventura, é pelo fato de o Papa ter conferido tal privilégio com forte oposição dos cardeais e dos bispos da Úmbria.

O homem que se colocou diante do Servo dos servos de Deus tinha consciência de sua missão de paz; o convite feito pelo Senhor no caminho de Espoleto para deixar a guerra e voltar para casa; a confirmação diante do leproso e; sobretudo, o pedido feito na igreja de São Damiano: “vai e restaura a minha que casa como vês está toda destruída” (2 Cel VI-10, FFC, 2004: 308) fizeram Francisco compreender que a sua missão de paz e a restauração da casa em ruínas estavam diretamente ligadas ao fato de viver segundo a forma do Santo Evangelho.

Voltar o olhar de paz para a pequena Assis e transformá-la no novo Oriente seria, sem dúvidas, no coração de Francisco, uma forma de mudar o foco da guerra, e sensibilizar os homens de seu tempo; uma forma clara de viver o mandato do Senhor. Talvez, seja ainda uma evidência de que Francisco, mesmo amando e sendo filho da Igreja, estava também muito além da compreensão da mesma no que dizia respeito ao outro, e aqui, em especial no que dizia respeito ao Islã.

Ser Igreja, mas ir além

Que Francisco era um filho da Igreja pode-se constatar em seus escritos e em suas primeiras biografias no que tange o amor aos sacramentos, no respeito aos sacerdotes, na obediência pedida aos frades para com o papa Inocêncio III e seus sucessores. Em contrapartida, tanto o Papa quanto a Cúria reconhecem a força de Francisco e de seu movimento, entendendo que se bem orientados poderiam ser uma grande força na proposta da

reforma conciliar, pois, embora a sua proposta cristã e as expectativas da sé apostólica fossem diversas entre si, elas não eram incompatíveis. (BRUFANI, 2008: 35).

No entanto, pode se ler e perceber nas entrelinhas da história de Francisco, que ele, em alguns temas, parecia dar um passo além, não só da Igreja como também do seu tempo. Esse fato começa a ficar claro quando se percebe que Francisco não quis adotar nenhuma regra preestabelecida para a sua comunidade de frades, criando a sua própria.

Em um tempo de grande distância entre povo e Igreja, Francisco foi a resposta ao Ocidente. Manselli (1997: 223) considera que ele quis participar verdadeiramente da vida marginal de seu povo, não se fechou em um eremitério ou atrás dos muros de um mosteiro, preferiu viver entre o povo, nas ruas, no colóquio entre os homens e com os homens.

Quando Francisco escreveu o Capítulo V da Regra não Bulada, deixou claro aos seus frades a importância da obediência à Igreja, mas em um pequeno texto deixou também para eles a seguinte recomendação: “Se, porém, um dos ministros ordenar a algum dos irmãos algo contra nossa vida ou contra a sua alma, este não esteja obrigado a obedecer-lhe, porque não há obediência onde se comete delito ou pecado”. (RnB V, FFC, 2004: 168).

Talvez por isso não tenha expressado opiniões contrárias aos sarracenos e aos considerados hereges, entendendo que seria uma forma de alimentar ainda mais as guerras, que para ele eram fomentadas pelo Demônio.

Embora o Papa tenha feito vários apelos para os cristãos participarem das cruzadas, nos escritos de Francisco e de seus primeiros frades não se encontram traços destes apelos, e nem mesmo textos do IV Concílio de Latrão, ou nas cartas de Honório III. Estas últimas renovavam o apelo de Inocêncio III na continuação da V Cruzada, da qual teria participado se não tivesse morrido antes.

Evidentemente, Francisco escolheu entre os vários documentos papais, acolher o apelo de Honório III quanto ao maior respeito à Eucaristia; na realidade tudo indica que Francisco não cedeu às pressões das autoridades eclesiais, e não quis utilizar esta oportunidade de salvação, ou seja, da forma como esse meio de salvação (a cruzada) era definido por Inocêncio III conforme conclui Hoerberichs (2002: 21-22).

Estes fatos dão a entender que Francisco fez uma escolha que o pôs em conflito com a doutrina e a prática eclesiástica oficial, em matéria de cruzada e Islã; um pequeno e insignificante homem de Assis ousou opor-se àquela política eclesiástica. O Capítulo XVI da Regra não Bulada, que será apresentado ainda, embora tenha sido lido por muitos franciscanos como um documento mais espiritual do que histórico, pode, de certa forma, apontar para este ousado ir além de Francisco.

É bem provável que a oposição de Francisco e seus primeiros frades a qualquer tipo de guerra tenha ficado nas entrelinhas, ou seja, embora ele e seus hagiógrafos não pudessem expressar uma oposição explícita, ela fica clara em suas atitudes concretas, que fornecem os elementos para se afirmar esta contraposição, o que é apontado aqui como uma hipótese plausível. Pois, segundo Hoeberichs (2002: 25-26), ao longo da vida de Francisco, três cruzadas foram organizadas contra o Islã, e outras mais contra os considerados hereges, e, no entanto, não se encontra menção explícita de apoio a estas empreitadas realizadas pelos papas, tidas como elementos fundamentais para a reforma da Igreja (MOSES, 2010:49).

O fato de Francisco não ter também questionado as cruzadas em seus escritos deixa margem para duas possíveis interpretações: ou os seus hagiógrafos não apontaram para esta questão, devido às circunstâncias do contexto em que escreveram; ou Francisco foi mudando de ideia ao ver a crueldade da guerra na V Cruzada, e ainda mais, após o seu encontro com o Sultão Malek-Al-Kamil, que parecia ser um homem propício à paz.

O relacionamento de Francisco com as autoridades da Igreja era interessante. Prometeu obediência ao Papa Inocêncio III e aos seus sucessores, aos bispos e ao clero, e ordenava seus frades que tivessem a mesma posição, mas, ao mesmo tempo, argumentava que nenhum frade era obrigado a obedecer uma ordem se ela fosse contrária à sua consciência, ao seu modo de vida (segundo a forma do Santo Evangelho), e se induzisse ao pecado. Pois, para Francisco, a maior autoridade era Jesus e seu Evangelho, cujo mandamento maior era amar a Deus e ao próximo, como a si mesmo.

Estes valores concorrentes, obedecer à hierarquia e seguir os ensinamentos de Jesus quanto a amar seus inimigos, criaram uma tensão dentro de Francisco que afloraria quando tivesse de discernir sobre como se relacionar com o mundo muçulmano em geral e com o Sultão do Egito, em particular. Francisco estava convencido de que Deus desejava que ele trouxesse ao mundo uma mensagem de paz. (MOSES, 2010: 51).

Como a comunidade de Francisco era relativamente nova quando o papa Inocêncio III convocou a V Cruzada, é bem provável que a pressão sobre eles para que tomassem as fileiras da cruzada e dela fossem propagandistas tenha sido grande. Mas, mesmo sendo obediente ao Papa, Francisco não pregou a cruzada, pois ele queria seu próprio caminho, aquele que lhe fora designado pelo Senhor. Se Francisco tivesse apoiado as cruzadas, como era algo corrente em seu tempo, é bem provável que todos os seus biógrafos o tivessem relatado.

Quando estava fazendo a viagem para Apúlia e foi motivado a voltar para casa para entender o que o Senhor queria que ele fizesse, já começava a se desenhar a sua missão de paz. A Legenda dos Três Companheiros foi mais fidedigna ao contexto no qual Francisco

cumpriu a sua ação. Parece que tanto Celano, como depois, Boaventura, queriam diminuir a importância da viagem a Apúlia. Talvez porque não era fácil para eles apresentar Francisco, antes decidido a cumprir o apelo do Papa de seguir a cruzada, voltando para casa, dissuadido pelo próprio Cristo. (BASSETTI-SANI, 1975: 40).

É possível que os primeiros biógrafos tenham até compreendido o que aconteceu com Francisco, mas diante da mentalidade medieval, não era fácil aceitar sua oposição à cruzada desejada pelo Papa, uma vez que desde Urbano II, se respirava em toda a Europa: “Deus o quer” - quando se referia às cruzadas contra os muçulmanos.

Francisco lembra que matar o muçulmano não é fazer malecídio, como pregava Bernardo de Claraval, mas matar um irmão. Para Basetti-Sani (1975:71) ele invocava a memória dos primeiros cristãos, que mesmo diante das perseguições, louvavam a Deus e não revidavam. Diante de tais fatos cabe uma pergunta: teria um dos mais importantes santos cristãos se oposto à guerra dos papas, as cruzadas? (MOSES, 2010: 126).

Os fatos mostram que quando a cristandade se preparava para a guerra, não recebeu apoio de Francisco, que em nenhuma de suas pregações valorizou a defesa da Terra Santa através de uma guerra. É sintomático constatar que nos escritos de São Francisco e nos discursos que os primeiros biógrafos dele relatam não se encontra em nenhum lugar a palavra Jerusalém, a proclamada em toda parte para incitar à cruzada. Ele parecia estar convencido que se era necessário repacificar os cristãos entre si; os cristãos imbuídos do Espírito de Cristo entenderiam o mandato de não restituir o mal com o mal. (BASSETTI-SANI, 1993: 692-693)

Francisco, que havia feito da obediência um princípio de seu ministério, parece discordar da vontade do Papa no que diz respeito às cruzadas. Chegou a relatar a um companheiro, durante uma batalha em Damietta, o que o Senhor lhe havia revelado, tendo receios de ser chamado de louco ao dizer para os cristãos que a batalha “naquele dia” (2 Cel IV-30, FFC, 2004: 321) não seria favorável; não era a hora de Deus. No capítulo XVI da Regra não Bulada, Francisco diz que uma forma de viver espiritualmente é esperando a hora em que agrade a Deus. Os papas proclamavam há muitos anos que aquela era a hora de vingar a Terra comprada com o sangue de Cristo. Quando o papa Inocêncio III escreveu sua carta convocando o povo para a cruzada, ele tinha em mente os protestos de Joaquim de Fiore para o qual deveria se esperar os homens puros e o tempo de Deus, quando o Papa então faz uma leitura do Apocalipse de São João, e aponta as vitórias na Espanha e na Provença como sinais do próprio Deus afirmando que a guerra era de Deus e não do Papa, e que o fim do Islã estava próximo. Portanto, aquele era o tempo favorável para a batalha e para por fim aos inimigos da cruz.

Francisco compreendia a sua missão de um modo completamente diverso daquele da Igreja, que queria expandir o seu âmbito de influência com o poder das armas e organizava uma cruzada após a outra. Francisco queria proteger os cruzados de uma derrota. Infelizmente isto não lhe foi possível. De fato o representante do papa insistia por uma vitória decisiva e refutou a oferta de paz que o Sultão Malek-Al-Kamil tinha feito. Da parte da Igreja Francisco foi então visto como um fator de distúrbio. (ROTZETTER, 1990: 33).

Se os gritos de guerra dos cristãos eram uma resposta do mundo cristão para fazer acontecer o desejo dos servos dos servos de Deus, o anúncio de paz de Francisco foi um protesto contra todos os gritos de guerra e todos os apelos de violência, sobretudo, a guerra feita em nome de Cristo e sua cruz, proclamada santa para a salvação da cristandade e a libertação da terra Santa (BASSETTI-SANI, 1975: 71).

Inocência tinha uma consciência de ser um homem chamado por Deus para restaurar a idade de ouro do cristianismo, e manifestava isso nas suas cartas e nos propósitos do IV Concílio de Latrão. Francisco, por sua vez, sentia-se chamado por Deus para propor a paz e viver de acordo com o Santo Evangelho. Enquanto Inocência optava pela cruzada contra os sarracenos, Francisco queria estar entre eles e ser sujeito a todos por amor a Deus (HOEBERICHTS, 2002: 59).

A missão de paz de Francisco é uma evidência do seu pensar diferente. Mesmo estando na Igreja e lhe sendo obediente. A igreja tinha a ideia de ser a dona da verdade, professando que a pregação era um bem em si de extrema necessidade, e até mesmo como um artifício para convocar a guerra. Mas, Francisco entendia que a pregação não era absolutamente prioritária, antes, era preciso esperar a hora de Deus. De fato, toda a vida de Francisco e dos seus frades girava em torno da vontade de Deus (HOEBERICHTS, 2002: 170-171).

Sem qualquer ponta de dúvida, entre Francisco de Assis e Inocência III havia profundas divergências. Basta lembrar duas atitudes diametralmente opostas diante dos hereges e muçulmanos. Francisco nunca atacou os hereges, usando sempre a estratégia de apresentar a doutrina católica ao povo, imunizando-o, por assim dizer, para que não fosse arrastado pela heresia; Inocência III, embora tivesse sensibilidade para com o problema das heresias, chegou a permitir, em 1209, uma cruzada contra os albigenses. Francisco dirigiu-se cordialmente ao Sultão como mensageiro do Evangelho e da paz; Inocência III pregava pessoalmente a cruzada pela libertação da Terra Santa, da qual, inevitavelmente, resultavam cruéis mortandades, conforme Teixeira. (2006: 29).

O ir além de Francisco estava diretamente de acordo com o seu viver segundo o Evangelho, e é exatamente este projeto de vida que vai determinar as primeiras missões da

comunidade dos frades e do próprio Francisco. Para Miccoli (2010: 156): “Este é um aspecto que se precisa entender claramente, a linha que Francisco propôs para si e para os que o acompanhavam é diversa daquela seguida pela instituição eclesiástica, ainda que em nenhum momento tenha feito qualquer intervenção direta no intuito de modificar a instituição.

A Missão dos Frades

Desde que os irmãos se juntaram a Francisco e o Senhor mesmo o indicou o que fazer segundo a forma do Santo Evangelho (Test, FFC, 2004: 189), ele e seus frades se propuseram as missões. Logo que o grupo somou o número de oito componentes, eles já começaram a sair pelo mundo (1 Cel XII-29, FFC, 2003: 216), e antes de iniciar a pregação, invocava a paz, dizendo: “O Senhor te dê a paz” (1 Cel X-23, FFC, 2004: 213). Com esta saudação recebida do Senhor, Francisco e seus frades começaram a missão de pregar o Evangelho.

As palavras de Francisco pareciam aos seus ouvintes como uma espada inflamada que penetra até o fundo do coração. Torna-se difícil representar como seriam essas primeiras tentativas. Certamente consistiam em algumas palavras, dirigida a pessoas que conhecia bem, a ponto de saber de suas fraquezas e, assim, tocá-las com a santa audácia do amor. Entretanto, sua pessoa e seu exemplo já eram uma pregação e só falava daquilo que ele mesmo experimentara ao anunciar a penitência, a brevidade da vida, a retribuição futura e a necessidade de conquistar a perfeição evangélica (SABATIER, 2006: 145).

O mundo deveria ser o convento, e Porciúncula seria o lugar onde se encontrariam após as missões para falarem das alegrias e das tristezas que encontrariam pelo caminho; viviam como os pobres de seu tempo, dormindo em celeiros, nos leprosários, pedindo esmolas, convocando os homens à penitência e à vida de acordo com o Evangelho. Por vezes, se colocavam juntos aos trabalhadores para ganhar o pão e a confiança daqueles homens a quem enchiam com suas próprias esperanças.

Às vezes, conviviam, durante as primeiras missões, com as desconfianças do clero, dos pais de famílias que temiam que seus filhos fossem tocados por aqueles homens que se intitulavam menestrelis do Senhor.

As primeiras missões foram realizadas nas pequenas aldeias, vilas e cidades ao redor da Úmbria, mas, aos poucos, foram se alargando os horizontes para o grupo, que crescia a cada reunião. O mundo é um lugar marcado pela arte do encontro e dos desencontros, e não foi diferente na vida e na missão de Francisco e seus frades. Mas, eles buscavam a força necessária no Senhor que os havia chamado para seu serviço, e na força do viver segundo a maneira do Santo Evangelho; e desta forma Francisco foi ao encontro do Islã.

CAPÍTULO III

3 FRANCISCO ENCONTRA O ISLÃ

Muito provavelmente, entre os meses de junho e agosto de 1219, Francisco de Assis chegou ao Egito, na cidade de Damietta, onde cristãos e muçulmanos travavam batalhas naquela que é chamada de V Cruzada. (CARDINI, 2009: 184).

Muitas fontes do século XIII falam desta visita de Francisco ao campo dos cruzados, e que desse local foi ao Sultão Malek-Al-Kamil com quem passou alguns dias. É verdade que as fontes não coincidem plenamente sobre o fato e o seu por quê. Uma tarefa que o presente trabalho quer ajudar a desvendar ou, pelo menos, apresentar algumas hipóteses mergulhando nas fontes e em suas entrelinhas, buscando entender as motivações de Francisco para ir ao encontro do Islã em um momento em que a Igreja e o Ocidente se armavam para combatê-lo.

Embora muitos relatos discordem quanto a particularidades, todos concordam em um ponto: Francisco foi levado perante o Sultão Malek-Al-Kamil preparando o terreno para um acontecimento histórico de natureza única, segundo vê Moses (2010: 143). No ardor missionário que movia Francisco e no seu desejo de viver segundo a forma do Santo

Evangelho, ele foi ao encontro dos cruzados em Damietta, muito provavelmente por inspiração divina, e quando sentiu o tempo favorável³⁰, atravessou suas trincheiras e chegou ao Sultão.

Ainda de acordo com Moses (2010: 145) não se sabe como e o que eles conversaram, nem como se entenderam, provavelmente havia um fosso linguístico entre os dois homens, mas em tempo de guerra, não é difícil supor que o Sultão e sua corte tivessem aprendido com alguns homens capturados de guerra a língua dos Ocidentais, o que lhe permitiria entender, pelo menos em parte, aquilo que Francisco queria dizer. Para alguns historiadores do século XIX e princípio do século XX,

A missão de São Francisco de Assis junto ao Sultão do Egito foi um ato de audácia ingênua, mas, todavia, um ato admirável que encarnava as boas intenções dos europeus para com os muçulmanos que precisavam de evangelização e de civilização. A cruzada militar e a missão de pregação não seriam antíteses, mas sim, complementares: sem os exércitos europeus, os pregadores não poderiam nunca legar seu contributo de luz e civilidade aos povos envolvidos nas trevas. (TOLAN, 2009:4).

Esta, contudo, não parece ser a visão do próprio Francisco, seja qual for a motivação que ele teve para ir ao encontro do Islã. O que parece claro é que a sua experiência de Deus o movia. Deus é para Francisco um Deus da experiência, do coração, do amor, do encontro humano, do dom de si e do empenho. Deus resplandece dentro do mundo, dentro da história e nas relações entre os homens. (ROTZETTER, 1990: 46).

Francisco queria viver a máxima do Evangelho: “Amai vossos inimigos.” Parece que antes de partir para o Oriente ele havia orientado seus frades para essa vivência do amor, na qual falava do amor incondicional: “diz o Senhor amai vossos inimigos [fazei o bem àqueles que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e caluniam]. Ama verdadeiramente seu inimigo quem não se lamenta por causa da injúria que este lhe faz.” (Ad, FFC, 2004: 99).

Lembrem-se das palavras de Nosso Senhor, ame seus inimigos, faça o bem àqueles que vos odeiam. Nosso Senhor Jesus Cristo, cujos passos devemos seguir, chamou de amigo o homem que o traiu, e se entregou de boa vontade aos seus carrascos. Portanto, nossos amigos são aqueles que por nenhum motivos nos causam desagrazos e sofrimentos, vergonha ou ferimentos, dor ou tortura, mesmo martírio e morte. São esses que devemos amar, e amar com toda a força, pois por todo o mal que nos façam, nós recebemos a vida eterna. (MOSES, 2010: 148-149).

Tolan (2009:46) considera que poucos autores do século XIII e XIV deram importância ao encontro entre Francisco de Assis e o Sultão, mas ao longo dos séculos este encontro recebeu várias interpretações. Se cada tempo leu o encontro de Francisco na sua ótica, é possível e legítimo que hoje, no início do século XXI, se possa ler o mesmo encontro

³⁰ Na sua Regra não Bulada, Capítulo XVI Francisco diz que há um tempo favorável que é o tempo que agrada ao Senhor. (Cf. RnB XVI, FFC, 2004: 176).

com o viés de diálogo inter-religioso. Evidentemente reconhecendo que esta é uma linguagem completamente desconhecida para Francisco e o seu tempo, mas, contudo, reconhecendo que a postura do mesmo vai ao encontro do que hoje se compreende como busca do diálogo.

Se para muitos historiadores a missão de Francisco junto ao Sultão pode parecer uma aventura pessoal e sem uma maior expressão no movimento das cruzadas, no entender de Basetti-Sani (1975: 158), o que se tenta perceber aqui é o fato de Francisco ter ido para esse encontro em meio a uma guerra, ter voltado vivo (o que já é um fato expressivo), e, ainda mais relevante, é o fato de que não se encontra em seus escritos qualquer expressão de oposição aos muçulmanos, ou nenhuma referência de tratamento dos mesmos enquanto inimigos, em um momento que toda a Igreja se voltava contra os mesmos. Ao contrário, nos escritos de Francisco há fortes indícios de que o encontro com o Sultão deixou marcas fortes na sua piedade e na sua relação com a Igreja.

Neste capítulo se aborda o desejo de Francisco em visitar o Islã, as motivações que o levaram a deixar o território dos cristãos e seguir desarmado para o campo dos muçulmanos, onde se encontra com o Sultão Malek-Al-Kamil. Será descrito o momento histórico e a mentalidade que cercava o universo dos cristãos e dos muçulmanos naquele agosto/setembro de 1219.

3.1 O desejo de ir ao Islã³¹

Algumas das primeiras biografias de Francisco de Assis mostram claramente que ele tinha um desejo muito grande de ir ao encontro dos muçulmanos. Este desejo foi barrado por alguns incidentes que o fizeram fracassar algumas vezes³² nas suas tentativas. A primeira tentativa foi barrada por causa de um naufrágio; em uma segunda vez a tentativa esbarrou em uma enfermidade. Mas, depois de alguns anos ele conseguiu alcançar seu objetivo e chegar onde tanto desejava.

Entre 1209 e 1212 (não podemos ser mais precisos quanto às datas), Francisco tentara chegar à Síria; se embarcou em 1212 podemos supor que partiu para levar sua mensagem de paz em tácita oposição à das fileiras de jovens (a chamada cruzada das crianças) que, saindo da França e da Alemanha, estavam atravessando a Itália para ir combater na terra santa. Uma cruzada improvisada e trágica que jamais chegaria ao seu destino. Uma tempestade obrigou Francisco a desembarcar na Dalmácia e depois a voltar a Ancona [...] poucos anos depois, entre 1212 e 1214, talvez exatamente ao completar 33 anos, a idade da morte do Redentor, Francisco foi ao Marrocos para pregar aos “sarracenos” com brandura evangélica e, se necessário até ao martírio. [...] A viagem de Francisco se configurava como um possível contraponto em chave de paz, mas foi interrompida na Espanha, onde uma grave doença fez fracassar o projeto e obrigou o malogrado missionário voltar. (FRUGONI, 2011: 102-103).

Os fatores que pareciam mover Francisco podem ser diversos. O primeiro e mais abordado pelos autores da época fala do martírio, o que, evidentemente ele não conseguiu. Outra abordagem que encontra muita plausibilidade é o desejo do diálogo, diante da cristandade em armas que pensava que apenas com a força se conseguiria resgatar os locais santos. E diante de uma Igreja que resolvia as suas divergências com a violência e a morte, surgia Francisco, com palavras diferentes e dissonantes, mas, sempre extraídas do Evangelho (FRUGONI, 2011: 108). Ainda um terceiro motivo que poderia ter levado Francisco ao encontro dos muçulmanos, é o desejo de converter o Sultão, que, se uma vez convertido ao cristianismo, não haveria mais a necessidade da guerra.

Pode ainda ser apontado como objetivo de Francisco o desejo de dialogar, conhecer um pouco mais o outro. Parece-nos que a própria Igreja conhecia muito pouco do Islã, que foi considerado por muitos uma heresia (FLETCHER, 2003:94), e só mais tarde foi reconhecido como uma religião diferente. Assim sendo, muito pouco conhecia um da religião do outro. Esse desconhecimento aumentava mais a distância entre dois mundos irmãos.

³¹ Alguns textos que falam da viagem ou do encontro de Francisco com o Islã estão anexados no final desta pesquisa.

³² Quando escreveu o Capítulo XVI da Regra não Bulada, Francisco prescreveu aos seus irmãos que desejavam ir para o meio dos sarracenos que pregassem quando isso agradava a Deus. Talvez, o fato de ter fracassado duas vezes na tentativa de ir ao encontro dos muçulmanos em momentos de relativa paz (entre 1209 e 1212), tenha despertado nele a consciência de ter sido enviado por Deus em épocas de terríveis batalhas.

Uma possibilidade que ainda se respalda em toda a trajetória de Francisco, é a tentativa de um acordo de paz, uma vez que a guerra entre cristãos e muçulmanos era um escândalo diante do Evangelho.

Desejos de martírio, de conversão do Sultão, de diálogo e proposta de paz não se opõem, mas podem formar um mosaico muito rico na trajetória de um homem que se preparou para uma guerra em nome do servo dos servos de Deus, mas no caminho foi convidado pelo Senhor dos senhores a voltar para casa e repensar a própria vida; de um homem que se sentiu convidado a restaurar uma Igreja em ruínas e a viver com seus irmãos, de acordo com a forma do Santo Evangelho; homem que foi levado por Deus ao encontro dos leprosos, que recebeu irmãos para a formação da fraternidade, também como ação de Deus, segundo seu próprio entender, e possivelmente, por inspiração divina, foi ao encontro do Sultão.

Mas independente de todas estas motivações que poderiam mover Francisco, há ainda uma motivação que estava na alma de todo cristão, o desejo de ir à Terra Santa como peregrino. Desde que Jerusalém foi retomada por Saladino e, conseqüentemente, pelos muçulmanos, em 1187, o Ocidente gritava à exaustão o desejo de ir a Jerusalém.

Cada um se acusava de ser o culpado de tanta desventura com os próprios pecados. As Igrejas permaneciam abertas de dia e de noite, os sacerdotes repetiam de dia e de noite o triste salmo do povo de Israel: 'Deus, venerunt gentes in hereditatem tuam'. (RADI, 2006: 29).

Contudo, não se pode negar a vocação missionária de Francisco e o seu impulso místico de se relacionar com os infiéis, com vigor excepcional, não mais um encontro violento, mas um encontro fundamentado no viver segundo o Santo Evangelho e no testemunho pessoal, segundo Radi (2006: 30). É possível ainda que Francisco tenha ido pregar também aos cristãos e mostrar que Jesus veio para redimir tanto os filhos de Ismael quanto os filhos de Isaac, tanto judeus, como cristãos e ainda muçulmanos de acordo também com a análise de Pirone (2003: 52).

O martírio

Quando se estuda a história da Igreja, percebe-se que desde os atos dos apóstolos há uma valorização muito grande do testemunho sobre a fé em Jesus e a prova maior deste testemunho passa a ser o martírio, como a entrega daqueles homens e mulheres que misturaram seu sangue ao sangue de Jesus. O exemplo típico é o de Estevão, chamado o primeiro mártir cristão, e que foi morto na presença de Saulo, conforme o relato de Atos dos Apóstolos (AT 7,54. 8,1). O próprio Paulo, antes Saulo, foi feito mártir ao fim da vida. Aqui,

mais uma vez, Francisco e Paulo se encontram. Contudo, durante o período da perseguição romana aos cristãos esta valorização do martírio ganhou ainda mais destaque, sendo o mártir o modelo perfeito de cristão.

A partir do século XI, em função das cruzadas, há uma nova valorização do martírio: “Não é por acaso que durante a primeira cruzada se encontra prodigiosamente a lança que havia traspassado Jesus. Alguns hereges afirmam que a única maneira de se alcançar a salvação é o martírio.”. (MANSELLI, 1997:203).

Vê-se que a tese de que Francisco desejava o martírio está inserida em uma mentalidade construída, e que se difundia por toda a Europa, que, de certa forma, dava força para o desejo de lutar contra os inimigos da fé:

Quanto ao desejo do martírio, criou-se uma mentalidade entre os cristãos de que o sarraceno, além de ser inimigo da fé, era também o ser mais cruel da face da terra, pronto a degolar o cristão pelo simples fato de ser cristão. Na mente do povo cristão criou-se uma verdadeira neurose de guerra contra os sarracenos. Matar o sarraceno era ser herói de Cristo, morrer nas mãos dos sarracenos era ser martirizado por Cristo. Toda a Europa respirava esse ar. (TEIXEIRA, 2005:16).

Mas se o que movia Francisco era mesmo o desejo do martírio, nele, este martírio ganha uma nova função: não quer morrer para mostrar que os muçulmanos são mesmo filhos da perdição, mas deseja a morte para uma redenção de cristãos e também de muçulmanos, apresentando uma perspectiva anti-cruzada. Desse modo, ele morreria pelos cristãos e também pelos muçulmanos, fazendo do martírio um anti-martírio:

Francisco deveras acreditou inicialmente que o seu martírio eventual iria falar ao Islão. Notemos, via de regra, o martírio se dirige mais à Igreja que aos carrascos, para fortalecer a fé da comunidade. Mais ainda, não deve ser nem procurado nem provocado.

Mas fazer do martírio como tal um ato de apostolado missionário, com toda a lucidez, isto não era assim tão evidente. Eis a audácia de Francisco: pensar que seu martírio falaria mais ao Islão do que à Igreja. Contra a extravagância da cruzada seria necessário para o Islão um testemunho radical, que seria o seu antípoda. O martírio seria a objeção de consciência apresentada a todos aqueles que apelam à intolerância de uma guerra santa: a anti-cruzada. (BEER, 1982:24).

Os primeiros biógrafos de Francisco não poderiam fugir à mentalidade da época, na qual se fortalecia a ideia de martírio em nome da fé; portanto, é natural que, em quase todos, a primeira questão apresentada para a ida de Francisco aos sarracenos seja o ardente desejo de martírio. Se o martírio era uma forma expressa de mostrar a importância de um santo, é provável que eles quisessem inseri-lo no grupo dos mártires, ainda que na forma do desejo.

Os primeiros biógrafos de Francisco insistiam que o seu interesse por líderes muçulmanos refletia um desejo por uma morte santificada – um “desejo ardente pelo martírio”, como

escreveu Tomas de Celano ao relatar a viagem planejada para o Marrocos – e não um plano de evangelização ou pacificação. A Igreja celebrava o martírio, o sacrifício último; morrer por Cristo levava direto à santidade. Esses biógrafos mais antigos usaram o seu suposto desejo pelo martírio para explicar porque um santo tão importante nunca endossou as cruzadas e agiu de forma tão pacífica com um inimigo. Esses cronistas não aceitavam que um dos maiores santos cristãos pretendia ter um discurso civilizado com o Islã. O lobo do lado de fora dos portões. Isso não quer dizer que Francisco se opusesse ao martírio; sua regra primitiva exigia que os irmãos que desejassem pregar a fé cristã aos muçulmanos estivessem preparados para morrer. (MOSES, 2010: 62).

Ser mártir era uma honra a mais na vida de um santo, o que o levava a uma perfeita imitação de Cristo segundo Hoerberichts (2002: 201). Este desejo de imitar o Cristo pode ser uma chave de leitura para Celano e Boaventura no que diz respeito ao desejo de martírio em Francisco. Há, ainda, o fato de que nem a crônica de Ernoul e nem a de Vitry mencionarem qualquer coisa sobre suplício e sofrimento diante do Sultão conforme percebe Tolan (2009: 74).

Boaventura parece exagerar quando fala do desejo de martírio, e exagera ainda mais quando fala do cruel Sultão e de um decreto que o mesmo havia estabelecido, dando um besante de ouro pela cabeça de um cristão, fato que não é conhecido em nenhuma outra fonte. Ainda mais pelo fato de que o momento em que Francisco foi ao encontro do Sultão era de relativa tranquilidade e negociações de paz:

O ardente amor o impulsiona a buscar o martírio uma terceira vez. Seguindo Tomas de Celano, Boaventura disse que Francisco foi à “Síria” para encontrar o Sultão (o “Sultão dos sarracenos”, segundo Tomas, aqui, o “Sultão da Babilônia”). Francisco é indiferente a todos os perigos envolvidos em seu projeto; perigos que Boaventura exagera afirmando que o cruel Sultão havia expedido um “decreto que previa a recompensa de um besante de ouro para quem trouxesse a cabeça de um cristão” – um fato altamente improvável, não só porque não tem confirmação em nenhuma outra fonte, mas também porque, como vimos, a missão de Francisco se desenvolve verdadeiramente em um momento de relativa tranquilidade e de negociações. Mas este cruel decreto serve para colocar em evidência ao mesmo tempo a coragem de Francisco e a habilidade com que dominará a crueldade do Sultão. (TOLAN, 2009: 146).

Não é possível negar a possibilidade de martírio em um período de guerra, mas parece não ser essa a ideia ou motivação principal - ou tal ideia perde força perante o que parece ser o motivo principal de Francisco diante do Islã, que é a missão de paz. (HOEBERITCHTS, 2002: 201).

Quando se observa a maneira como Francisco agiu no acampamento dos cristãos, ao dizer que a batalha naquele momento não era desejada por Deus³³, e o comportamento que manteve diante do Sultão, segundo os primeiros biógrafos que relataram o encontro entre os

³³ Cf. 2 Cel VI-30, FFC, 2004:320-321.

dois, e se tomando como paralelo o comportamento dos protomártires do Marrocos (MANSELLI, 1997: 203-204, percebe-se que o pobrezinho tinha uma postura diferenciada, o que ficou ainda mais em evidência quando escreveu o capítulo XVI da Regra não Bulada. Ainda neste trabalho, se fará uma leitura dos protomártires, bem como do capítulo XVI da Regra não Bulada.

Sem dúvida, o martírio era importante para a sociedade medieval e atestava a santidade de um cristão, mas segundo sugere a trajetória de Francisco, este não era seu maior objetivo, embora, com toda certeza, tivesse clareza de que tal fim fosse possível diante da animosidade que movia corações cristãos e muçulmanos. É possível que o coração do irmão da paz fosse movido por outro objetivo que pudesse por fim a mais de um século de conflitos - a conversão do Sultão, uma vez que a guerra era movida por fins religiosos.

Converter o Sultão

Nos primeiros biógrafos de Francisco parece claro que o pobrezinho, no seu encontro com o Sultão, tinha também o desejo de converter o líder dos muçulmanos e os seus súditos, o que acabaria com as motivações da guerra e selaria a paz definitiva entre cristãos e muçulmanos. Há aqui, mais uma vez, uma ideia missionária muito forte, quando o jovem de Assis entende a sua presença em Damietta como o cumprimento de uma missão que recebera do próprio Senhor, e não dos servos.

No dizer de Celano, ele rasgava a terra com o arado da palavra, para semear no coração dos sarracenos e seus correligionários a semente do Evangelho. Mesmo se vendo frustrado por duas vezes em suas tentativas de se encontrar com os muçulmanos, ele não desanimou e, na terceira tentativa, conseguiu chegar diante do Sultão e pregar com imenso ardor.

Mas quem seria capaz de narrar com quanta virtude do Espírito lhe falava, com quanta eloquência e confiança respondia aos que insultavam a lei cristã? Antes de ter acesso ao Sultão, capturado pelos correligionários, atacado com ultrajes, castigado com açoites, não se amedronta; ameaçado com suplícios, não teme, com a morte planejada não se apavora. E, embora tivesse sido maltratado por muitos com ânimo bastante hostil e com espírito adverso, no entanto foi recebido pelo Sultão com muita honra [...] o Sultão ficou muito tocado pelas palavras dele e ouvia-o de muito bom grado. (1 Cel XX-57, FFC, 2004:236).

Juliano de Espira³⁴ também diz que Francisco, além do desejo de martírio, queria anunciar aos sarracenos o Evangelho de Cristo, e este desejo de pregação era tão ardente que,

³⁴ Frade franciscano que escreveu uma biografia de São Francisco, provavelmente elaborada entre os anos de 1232 e 1235, e que também faz parte das FFC.

“por vezes, caminhava com tal disposição que, indo à frente sozinho por causa do fervor de espírito, deixava para trás seu companheiro de peregrinação.” (Jul VII-35, FFC, 2004:526).

Francisco ardia de amor e queria que todos experimentassem o mesmo amor, anunciava a toda natureza o amor de Deus. Pregar o Evangelho ao Sultão, líder dos sarracenos, era uma tentativa de levar a mensagem de Jesus aos muçulmanos, e uma maneira concreta de tentar por fim a uma guerra que já durava anos e assolava vidas, como Francisco pôde perceber em Damietta “onde a cada dia recrudesciam batalhas fortes e duras entre cristãos e infiéis.” (1Cel XX-57, FFC, 2004:236).

Também Boaventura narra o desejo de pregar a fé cristã:

E pregou ao predito Sultão com tanta firmeza na alma, com tanta virtude de ânimo e com tanto fervor de espírito o Deus Trino e Uno e Jesus Cristo Salvador que ficava claro que nele se cumpria verazmente aquela palavra do Evangelho: ‘Dar-vos-ei boca e sabedoria a que não poderão resistir todos os vossos inimigos’ (Lc 21,15). E o Sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor do espírito e a virtude, o ouvia com prazer (LM IX-8, FFC, 2004:613).

Os florilégios³⁵, flores colhidas na história de Francisco por alguns de seus amigos, falam mesmo da conversão do Sultão, embora, sobre isto, não haja uma confirmação histórica, mas, sem dúvida, mostra uma interpretação de que havia em Francisco essa intenção. Segundo os autores dos florilégios, ele, instruído pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé católica, que se ofereceu para comprová-la através do fogo,³⁶ e prometeu enviar irmãos para acolher o sultão na fé³⁷.

Nosso santíssimo pai Francisco, impelido pelo zelo da fé e pelo fervor do martírio, atravessou o Ultramar com doze santíssimos companheiros seus, propondo dirigir-se diretamente ao Sultão. Então, quando chegou às terras dos pagãos, nas quais guardavam as estradas homens tão cruéis que nenhum cristão que passasse por ali podia escapar da morte, com a disposição de Deus, eles, de fato, se esquivaram da morte. No entanto, capturados, atormentados de múltiplos modos e fortemente amarrados, eles foram conduzidos ao Sultão; na presença dele, São Francisco, instruído pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé católica que se ofereceu para comprová-la através do fogo.[...] E o Sultão lhe disse: “Frei Francisco, eu de bom grado me converteria à fé de Cristo, mas temo fazê-lo agora,

³⁵ Coletâneas de episódios e ditos colhidos sem ordem cronológica a respeito da vida de São Francisco, os autores (Freis Leão, Rufino e Ângelo) não pretendiam elaborar uma legenda, mas tiveram o propósito de coletar “flores”, o que mostra que eles tinham consciência de que seu trabalho pertencia a outro gênero literário que não o das legendas. Enquanto a legenda se revestia de um caráter oficial, os florilégios distinguiram-se por sua maneira familiar de abordar os temas e as recordações de acontecimentos que, muitas vezes, os próprios escritores tinham participado. Ver: FFC, 2004:42.

³⁶ **Compilações e florilégios**, 1179. Sobre a prova do fogo: alguns autores falam da proposta da Ordália de fogo proposta por Francisco como prova da verdadeira fé, mas, a história relata que também Mohamed havia feito esta proposta aos nestorianos e esses a haviam recusado.

BEER (Francisco de Assis e o Islão, p. 25). Contudo, o IV Concílio de Latrão, no Cânon 18, proíbe aos clérigos de favorecerem esses costumes sinistros com qualquer benção. (Cf. JEUSSET, **Encontro na outra margem**: Francisco de Assis e os Muçulmanos, 1995: 96).

³⁷ O texto na íntegra se encontra no anexo 10.

porque estes meus homens, se percebessem, imediatamente matariam a mim e a ti juntamente com teus companheiros [...] Disse-lhe São Francisco: “Senhor, na verdade, retirar-me-ei agora; mas depois que eu estiver voltado à minha terra e, chamando-me Deus, tiver passado ao céu, enviar-te-ei depois da minha morte, por disposição divina dois dos meus irmãos, dos quais receberás o batismo e te salvarás, como me revelou o Senhor Jesus Cristo. (AtF XXVII, FFC, 2004:1178-1180).

Os mesmos Florilégios vão dizer que, anos depois, o Sultão já doente, recebeu dois frades franciscanos que lhe ditaram as verdades da fé, e pela oração dos frades o Sultão recebeu o Santo Batismo. Regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai.

Depois de alguns anos, o Sultão adoeceu; e, esperando a promessa do santo, que já havia migrado à vida de beatitude, colocou observadores às saídas das portas para que, quando dois irmãos aparecessem trajando o hábito de São Francisco, eles os conduzissem às pressas até ele. E, naquele mesmo tempo, apareceu o bem-aventurado Francisco a dois irmãos seus e ordenou-lhes que sem demora se dirigissem ao Sultão e cuidassem diligentemente salvação dele, como lhe prometera. Eles executaram devotamente a ordem; e, atravessando o mar, foram conduzidos pelos mencionados observadores ao Sultão. Quando os viu, o Sultão alegrou-se com imenso júbilo dizendo: “Agora sei verdadeiramente que o Senhor me enviou seus servos; porque, como São Francisco prometeu, revelando-lhe o Senhor, assim cuidou de mim, enviando-os solícitamente para minha salvação”. O Sultão, recebendo, pelos irmãos os ensinamentos da fé e o santo batismo, regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai. (AtF XXVII, FFC, 2004:1178-1180).

Se Francisco desejava converter o Sultão, o fazia por causa de sua intimidade com o Deus Altíssimo; corria ébrio de amor à frente de seus companheiros no intuito de anunciar esse Cristo e não se sentia melhor do que os infiéis, mas, ao contrário, sentia-se um privilegiado por conhecer o Evangelho, privilégio que queria partilhar com os muçulmanos, no pensar de Beer. (1982: 22).

A mesma frustração que há por parte dos biógrafos, pelo fato de Francisco não ter sido martirizado, pode ser percebida também no fato de não ter conseguido converter o Sultão. Este texto dos florilégios fala da conversão do Sultão, mas essa conversão soa mais como lenda edificante do que fato concreto: “O Sultão, recebendo pelos irmãos os ensinamentos da fé e o santo batismo, regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor aos júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai” (AtF XXVII, FFC, 2004:1180). E ainda o texto dos Fioretti diz: “Recebendo, pois, a informação da fé cristã, e o santo batismo dos ditos frades, assim regenerado em Cristo, morreu naquela enfermidade, e sua alma foi salva pelos méritos e operação de São Francisco.” (Fior 24, FFC, 2004:1529).

Não se pode estranhar o fato de o Sultão ter acolhido e escutado Francisco, uma vez que o nome de Jesus é extremamente respeitado dentro da comunidade muçulmana, como o

de um profeta enviado por Deus para trazer sua mensagem ao mundo, um nome amplamente conhecido no Corão.

Dialogar

Francisco, como bem nos mostram seus primeiros biógrafos, era um homem voltado para a palavra do Evangelho e, como tal, é possível que tal vivência o fizesse se aproximar das pessoas em busca do diálogo. Boaventura, na sua *Legenda Maior* mostra o pobrezinho se apresentando diante do Sultão e quando perguntado em nome de quem ia ele até o chefe dos muçulmanos, respondeu que não estava ali em nome de senhores e nem de reis, embaixador de reis ou do papa, mas em nome de Jesus Cristo. (LM IX-8, FFC, 2004:613).

Em tempos de guerra quando alguém se apresenta como embaixador, provavelmente vai negociar ou dialogar em nome daquele que o envia. Mas o pobrezinho foi em nome do Senhor, como arauto do Evangelho, em busca do diálogo.

A postura do pai seráfico diante dos considerados hereges segundo a visão de Crocoli, (2006: 126) e mesmo dos muçulmanos onde não se encontra qualquer palavra de reprovação, mostra que ele era um homem aberto ao outro, como o foi diante do leproso, dos ladrões e daqueles que encontrou pelo caminho.

Entre cristãos e muçulmanos faltava um diálogo respeitoso; muito ódio foi espalhado ao longo de séculos em nome da religião. Mas pouco se conhecia da religião do outro, e, em contrapartida, havia todo um imaginário negativo depois de mais de um século de propagandas fazendo do outro o próprio demônio, a besta fera a ser vencida, segundo a discussão de Basetti-Sani (1975: 21). Esse desconhecimento aumentava mais a distância entre dois mundos irmãos. Porém, Francisco foi recebido com respeito pelo Sultão que o escutou³⁸ atentamente em uma atitude de alguém que também sabia dialogar.

Francisco é claramente um embaixador daquele que o enviara, segundo Celano, para restaurar a Igreja em ruínas, por isso, abandonou o sonho das armas se tornando um irmão da paz. A guerra era claramente feita em nome dos reis e das religiões, eram possíveis acordos de paz, tréguas, mas Francisco parecia determinado a buscar algo a mais, o conhecimento do outro e o diálogo profundo, falando e ouvindo, aprendendo e ensinando³⁹. Claro está que em Francisco não havia e nem poderia haver a mentalidade e a consciência dialogal do nosso tempo, mas, germes de um coração buscador do diálogo aparecem claramente em suas atitudes.

³⁸ Cf. 1Cel XX-57, FFC, 2004:237

³⁹ Cf. 2Cel II-6, FFC, 2004:304.

Para Frugoni (2011: 110) há uma inscrição em um túmulo, ainda conservado no Cairo, mencionando o velho Fakhr al-Din-Farisi (conselheiro espiritual do Sultão Malik-Al-Kamil) que mostra que ele teve diante do Sultão uma aventura com um monge cristão, e embora Francisco não seja citado, é muito provável que o monge cristão tenha sido ele. E se o conselheiro do próprio Sultão relata tal encontro, é bem provável que o mesmo tenha ocorrido de forma cordial e em clima de um diálogo rico e espiritual, acordando sobre uma paz possível.

De qualquer forma, o pobrezinho não encontrou nos muçulmanos os demônios devoradores de gente como as pregações favoráveis às cruzadas previam, e o próprio Francisco parece ter tido uma posição diferente daquela na qual se encontrava.

A atitude de Francisco (em relação ao Islão) parece no mínimo estranha. Sua primeira viagem missionária nada tem a ver com a reconquista espanhola sobre o Islão, pois viaja à Síria um ano antes (1211). Nunca as palavras “cavaleiro” e, *a fortiori*, “cruzado” aparecem em seus escritos. Nenhum biógrafo nos relatos precedentes ousa apresentá-lo dessa maneira. Jamais enviará seus irmãos como pregadores de cruzada (ao contrário, muitos cruzados é que se farão irmãos menores). Jamais ele mostra consciência de superioridade em relação aos “infieis”. Tudo vem da graça divina; e se o “infel” tivesse recebido a mesma graça que ele, certamente seria mais agradecido! Por isso, em qualquer lugar e em qualquer ocasião, Francisco é apenas um “irmão menor”. Não se vê uma palavra ou alusão ferina quanto ao Islão em seus escritos, coisa rara naquela época, mesmo entre os santos. (BEER, 1982:22).

Francisco é um irmão menor que está aberto ao diálogo e como enviado do Deus Altíssimo quer estar com o outro, partilhar com ele a graça que recebeu, e essa partilha só é possível a partir do diálogo. Ao se ler suas primeiras biografias, pode-se perceber que sua relação dialogal com os sarracenos se insere num quadro muito mais amplo de relações fraterno-sociais com todas as demais classes de pessoas. E mesmo as criaturas da natureza, ele chamava de irmãs, observa Crocoli (2006: 121).

Francisco via uma separação entre a vontade de Deus e a guerra. Ele sabia de qual lado queria estar, e demonstrou isso ao Sultão: ele era o embaixador de Deus, e não do papa. Depois de dar início ao encontro com uma saudação de paz bem recebida, Francisco conseguiu se distanciar do beligerante Pelagio, bem como dos outros líderes cruzados, sem desaboná-los. (MOSES, 2010: 145).

Do outro lado, o Sultão o recebeu com cordialidade, deu forma ao diálogo. Para ele, talvez Francisco pudesse ser uma ponte de paz entre cristãos e muçulmanos, valendo-se mais uma vez de Moses (2010: 146), uma vez que já havia tentado alguns acordos com os líderes políticos e agora se encontrava diante de um místico que, em nome do Senhor, buscava a paz. O diálogo é o caminho para a paz, e Francisco, ao dialogar com o mundo muçulmano e em

especial com o Sultão Malek-Al-Kamil poderia abrir caminho para um novo tempo entre cristãos e muçulmanos, uma vez que a guerra atentava contra a vontade de Deus⁴⁰.

Propor a paz

A imagem que foi cunhada de Francisco ao longo dos séculos deixa transparecer claramente que ele era um homem de paz e da paz. Quando no processo de sua conversão começou a pregar, ele mesmo diz que o Senhor lhe havia ordenado à uma mensagem paz. “Como saudação o Senhor me revelou que disséssemos: O Senhor te dê a paz” (Test, FFC, 2004: 190). Foi a serviço da paz revelada pelo Senhor que ele começou a sua pregação, e antes de qualquer outro ato, o que se fazia era proclamar a paz como dom de Deus.

Em toda pregação sua, antes de propor a palavra de Deus aos que estavam reunidos, invocava a paz dizendo: “O Senhor vos dê a paz!”. Anunciava-a [a paz] sempre mui devotamente a homens e mulheres, aos que ele encontrava e aos que lhe vinham ao encontro. Por essa razão, muitos que odiavam a paz, com a cooperação do Senhor, abraçaram de todo o coração a salvação juntamente com a paz, tornando-se também eles filhos da paz e desejosos da salvação eterna. (1Cel X-23, FFC, 2004:213).

Não é difícil imaginar os horrores que a guerra provocava em Francisco, e tendo ele mesmo participado de batalhas em outros campos, é possível que tenha até matado homens nas batalhas, para mencionar novamente Moses (2010: 23). Com certeza feriu alguns, mas agora não servia mais aos homens, era um arauto do Senhor.

Francisco era claramente um homem da paz, e em todos os lugares a propagava como mandato do Senhor. Nele, “a paz era sentida como um bem supremo, o mais alto que se podia desejar. O Senhor te dê a paz. A obtenção da paz pela recuperação de Deus. A isto visava sua pregação penitencial.” (MANSELLI, 1997:123).

É possível imaginar o pobrezinho junto com frei Iluminado,⁴¹ entrando no acampamento do Sultão e desejando a paz. A mesma paz que era desejada nas saudações entre os muçulmanos e está na raiz da própria palavra Islã⁴². A paz que poria fim a morte de tantos homens como ele havia presenciado poucos dias antes no campo de batalha, como

⁴⁰ Cf. 2Cel IV-30, FFC, 2004: 321.

⁴¹ Iluminado é o Irmão Menor que estava junto com Francisco quando ele saiu do acampamento dos cristãos e foi ao acampamento dos muçulmanos em Damieta.

⁴² A palavra Islã está diretamente ligada à palavra paz, conforme se pode encontrar na tradução *do sentido no nobre Alcorão*: “Moslimes para ti: o termo corresponde, em árabe, ao particípio presente do verbo aslama, que, originariamente, significa entregar-se, posteriormente entregar-se voluntariamente à obediência; e restritamente, entregar-se ao Islão, a religião pregada por todos os profetas monoteístas. Estes termos derivam da raiz árabe salam, paz. Daí, o Islão: a religião da paz, e moslim: aquele que se entrega, inteiramente, a esta religião de Deus. E, no Alcorão, o termo moslim qualifica todos os profetas e todos os bons crentes.” (HELMÍ NASR, **Tradução do sentido do nobre Alcorão para a língua portuguesa**, s/d, 34, nota 2).

resultado de um combate que ele sabia não ser desejado por Deus. (2 Cel IV-30, FFC, 2004: 320-321).

Citando Moses (2010:13): “A tentativa de Francisco de intervir durante a quinta cruzada deve ser observada dentro do contexto da sua constante oposição à guerra, e ao orgulho e a avareza que, na maioria das vezes, eram a causa da guerra”. Não se pode perder de vista que os sonhos de Francisco antes de sua conversão eram a cavalaria, a nobreza, o servir aos senhores do mundo, melhor dizendo, aos servos dos servos, aqueles que faziam a guerra. Mas, o Senhor dos senhores lhe enviou para ser um profeta da paz.

Os historiadores que acreditam que Francisco apoiou as cruzadas parecem ter deixado de lado as evidências que mostram o quanto ele desprezava a guerra. Estes tampouco consideram adequadamente o fato de as biografias, de sua fase mais jovem, terem sido escritas num tempo em que os papas pressionavam fortemente para que os fiéis relutantes, que cresciam em número, dessem continuidade ao hesitante movimento de reconquista da terra santa. (MOSES, 2010: 14).

Francisco e seus frades eram pregadores da penitência e da conversão, anunciadores do Reino de Deus. Este anúncio estava intrinsecamente ligado ao anúncio da paz. A sua missão evangelizadora contém três elementos nucleares: a saudação da paz, a cura dos doentes e o anúncio do Reino; portanto, não se pode fazer uma leitura dicotômica dessa missão, o que a esvaziaria. Ir ao Sultão para pregar o Evangelho é ir a ele anunciar a paz.

Uma interpretação dicotômica poderia ver nestes três elementos três fases na tarefa de evangelizar, a saber, a saudação da paz, como sendo uma introdução; a cura dos doentes, como uma preparação para a evangelização; e o anúncio do Reino, que seria a missão evangelizadora propriamente dita. A nosso ver, porém, estes três elementos constituem a própria evangelização. O conjunto todo é anúncio do Reino. O Reino de Deus só pode ser Reino de paz, caso contrário não será Reino de Deus. Por isso a própria saudação da paz já é anúncio do Reino. (TEIXEIRA, 2005:9).

Francisco foi anunciar ao Sultão a paz, que em seu entender já era o anúncio do Reino, e, no momento que agradava a Deus⁴³, fez o que lhe fora ordenado: anunciar a paz. Que ele tenha anunciado e desejado a paz entre os muçulmanos é possível perceber na sua regra de vida e orientação para os seus irmãos.

A ânsia de Francisco por paz com o Islã fica especialmente aparente quando da sua sugestão de que seus irmãos vivessem calmamente entre os muçulmanos fossem “súditos” destes ao invés de se engajarem em disputas. Essa condição é enunciada em uma versão antiga do código de conduta para sua ordem, a sua Regra. Ele a escreveu logo depois do retorno à sua viagem ao Egito em 1220, prova convincente de que o encontro com o Sultão Melek-Al-Kamil o afetou profundamente. Também o Sultão possuía uma personalidade intrigante, um estadista adepto tanto da guerra

⁴³ Quando Francisco, no Capítulo XVI, fala sobre o momento que agrada a Deus, pode estar se referindo à sua própria experiência, pois já havia tentado outras vezes chegar aos sarracenos, sem sucesso. (RnB, FFC, 2004: 176).

quanto da paz; no Egito ele era conhecido por sua tolerância com relação à minoria cristã. Ele era um homem culto, que amava conversar e aprender com os sábios de sua corte. (MOSES, 2010: 15).

O homem da paz em plena guerra - se alguns historiadores reclamam a participação e o apoio de Francisco ao movimento dos cruzados, sua própria história parece se opor a esta possibilidade:

É necessário eliminar desde o princípio todo equívoco. Chamar São Francisco: “o mais sublime, o mais puro, o mais invicto entre todos os cruzados”, é um erro. Porque se ele quis responder generosamente ao apelo do papa para inserir-se no grande movimento das cruzadas, foi Cristo mesmo que o chamou para uma missão mais sublime, ao oposto dos ideais cruzados. (BASSETTI-SANI, 1975: 48).

Na ótica de Hoeberichts (2002: 77-78) a questão da paz nem era colocada ao mundo Ocidental nos séculos XII e XIII. As críticas feitas às cruzadas eram de outra ordem, e diziam muito mais a respeito da organização e do poder estabelecido; estavam muito mais voltadas aos nobres e aos papas do que à questão e ou ao desejo de paz.

A paz para o pobrezinho era fundamentada em uma radical experiência de Deus, onde ele havia fundamentado a sua vida desde que foi convidado a retornar para casa quando se preparava para a guerra.

Para Francisco de Assis a saudação da paz do Cristo ressuscitado não era apenas um axioma ou uma evidência espiritual, ela correspondia a uma experiência fundamental da sua vida - o enraizamento existencial em Deus é idêntico à experiência de paz⁴⁴.

Quando o irmão de Assis foi a Damietta ele era movido por muitos desejos, entre os quais, seguramente o desejo de fazer a paz. Um desejo que se enraizava no mandato divino e se intensificava ainda mais no fim de sua vida, buscando a paz em Assis e fora de Assis, entre cristãos e entre os muçulmanos. Suas pregações motivavam a paz, e Deus “dava às suas palavras tamanha eficácia que muitas facções de nobres, cuja loucura monstruosa das grandes inimizades os havia enraivecido descontroladamente levando a banhos de sangue, foram levados a negociar a paz.” (MOSES, 2010: 197).

⁴⁴ Toda a dinâmica da vida de Francisco e da ordem por ele criada está inserida na sua experiência de Deus tudo, que ele traduz em amor e paz: “Naturalmente ci si deve interrogare se “pace” sia l’unico luogo in cui Dio si mostra. Così devo indicare anche un’intera serie di frasi della tradizione Cristiana, che hanno la medesima struttura, ad esempio: ubi caritas ET amor, ibi Deus est (Dov’è carità e amore, lì c’è Dio), che, come si sa, è una formula litúrgica e corrisponde ad una buona teologia giovannea. Per Francesco d’Assisi la frase Ubi Deus, ibi pax non era tanto un assioma o un, ma piuttosto una evidenza spirituale. La frase corrisponde a un’esperienza fondamentale della sua vita. Il radicamento esistenziale in Dio è identico all’esperienza di pace”. (Cf. ROTZETTER, 1990: 89-90).

Francisco recusou as ferramentas dos cruzados, a exceção do sinal da cruz, foi um cavaleiro da não violência tentando levar os homens e seus reinos a um tempo de paz, chamando-os à penitência e à conversão.

3.2 O cenário do encontro – a Cruzada

Quando Francisco foi ao Egito, em 1219, a cristandade e o Islã já computavam cento e vinte anos de guerra declarada desde que Urbano II convocou a primeira cruzada. Durante a vida do pobre de Assis, já era o terceiro embate entre cristãos e muçulmanos.

O Islã era considerado pelos cristãos como a encarnação do mal, o anticristo. O papa Inocêncio III, na *Quia Maior*, uma das cartas convocatórias da Cruzada dizia:

Apareceu um filho da perdição, um falso profeta, chamado Maomé, que com o engodo de prazeres mundanos e o atrativo da volúpia carnal, arranjou meios de seduzir muita gente, desviando-a dos caminhos da verdade. Embora a sua perfídia tenha triunfado até este momento, depositamos, no entanto, a nossa confiança no Senhor, que já nos tem inspirado o que fazer, e esperamos ver chegar em breve o fim dessa Besta, cujo número, segundo o Apocalipse de S. João, corresponde a 666 [...] Desses anos já transcorreram cerca de 600. (JEUSSET, 1995: 59).

Para os cristãos, o Islã era um mal a ser banido da face da terra, uma ameaça ao reino de Cristo e, embora houvesse um tratado de paz, antes mesmo dele se extinguir, os cristãos já se preparavam para mais uma batalha. Ao identificar Mohamed e o Islã como as bestas do apocalipse, o papa colocava a cruzada contra elas como desígnio de Deus para a história humana. Para Hoeberichts (2002: 50), a besta seria vencida por Cristo e começaria, então, uma nova história.

O papa Inocêncio III e seu sucessor, Honório, tinham a convicção que a guerra era uma empreitada santa, era desejo de Deus acabar com os inimigos da cruz de Cristo, aqueles que violavam o lugar sagrado onde Jesus viveu e morreu. Enquanto os soldados se preparavam para as batalhas, entre o povo e o clero eram realizadas celebrações que invocavam a proteção do Senhor. Acreditava-se na função religiosa da guerra e que Deus combateria em favor dos cristãos.

Mais uma vez, ao se preparar para a batalha, os cruzados voltaram-se para os restos da verdadeira cruz. Em 18 de agosto de 1218, o patriarca Ralph de Jerusalém comandou descalço uma procissão com a cruz sagrada. Uma semana mais tarde trezentos homens tripulavam o navio de guerra, que era manobrado com grande dificuldade ao descer o turbulento rio Nilo. Os clérigos permaneceram na margem, descalços, orando pelo sucesso dos cruzados. (MOSES, 2010: 95).

Ainda em 1218, um ano antes de Francisco chegar a Damietta, morria o Sultão Al-Adil, pai de Malek-Al-Kamil. Com a morte do mesmo, Al-Kamil passava a ser o Sultão do

Egito e o defensor naquela batalha que se configurava contra os cristãos, mas tinha ainda uma outra questão a ser resolvida: “A transição de poder oferecia aos emires invejosos a oportunidade de encenar um golpe, ao mesmo tempo em que encarava os cristãos de frente, Al-Kamil também precisava proteger suas costas”. (MOSES, 2010: 96). Neste contexto de ameaças internas - os que desejavam o poder do Sultão, e as ameaças externas - os exércitos cruzados, se encontrava o jovem Sultão Al-Kamil.

O bispo de Acre, Jacques de Vitry, em suas cartas e pregações, corroborava com a mentalidade dos papas no que diz respeito aos anseios de Deus para a renovação da Igreja, e também no com relação à importância da cruzada para o reavivamento espiritual da Igreja do Oriente, que se dividia entre seitas e heresias.

Na antiguidade, explica o bispo, a Igreja oriental havia brilhado, difundindo a sua luz até o Ocidente, mas “a partir dos tempos do pérfido Mohamed até os nossos dias”, declinou, seduzida e enfraquecida pelas “propostas mentirosas de um falso profeta, amolecida e presa ao fluxo do prazer carnal”, sobrevivendo como um lírio entre os espinhos. (TOLAN, 2009: 36).

A primeira impressão de Vitry sobre Francisco foi de pouca importância, mas no decorrer deste estudo pode-se perceber que esta visão foi sendo modificada de acordo com o crescimento da comunidade e com o andamento da própria cruzada.

Aos poucos, os exércitos cruzados iam chegando e cercando a cidade de Damietta. Antes de chegar aos muros da cidade, os cristãos se animaram com vitórias importantes que os deixavam confiantes, tais como a conquista da Torre do Nilo. Os cruzados viam claramente a possibilidade de vencer as muralhas de Damietta, e eram então liderados por João de Briene que tinha o apoio dos chefes das três grandes ordens militares e também de Leopoldo da Áustria, havendo escrito carta de comum acordo ao Papa Honório, em 15 de junho de 1218 (JEUSSET, 1995: 64). No entanto, para Moses (2010: 98), chegava para se juntar aos exércitos e de certa forma liderar os mesmos, em nome do Papa, o Cardeal legado Pelágio Galvan.

Por sua vez, os muçulmanos sabiam que perder Damietta seria deixar as portas abertas para a tomada do Cairo e de todo o Egito, uma vez que a cidade estava situada no Delta do Nilo, sendo o principal acesso para o Cairo.

As tropas, tanto as cristãs quanto as muçulmanas, enfrentavam reverses da natureza, como as cheias do Nilo e o inverno rigoroso; enfrentavam também escassez de alimentos e suprimentos para as batalhas, ora avançavam os soldados cristãos, ora, os soldados muçulmanos. (JEUSSET, 1995: 71).

Para Manselli (1997: 205), quando Francisco chegou a Damietta, provavelmente o cerco à cidade estava no início. Embora a sua devoção à pobreza tivesse ganhado mais destaque na história do que o seu empenho pela paz, segundo observa Moses (2010: 47), o homem de Deus conseguiu chegar junto aos cruzados em um momento em que as batalhas se arrefeciam. Talvez ele tivesse outra leitura diante de toda a situação, uma leitura que não contemplava nem cristãos e nem muçulmanos.

Os cruzados da quinta cruzada estavam convencidos que em Damietta seria decidida para sempre a sorte do islã. Os muçulmanos não somente do Egito, mas de todo o mundo árabe estavam convencidos de que em Damietta não se defendia somente o país do Sultão, mas todo o islã do assalto dos agressores francos [...] Somente Francisco parecia ler a história à luz da sabedoria eterna, e não segundo as aparências e contingências superficiais. (BASSETTI-SANI, 1975: 135).

Ele parecia consciente de que a guerra não agradava a Deus e era preciso buscar outro caminho. Quando ele chegou à cidade de Damietta tanto cristãos quanto muçulmanos passavam por um momento difícil. (MOSES, 2010: 120).

Damietta era uma cidade muito bem protegida pelas suas torres e pelas águas do Nilo, mas desde 1213 já estava inserido no IV Concílio de Latrão o projeto de atacar a cidade, que foi calorosamente debatido, mais uma vez, em 1217, sendo uma forma de interromper as comunicações entre o Egito e a Síria⁴⁵. Os embates entre cristãos e muçulmanos foram marcados por novas tecnologias de guerra, entre elas as torres moveis que, cada vez mais, ganhavam mobilidade, e o fogo grego.⁴⁶

Entre os embates de Francisco se encontrava um homem forte da Igreja, alguém que estava ali em nome do servo dos servos, o Cardeal Pelágio Galvan, legado do Papa para a guerra contra os muçulmanos.

O Cardeal Pelágio

Entre os personagens cristãos que estiveram no cenário da V Cruzada, Pelágio Galvan é, com certeza, quase que uma unanimidade no que diz respeito ao desprezo, tanto de cristãos quanto de muçulmanos. Sua presença e ação junto aos muros de Damietta recebem reprovação muito clara dos cronistas cristãos do seu tempo.

O papa Honório havia enviado Pelagio com o objetivo de unir as forças católicas, um tanto fragmentadas, e para pregar moralidade as tropas. Ele rapidamente tornou-

⁴⁵ Cf. Studi Franciscani, 2011: 428.

⁴⁶ Arma de guerra desenvolvida durante a V Cruzada. Instalada tendo como base dois grandes navios que navegam juntos, e sobre os quais se erguia uma torre onde eram colocadas catapultas que lançavam o fogo grego. Este consistia numa mistura química incandescente que queimava mesmo em contato com a água, sendo usado nas guerras especialmente pelos bizantinos. (JEUSSET, 1995: 66).

se o personagem mais controverso da quinta cruzada, colidindo com praticamente todo mundo – até com Francisco – enquanto levava adiante sua missão como enviado papal. Na crônica de Ernoul, sobre as cruzadas francesas, o escritor discute o destino de dois cardeais que tinham chegado ao acampamento cruzado. Enquanto um morreu, ele escreveu, “o cardeal Pelágio sobreviveu, o que foi uma pena”.

Conhecido por sua arrogância, Pelágio, Natural da Espanha ou Portugal, servia como enviado do papa Inocêncio III em Constantinopla depois que cristãos ocidentais frenéticos abandonaram a quarta cruzada com intenção de saquear a magnífica cidade e roubar os tesouros dos gregos bizantinos. Os gregos o desprezavam por seu ar de superioridade e sua opulência. (MOSES, 2010: 98).

Pelágio Galvan, um homem que sintetizava o poder de Roma, e junto ao poder, o desejo de dominar o mundo e exterminar os muçulmanos. Se o Rei João de Briene era o líder dos exércitos, Pelágio era o responsável pelos recursos financeiros enviados por Roma para manter a guerra, o que dava ao Cardeal certo poder de decisão, ainda para Moses (2010: 99) Pelágio acreditava que pela espada deveria converter os inimigos e no alto de seu poder dava pouca atenção aos estrategistas da guerra. Ele mandou prender monges, fechar Igrejas, condenou à morte os que não aceitavam a primazia doutrinal do Bispo de Roma, estava convencido de que trabalhava para o bem da Igreja e que cumpria a vontade de Deus. Mas, para Jeusset (1995: 66), foram os seus erros táticos e o seu orgulho que fizeram com que os cruzados fossem derrotados, mantendo, assim, a sobrevivência do Islã que ele tanto queria destruir.

Embora fosse um religioso no meio de um exército, Pelágio era o grande comandante dos ataques, ele tinha a chancela do Papa e agia em nome do mesmo, mas ao mesmo tempo, não tinha a formação de guerra, o que o tornava, de certa forma, prepotente. Mesmo quando João de Briene tentava mostrar que não eram interessantes tais ataques, ele não cedia, e dessa forma, comandou várias vezes invasões à cidade murada segundo descreve Moses (2010: 119).

Algumas vezes o Sultão do Egito propôs acordos de paz entre cristãos e muçulmanos, e em muitas delas os líderes cruzados se dispunham a fazer o acordo que parecia ir ao encontro do interesse do Ocidente. Entretanto, para Basetti-Sani (1975: 21), Pelágio parecia estar convicto do *slogan* criado na própria Igreja: “O Islã nasceu pela espada, cresceu pela espada e deverá ser morto pela espada.”

Al-Kamil sabia que o alimento dentro dos muros da cidade não duraria muito e seria muito difícil derrotar o exército cristão a tempo de salvar o povo cercado em Damietta da morte por doença e fome. Confrontado pela possibilidade de que milhares de seus súditos encurralados em Damietta pereceriam, o Sultão Al-Kamil apresentou uma proposta de paz, seria a primeira de muitas. O primeiro acordo que seus mensageiros levaram aos líderes cruzados oferecia conceder aos cristãos o controle de Jerusalém e os territórios à sua volta em contrapartida à retirada das tropas cruzadas do Egito [...] João de Brienne, seu camarada francês e os cristãos ocidentais que habitavam as partes da Terra Santa sob controle dos cruzados

queriam aceitar a proposta, que atingia amplamente o objetivo declarado da cruzada – reconquistar Jerusalém. Significava também evitar mais derramamento de sangue e uma oportunidade para João tornar-se rei de Jerusalém verdadeiramente. O cardeal Pelágio, no entanto, opôs-se ao acordo, uma decisão aplaudida por seus seguidores das cidades costeiras italianas, onde os mercadores estavam ansiosos para controlar Damietta com a intenção de expandir seus impérios comerciais. (MOSES, 2010: 106).

Ernoul, um dos cronistas das cruzadas, mostra em seus escritos uma profunda hostilidade para com o Cardeal legado, atribuindo a ele a responsabilidade principal pela falência da V Cruzada.

Segundo o cronista, a arrogância de Pelágio o levou a excomungar o rei João e toda a parte de Damietta controlada pelo mesmo, o que gerou divisões e insatisfação dentro do grupo cristão. Ao mesmo tempo não quis aceitar as propostas de paz do Sultão, propostas com as quais estavam de acordo o Rei João, os Templários e os principais barões da Terra Santa. Mas, o desejo do legado era mesmo exterminar os muçulmanos e acabar com todo o poder da Besta, e momento certo, para ele, era aquele. O legado pontifício, com suas atitudes, impulsionou os cristãos para a catástrofe. Segundo escreve Tolan (2009: 51-52), João de Briene ainda tentou salvar a Cruzada reunindo o que sobrou dos exércitos, mas não conseguiu por causa da obstinação de Pelágio.

Pelagio mandou encarcerar os monges, encerrar as igrejas dos recalcitrantes e condenar à morte os que não aceitassem a primazia doutrinal do bispo de Roma. Cegamente dedicado aos papas, Pelagio estava convencido de que trabalhava para o bem da igreja, mas foram precisamente os seus erros táticos e o seu orgulho que permitiram a sobrevivência do islame que ele esperava destruir. (JEUSSET, 1995: 66).

“Se a guerra foi perdida, precisa colocá-la em conta ao talento do Sultão e aos muitos erros de Pelágio, o arrogante legado que não permaneceu no seu lugar”. (TOLAN, 2009: 56). Na verdade em um primeiro momento os cristãos tomaram a cidade, precisamente em novembro de 1219, mas o Cardeal, animado pela profecia do apocalipse que falava sobre o fim da Besta, insistia em tomar todo o Egito, gerando conflitos entre os exércitos que estavam ao seu lado, e rechaçando todas as ofertas do Sultão.

Com estas atitudes os grupos cristãos foram enfraquecendo e os muçulmanos ganhando força, até que, em Agosto de 1221, os últimos retomaram Damietta, menos de dois anos após terem-na perdido. Na noite de 26 de agosto de 1221 os soldados cristãos resolveram deixar a cidade às escondidas, mas o destacamento germânico resolveu colocar fogo em suas tendas, aguçando os muçulmanos (MOSES, 2010: 190). Prossegue o autor (2010:191) que depois de perceber que havia perdido Damietta e os propósitos que tinha em mente, o Legado talvez tenha se dado conta de que fora um dos grandes responsáveis pela falência de tal

empreitada, deixando a outros a incumbência de hastear a bandeira e tentar negociar a paz que ele tantas vezes rejeitou.

As tentativas de paz

Durante séculos a cristandade e o Islã realizaram inúmeras batalhas, tomadas e retomadas de territórios. Avanços tecnológicos ocorreram na indústria bélica, milhares de mortes aconteceram, mas, em meio a conflitos, aconteceram também intercâmbios culturais, negociações comerciais e muitos tratados de paz. Fazendo um corte histórico, somente no período que antecede e se desenrola a V Cruzada, já é possível perceber algumas tentativas de tréguas e mesmo tratados que se preocupavam com a paz entre dois mundos que ora se repeliam, ora se aproximavam.

O pai de Malek-Al-Kamil tinha relações políticas com o então rei cristão, Ricardo Coração de Leão, uma amizade diplomática. Através dela, foram tentados alguns acordos de paz, e realizados outros. Al-Adil era um homem preparado, que gozava da estima de muitos cristãos que deram a ele o cognome Safadino (o sabre da religião). Ele foi responsável por grande desenvolvimento econômico do império Aiúbida, desenvolvendo acordos comerciais com cidades italianas, e buscando uma relação pacífica com os cristãos. (JEUSSET, 1995: 45).

Ricardo não conseguiu casar sua irmã com Al-Adil, mas tinha autoridade para conceder título de cavalaria ao filho mais velho do líder muçulmano. De acordo com uma crônica sobre as cruzadas, em 29 de março de 1192, “o Rei Ricardo, em Acre, em grande cerimônia, cingiu com o cinto de cavaleiro o filho de Safadin, que lhe havia sido enviado com tal propósito” esse filho, de onze anos de idade, era Malik Al-Kamil. É duvidoso que Al-Kamil tenha participado dos aspectos religiosos, mas é extremamente significativo o fato de Ricardo tê-lo cingido com cinta e espada. O espetáculo foi uma demonstração de diplomacia em ação, um esforço simbólico de ambos, Ricardo e Al-Adil, para mostrar sua boa fé com relação às negociações de paz. (MOSES, 2010: 81).

Esta relação de Ricardo e Al-Adil já demonstra que acordos de paz eram não só possíveis, mas também realizados. Esse contato permitiu que Al-Kamil, o futuro Sultão do Egito tivesse um conhecimento razoável da cultura cristã e que herdasse ainda do pai a propensão para acordos de paz que pudessem permitir um convívio sócio comercial tranquilo entre cristãos e muçulmanos.

Al-Kamil se preparava para a guerra, sabia que ela poderia acontecer a qualquer instante, mas ao mesmo tempo buscava um entendimento pacífico por meio do comércio.

Em 1213 o pai de Al-Kamil recebeu uma missiva ameaçadora do papa Inocêncio avisando que os cristãos logo retomariam Jerusalém. O papa explicou que Saladino havia conseguido tomar a cidade Santa em 1187 porque os pecados cometidos pelos cristãos provocaram a ira de Deus contra eles. E disse que, na próxima vez, isso seria diferente. Apesar dessa ameaça Al-Kamil continuou a buscar a paz, expandindo suas relações com as principais cidades da Itália. Ele negociou um pacto econômico com Veneza, e em 1215 – o ano em que o papa Inocêncio proclamou a próxima cruzada no concílio de Latrão – aproximadamente três mil mercadores europeus se encontravam no Egito. (MOSES, 2010: 86).

Durante o cerco de Damietta foi ficando claro que alguns cristãos, entre eles o Cardeal legado, queriam o extermínio dos árabes e outros. Os comerciantes queriam apenas expandir suas posses e seus territórios comerciais, rejeitando, muitas vezes, as propostas de trégua oferecidas pelo Sultão, mesmo quando Al-Kamil oferecia a posse de Jerusalém, a princípio o objetivo central da cruzada. Para Jeusset (1995: 110) várias ofertas de paz foram feitas, e todas rejeitadas uma a uma, mesmo quando João de Briene e seus correligionários achavam a proposta interessante, a mesma era rechaçada por Pelágio e seus seguidores.

Em uma carta endereçada ao papa Honório Jacques de Vitry escreveu que muitos dos cruzados consideravam interessante a oferta de paz feita pelo Sultão e desejavam aceitá-la. Mas aqueles que apoiavam o acordo, escreveu Vitry, não conheciam a dubiedade das ‘raposas’ muçulmanas. O bispo de Acre reconheceu que havia uma dissensão entre os cristãos, mas não mencionou ao papa que o famoso guerreiro João de Brienne – cujo prestígio pesaria na opinião de Honório – estava entre aqueles a favor da proposta de paz do Sultão. (MOSES, 2010: 121).

Para Basetti-Sani (1993: 693), parece que a Igreja e o Concílio IV de Latrão estavam mesmo dispostos a manter a guerra, deixando de lado qualquer solução pacífica. O que se pretendia era humilhar os árabes e impor a eles uma pesada derrota no Egito. (MOSES, 2010: 107). O horror da guerra, contudo, feria o olhar de um frade italiano vindo da cidade de Assis, que estava no acampamento, e era submisso a autoridade do Cardeal. Ele esperava o momento favorável falar sobre a paz, não da paz comercial, mas a paz que surgia de um modo de vida oriunda do Santo Evangelho. Ele ansiava pela hora de Deus.

O desejo de subjugar o Islã

A Igreja, desde 1095, tentava retomar os territórios que estavam em posse do Islã. No Ocidente, o papa Inocêncio III tinha conseguido um poder sem igual na história da cristandade, e esse poder queria também ser estendido. Assim, o Ocidente, de uma só vez, retomaria territórios em posse do Islã, e daria uma resposta à Igreja ortodoxa, demonstrando seu poder, e ainda colocaria o Islã sob suas ordens.

Havia um desejo latente de subjugar o outro, colocá-lo sob os seus domínios. A ideia corrente era que os muçulmanos haviam roubado as terras dos cristãos, a guerra de

reconquista não era nem religiosa e nem racial. O Papa chegou a citar o salmo 79: “O Deus, os pagãos invadiram a sua terra e profanaram o templo santo.” (JEUSSET, 1995: 222).

Até então, mesmo as altas autoridades da Igreja pareciam não ter nada para mostrar ao mundo muçulmano se não o desprezo por Mohamed e a força militar das cruzadas que deveria chamá-los a se submeterem ao cristianismo ou serem abatidos. Francisco deve recordar todas as exigências do Evangelho, mediante o seu exemplo. (BASETTI-SANI, 1975:61).

Mais tarde, Francisco vai convidar aqueles que quiserem ir ao encontro dos muçulmanos ou outros infiéis, que eles sejam submissos a toda humana criatura por amor a Deus⁴⁷. O Islã era um empecilho ao poder total da cristandade e do Papa, e talvez isso explique um pouco a grande resistência dos cardeais e dos legados papais em negociar a paz em determinados momentos da guerra.

O Islã havia crescido muito em pouco tempo, mais precisamente, nos dois primeiros séculos de existência, quando já dominava um grande território e possuía uma vasta riqueza; conforme percebe Radi (2006: 45) esta riqueza interessava muito aos comerciantes europeus, e manter todo o território sobre o domínio da Igreja era algo bem plausível. A guerra religiosa tinha um grande aliado, o poder econômico dos comerciantes ocidentais.

Talvez aqui, possa ser encontrada a chave de leitura para a posição de Francisco, que parece ser contrária à guerra. Ele queria viver segundo a forma do Santo Evangelho, era devoto da senhora pobreza e, como tal, sabia que as guerras eram travadas visando lucros e domínios aos quais ele era claramente avesso. (MOSES, 2010: 47).

Francisco se opõe a batalha

A informação da presença de Francisco junto ao acampamento dos cristãos chega-nos nas primeiras biografias que apontam também para um embate entre ele e o Cardeal Pelágio, uma vez que o pobrezinho desejava ardentemente atravessar as trincheiras da guerra para estar com os sarracenos. O embate se estendia também contra os comandantes da guerra, de tal forma que fica uma questão intrigante: afinal, o pobrezinho era ou não a favor das cruzadas? O que parece mais visível é a sua posição diante do embate de 29 de Agosto (JEUSSET, 1995: 79) quando ele diz, segundo Celano, que aquela batalha não agradava a Deus.

No tempo em que os exércitos dos cristãos sitiava Damietta, o santo de Deus estava presente com seus companheiros: na verdade, tinham atravessado o mar pelo fervor do martírio. Então, ao prepararem-se os nossos para o dia da batalha, tendo ouvido isto, o santo queixou-se profundamente da guerra. E disse a seu companheiro: “Se em tal dia acontecer o embate, o Senhor me mostrou, os cristãos não se sairão bem. Mas se eu disser isto, serei julgado como louco; se eu me calar, não escapo da

⁴⁷ Cf. RnB XVI, FFC, 2004: 176.

consciência. Portanto, o que te parece?” O companheiro respondeu-lhe, dizendo: “Pai, não te importe que sejas julgado como louco. Descarrega tua consciência e teme mais a Deus do que aos homens”. Então, o santo sai e dirige-se aos cristãos com admoestações salutares, desaconselha a guerra, anuncia a derrota. A verdade torna-se fábula, eles endureceram o coração e não quiseram ser advertidos. Vai-se, combate-se, guerreia-se e os nossos são acudados pelos inimigos. E durante a batalha, com espírito preocupado, o santo manda o companheiro levantar-se para olhar; e manda olhar pela terceira vez quem nada viu na primeira e na segunda. E eis! Toda a cavalaria dos cristãos voltada para a fuga, trazendo o fim da guerra a vergonha, não o triunfo. E por esta grande derrota o número dos nossos diminuiu tanto que houve seis mil entre mortos e prisioneiros. A compaixão para com eles consumia o santo, e não menos o consumia o arrependimento pelo acontecido. E lamentava principalmente os espanhóis, pois via que a coragem mais pronta deles nas armas deixara muito poucos. Conheçam estas coisas os príncipes da terra, e saibam que não é fácil lutar contra Deus, isto é, contra a vontade do Senhor. Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apóia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino. (2Cel IV-30, FFC, 2004: 320-321).

Embora o texto de Celano fale da batalha específica do fim de agosto é preciso levar em conta que toda propaganda da Igreja era em favor da guerra. O fato de um autor colocar a posição de Francisco diante de uma batalha, já abre caminho para uma visão mais abrangente, uma vez que, em nenhum momento, demonstra uma visão favorável aos embates entre cristãos e muçulmanos. Apontar o irmão de Assis como um propagandista ou mesmo apoiador das cruzadas parece ser um equívoco histórico. (MOSES, 2010: 14).

Na avaliação de Radi (2006: 33-35), Francisco sabia que ele e sua comunidade estavam constantemente sob os olhares críticos da hierarquia da Igreja, havia prometido obediência ao Papa e seus sucessores e não ousava falar de ninguém, não poderia se manifestar abertamente contra as cruzadas, ou contra a posição da Igreja diante das mesmas. Mas, o seu modo de vida era o clamor silencioso contra aquela guerra e todas as guerras.

Segundo Moses (2010: 123), Francisco acreditava que a guerra era uma força demoníaca, que liberava muitos demônios contra o projeto de Deus, e toda aquela preparação para a guerra o deixava em desalento. No entanto, a ordem de deixar a guerra, recebida em Espoleto, e, algum tempo depois, a segunda ordem de restaurar a Igreja em ruínas não o deixavam desanimar de seu projeto de dissuadir os cruzados do propósito de destruir o Islã pela espada. (Basetti-Sani, 1993: 695).

O pobre de Assis era um homem da paz em meio a uma guerra sangrenta; a sua posição contrária a mesma tornou-se explícita quando escreveu a sua Regra para aqueles que desejassem ir ao encontro dos muçulmanos e outros infiéis.

A ânsia de Francisco por paz com o Islã fica especialmente aparente quando da sua sugestão de que seus irmãos vivessem calmamente entre os muçulmanos fossem “súditos” destes ao invés de se engajarem em disputas. Essa condição é enunciada em uma versão antiga do código de conduta para sua ordem, a sua Regra. Ele a

escreveu logo depois do retorno à sua viagem ao Egito em 1220, prova convincente de que o encontro com o Sultão Malek-Al-Kamil o afetou profundamente. (MOSES, 2010: 15).

Este texto da Regra merecerá uma análise pormenorizada em outro capítulo, bastando, por ora, ressaltar que Francisco, que queria viver segundo a forma do Santo Evangelho, era um homem voltado para a paz.

3.3 Paz e Missão

A convicção missionária de Francisco pode ser percebida com o crescimento de sua comunidade e o seguimento do modelo de via adotado, segundo os evangelhos, por Jesus de Nazaré que enviou seus discípulos para anunciarem ao mundo todo a penitência para a conversão dos pecados e o Reino de Deus (cf. Mt 26). Da mesma forma que Jesus enviou seus discípulos, também o irmão de Assis envia seus frades para que possam anunciar o reino de Deus e convocar o povo à penitência. Junto ao anúncio da penitência, e inerente a ele, o anúncio da paz⁴⁸ começava a ser desejado em todos os lugares.

Paolazzi (2008: 128) expõe que quando Francisco foi a Damietta ao encontro dos cruzados e dos muçulmanos reascendia nele o projeto de missão, e junto da missão o anúncio da paz que o jovem de Assis tinha como revelação e mandato do próprio Altíssimo. Diferente da Igreja, que queria a paz só para os cristãos, o pobrezinho a desejava para todos os homens. Aquela paz que se sobrepõe a toda a humana compreensão. Aquela paz que foi pregada e desejada por Jesus Cristo, e depois anunciada por ele do início ao fim de todos os seus discursos, estando presente em toda e qualquer saudação, suspirada em toda contemplação, e assim, o fazendo sentir cidadão daquela Jerusalém celeste. (BASSETTI-SANI, 1975: 67-71).

Para ele, a paz era a origem de todas as graças, a raiz de todos os méritos, a plenitude de toda a alegria⁴⁹, a posse de todas as virtudes. Portanto, a missão da Igreja e também a sua deveria ser a de empunhar o Evangelho e não a espada, pois, contrariando a propaganda bélica da Igreja, o pobrezinho sentia horror da morte nos campos de batalha. Os primeiros biógrafos relatam a dor de Francisco diante da morte dos espanhóis⁵⁰ e alguns querem afirmar que ele não se importava com os muçulmanos, lamentando apenas a morte dos cruzados. (VIGNELLI, 2009:25-48). Crê-se que seria difícil e arriscado para um Celano, e ou um

⁴⁸ A paz era o núcleo central de toda a vida de Francisco, não se podendo, em momento algum, dissociá-la do modo de vida que ele e seus frades escolheram: “La pace! Ecco il messaggio: Evangelizzare è prima di tutto annunciare la pace, la grande pace messianica, quella che riconcilia gli uomini con Dio e che deve anche riconciliare gli uomini tra loro, trasformando le loro relazioni e liberandoli da ogni servitù. Questa pace non può essere annunciata che da uomini senza cupidigia e puri da ogni voltontà di potenza”. (LÉCLERC, 1982: 73-4)

⁴⁹ Ver, no Tópico 3.7, o conceito de Perfeita Alegria formulado por Francisco para seu Irmão Frei Leão.

⁵⁰ Cf. 2 Cel IV-30, FFC, 2004: 321.

Boaventura, colocar nos olhos de Francisco, lágrimas pela morte dos muçulmanos, tidos por quase toda cristandade como inimigos a serem exterminados. Por isso, Francisco invocava a memória dos primeiros cristãos, que mesmo sendo perseguidos, louvavam a Deus e não revidavam conforme descreve Basetti-Sani (1975: 71).

Se a Igreja primitiva e os evangelhos eram os modelos para a restauração da Igreja no sentido da organização e da piedade, deveriam ser também no sentido da missão e da paz; aqui está a raiz da missão de Francisco e de seus frades, e também a justificativa para o seu comportamento diante de cruzados e muçulmanos, o frade menor, um homem da paz.

Para Radi (2006: 67) Francisco sabia que os muçulmanos eram inimigos dos cristãos, por mais de 100 anos esta inimizade era alimentada com todo o tipo de propaganda no Ocidente, mas, ele sabia também que os muçulmanos, inimigos ou não, não poderiam ser assassinados, nem mesmo por uma causa nobre como a conquista da Terra Santa, pois essa posse não merecia o sacrifício e a morte de nenhum cristão, como também de nenhum muçulmano

Teixeira (2005:17) esclarece que a missão de Francisco junto aos muçulmanos parece deixar transparecer que sua meta era atingir um tratado de paz, não aquela paz que tinha data de validade, e servia apenas para descansar os exércitos em preparação para uma nova etapa da guerra. Mas, a paz duradoura, fruto do entendimento de homens que acreditavam no Deus da paz, que ele experimentava cada vez que se abria ao encontro com alguém, vivendo o Evangelho e a Minoridade⁵¹.

Ainda segundo Teixeira (2005: 17) Parece ainda que esta missão está intimamente ligada à cruz, e sobre o olhar da cruz é possível ver a salvação que atinge a todos os homens, entre eles os muçulmanos, o que expressa a tolerância, senão uma abertura para o outro. Como Francisco parecia entender a encarnação e paixão do Filho de Deus, estava sempre aberto às relações de estima, respeito e amizade.

É bem provável que pobrezinho tivesse um profundo respeito pelo Islã e reconhecesse seus fiéis como irmãos, graças ao sinal de Cristo, uma vez que, conforme descreve Pirone

⁵¹ O Deus de Francisco, abraçado na praça de Assis é o Pai de todos e deseja a paz a todos, ser menor, se abrindo cada vez mais à fraternidade universal: “Con la etiqueta de minoridad que Francisco cuelga a sus seguidores, la fraternidad franciscana se abre al mundo con las perspectivas que hemos expuesto de Francisco: paz interior por la que el Hermano asume la relación de amor que Dios Padre há establecido com el mundo por media la vida y obra de su Hijo Jesús de Nazaret. Paz em la relaciones fraternas por la que lós hermanos se entienden como personas que son em la medida que aman a lós demás, constituyendo una comunidad que desea ser um pejo de la comnuidad que Jesús forma para nunciar el Reino a su pueblo, cumpliendo lós consejos básicos que explicitan um comportamiento adecuado al Dios que habla a sus hijos: sin ofender, sin ejuiciar, es decir, sin excluir nadie, sea cual fuere el comportamiento de la gente hacia ellos, porque Díos es padre de todos y todos son hermanos entre sí. Paz com el mundo para proclamar y celebrar la que há establecido Dios con su creación”. (Cf. FRESNEDA, 2007: 73).

(2003: 63), a essência da sua consagração e vocação é a cruz, o que abre suas perspectivas em direção ao homem completo, e a todos os homens, e onde se enraíza a sua missão de paz.

Peregrinos da paz – desarmados em plena guerra

Os cristãos que andavam em peregrinação para a Terra Santa ganharam uma arma e se tornaram cruzados. Uma causa nobre os movia: reconquistar a terra que Jesus havia comprado com seu sangue e que tinha sido tomada pelos pérfidos muçulmanos, ideia que já durava mais de um século e era difundida por papas, bispos, comerciantes e pregadores, e assim assimilada na mentalidade do povo.

Tempos depois, os cruzados e os muçulmanos foram tomados de espanto ao perceber dois frades que atravessaram os campos de batalha, e sem arma alguma chegaram junto ao acampamento daqueles que eram considerados inimigos.

A vida de Francisco foi feita de desafios e encontros. Quando, por exemplo, ele beijou o leproso, estava arriscando a sua própria vida e o seu bem estar, pois abraçava alguém que sua sociedade desprezava, e da mesma forma, ele, anos mais tarde, arriscaria a sua vida para pregar ao Sultão. (MOSES, 2010: 42).

Francisco e Iluminado pareciam convictos da existência de outro caminho como alternativa às cruzadas e às guerras. Não se tratava de um proselitismo: eles não renunciavam ao anúncio, mas procuravam viver o anúncio através do próprio testemunho de vida, segundo diz Scognamiglio (2011: 67).

O autor ainda é da opinião que eles sabiam que corriam riscos, mas valia a pena correr esse risco por causa do Evangelho; tinham compreendido que a identidade do cristão é flexível, isto é, capaz de se confrontar com as mudanças sociais e políticas do mundo, e era preciso vencer preconceitos e formas de intolerância, sem ceder à tentação de cair no relativismo, e sem abdicar de sua própria história e tradição (SCOGNAMIGLIO, 2011: 70).

Do lado do acampamento muçulmano, provavelmente houve um olhar de estranhamento, pois só poderia ser louco alguém que atravessasse as trincheiras de uma guerra sem armas e sem escudos.

Ao que parece, Francisco e Iluminado estavam ali em nome de uma missão, que segundo eles, não era dada nem por reis e nem mesmo por papas, mas uma missão dada por Deus, e se eram soldados de Cristo, o eram segundo a forma do Evangelho que os permitia ver em todos os homens a possibilidade do diálogo e do encontro que se dava, não pelas armas, mas, pelo modo de vida.

Testemunhos textuais do encontro

Muitos são os textos que relatam o encontro entre Francisco de Assis e o Sultão Malek-Al-Kami. Entre os primeiros biógrafos já é possível vislumbrar relatos sobre o desenrolar do encontro, dentro e fora da Ordem Franciscana, como se pode ver, por exemplo, na primeira obra de Celano, ao apresentar Francisco: “[...] no sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobremaneira pelo desejo do martírio, quis atravessar o mar até as regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e aos outros infiéis.” (I Cel XX-55, FFC, 2004: 235).

Já na segunda obra, o mesmo autor apresenta Francisco movido pelo ardor do martírio junto às muralhas de Damietta, e percebendo que os exércitos se preparam para a batalha, o jovem de Assis prediz a derrota dos cristãos e afirma que “não é fácil lutar contra Deus, isto é, contra a vontade do Senhor. Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apoia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste” (2 Cel IV-30, FFC, 2004: 320).

Juliano de Espira leva Francisco ao Egito movido pelo desejo de martírio. “Animado pelo ardentíssimo desejo do martírio, no sexto ano de sua conversão, o bem aventurado Francisco se propôs viajar para os Lados da Síria, a fim de anunciar aos sarracenos o Evangelho de Jesus Cristo.” (Jul VII-34, FFC, 2004: 525).

Boaventura, na *Legenda Maior*, nos mostra um Francisco imitador dos santos mártires e com tal ensejo se lança ao encontro dos sarracenos.

Com o fervoroso fogo da caridade, tentava imitar o glorioso triunfo dos santos mártires, nos quais a chama do amor não pôde nem extinguir-se nem a fortaleza enfraquecer-se. Por esta razão, desejava também ele, inflamado por aquela perfeita caridade que lança fora o temor (1 Jo 4,18), oferecer-se ao Senhor pelas chamas do martírio, como hóstia viva (cf: Rm 12,1), para pagar na mesma moeda a Cristo que morreu por nós e para estimular os outros ao amor de Deus. De fato, no sexto ano de sua conversão, ardendo de desejo de martírio, resolveu atravessar o mar até às regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e aos outros infiéis. (LM IX-5, FFC, 2004: 611).

As *Compilações e Florilégios* apresentam Francisco impelido pelo desejo do martírio, indo ao encontro dos sarracenos e sofrendo humilhações e violências, porém, mesmo diante dos tormentos “pregou tão divinamente sobre a fé católica que se ofereceu para comprová-la através do fogo”, e assim ganhou a estima do Sultão, que lhe ofereceu inúmeros presentes - que o irmão menor não aceitou, e concedendo ainda, licença para que seus frades pudessem pregar junto aos pagãos. (AtF XXVII, FFC, 2004: 1178-1179).

O testemunho, supostamente, de Frei Iluminado, apresenta Francisco sendo provado pelo Sultão com um tapete decorado com sinais da cruz para ver se o mesmo pisaria sobre o

sinal da salvação. Francisco pisou tranquilamente o tapete e respondeu ao Sultão: “deveis saber que com nosso Senhor Jesus Cristo foram crucificados dois ladrões, nós temos a verdadeira cruz de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” concluindo que a cruz em posse dos sarracenos é a cruz dos ladrões, e por isso, pisava a cruz dos ladrões. (Tm VII, FFC, 2004: 1417-1418).

Jacques de Vitry apresenta Francisco como o líder da comunidade dos irmãos menores, um homem destemido, que “quando chegou ao exército dos cristãos diante de Damietta na terra do Egito, se dirigiu intrépido ao acampamento do Sultão do Egito”. Foi como cristão e pregou ao Sultão que o escutava com mansidão, mas temendo a conversão de alguns do seu exército reconduziu Francisco ao acampamento dos cristãos com reverência e proteção. (FFC, 2004: 1422).

Ernoul, em sua crônica, mostra Francisco diante do Cardeal legado, que não dá a licença para que pudesse ir ao acampamento dos muçulmanos, permitindo depois, mas, advertindo que não seria responsável caso ele e seu grupo morressem. O Sultão acolheu os dois clérigos cristãos, Francisco e Iluminado e lhes perguntou se queriam se tornar muçulmanos. No entanto, o frade menor pregou o Evangelho, convidando todos para se tornarem cristãos, uma vez que era falsa a lei dos muçulmanos. Os membros da corte do Sultão pediram ao mesmo que cortasse a cabeça dos dois clérigos, o que o Sultão negou, convidando os dois clérigos para morarem com ele, ganhando grandes possessões de terras. Como a resposta dos frades fosse negativa, o Sultão mandou escoltá-los até o acampamento dos cristãos. (Tm V, FFC, 2004: 1429).

Ainda os testemunhos menores dizem que “ele (Francisco) atravessou o mar e chegou à Babilônia e que obteve do rei daquela terra a licença de pregar” e diante de tal licença deixou lá alguns de seus frades e voltou para a sua pátria (Tm IX, FFC, 2004: 1438).

Por fim, os Fioretti dizem que Francisco converteu à fé, o Sultão da Babilônia. Depois de ter sido preso e espancado, o frade chegou à presença do Sultão e pregou a fé cristã com tamanho zelo que chegou a propor a ordália de fogo.⁵² As atitudes de Francisco despertaram a admiração e a devoção do Sultão, que, por isso, lhe permitiu pregar livremente. O Sultão pediu ainda que quando chegasse a hora da sua morte fosse lhe conferido o batismo, o que aconteceu ao final de sua vida. (Fior 24, FFC, 2004: 1529).

Sobre testemunhos encontrados fora das fontes, Beer (1982) afirma:

⁵² A prova de fogo, segundo São Boaventura, foi proposta por São Francisco ao Sultão em duas formas: ele entraria numa fogueira com os sacerdotes de Maomé, e o fogo decidiria; depois, se o Sultão recusasse, ele entraria sozinho: sua morte seria devida exclusivamente aos seus pecados; mas se fosse protegido, o Sultão reconheceria o verdadeiro Deus. (Cf. FFC, 2004: 1529).

Temos um testemunho fora de série, procedente das próprias fontes árabes, encontrado graças às pacientes pesquisas do professor Luiz Massignon⁵³. Um autor árabe do século XV, Ibn-Al-Zayyat atesta, com efeito, indiretamente, a estada de Francisco pela mediação de Fakr-El-Din-Farisi, místico influente na corte do Sultão. A sua inscrição tumular assim tinha na epígrafe⁵⁴: “Este possui uma virtude conhecida a todos. Sua aventura com Malek-Al-Kamil e o que lhe aconteceu por causa do monge, tudo isto é bem conhecido”. A identificação com Francisco parece não deixar margem de dúvida: a importância de sua viagem era significativa também para os nossos irmãos muçulmanos. A tal ponto que a cronologia deste homem não seria conhecida de todos sobre seu túmulo. Senão por sua referência a São Francisco! O sábio que se esquiva à ordália, desaprovando o Sultão, está assim identificado. E a personalidade do místico confirmaria também que Francisco foi recebido, pelo Sultão, como mensageiro religioso e não como embaixador político (BEER, 1982:21).

Os textos não deixam sombras de dúvida sobre o encontro entre o pobre de Assis e o Sultão do Egito. O que se busca então são as possíveis motivações, como já foi visto anteriormente, e suas possíveis influências. Tratadas a seguir. Contudo, ainda mais importante do que os textos que relatam o encontro entre Francisco e o Sultão, são os escritos do próprio Francisco, que apresentam a sua abertura de coração para o encontro, fazendo dele o que hoje é chamado como buscador do diálogo, pois, de encontro em encontro, foi moldando seu pensamento sem perder a sua identidade, sendo capaz de usar e propor para os cristãos algumas expressões de piedade inspiradas no Islã e, ainda, apresentar um projeto missionário que além de inovador propunha uma relação de respeito com os interlocutores.

É possível que o santo tenha dado início às conversações, e o Sultão dado forma ao seu resultado (MOSES, 2010: 16), o fato de o chefe do Egito ter recebido o pobrezinho com cortesia não traduz nada de extraordinário.

Os primeiros biógrafos deram sentidos diferentes ao encontro entre Francisco e o Sultão. Segundo John Tolan, os árabes deram muito pouca importância, o que não é de se

⁵³ Louis Massignon nasceu em no dia 25 de julho de 1883, na cidade de Nogent-sur-Marne (França). Massignon deixa rastros importantes também no âmbito da vida espiritual. Juntamente com Mary Kahil, funda, em fevereiro de 1934, a Badaliya, um espaço garantido para a vida de oração e a hospitalidade do coração. Tratava-se de um lugar de acolhida do outro, do estrangeiro. Na Badaliya “toma forma um modelo de espiritualidade interconfessional que suscita uma concepção teológica-mística do ‘diálogo’ para além dos modelos socioculturais evocados pela cultura humanista”. Em pacto concluído na ocasião pelos dois na igreja franciscana de Damiette, local onde São Francisco apresentou-se ao Sultão al-Malik al Kâmil, decidem fazer o oferecimento de suas vidas aos muçulmanos. Não para que se convertessem ao cristianismo, mas “para que a vontade de Deus pudesse ser feita para eles e por eles”. A experiência da Badaliya é assumida pelos dois como um “voto de substituição” e um convite a viver a santidade em meio aos muçulmanos. Traduzindo ao padre jesuíta Bonneville, no Cairo, a força da opção realizada pelos dois, Mary Kahil assim se expressa: “Queremos fazer nossas as suas orações, nossas as suas vidas, apresentando-as ao Senhor”. A partir de 1934, ano da fundação da Badalliya, Massignon vai se aproximando cada vez mais da comunidade católica melquita, de rito bizantino, até fazer sua transferência definitiva para ela em 1949, sob autorização de Pio XII. Era o passo que faltava para sua maior comunhão, enquanto cristão, com os árabes. Em janeiro de 1950 vem ordenado sacerdote na igreja gregomelquita Sainte-Marie-de-la-Paix. Morreu em 1962. (Cf. **Teixeira**, F., Peregrinos do diálogo).

⁵⁴ Embora não haja uma grande evidência de que este monge seja Francisco de Assis, alguns autores, entre eles Beer, Basetti-Sani, Jeusset, Massignon, e Hoeberrichts defendem a possibilidade de que seja o pobrezinho o monge aqui referido.

estranhar, uma vez que o pobrezinho não era mais do que uma espécie de *sufi*⁵⁵ cristão que desejava ver o chefe do Egito, um evento sem importância que não mereceu ser retratado para as gerações futuras. (TOLAN, 2007: 7).

Olivério de Colônia, que escreveu crônicas sobre Francisco e também sobre as cruzadas, não fala nada sobre o encontro entre o assisense e o Sultão. Já Heracles, utiliza a desaprovação do Cardeal Pelágio para dramatizar a decadência moral dos cruzados. Jaques de Vitry, em um primeiro momento, na sexta carta, considera a aventura de Francisco como um episódio menor, e coloca em evidência a coragem e a fé do assisense, mas que não consegue fruto algum. Já na *História Orientalis*, este acontecimento se torna um paradigma da vida apostólica que poderia revitalizar a Igreja e salvar uma cruzada desastrosa, segundo a opinião de Tolan (2007:58).

Para Tomás de Celano, a viagem de Francisco ao Oriente testemunha, sobretudo, a sua grande sede de martírio. No entanto, seguindo ainda com Tolan, alguns autores têm dificuldades com os textos de Celano, pois carregam muito mais hagiografia do que biografia, e uma vez que tratou muito mais da pureza de vida, da santidade dos costumes e dos saudáveis exemplos que o santo deixou. (TOLAN, 2007: 72).

Tolan (2009:83) argumenta que a história contada por Celano permaneceu por vinte cinco anos como história oficial, até Boaventura. Este mostrava total desconhecimento do cenário político e militar da Missão de Francisco, reduzindo Al-Kamil, o Sultão dos sarracenos, residente numa imprecisa Síria, ao papel de bom rei que escutava educadamente Francisco e lhe oferecia presentes⁵⁶ - papel esse que não permanecerá nos séculos subsequentes, segundo outros autores. Já Celano colocava em evidência a coragem de Francisco, sua eloquência e admirável sede de martírio.

Henrique de Avranches, poeta da corte do Papa Gregório IX, apresenta entre os seus poemas *A Vida de Francisco*⁵⁷, na qual apresenta o jovem de Assis como um herói inspirado por Deus, um soldado de Cristo que tem a nobre missão de pacificar os hereges, um professor de teologia que ensina ao Sultão e aos seus súditos, e, ainda, um santo que carrega no corpo os sinais da sua vitória e da sua glória, marcado por estigmas. Avranches relata um pouco o diálogo entre Francisco e o Sultão, mas parece desconhecer por completo o Islã, o que dá a

⁵⁵ *Sufi*, em árabe, significa lã, e também se referia aos ascetas cujo hábito era de lã; também traduzido por 'puro de coração'. (TEIXEIRA, 2004:292).

⁵⁶ Cf. I Cel XX-55-56, FFC, 2004: 235-236.

⁵⁷ Henrique de Avranches era um poeta da corte, notável pelo talento e pelo sucesso; gostava de uma linguagem complexa e ornada, sendo a maior parte de seus poemas eram encomendados por seus patrões. Segundo alguns estudiosos, foi o poeta de maior sucesso de sua geração e a *Vida de Francisco* foi a sua obra máxima. (Cf. TOLAN, 2009: 88).

entender que a sua fala é baseada em textos de outros autores. Quanto ao Sultão, o autor declara que ele recebeu o pobrezinho com magnificência e clemência. (BEER, 1982: 18).

Já Boaventura, que alguns anos depois da morte de Francisco recebeu a incumbência de escrever uma biografia do Santo que se tornaria oficial, aprovada pelo Capítulo Geral da Ordem, em 1263, reunido em Pisa, entendendo que a sua biografia era a cópia mais fiel da vida do Santo fundador. Com isso, houve o pedido para que os outros escritos fossem recolhidos. (TOLAN, 2009: 94).

Para Boaventura a missão de Francisco junto ao Sultão não foi nem insensata e nem inútil, representava uma etapa necessária, uma prova no caminho que leva à Deus. É o insuperável zelo de amor que move Francisco ao Sultão, a proposta da ordália parece humilhar os religiosos, mas inspira no Sultão e em seus seguidores uma profunda admiração pelo assisense.

Segundo Scognamiglio (2011: 95), a capacidade de superar barreiras, prejuízos e medos foi uma característica comum entre Francisco e o Sultão, o primeiro, motivado pela piedade bíblica e o testemunho de Jesus Cristo, o outro tomado pela fé no Corão e pela paz e misericórdia com as quais o Deus Altíssimo, clemente e misericordioso acumulou seus fiéis.

O diálogo entre Francisco de Assis e o Sultão Malek-Al-Kamil pode não ter sido um encontro entre teólogos ou doutrinários de uma fé, mas foi, com certeza o encontro entre dois homens fiéis que tinham a espiritualidade como fonte maior para vida. A historicidade do encontro está fora de discussão, mas o que se ressalta é o olhar sobre o encontro e o ambiente no qual ele se desenvolveu. Para os historiadores de fora da Ordem o encontro foi resultado de um desejo ardente de Francisco de pregar o Evangelho, enquanto os membros da fraternidade ressaltam na questão o desejo de martírio. (JANEIRO, 2003: 31-44).

O sufi cristão e o santo muçulmano se encontraram apoiados em espiritualidades diferentes, mas alimentadas pela mesma fonte.

O sufi cristão

É muito provável que o estranhamento causado com a chegada de Francisco e Iluminado ao acampamento do Sultão tenha sido grande, mas ao mesmo tempo, havia certa familiaridade entre os pobres visitantes e membros de movimentos religiosos nascidos dentro do Islã. Alguns estudiosos dizem que eles talvez tenham sido percebidos como se fossem membros de uma espécie de sufismo⁵⁸ cristão.

⁵⁸ O Sufismo remonta às origens do Islã e durante todo o seu desenvolvimento esteve radicalmente ligado à tradição islâmica. Em nenhum momento afirmou-se como ruptura com a fé corânica, evoluindo sempre na linha

O sufismo é o nome mais recorrente para designar a experiência mística do Islã, traduzindo uma 'dimensão interior' muitas vezes desconhecida ou despercebida da tradição islâmica. O termo sufismo, tradução de *tasawwuf*, deriva-se da raiz *suf*, que em árabe significa lã. De fato na experiência primordial do sufismo, os primeiros ascetas revestiam-se com o hábito de lã, de modo semelhante aos eremitas cristãos, em sinal de penitência e destacamento do mundo. A ideia que predomina é a da 'pureza' (*safa*), sendo o sufi aquele 'puro de coração', em razão da presença envolvente do Bem Amado. Na busca de uma definição mais sintética, G.C. Anawati indicou que a mística sufi constitui um 'método sistemático de união íntima, experimental, com Deus.' (TEIXEIRA, 2004: 292).

Neste aspecto, pode-se constatar que, se pensaram assim, não estavam de tudo errados. Embora a presença de cristãos naquele momento, pudesse causar suspeita com relação à espionagem e outros artifícios bélicos, o fato é que a postura de Francisco e Iluminado estavam de acordo com o modo de vida do sufismo. Moses dá a entender que o Sultão era um homem estudioso e devoto, conhecedor dos grupos religiosos do Islã, e pesquisador também de movimentos internos ao cristianismo. (MOSES, 2010: 153).

Segundo Peres (2002), há uma definição de sufismo que parece ir ao encontro daquilo que Francisco representava naquele momento para os cristãos, e ainda hoje, no grupo de seus seguidores, parece abarcar a dimensão de conversão e trajetória de vida do pobrezinho.

O famoso mestre sufi, o egípcio Dhu na-Num, encontrou uma mulher sufi na costa da Síria e ao lhe perguntar para onde ia, teve como resposta uma exposição sobre o sufismo. 'Onde você está indo?' E Ela disse: 'vou encontrar homens que nem o comércio do mundo nem a luta pelo ganho podem distrair da lembrança de Deus.' 'Descreva-os para mim', disse eu. 'e ela recitou: 'um povo que apostou todas as suas aspirações em Deus, e cujas ambições aspiram a nada mais. A meta dessa gente é seu Senhor e mestre, e que meta nobre é esta deles, para o Um além de comparação! Eles não competem pelo mundo ou suas honras. Não importa que seja por comida, luxo ou filhos. Nem por roupas finas e custosas, nem pela comodidade e conforto que encontram nas cidades. Em vez disso, eles se apressam em direção a promessa de uma estação exaltada, sabendo que cada passo os leva mais perto do horizonte mais distante. Eles são os reféns de pântanos e sarjetas e você os encontrará reunidos em cimos de montanhas.'⁵⁹

As características de abandono do mundo, entrega da vida nas mãos do Senhor, parecem ser marcas bem conhecidas na espiritualidade do movimento nascido em Assis pelas mãos, ou melhor, pela experiência de Francisco.

No momento em que os frades cristãos chegam ao acampamento dos muçulmanos há uma efervescência dentro do movimento *sufi*, que tem nos séculos XIII e XIV o seu período

de sua interiorização e aprofundamento. O que não significa a ausência de outras influências judaico-cristãs que marcavam o meio onde o Islamismo veio se firmar, ou de outras tradições religiosas que o Islã, em seu processo de expansão, encontrou pelo caminho. Os autores falam, sobretudo, do influxo cristão, neoplatônico, gnóstico e budista. Mas, de fato, a mística sufi guarda uma autenticidade original, um caráter autóctone, que se traduz pelo traço corânico e árabe. O misticismo islâmico procede, como bem sublinhou Massignon, da contínua recitação, meditação e prática do Corão. (TEIXEIRA, 2004: 294).

⁵⁹ Peres, V. in Luchesi CAMINHOS DO ISLÃ (2002: 93)

de organização e consolidação, quando desponta também uma das mais importantes figuras do movimento, o místico Djalâl-od-Dîn Rûmi. (TEIXEIRA, 2004: 295). O próprio Sultão tinha entre os membros da sua corte o místico sufi Fakr-El-Din-Farisi. (BEER, 1982:21).

O sufi cristão se apresentou diante do Sultão como um embaixador de Deus. Não era um daqueles que achavam os muçulmanos demoníacos, e nem mesmo tinha sede do sangue inimigo, mas era um homem simples e audacioso, que ousou estar ali diante da corte daquele considerado o grande inimigo dos membros da sua comunidade cristã.

De acordo com Jeusset (1995: 84) o cristianismo de Francisco, de muitas formas, andava lado a lado com a interpretação sufi, no amor às Escrituras Sagradas, na compreensão do poder transformador de Deus e na capacidade de o coração humano ser tocado por esse poder.

Ao mesmo tempo parece ter sido recebido por um homem que tinha preparo, tanto para o embate como para o diálogo, tanto para a guerra quanto para a paz. Um homem fiel.

O fiel mulçumano

Se Francisco e Iluminado poderiam ser considerados como membros da comunidade *sufi*, é bem provável que durante o encontro com o Sultão, os dois tenham percebido nele as características de um crente, um homem fiel e temente a Deus.

Al-Kamil era famoso pela tolerância com os cristãos, era elogiado por muitos cronistas que viam nele um homem sensato diante de muitas circunstâncias. (MOSES, 2010: 83). Diante da tolerância do Sultão, os dois frades cristãos podem, por exemplo:

Ver de perto e por dentro, a dita raça abominável dos sarracenos. Verificam por exemplo que eles são pessoas de oração. Cinco vezes por dia Francisco e o companheiro ouvem o convite do muezim a convidar toda a gente a orar. Quando isso acontece durante alguma entrevista o Sultão sente-se obrigado a interromper as conversas com eles. Francisco descobre então, à luz de Deus, um aspecto desconhecido e interessante dessa gente. Antes já sabia que eram seus irmãos em Adão e em Jesus, agora descobre que são seus irmãos ainda pela comunhão da oração ao Deus único. Alá, como eles chamam com profunda reverência e com grande esperança na sua misericórdia, não pode deixar de ouvir esses filhos prostrados diante dele. (JEUSSET, 1995: 86).

Para Jeusset (1995: 95), enquanto o pai de Francisco o ensinou as artes do comércio, o pai de Al-Kamil o ensinou a arte da política e do poder, mas como líder do Islã, carregava também a força da tradição religiosa e sabia admirar os místicos tanto muçulmanos como de outras tradições.

É preciso dizer que desde o princípio os muçulmanos manifestaram respeito pelos monges cristãos. (MOSES, 2010: 84). Mas, para o autor, “enquanto sua boa vontade em

deixar um eremita cristão rezar por ele demonstra sua abertura com relação à fé cristã, Al-Kamil era, diante de todas as evidências, um muçulmano sunita ortodoxo” (MOSES, 2010: 85). É preciso que se diga que Francisco também, embora dialogasse com o Sultão, era cristão fervoroso e valorizava ao extremo os elementos da piedade de sua tradição religiosa.

O Sultão era um homem que se impunha pela sua piedade e pela sua sabedoria, (BASETTI-SANI, 1975: 136) que em memória da hospitalidade muçulmana e abraâmica recebeu Francisco e Iluminado com toda cortesia, como se fora hóspedes enviados por Deus. Tolan (2009) comenta que também o cronista Ernoul parece desejar colocar em evidência as grandes qualidades do Sultão, que é apresentado como modelo de líder seja para os cristãos, seja para os muçulmanos:

O cronista admira a coragem e o espírito de pobreza dos dois clérigos, mas faz compreender que o seu modo de proceder era inútil. A missão franciscana não podia ser nem um complemento nem uma alternativa à cruzada. O verdadeiro herói do episódio é o Sultão, símbolo de sabedoria e de justiça. É ele que, com as suas qualidades e a sua paciência, consegue vencer os cristãos no curso daquela cruzada. (TOLAN, 2009: 55)

O *sufi* cristão e o fiel muçulmano se encontraram em um momento de trégua⁶⁰ de uma guerra que já durava mais de um século, em uma missão que, para Francisco, era delegada pelo próprio Deus, reflexo de seu modo de viver a regra de uma vida pautada no Santo Evangelho.

⁶⁰ Cf. Tolan, 2009: 146.

PARTE II

ORGANIZANDO DA ORDEM PARA O MUNDO

Esta segunda Parte do trabalho, da qual fazem parte os Capítulos IV e V faz uma análise mais aprofundada sobre a origem e o processo de desenvolvimento da Regra de Francisco de Assis. O próprio Francisco era apresentado como um modelo, pela vida e pelas escolhas que havia feito, mas o crescimento da comunidade exigia sua regulamentação de forma jurídica para ser deixada para o futuro da comunidade.

Ao se encontrar com o Papa Inocêncio III, em 1209, Francisco e seus frades pedem uma autorização para a formação eclesial da comunidade. A partir desse encontro os Irmãos Menores ganham uma autorização verbal para a sua existência, um reflexo do próprio pensamento e da postura do Papa diante dos movimentos pauperísticos.

Francisco havia escrito umas poucas palavras baseadas no Evangelho, ele queria viver junto com seu grupo segundo a forma do mesmo e anunciar a penitência e o Reino. Com o crescimento da comunidade era preciso se organizar para a missão, dividir os grupos, enviá-los pelo mundo, formar as províncias missionárias e ir para além do Ocidente. A cada Capítulo a comunidade se reunia e avaliava os trabalhos realizados, se projetava para novos desafios, tendo sempre como referencial a vida segundo a forma do Santo Evangelho.

O objetivo não é retroceder na pesquisa e nem fazer variações do tema, mas apresentar a forma como Francisco e sua fraternidade se organizavam para estar no mundo e como os encontros com o outro deixavam marcas nesta organização.

CAPÍTULO IV

4 A MISSÃO E A GESTAÇÃO DA REGRA

O movimento de Francisco, pelo que indicam os seus hagiógrafos, começou sem que nem ele mesmo esperasse. Depois da sua enfermidade, dos encontros com o leproso⁶¹ no caminho, e com o Cristo, na Igrejinha de São Damião⁶², o jovem de Assis foi aos poucos deixando a casa dos pais e o trabalho de comerciante, e ainda, a vida comum aos seus pares jovens, para viver na solidão e na preservação de pequenas Igrejas⁶³. Chamado de louco por muitos cidadãos de Assis, desprezado pelo pai, o qual ele rejeitou, deixou o mundo para se dedicar àquilo que entendia ser sua missão.

Gradativamente, porém, começou a chamar a atenção de jovens de sua comunidade que se uniram a ele naquela missão de restaurador de igrejas, fazendo com que Francisco não ficasse muito tempo sozinho. Logo o Senhor lhe deu irmãos, havia entre o pequeno grupo, muita amizade e intimidade espiritual, mesmo quando o grupo cresceu, “a personalidade irradiante de Francisco, chamado simplesmente ‘o irmão’ (*frater*: Giordano di Giano), permanecia centro de comunhão e de coesão.”⁶⁴ Segundo os relatos hagiográficos, os primeiros companheiros foram Bernardo e Pedro Catani. Se havia um projeto inicial de vida para seguir sozinho, o momento da chegada dos primeiros companheiros começou a determinar a necessidade de uma organização e de uma forma de vida que Francisco e seus companheiros deveriam seguir, conforme Teixeira (1994: 13), que consistia na opção por uma vida de pobreza, tendo como fonte o Evangelho, ao invés dos Atos dos Apóstolos, como princípio de regra de vida. (MANSELLI, 1997: 77). Desta forma “Francisco e seus amigos deixaram o mundo para caminhar nas pegadas de Jesus Cristo. Antes do momento da decisão, eram apenas indivíduos com suas histórias particulares.” (FLOOD, 1986: 20).

Uma vez formado o pequeno grupo, se fazia necessário definir a missão a qual dedicaria e a regra de vida que abraçaria. Uma leitura dos primeiros hagiógrafos apresenta um Francisco diante de três propostas de Regras existentes⁶⁵, mas ele entende que o caminho que quer trilhar é outro.

A regra de vida escolhida também não nasceu pronta, ela foi sendo delineada de acordo com os desafios que a comunidade enfrentava e as influências dos encontros e

⁶¹ Cf. 1 Celano VII-17, FFC, 2004: 209.

⁶² Cf. 2 Celano VI-10, FFC, 2004: 308.

⁶³ Cf. 1 Celano VIII-18-21, FFC, 2004: 210-213.

⁶⁴ Cf. Matura, 1976: 194.

⁶⁵ Três formas de vida já existentes eram apresentadas a Francisco: Regras de São Bento, Santo Agostinho e a de São Basílio. Elas serão tratadas na Parte II do trabalho.

desencontros da fraternidade. Celso Márcio Teixeira sintetiza esta realidade de forma muito clara quando diz:

A regra franciscana, como a legislação de qualquer grupo humano, não nasceu perfeita, fruto de uma repentina e abstrata inspiração do alto ou ditada diretamente por Jesus Cristo, como sugerem algumas biografias de São Francisco, mas nasceu de situações concretas, teve história, passou por processo normal de evolução. Ela teve, se podemos compará-la à vida humana, o seu período de concepção, de nascimento e de crescimento. (TEIXEIRA, 1994: 2).

A gênese desta Regra começou a ser esboçada quando Francisco recebeu os primeiros irmãos, como ele mesmo deixa claro no seu Testamento:

E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever em poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou. (Test, FFC, 2004: 189).

Quando em 1208/9, Francisco de Assis e seus companheiros foram a Roma para se encontrar com o papa Inocêncio III já havia, portanto, o esboço de uma regra de vida a qual eles deveriam seguir como informam alguns de seus biógrafos. Esta regra consistia basicamente em viver segundo a forma do santo Evangelho (I Cel IX-22, FFC, 2004: 212). Depois de ouvir em uma pregação o itinerário missionário dos apóstolos e o modo de vida que seguiam, Francisco se propôs a viver da mesma forma que os apóstolos e esta maneira de ser e viver era incorporada pelos seus irmãos na missão e na Regra que se propunham. Esta primeira gênese da Regra seria uma compilação daqueles textos bíblicos que orientavam a vida da fraternidade nascente juntamente com as experiências já vividas pelo grupo. (TEIXEIRA, 1994: 7). Ao afirmar em seu Testamento que o Senhor lhe havia inspirado a forma de vida, Francisco deixa claro que não sofreu influência dos grupos e regras existentes.

Após a aprovação verbal do papa Inocêncio III, evidentemente a comunidade foi se deparando com novas questões, e a Regra foi sendo reformulada de acordo com os desafios que a comunidade enfrentava. Assim, para Hoerberichts (2002: 113): “em vários momentos Francisco e seus frades inseriram novos capítulos na Regra, em resposta a novos problemas emergidos no seio da fraternidade”.

Os acontecimentos dentro da vida da fraternidade, o crescimento da missão, o aumento dos frades e das moradias, e ainda, os desafios que enfrentavam, foram exigindo um texto, o mais possível, orgânico e fixo, segundo analisa Manselli (1997: 237).

Francisco e seu movimento foram se formando dentro de uma intimidade que lhes dava uma identidade coesa entre líder e irmãos, como precisa Flood:

Foi preciso que o movimento franciscano se distanciasse de Assis e ganhasse consistência histórica, para que Francisco pudesse surgir como homem capaz de inspirar e de alimentar esse esforço em comum. Os escritos biográficos farão sua vida entrar nas categorias culturais da época. Foi a consequência da reconciliação entre o movimento franciscano e o mundo comunal e feudal... a história do movimento franciscano é a condição da história de frei Francisco. Primeiro o movimento e depois Francisco. O movimento lhe deve tudo, de uma certa maneira. Sem Francisco não haveria o movimento. Podemos, no entanto, fazer a afirmação contrária: Francisco tudo deve ao movimento. Sem o movimento não haveria o Francisco que realmente existiu. (FLOOD, 1986: 65)

Para os frades, a grande referência era, contudo, Francisco, como uma forma de regra inicial, como se verá a seguir, mas contavam também com suas experiências de vida que eram partilhadas nos encontros da fraternidade. Para compreender melhor a evolução da Regra é importante compreender o papel dos capítulos para a vida dos frades nos primeiros anos da Ordem. Os capítulos gerais nasceram, pouco a pouco, dos encontros, e desenvolveram uma função importante, levando os frades a tomarem consciência do seu próprio ideal, e do modo como viam a si mesmos, porque “ofereciam uma ótima ocasião para repensar e reformular a Regra, levando-a a traduzir melhor a consciência de suas vocações.” (FLOOD, 1976: 48).

A primeira Regra é, junto ao Testamento e a epístola a todos os fiéis, o texto que melhor do que todos reflete a experiência originária da primitiva fraternidade: o único que nos dá testemunho direto de um trabalho e de um empenho de elaboração que foi coletivo, obra de todo um grupo. (MICCOLI, 2010: 19).

Uma obra coletiva que, contudo, tinha uma referência muito particular, o próprio Francisco.⁶⁶

4.1. Francisco como regra inicial⁶⁷

Junto a Francisco de Assis, aos poucos foi se chegando um pequeno grupo que parecia ver nele uma inspiração para uma nova forma de vida. Ao que parece, ele “não era um juiz,

⁶⁶ Anche le fonti, come ad esempio la Leggenda dei ter compagni, attestano che Francesco è la forza principale nella ricerca e nelle decisioni che hanno prodotto la Regola. [...] diciamo semplicemente che l'unità profonda del testo analizzato mostra che la Regola è essenzialmente opera di un uomo e frutto di un'avventura Cristiana. (FLOOD, 1976: 93).

⁶⁷ O grupo de frades que compunha a Ordem, nos primeiros anos, tinha claramente a pessoa de Francisco como grande modelo de vida: “No tempo daquele capítulo celebrado no mesmo lugar, no qual os irmãos pela primeira vez foram enviados a algumas províncias de ultramar, terminado o capítulo, o bem aventurado Francisco, permanecendo no predito lugar com alguns irmãos disse-lhes: ‘caríssimos irmãos, é necessário que eu seja modelo e exemplo de todos os irmãos. Se, portanto, enviei meus irmãos a terras longínquas para suportarem trabalho e vergonha, fome e muitas necessidades, parece-me justo e bom que também eu semelhantemente vá a alguma província longínqua, principalmente para que os irmãos possam mais pacientemente suportar suas necessidades e tribulações, quando tiverem ouvido que eu igualmente as suporto.’”. (COMPAS 108, FFC, 2004: 944-945).

mas um pai misericordioso entre os seus filhos, um médico entre os seus doentes, mesmo se na ocasião precisasse e soubesse ser severo e chegar a censuras” (MANSELLI, 1997: 174).

Pelos relatos se pode compreender que desde o processo de mudança de vida, Francisco passou a se pautar nos Evangelhos. Apresentam-se alguns trechos da Legenda dos Três Companheiros que relatam essas experiências a partir do Evangelho.

Ouvindo, num certo dia, dentro da celebração da missa, aquilo que Cristo diz aos discípulos enviados para pregar, a saber, que não levem pelo caminho nem ouro e nem prata, nem bolsa ou alforje, nem pão nem bastão, nem tenham calçados nem duas túnicas (Mt 10,9-10; Lc 9,3;10,4), entendendo isto depois mais claramente [a partir da explicação] do mesmo presbítero, repleto de indizível júbilo, diz: ‘É isto que eu desejo cumprir com todas as minhas forças’. (LTC VIII-25, FFC, 2004: 808).

Este encontro com o Evangelho parece ter sido crucial, e norteou outros momentos como, por exemplo, juntamente com Bernardo buscavam compreender que modo de vida levar.

Disse-lhe o santo [Francisco]: “Amanhã bem cedo, iremos à igreja e conheceremos, pelo livro dos Evangelhos, como o Senhor ensinou os seus discípulos”. Levantando-se, portanto, de manhã, com um outro de nome Pedro, que também desejava tornar-se irmão, foram à igreja de São Nicolau na praça da cidade de Assis. Entrando nela para a oração, porque eram simples e não sabiam encontrar a palavra do Evangelho a respeito da renúncia do mundo, rogavam ao Senhor devotamente que, na primeira abertura do livro, ele se dignasse mostrar-lhes a sua vontade. Terminada a oração, o bem-aventurado Francisco, tomando o livro fechado. [pondo-se] de joelhos diante do altar, abriu-o e na primeira abertura deste, ocorreu aquele conselho do Senhor: *se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que possuis e dá aos pobres e teres um tesouro no céu* (Mt 19,21; Lc 18,22). Tendo constatado isto, o bem-aventurado Francisco alegrou-se muito e rendeu graças a Deus. Mas porque [era] verdadeiro adorador da Trindade, quis que [o conselho] fosse confirmado por tríplice testemunho. Abriu o livro pela segunda e pela terceira vez. (LTC VIII-28-29, FFC, 2004: 810).

O pequeno grupo ao redor do pobre de Assis, gradativamente e, juntamente com ele, foi buscando uma identidade dentro da instituição Igreja, mesmo porque, viver fora dela seria algo inusitado para um italiano no século XIII. Nesta busca de identidade, Francisco e seus Irmãos, decidiram ir ao encontro do Papa, em 1208/9, como atestam várias fontes. Mas, se queriam ser uma comunidade de Irmãos, precisavam de algo concreto para apresentar ao Papa.

Era preciso redigir uma regra para que fosse levada ao papa e por ele examinada. Segundo o Evangelho e de modo simples foi redigida a 1ª regra. Essa regra se perdeu, mas é possível que algo dela tenha ficado na regra não bulada de 1221. Bernardo foi o líder dessa viagem a Roma. Em Roma quem age é Francisco; a força viva e imponente de sua fé, a paixão pelo seu ideal, o fervor do seu espírito forjado ao mesmo tempo na penitência e no amor ao próximo subvertem as circunstâncias formais e extrínsecas de uma hierarquia estabelecida com concórdia fraterna, mas não de tal modo a aguentar o choque das dificuldades concretas. (MANSELLI, 1997: 98-99).

Lendo atentamente os textos referentes à vida de Francisco e de sua comunidade, produzidos pelos membros da Ordem e pelos de fora dela, não é difícil concordar com a posição de Sabatier: “À primeira vista, esses versículos foram a única Regra oficial da ordem. A verdadeira regra, era o próprio Francisco; além disso, tinham o grande mérito de serem breves e absolutos, de prometer a perfeição e de terem sido tirados do Evangelho.” (SABATIER, 2006: 149).

O pobre de Assis era a verdadeira regra que organizava a própria vida e a vida dos Irmãos; ele parecia desejar ser um estímulo permanente e não uma norma, pois “não era a norma que impunha uma forma de vida, mas era a existência mesma inspirada por Cristo, a realizar uma contínua adesão não às exterioridades, mas aos aspectos profundos do Evangelho.” (MANSELLI, 1997: 213). O modo de ser e de viver de Francisco vai fazendo dele um símbolo a ser venerado,⁶⁸ uma regra de vida a ser seguida em nome do Evangelho. Como seu modo de vida, o pobrezinho “restaurará a Igreja, sobretudo, com o exemplo, pregando o Evangelho com toda a sua vida.”⁶⁹

A vida de Francisco de Assis foi sendo modificada e convidada e se modificar de acordo com os eventos que se sucediam, e com as pessoas que entravam em sua história para formar com ele uma Fraternidade. Ele era a grande referência para seus Irmãos e suas experiências marcavam o processo de construção da ordem que estava para surgir.

Uma formulação de vida que era, sem dúvida, profundamente discutida com seus Irmãos, fazendo da Regra um escrito a partir de um diálogo entre fraternos⁷⁰, mostrando que inúmeras vezes, Francisco e seus amigos trocaram ideias a respeito da possibilidade de um engajamento em comum.⁷¹

A regra em construção para a organização da comunidade parece quase uma biografia espiritual para os seguidores. Ela não é como quer fazer entender Paul Sabatier, uma espécie de enquadramento de Francisco aos moldes da Igreja e da cristandade.⁷² A Regra era:

O meio pelo qual, regularizando a vida da ordem dos frades menores, se lhe dava o direito de presença no interior da cristandade, não só na Itália, mas em todo o ocidente. O grande obstáculo não vinha nem da cúria e nem de Francisco, mas dos monges, cônegos e sacerdotes que viam na comunidade de Francisco algo subversivo diante das tradições. (MANSELLI, 1997: 196).

⁶⁸ Manselli, 1997: 214.

⁶⁹ Basetti-Sani, 1975: 60.

⁷⁰ Manselli, 1997: 245.

⁷¹ Flood, 1986: 20.

⁷² Sobre este tema, Sabatier (2006:278) apresenta uma total contradição entre a Regra “desaparecida”, de 1209, e a Regra de 1223, dizendo que ao longo de 15 anos todo o projeto de Francisco parece ter se perdido diante do poder da Igreja que domesticava o espírito inovador e revolucionário de Francisco.

Ao longo dos anos, a Regra foi sendo construída, e a vida de Francisco se mostrava como a base que norteava essa construção, juntamente com o Evangelho, do qual o pobrezinho desejava ser fiel seguidor. Ele é depurado como homem na linguagem do documento, como ouro é purificado no cadinho. No relato hagiográfico, Francisco é coerente e completo. No documento assiste-se a um processo de elaboração. O pobre de Assis aí aparece como busca e risco, fraqueza e esforço. Francisco é pego ao vivo. O relato hagiográfico pertence a um todo que o retém como um modelo.⁷³

Desta forma, pode se pensar que a construção da Regra “respondesse à mentalidade de Francisco como instrumento que desse aos frades não uma série de deveres a cumprir, mas antes um empenho, um estímulo para agir.” (MANSELLI, 1997: 244).

O que Francisco buscava dentro da evolução da Regra era uma direção de vida para ele e seus companheiros. Daí a necessidade de não deixar de lado o Evangelho, mas tê-lo como centralidade da forma de viver. E, no entanto, conforme Manselli (1997: 247) “quanto mais os frades aumentavam, mais era necessária uma hierarquia e uma organização juridicamente regulada” sem perder a instância original de onde partiram os anseios dos primeiros Irmãos, como o próprio Francisco nos diz no seu testamento: “quando o senhor me deu irmãos.”⁷⁴

A regra elaborada por Francisco e por seus Irmãos tem alguns pontos que parecem bem definidos: o viver segundo a forma do Santo Evangelho, a missão enquanto mandato de Jesus que envia seus novos discípulos para o mundo, e a paz como forma de fazer Missão.⁷⁵

Ao longo da biografia do pobrezinho de Assis, e mesmo nos seus textos percebe-se claramente a atenção toda especial que ele e seus companheiros dedicam ao Evangelho. Foi assim na opção de viver como e com os pobres, abandonando as riquezas (MANSELLI, 1997: 82); foi assim no partir para a Missão, quando o grupo chegou ao número de oito (TEIXEIRA, 1994: 22); foi assim quando escreveu as primeiras palavras da Regra - cujo texto de perdeu - que foi levada ao Papa Inocêncio III, em 1208/9. (I CEL, FFC, 2004: 220).

Outra questão cara a Francisco era a missão de levar o Evangelho aos homens. A Regra era fruto de um engajamento comum entre Francisco e seus companheiros.⁷⁶ Esta Missão foi sendo desenvolvida desde o início, quando o grupo se dividiu para percorrer as

⁷³ Cf. Flood, 1986: 65-66.

⁷⁴ Cf. Test, FFC, 2004: 188.

⁷⁵ O viver segundo a forma do Santo Evangelho e a paz, como forma de missão, são maneiras diversas daquela proposta pela Igreja, que quer, como Francisco, atingir todo o mundo conhecido. Mas o caminho é diverso, uma vez que o meio pelo qual a Igreja que chegar aos homens é a espada, e o meio pelo qual Francisco e seus Irmãos querem chegar aos homens é o Evangelho.

⁷⁶ Cf. Flood, 1986:20.

idades e vilas da Úmbria, e se fortaleceu com o Capítulo de 1217, quando os frades foram enviados para formar províncias em diversos lugares do mundo e, inclusive para os povos de fora da Europa.

Dentro do processo de evolução da Regra Franciscana percebemos a missão ad gentes: A mesma linha de evolução aconteceu no envio dos missionários para as terras de não cristãos. No momento em que a Igreja estava esquecida de sua vocação missionária (o regime de cristandade implicava numa consciência de que o mundo já estava evangelizado e de que o não cristão era inimigo e não o destinatário da evangelização), Francisco sentiu como necessidade imperiosa do momento a evangelização do mundo islâmico. (TEIXEIRA, 1994: 43).

Assim, o próprio Francisco foi levar a mensagem do Evangelho ao Sultão e aos seus súditos.

Por fim, a vida de Francisco e de sua comunidade tem no seu itinerário o anúncio da paz, não aquela paz proposta pela comunidade de Assis, que privilegiava as classes emergentes e excluía os miseráveis, doentes e leprosos. “Francisco e os seus frades refutaram esta situação, eles não queriam uma paz ilusória, uma paz construída sobre palavras sem obras. Queriam a verdadeira paz, romperam com o mundo de Assis, um mundo que era para eles cheio de pecados.”⁷⁷

A paz selada entre o Bispo e o Prefeito em Assis só evidencia a força do projeto de Francisco, que muitas vezes passou despercebida pelos seus próprios frades.

Ele havia se esforçado ao máximo para deixar um exemplo de pacificação, mas à medida que se preparava para a morte, pôde ver que a mensagem não havia alcançado muitos de seus seguidores.

Os frades entenderam a reconciliação do bispo e do prefeito como um milagre e como prova do poder profético de Francisco – mais do que uma lição prática de como criar harmonia. (MOSES, 2010: 205-206)

A Regra de vida de Francisco e seus frades evoluída a partir do Santo Evangelho e enquanto promotora da paz, pode fazer compreender a sua presença junto ao Sultão como uma prática de vida.

Em um momento onde quem não estava de acordo com a igreja era demonizado, Francisco, despido de poder, vivendo uma relação de igualdade com todas as coisas e pessoas, entreviu outra possibilidade de relações com os infiéis. Chegou a elaborar, ainda que incipiente, pela primeira vez na história um método de aproximação e diálogo com seguidores de outras crenças. (CROCOLI, 2006: 117)

Ela seria uma espécie de biografia espiritual.

É uma obra autêntica de São Francisco, seja no conteúdo seja na forma. Somente ele poderia ter composto uma obra assim característica do seu modo de pensar [...] aquele que fala na regra não é um jurista, mas ‘o pai espiritual’ o que importa é somente a vida que deve ser animada por um espírito bem determinado. (ESSER, 1980: 81-83)

⁷⁷ Cf: Hoeberichts, 2002: 94.

O surgimento da Regra e a sua evolução nascem no coração de Francisco e de seus companheiros, e evolui pela experiência de vida da comunidade desde a sua origem, passando pelo encontro com o papa Inocêncio, em 1208/9.

O encontro com Inocêncio III: a primeira regra⁷⁸

Francisco e seus frades deixaram a pequena Assis e foram à cidade de Roma na tentativa de se encontrarem com o Papa. Um encontro entre ideias, e ideais um pouco diferentes. É preciso dizer que “a abordagem da relação entre Inocêncio III e Francisco corre o sério risco do desequilíbrio, isto é, o de valorizar mais um em detrimento do outro ou até mesmo denegrir a um para exaltar o outro.” (TEIXEIRA, 2006:9). Mas, ao mesmo tempo, não se pode também fugir das diferenças entre duas pessoas que viveram em um mesmo tempo, pertenceram a uma mesma comunidade, mas compreendiam a Igreja e o mundo de formas distintas.

Lotário Segni foi eleito papa com 38 anos, aos 8 de janeiro de 1198, adotando o nome de Inocêncio III, sucedendo a Celestino III (1191-1198). Herdou dos seus antecessores uma situação difícil. Para não divagarmos além dos limites do tema e do nosso propósito, basta-nos recordar que a Igreja passava por convulsões sócio-religiosas profundas com o surgimento de vários movimentos religiosos e com a proliferação das heresias, problemas que exigiam uma tomada de posição sábia e firme por parte da Igreja. (TEIXEIRA, 2006: 10).

Quando Francisco e seus companheiros chegaram, o momento não era muito favorável para Inocêncio, tanto no campo político como no campo religioso. Cruzadas contra hereges, brigas políticas com reinados da Europa, marcavam o momento do Papa. O encontro, embora bem documentado, é cercado de muitas lendas, e no entanto, o próprio Francisco o confirma no seu Testamento: “ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou” (Test, FFC, 2004: 189) (MANSELLI, 1997: 100-106).

De acordo com Moses (2010: 26) frente a frente estavam, um homem destinado a ser um dos mais poderosos papas da Idade Média, e um grupo de maltrapilhos vindos da região da Úmbria, fazendo nascer uma nova Ordem religiosa em um momento de crise em toda a Europa católica.

⁷⁸ L'importanza che há revestito l'incontro di Francesco com papa Innocenzo III per la costituzione della 'fraternità minoritica' è attestata non solo dalle fonti biografiche, ma anche dallo stesso santo il quale nel suo *Testamento*, nella parte narrativo-autobiografica, pone quell'avvenimento tra i pochissimi ricordi circostanziati della sua esistenza. (MARANESI, 2008: 143)

Pairando sobre o intercâmbio entre Inocêncio e Francisco estava a luta da igreja contra os heréticos cátaros, estavam sendo furiosamente atacados por Inocêncio naquele momento. No dia 14 de janeiro de 1208, um inquisitor cisterciense, que representava o papa, foi assassinado no sul da França. Logo em seguida, Inocêncio, enraivecido, ordenou uma guerra contra os cátaros e os nobres que os aceitavam. Essa guerra ficou conhecida como a cruzada albigense. (MOSES, 2010: 50).

É nesta situação de conflitos que o encontro entre Francisco e o Papa acontece. Na Legenda Maior de Boaventura se encontra um texto posterior que nos mostra um Papa reflexivo e pouco acolhedor.

E depois que chegou à Cúria Romana e foi introduzido até a presença do sumo pontífice, e ao estar o vigário de Cristo no palácio lateranense, andando no lugar que se chama *speculum* (espelho), ocupado com altas meditações, repeliu com indignação o servo de Cristo como a um desconhecido. (LM III-9, FFC, 2004: 568).

Parece que o grupo não era muito conhecido em Roma e, ainda que Francisco não fizesse nenhuma menção a forma como foi recebido pela Cúria e pelo Pontífice “não se pode afirmar que tenha havido uma recepção calorosa.” (TEIXEIRA, 2006: 19). O autor explica que o Papa Inocêncio tinha como meta de seu pontificado, conforme a carta de 12 de maio de 1198, o propósito de favorecer as instituições religiosas regulares, fato que foi manifestado ao longo do seu pontificado.⁷⁹ No primeiro momento foi apresentada a Francisco e seus companheiros a possibilidade de viver segundo as regras das ordens já existentes, a saber, as Regras de São Basílio, Santo Agostinho e São Bento, conforme enumera ainda o autor. No entanto, o pobrezinho “descartou qualquer possibilidade de uma Regra já aprovada, pois estava plenamente convencido de que sua fundação tinha simplesmente outra impostação de vida religiosa a qual o direito não conhecia”. (TEIXEIRA, 2006: 20).

Irmãos, meus irmãos! Deus me chamou a caminhar sobre a via da simplicidade, ele me a mostrou. Não quero, pois, que nomeiem outra Regra, nem aquela de Santo Agostinho, nem aquela de São Bernardo ou de São Bento. O Senhor me revelou que a sua vontade é que eu seja um novo tipo de louco no mundo: esta é a ciência a qual Deus quer que nos dediquemos. (MARCONI, 2008:96).

⁷⁹ “La permanenza della memoria di Innocenzo III nella Regula non Bullata databile al 1221, a ben cinque anni dalla morte del pontefice, è l’esito non di una grossolana dimenticanza o trascuratezza, ma la consapevolezza che dopo una prima approvazione della forma vitae, durante un pontificato così aperto e sensibile ai nuovi gruppi religiosi, si stava ancora elaborando un testo legislativo, del quale la Regula non Bullata è un delle redazioni, destinata a non essere approvata, per insoddisfazioni emerse da più parti e per più aspetti”. (Cf. BRUFANI, S. Roma, 1209: Innocenzo III incontra Francesco (secondo Tommaso de Celano). In: CACCIOTTI, Alvaro e MELLI, Maria (Org.) **Francesco a Roma dal Signor Papa**. Biblioteca Francescana, Milano, 2008: 23.

Francisco e seus companheiros vão ao encontro do Papa⁸⁰ com a intenção de terem seu grupo respaldado pela Igreja, e por isso a importância de uma Regra que fosse a base da ação do mesmo. O Papa reconhece esta Regra, elevando o pequeno grupo de Assis ao estado de Religio. (TEIXEIRA, 2006: 22). De certa forma o desejo de Francisco de restaurar a Igreja coincidia com o desejo do Papa que convocaria, poucos anos à frente, o IV Concílio de Latrão no qual seriam apresentados setenta e um cânones para organização da Instituição. Evidente que a forma de pensar a restauração da Igreja no pensamento dos dois não era a mesma, como já foi visto no capítulo II, contudo, o Papa acolhe e permite que o pobre de Assis e seu grupo de frades atuem na comunidade pregando o Evangelho e a penitência, consonante com a sua política que buscava reintegrar alguns grupos pauperísticos.

Inocência III diante dos movimentos pauperísticos

Os três primeiros séculos do segundo milênio foram marcados por inúmeros movimentos que buscavam uma conformidade maior da Igreja com o Evangelho, deixando de lado o fausto e a riqueza. “Estes grupos refletiam as transformações socioeconômicas da idade Média Central e assumiam forma religiosa coerentemente com a psicologia coletiva da época” (FRANCO JÚNIOR, 2006: 79). Eram grupos que buscavam uma autonomia maior dentro do cenário sociorreligioso.

As novas manifestações espirituais, que forçavam a Igreja a rever certos conceitos, não vinham de grupos marginalizados, mal cristianizados. Eram produtos da cultura intermediária, tanto no caso das manifestações que ficaram na ortodoxia (cistercienses, franciscanos, dominicanos) quanto no das que caíram na heresia (cátaros, valdenses, fraticelli). (FRANCO JÚNIOR, 2006:79).

Havia uma rigidez eclesiástica diante dos movimentos heréticos e também diante dos movimentos religiosos, cada qual se declarando como verdadeiro seguidor do Evangelho e acusando os outros de hereges, conforme avalia Teixeira (2006: 12). O III Concílio de Latrão, em 1179, demarcou alguns limites entre heresia e ortodoxia latina e coube ao Papa mostrar a posição da Igreja.

Em 1184 o papa Lúcio III atuou de modo radical sobre a decisão do Concílio (Lateranense III). A primeira característica de um herege seria, para ele, a pregação

⁸⁰ Non è possibile definire con chiarezza il risultato degli sforzi della fraternità dei penitenti di Assisi. La conferma “orale” della “protoregola” non rende bene realtà delle cose, perchè è vero che alcune decisioni pontificie vengono prese “oralmente”, ma mai si riscontra un simile procedimento per la conferma di un propositum. Anche l’analisi dei due termini approbare e confirmare nel voluminoso corpo epistolare di Innocenzo III per verificare l’ipotesi che nel 1209 sia avvenuta una approbatio e infine nel 1223 una confirmatio, non dà esito chiaro. Ma con la massima cautela si può dire: probabilmente Innocenzo III concesse una approbatio in maniera giuridicamente non impegnativa [...] che però Innocenzo III non abbia respinto come fantasticheria la richiesta del piccolo gruppo, ma gli abbia dato una chance, rivela la profonda sensibilità nei confronti dei nuovi movimenti religiosi. (MALECZEK, 2008: 100).

não autorizada. Segundo o seu decreto os hereges, dos quais havia um extenso elenco, deveriam ser extirpados. Assim, por volta do fim do século XII a Igreja e os movimentos populares de reforma, empenhados em uma vida evangélica e dedicados a pregação, se afrontaram face a face. (FLOOD, 1976: 38).

Mas, poucos anos após esta decisão, sobe ao trono de Pedro, Inocêncio III, que trazia consigo uma visão diversificada de seu antecessor no que diz respeito aos movimentos que se alastravam por toda a Europa.

Com Inocêncio III assistimos a uma reviravolta na atenção do papado em direção a estes movimentos. Durante o seu pontificado, Inocêncio abriu gradualmente a Igreja às correntes evangélicas exigindo que acatassem a fé e a autoridade eclesiástica. No caso contrário o papado lhes combatia com todos os meios à sua disposição: condenação, inquisição, cruzadas, espada. Foi assim, que, durante o pontificado de Inocêncio III, os movimentos laicos puderam encontrar um lugar na Igreja, sobretudo sobre a forma de Ordens mendicantes. (FLOOD, 1976: 38).

Não se pode desvincular a acolhida do movimento de Francisco e de outros grupos mendicantes sem a posição de Inocêncio III, ele promoveu mudanças importantes, para que estes encontrassem espaço no seio da Igreja e se firmassem como movimentos eclesiásticos.

Pode-se afirmar que, de modo geral, a posição da Igreja hierárquica antes de Inocêncio III se caracterizava por um nítido contraste com todo o movimento religioso.

E a grande reivindicação dos movimentos religiosos, que colidia com a intransigência da cúria, dizia respeito ao chamado *ordo hierarchicus* (a ordem hierárquica). Em que consiste este *ordo hierarchicus*? Resumindo, o *ordo hierarchicus* era uma mentalidade vigente em que se considerava a pregação (incluída a cura das almas) como direito reservado exclusivamente aos que eram chamados por Deus (...) (bispos, párocos e vigários). (...) O *ordo hierarchicus* foi a porta fechada para muitos movimentos daquele momento. (TEIXEIRA, 2006: 11).

Diante de tais situações era preciso buscar soluções. Chegando ao pontificado, Inocêncio III propôs uma grande reforma na Igreja que, entre outras necessidades de organização, pendia, ora para o acolhimento de alguns movimentos e seu enquadramento na política da instituição, ora lutava duramente contra outros que se opunham tanto no teor político quanto no religioso, e a ponto de mobilizar uma cruzada dentro da própria Europa .

Apesar da exaltada sensação de seu próprio poder, o jovem enérgico pontífice rapidamente se tornou conhecido por seu desejo de reformar uma instituição cada vez mais corrupta. De acordo com a obra *A gesta do papa Inocêncio III*, escrita por um bem relacionado cronista anônimo de dentro da corte papal, ele expulsou os cambistas do palácio papal e cortou as tarifas que os oficiais da cúria cobravam por documentos. Ele reiniciou uma prática de conceder consultas públicas três vezes por semana para ouvir as reclamações de âmbito maior e menor. E construiu o hospital do Espírito Santo para os necessitados de Roma. Assim sendo, o pontífice que Francisco esperava encontrar em 1209-1210 estava ciente de que a Igreja precisava retornar às virtudes simples dos tempos apostólicos, mesmo sendo ele praticamente um imperador romano (MOSES, 2010: 49).

Dentre os movimentos pauperísticos, havia desde os que claramente queriam se inserir na vida da Igreja, como os Humilhados,⁸¹ até outros que claramente se opunham a ela.

Os valdenses, os pobres de Lyon junto com outros se punham em reação à instituição hierárquica da Igreja, enquanto as duas novas ordens religiosas, de Domingos e Francisco, se inseriam no interior da própria Igreja para promover as mudanças. (BASSETTI-SANI, 1975: 4)

Havia em Inocêncio uma política de simpatia e de controle, ao mesmo tempo, com relação aos movimentos que se alastravam em prol da cristandade. Diferentemente dos seus antecessores ele “reconheceu que havia valores positivos ao lado dos ‘pobres de Cristo’ [...] Tentou, por isso, inverter novamente o movimento, integrando-o na Igreja.” (GRINGS, 1994: 139).

Inocêncio III, desde que assumira a Cátedra de Pedro em 1198, representava, no confronto com as heresias e novos movimentos religiosos, uma política de renovação. Enquanto os papas anteriores mantinham uma política de condenação dos hereges, Inocêncio III preferia o diálogo, a exortação, o convite para que os hereges retornassem ao seio da Igreja; enquanto os primeiros não se importavam (ao contrário mostravam intolerância) com o surgimento de movimentos religiosos evangélicos e pauperísticos, deixando-os antes cair na heresia, este último tentava dar-lhes espaço no âmbito da Igreja. Dentro desta política, Inocêncio III aprovou vários grupos religiosos convertidos da heresia e um ou outro grupo ortodoxo, dentre os quais o grupo de Francisco, além de grupos de penitentes que eram anexados a grupos anteriormente aprovados. (TEIXEIRA, 1994: 81).

No entanto, esta política de tolerância não foi a exclusiva e nem impediu o Papa de promover uma cruzada no interior da própria cristandade, como aquela contra os Cátaros, chamada Cruzada Albigense, conforme avalia Moses. (2010: 50).

Contudo, a posição de Inocêncio III diante dos movimentos pauperísticos foi de fundamental importância para a aceitação de Francisco e seus frades no seio da Igreja.

Nas atas do Concílio IV de Latrão, não consta a razão e o modo pelos quais a ordem franciscana conseguiu escapar do decreto proibitivo, o fato é que escapou, enquanto os outros movimentos religiosos ou se acomodaram às exigências do Concílio ou desapareceram ao longo da história... Os historiadores, a partir do fato de ter a ordem franciscana sobrevivido ao decreto conciliar sem acomodar-se a ele, procuram investigar as causas, o modo e as circunstâncias que teriam levado os padres conciliares a permitirem uma tal isenção. A hipótese mais provável é a de que o próprio papa Inocêncio III teria feito no Concílio uma intervenção pessoal em favor de Francisco e seus irmãos. (TEIXEIRA, 1994: 81).

⁸¹ È noto che nel 1201 gli Umiliati avevano ricomposto la comunione con la Chiesa di Roma ed erano stati strutturati in tre ordini, che grosso modo rispettavano e formalizzavano la molteplicità delle esperienze religiose condotte sotto la comunide denominazione di Umiliati. (MERLO, 2008: 233).

Segundo argumenta Marconi não se trata de se esquecer de situações e tomadas de posições do Papa Inocêncio no que diz respeito aos seus inimigos internos ou externos, mas é importante compreender que a sua presença no pontificado foi importante para a aprovação de movimentos como o de Francisco e o de Domingos de Gusmão no seio da Igreja, e ainda de canalizar movimentos pauperísticos, como os Humilhados.

Inocêncio III compreende que para canalizar verdadeiramente a heresia e para impedir uma ligação tão possível quanto perigosa entre os movimentos heréticos e os movimentos pauperísticos laicos ocorria que pelo menos alguns destes últimos viessem constituídos chefes naquele ponto limite entre ortodoxia e heresia, mas tendo a clarividência de englobá-los nas estruturas clássicas da Igreja de ‘normalizá-los’. (MARCONI, 2008: 61).

Assim, com este pensamento, não é difícil entender como Inocêncio aprovou a fraternidade de Francisco.

Francisco, um homem na Igreja

A relação de Francisco com as autoridades da Igreja mostra que ele desejava se inserir na instituição, ainda que buscasse uma nova forma de vida ainda não encontrada até aquele momento. Ele se reconhecia um homem dentro da cristandade e do horizonte cristão, mas, ao mesmo tempo, buscava uma forma de vida distante da política de privilégios e próxima do Evangelho.

Nas palavras de Maleczeck (2008: 98) Francisco se dirigiu a Roma com seus companheiros “em primeiro lugar para obter a permissão, de competência exclusiva do papa, para a pregação evangélica laical aos de fora da diocese de Assis.” Conforme acrescenta Teixeira, (1994: 32) levavam uma Regra para ser aprovada, com o desejo de conduzir junto com seus irmãos uma forma de vida religiosa. Para eles era importante ter esta ligação como filhos da Igreja e anunciadores da penitência e do Evangelho.

Dirigindo-se a Roma para fazer com que sua instituição fosse reconhecida, Francisco e seus frades submetiam suas intenções, formuladas em forma de regra a um poderoso mecanismo cuja intenção explícita era de definir e dominar todo esforço religioso organizado. Como chefe da Igreja medieval, Inocêncio III não permitia que nenhum acontecimento importante escapasse a seu julgamento e a sua influência [...] O papa tinha sensibilidade para com as esperanças e intenções de qualquer nova instituição religiosa. O que importava era que nenhum movimento religioso colocasse em questão nem o poder da igreja, nem suas teorias de legitimação. (FLOOD, 1986: 89).

Ao submeter as suas intenções à Igreja, Francisco e seu grupo buscavam a liberdade de andar pelo mundo vivendo o ideal de vida a que se propunham, sem serem confundidos com hereges.

Em Assis, Francisco e seus irmãos tinham o apoio do bispo Guido⁸², mas a cidade se tornava pequena para o tamanho do grupo, que crescia, e para o ardor que desenvolvia junto ao próprio grupo. Decidiram então ir para Roma e buscar a aprovação da liderança universal da Igreja.

O Evangelho havia chamado Francisco a compreender a sua vida como missão. Quando se juntaram a irmãos, que estavam prontos a partilhar a sua vida e a sua missão, tornou-se urgente para ele ir a Roma. Não podia mais firmar-se nos estreitos confins da diocese de Assis, mas devia ir com os seus irmãos a Roma, para ser reconhecido da Igreja espalhada pelo mundo inteiro e poder viver e trabalhar no âmbito da igreja universal. (ROTZETTER, 1990: 31).

Francisco, como muitos de seu tempo, acreditava que a ação da Igreja era um reflexo da ação de Deus e, ter o apoio da instituição era um sinal da aprovação do próprio Deus.

Deus desempenhava um papel de última instância no mundo cristão de Assis e do movimento franciscano. Era necessário que uma ordem fosse legitimada por Deus para ser aceita pelos homens. Assim existia como uma comuna em nome de Deus e para a glória de Jesus Cristo. Embora vivendo outros relacionamentos com os bens e os homens, Francisco e seus frades não evitavam a menção do nome de Deus. Ao contrário, agiam em nome do Evangelho e para respeitar a soberania de Deus sobre tudo. (FLOOD, 1986: 102).

Para se chegar ao Papa era necessário passar por intermediários e o grupo encontrou no Cardeal João de São Paulo⁸³ um protetor e intermediário que poderia escutá-lo, fazendo a interlocução de seus propósitos diante do Papa.

O cardeal João de São Paulo foi aliado de Francisco na busca da aprovação papal. Ao ler o texto (da regra), o cardeal deve ter percebido que o grupo buscava uma 'nova forma de vida religiosa'. Era tarefa dele questionar o grupo sobre esta nova forma e até propor as formas de vida religiosa existentes (...) E Francisco, recusando a proposta, certamente pode expor a novidade de seu projeto. (TEIXEIRA, 1994: 34).

Mesmo não querendo viver as regras de uma comunidade já constituída, Francisco se mostrava aberto a eclesialidade de seu tempo (TEIXEIRA, 1994: 46) e sabia o quanto era importante o apoio do Papa para o seu projeto de vida.

Francisco e seus frades foram ter com Inocêncio III para serem legitimados pela Igreja. Sabemos que conseguiram passar bem neste exame. Inocêncio III, com sua aprovação, lhes deu o estatuto de clérigos que os isentava dos deveres comunais em Assis e em outros lugares. (FLOOD, 1986: 147).

⁸² Cf. I Cel XIII-32, FFC, 2004: 219.

⁸³ O Cardeal João de São Paulo, juntamente com o Cardeal Leone Brancaleone tiveram grande importância na Cúria de Inocêncio III no que diz respeito à sensibilidade diante dos novos movimentos religiosos surgidos nos XII e XIII séculos. (ALBERZONI, 2008: 66).

Esta legitimidade fez com que o grupo procurasse dentro de sua própria evolução constituir um princípio de vida (Regra) que pudesse nortear os passos da comunidade. Ao longo de quatorze anos (de 1209 a 1223), essa Regra foi sendo constituída, assim como evoluía o projeto e a compreensão de missão e de vida em Francisco e seus frades. (TEIXEIRA, 1994).

Nos dizeres de Teixeira (2006: 23) “A aprovação significa que o papa reconhece a vida dos frades menores como autêntica vida do Evangelho e a acolhe na ordem jurídica da Igreja.” A partir desse momento Francisco podia enviar seus frades em missão apostólica pelo mundo inteiro, seguindo o Santo Evangelho e acolhido no coração da Igreja, sem correr o risco de prejudicar seu grupo, e até mesmo o Bispo Guido por tê-lo acolhido no primeiro momento.⁸⁴

Viver de acordo com o Santo Evangelho

O projeto que Francisco propõe a si e aos seus irmãos é algo inteiramente ligado ao viver segundo o Santo Evangelho, e ele mesmo o diz em diversos momentos de sua história, sobretudo quando próximo ao fim da sua vida, escreveu o Testamento no qual esclareceu que foi ao encontro do Papa Inocêncio III com seus irmãos com a intenção de não seguir nenhuma outra Regra que não fosse a do Evangelho⁸⁵.

“Ao ouvir isto (leitura do Evangelho), alegraram-se com regozijo muito grande (Mc 2, 10) e disseram: ‘Eis o que desejávamos, eis o que procurávamos’. E disse o bem-aventurado Francisco: ‘Esta será a nossa Regra’ ”. (AP 11, FFC, 2004: 766).

O viver segundo os princípios do Evangelho pode lançar luzes a muitas situações na vida de Francisco e de sua comunidade e, em especial, sobre a relação que Francisco criou com o Islã a partir do seu desejo de ir até eles, do seu encontro pessoal com o Sultão Malek-Al-Kamil⁸⁶, e nos escritos que foram produzidos após o dito encontro.⁸⁷

⁸⁴ Marconi (2008: 74) sugere que Francisco tenha ido a Roma por pressão do bispo de Assis que tinha medo que o grupo de pobres fosse considerado herege, trazendo complicações para a diocese de Assis. Esta opinião, contudo, não se encontra em alguns dos principais historiadores da Ordem, entre eles Raoul Manselli.

⁸⁵ Cf. Test, FFC, 2004: 189. Segundo Paolazzi (2008: 125-139) e outros autores concordes, a protoregra de Francisco e da Ordem é composta substancialmente de citações evangélicas.

⁸⁶ Cf. Cel, LM, FFC, 2004:610. Em vários momentos da hagiografia encontram-se relatos sobre o ‘ir ao encontro dos muçulmanos’ por parte de Francisco e do encontro propriamente dito com o Sultão Malek-Al-Kamil.

⁸⁷ Alguns destes escritos serão tratados especificamente na Parte III.

Toda a guerra convocada pela Igreja contra o Islã se baseava praticamente em textos do Antigo Testamento. Enquanto a *Jihad*⁸⁸ tem total consonância com o Corão, tanto a *Jihad* maior, contra os vícios que impede ao homem a sua submissão a Allah, quanto a *Jihad* menor, que propõe a luta em defesa contra aqueles que atacam o Islã. A Cruzada não encontrava consonância nos Evangelhos, representando um retrocesso.⁸⁹ A regra de vida desejada por Francisco, em si mesma, já era um voto contra a luta armada⁹⁰.

O pobre de Assis, segundo os seus biógrafos e também de acordo com o seu testamento, dava a entender que não era necessária nenhuma regra e nem mesmo nenhum modo de vida senão o que levava ao Evangelho e partia dele - segundo os ensinamentos de Jesus e a vida que Jesus e seus discípulos viveram.

O santo, ao formular as normas de vida para si e seus companheiros, havia considerado como ponto de referência apenas o Evangelho, a ser difundido sobre a terra: pensava com as sequências próprias do sonho, em que tempos e locais se unem instantaneamente, não calculava ritmos humanos, febrilmente ansioso em obedecer o mandamento de Cristo com a generosidade megalomaniaca da juventude, agora com o sinal invertido. (FRUGONI, 2011: 113).

Vivendo segundo os preceitos do Santo Evangelho, o pobre de Assis se propunha a levar a vida apostólica e a propagar o projeto de Jesus para todos os quais chamava irmão, e em todos os cantos.

O anúncio do Evangelho é o coração da regra. Porque o frade existe para os outros e age no nome de Cristo para o bem do mundo. Francisco, homem evangélico fez da estrada e da cidade um lugar teológico, um espaço concreto de testemunho e de anúncio cristão. (SCOGNAMIGLIO, 2011: 45).

O viver para o outro, segundo o Evangelho, parece ser no entender de Francisco, a capacidade de ir ao encontro do outro sem se impor, e, ao mesmo tempo, estar aberto ao aprendizado na relação com aquele que está à sua frente. Segundo Vauchez (2010: 37) Francisco declara, no início do seu processo de conversão, assim como os seus biógrafos, que

⁸⁸ Jihad é um conceito essencial da religião islâmica e significa "empenho", "esforço". Pode ser entendida como uma luta, mediante vontade pessoal, de se buscar e conquistar a fé perfeita. Podemos destacar duas formas de Jihad nos ditos de Mohamed, a primeira chamada Jihad maior é descrita como uma luta do indivíduo consigo mesmo, pelo domínio da alma; e a outra: a Jihad menor, é descrita como um esforço que os muçulmanos fazem para levar a teoria do Islã a outras pessoas.

⁸⁹ Este tema é amplamente explicitado no livro de Giulio Cipollone, **Cristianità – Islam cattività e liberazione in nome di dio il tempo di Innocenzo III dopo il 1187**. Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1992.

⁹⁰ Em uma obra Guido Vignelli defende que Francisco não foi um homem pacifista, nem ecumênico, muito menos amigo do Islã. O autor cuja obra se intitula **San Francesco antimoderno** é muito claro em suas posições. Claro que Francisco não foi moderno e nem poderia sê-lo vivendo no auge do Medievo, mas certamente muitas posições de Francisco no que diz respeito à paz, ao anúncio do Evangelho e à posição da Igreja diante dos movimentos heréticos e mesmo diante do Islã destoavam da grande maioria de seu tempo. (VIGNELLI, 2009: 25-48)

no encontro com o leproso no caminho, foi ele que saiu transformado e não aquele com o qual se encontrou. Uma mesma leitura pode ser feita, como se verá em alguns de seus escritos, quando se trata do encontro com o mundo muçulmano.

Quando Ugolino quis fazer com que Francisco e seus frades seguissem as regras de vida segundo a legislação monástica dos beneditinos ou dos cônegos regulares, o Irmão Menor resistiu, dizendo: “a vida dos frades menores deveria ser aquela que o Senhor havia inspirado.” (BASETI-SANI, 1975: 131). Uma vida que está aberta ao outro.⁹¹

“Os frades, a exemplo dos apóstolos, viviam na pobreza e andavam pelo mundo dois a dois para pregar o Evangelho. Foi este mesmo desejo de evangelização que impulsionou Francisco a ir até o Egito” – palavras de Tolan (2009: 8). A missão era para ele uma busca do viver apostólico, perseguindo o desejo de levar a paz ao mundo. (HOEBERICHTS, 2002: 100).

O desejo de viver segundo a forma e a pregação do Evangelho pode ser percebido nos textos que falam da vida de Francisco e seu grupo, e também nos escritos do próprio Francisco, mas a capacidade de se transformar diante do seu interlocutor, ainda é pouco discutida e merece uma análise mais pormenorizada⁹², uma vez que não é difícil perceber que o pobre de Assis entendia que: “para evangelizar um muçulmano ou qualquer outra pessoa, não basta apenas anunciar o Evangelho e explicar a doutrina, mas requer-se toda uma longa convivência e intercâmbio de valores que preceda ao anúncio propriamente dito.” (TEIXEIRA, 1994:53).

Mesmo que tenha sido pouco o tempo de Francisco no convívio com o Sultão Malek-Al-Kamil, seus escritos posteriores demarcam uma mudança na compreensão do mundo, impulsionada pela forma de vida que se buscava e o diálogo com o seu interlocutor.

⁹¹ No Evangelho de Marcos encontra-se um relato que mostra a capacidade de Jesus, no entender do evangelista, de mudar a sua posição. Em um encontro com uma mulher siro-fínícia que pede a Jesus a cura da filha, Jesus responde: “Não fica bem dar aos cães a comida que deve ser dada aos filhos.”, a mulher responde: “Mas os filhos comem ao menos as migalhas que caem das mesas de seus donos”. Segundo Marcos, diante desta resposta Jesus muda a sua opinião e faz conforme a mulher lhe havia pedido. Não cabe aqui fazer uma exegese do texto, mas o mesmo serve para mostrar que viver segundo o Evangelho para Francisco significava também ter a capacidade de mudar a si mesmo diante do seu interlocutor. (cf. Bíblia de Jerusalém. Mc 7, 24-30).

⁹² Em *Il Santo dal Sultano*, a obra de John Tolan, Laterza (2009) faz uma leitura do encontro entre Francisco e o Sultão e defende a tese de que em cada tempo este encontro foi lido de acordo com os interesses vigentes, sejam nos textos ou nas pinturas, desde o século XIII até os nossos dias. O que se propõem aqui é fazer uma leitura não do encontro, mas do que ele produziu em Francisco, não na ótica de pintores ou comentadores, mas nos textos do próprio Francisco, que a partir do viver segundo o Santo Evangelho foi capaz de perceber piedade na prática Islâmica, e ousou propô-la em parte para o Ocidente, e ainda, percebendo a fé em Deus no Islã, foi capaz de elaborar um método missionário para ir ao encontro deste universo.

4.2 A missão nos primeiros Capítulos da Ordem

Desde o momento de sua conversão, Francisco foi apresentando sinais de querer levar a mensagem do Evangelho aos homens do seu tempo, e logo que completou um pequeno grupo já os dividiu em dois para que saíssem pelas estradas e vilarejos próximos a Assis.

Naquela mesma ocasião, entrando na Religião um outro homem bom, eles atingiram o número de oito. Então, o bem-aventurado Francisco convocou todos a si e anunciando-lhes muitas coisas sobre o Reino de Deus (Cf. At 1,3), o desprezo do mundo, a abnegação da própria vontade e o domínio do próprio corpo, dividiu-os dois a dois para as quatro partes do mundo e disse-lhes: “Ide, caríssimos, dois a dois (Lc 10,1) pelas diversas partes do mundo, anunciando aos homens a paz (Cf. At 10,36) e a penitência para a remissão dos pecados” (Cf. Mc 1,4). (I Cel XII-29, FFC, 2004: 216).

O crescimento do grupo e a missão a que se propunha exigiam de Francisco e de seus irmãos uma organização, algo que ele buscou fora das regras existentes em seu tempo, tomando como norma geral de vida o próprio Senhor Jesus e seus discípulos, ou o Evangelho, afirmando em seu testamento que fora o Senhor mesmo que o havia mostrado como fazer e como viver.⁹³

Além da clareza sobre como viver segundo a forma do Santo Evangelho, havia ainda os encontros dos frades em Capítulos, momentos de avaliação e de projeção do futuro. O Anônimo Perusino sugere que logo após o encontro com o Papa Inocêncio III, o Cardeal João de São Paulo mandou conferir a tonsura aos doze irmãos, e em seguida Francisco ordenou que se fizesse o Capítulo duas vezes ao ano por ocasião de Pentecostes e na festa de São Miguel Arcanjo (AP VII-36, FFC, 2004: 781). Com o crescimento do número de irmãos, a forma de realizar os Capítulos vai mudando a, como se pode observar na Regra.

Todo ano cada ministro pode reunir-se com seus irmãos onde lhes aprouver, na festa de São Miguel Arcanjo, para tratarem das coisas que se referem a Deus. Todos os ministros, no entanto, que estão nas regiões ultramarinas e ultramontanhas, venham ao Capítulo de Pentecostes junto à Igreja de Santa Maria da Porciúncula uma vez em três anos, e os outros ministros, uma vez ao ano, a não ser que pelo ministro e servo de toda a fraternidade tiver sido estabelecido diferente. (RnB XVIII, FFC, 2004: 178).

Era preciso se organizar para a missão, havia mundos a serem desafiados com a mensagem do Evangelho e a partir de então foram surgindo as províncias, algumas dentro da Itália, onde o grupo já estava de certa forma espalhado e outras fora dos seus limites. Esta era uma forma de organização para que em cada canto pudesse haver um frade com o espírito de Francisco a anunciar aos homens e mulheres a paz.

⁹³ Test, FFC, 2004: 189.

As viagens levavam os frades para outros países e outros costumes submissos a toda criatura humana, por causa de Deus, sem posses a preservar e interesses a fazer valer, Francisco e seus amigos colocavam o espírito a escuta dessa grande diversidade que constituía a raça humana. Sem função alguma no mundo de seu tempo e sem vontade alguma de serem importantes, os frades não estavam impedidos por nada de se servirem dos conhecimentos e das experiências dos outros. (FLOOD, 1986: 139).

Com este propósito surgiram as primeiras províncias espalhadas em diversos lugares dentro da cristandade e além dela, o objetivo inicial continuava vivo no coração de Francisco e de seus irmãos: anunciar o Evangelho e paz, pregando a conversão e a penitência.

Quanto mais crescia a comunidade tanto mais crescia a necessidade de se organizar juntamente com o ardor missionário.

Em Pentecostes, reuniam se todos os irmãos para o capítulo junto à Igreja de Santa Maria da Porciúncula. Neste capítulo, tratavam da maneira como melhor poderiam observar a Regra. E constituíam os irmãos que pregassem ao povo pelas diversas províncias e os que distribuíssem os irmãos em suas províncias. (AP VIII-37, FFC, 2004: 781).

Como bem se vê “a primitiva experiência da forma de vida proposta por Francisco aos seus frades reclamava, espontaneamente, a realização do encontro fraterno como exigência intrínseca” (DICIONÁRIO FRANCISCANO, 1993: 77).

Entre os Capítulos da Ordem anterior e o evento do encontro de Francisco e o Sultão, têm uma importância crucial na presente pesquisa aqueles de 1217 e de 1219, quando foram divididas as províncias dentro e fora da Itália e os irmãos puderam espalhar a missão pelos quatro cantos do mundo, base também para se entender a ida de Francisco ao encontro do Sultão em Damietta durante o cerco promovido pelos cruzados.

O Capítulo 1217, da Ordem dos Frades Menores foi importante no projeto de expansão da missão idealizada desde o princípio pelos primeiros irmãos. Os arredores de Assis, e mesmo a Itália, já se tornavam demasiado pequenos para os anseios da Ordem, que queria, como o mandato evangélico, “ir por todo o mundo e pregar o Evangelho a toda criatura.” (Lc 6, 27-28).

No Pentecostes de 1217, realizou-se na Porziuncola uma reunião geral em que foi decidida uma estruturação mais formal da fraternidade, com uma nítida divisão de tarefas: determinou-se a periodicidade anual dos encontros – era muito complicado reunir duas vezes ao ano todos os frades, certamente vindo de longas distâncias –; depois constatada a necessidade de ampliar e especificar o campo do apostolado, dividiu-se a Itália em províncias e se estabeleceram missões também fora do país. Frei Egídio, por exemplo, partiu para Túnis, frei Elias para a Síria, com frei Maseo, Francisco rumou para a França, mas o cardeal Ugolino, que estava em Florença divulgando a Cruzada, encontrou-o e conseguiu convencê-lo a voltar a Assis: o prelado considerava a ordem frágil demais para ficar privada de seu líder carismático por muito tempo. (FRUGONI, 2011: 105).

Segundo Ajello (1999: 12-14) deste Capítulo resultaram, como defendem muitos autores, a organização em províncias e as missões para além das fronteiras da Itália, essas últimas consideradas como grande fracasso, uma vez que não alcançaram objetivo algum. Os irmãos não tinham preparação e nem conhecimento da língua falada nos lugares para onde foram enviados. Segundo Jordano de Jano, ao chegarem na França, foram “interrogados se eram albigenses e desconhecendo que eles eram hereges, responderam que sim e foram julgados como hereges,” porém sendo salvos pelo Bispo e pelos mestres de Paris, que ao examinarem a Regra perceberam que eram católicos. Na Hungria eles foram atacados por cães e pastores, tiveram que ficar inúmeras vezes nus, e depois retornaram à Itália. Também na Alemanha eles “desconhecendo a língua, interrogados se queriam hospedar-se, comer ou qualquer coisa do gênero, responderam *íá*, interrogados se eram hereges e se haviam vindo com a finalidade de corromper a Alemanha” também responderam *íá*, que seria sim. Diante disso foram espancados, alguns encarcerados e despojados de suas vestes e também retornaram para a Itália. Nas próprias palavras de Jano: “E assim, toda aquela primeira missão, talvez porque o tempo de enviar ainda não chegara⁹⁴, reduziu-se a nada, visto que, sob o céu, cada coisa tem seu tempo.” (JJ 8, FFC, 2004: 1266).

Francisco é obrigado (com toda sua relutância) a pedir um documento escrito à Cúria, para garantir uma segurança para seus irmãos ao correr o mundo, fato que pode ter sido percebido, aos seus olhos, como um desencontro entre o ideal desejado por ele e a realidade (MANSELLI, 1997: 192), ou seja, entre viver sem qualquer interdição da Cúria, pobre com os pobres, menor com os menores, e a necessidade de proteger os seus irmãos.

Independente dos fracassos obtidos, o Capítulo de 1217 teve sua grande importância, porque se em um primeiro momento tiveram dificuldades com a língua e com as adversidades em tempos difíceis, também estavam lançadas as bases para a expansão do projeto que se iniciara anos antes com Francisco, Bernardo, Pedro Catani e os primeiros que abraçaram o ideal de uma vida em comunidade.

O capítulo de 1217 foi de grande significação para a história da ordem. Dois eventos intimamente ligados entre si marcaram de modo particular esse capítulo: a estruturação da ordem em províncias e a organização das primeiras missões dos

⁹⁴ A expressão aqui usada pode ser lida na mesma linha da revelação de Francisco em Damietta quando predisse a derrota, porque não era a hora de Deus, e mais ainda, em consonância com as duas tentativas frustradas de Francisco ir ter com os muçulmanos. Esta interpretação abre caminho para se compreender a orientação de Francisco quando diz na Regra não Bulada para que os irmãos anunciem apenas quando virem que agrada a Deus; ou seja, toda a vida e missão de Francisco e de sua Fraternidade parecem ser, aos olhos do pobrezinho, claramente conduzidas por Deus.

irmãos fora da Itália. Consequência desses fatos foi o surgimento de uma nova maneira de exercer a autoridade. [...]

O capítulo estruturou a ordem inicialmente em seis províncias dentro da Itália e cinco fora da Itália. As províncias em território italiano coincidiam com aquelas regiões onde os irmãos já estavam presentes com sua vida evangélica, seus trabalhos e seu apostolado. Foram, assim, instituídas as províncias da Toscana, das Marcas, da Lombardia, de Nápoles, da Apúlia e da Calábria. [...]

A organização das províncias fora da Itália – a saber, Alemanha, França, Provença, Espanha e Síria – mostra o senso de universalidade de Francisco. Ele desejava a presença da Ordem não somente na Itália, mas também em todo o mundo cristão e até mesmo no mundo dominado pelos muçulmanos. (TEIXEIRA, 1994: 92-94).

Entre as províncias fora da Itália, a saber, Hungria, Inglaterra, França, Alemanha e Síria, interessa ao estudo, de modo particular, a província da Síria, pois apontava para a terra dos estrangeiros, sonho que era acalentado por Francisco, conforme descreveram seus biógrafos desde 1212.

Esses homens de Assis libertaram-se de sua condição social. Romperam com sua classe e abandonaram suas profissões. Aprenderam a bastar-se a si mesmos através de seu trabalho de produção e serviço. Ávidos de vida, mais do que de bens, foram pelo mundo afora. Assim fazendo iam às casas daqueles que os recebiam. Em seu contato com os outros, estavam novamente sob a influência do mundo que tinham deixado. Distinguiram com precisão aquilo que o mundo queria fazer deles e o que eles queriam fazer do mundo. Aquilo que eles tinham vontade de fazer com seus bens em prol dos outros para além das ordenações e hábitos desse mundo. (FLOOD, 1986: 108).

A partir do capítulo de 1217, Francisco e seus irmãos saíram da Úmbria e começaram a se espalhar pelo mundo conhecido; cada vez mais crescia o número daqueles que, impressionados pelo carisma de Francisco e da fraternidade, se ingressavam na Ordem dos Frades Menores para viver segundo o Santo Evangelho, para pregarem o Reino de Deus e viver a penitência para a remissão dos pecados.

Quando estudamos o movimento franciscano e lemos a Regra, familiarizamo-nos com uma perspectiva elaborada e concretizada ao longo de um decênio (1210-1220). As frases falam de esforços que foram sendo realizados. Neste período o frade tinha que viver cada minuto da sua vida. Enquanto vivia esse minuto, vivia toda a sua existência para que seu movimento fosse bem sucedido, Francisco e seus frades não podiam atingir a glória de Deus passando por sobre as necessidades dos irmãos, ignorando as fraquezas dos momentos sucessivos da história da vida. Os frades eram homens e não anjos. (FLOOD, 1986: 143).

A regra de vida estava marcada pela missão e diante do fracasso daquela que foi projetada em 1217, Francisco e seus irmãos parecem ter repensado os caminhos traçados para atingirem os objetivos propostos.

Plenamente consciente do fracasso das missões europeias de 1217, Francisco estava pronto para prosseguir um novo plano evangelizador. Desta vez, os irmãos levariam uma carta que Ugolino pediria ao papa Honório, dando garantia de sua ortodoxia

[...] Três missões no mundo Islâmico foram planejadas. Uma incluía o irmão Giles, amigo próximo de Francisco, que tinha estado na Terra Santa. Ele foi enviado à Tunísia, o norte da África, enquanto seis irmãos foram despachados para o Marrocos. E Francisco viajaria ao oriente, onde a ordem já havia se estabelecido em Acre. (MOSES, 2010: 113).

O fracasso fez crescer ainda mais o ardor missionário de Francisco que, segundo os seus primeiros biógrafos, retomou o anseio antigo de ir ao encontro dos muçulmanos que enfrentavam os cristãos em defesa de seus territórios no Egito.

Mas, ao contrário dos cruzados que tentavam pelas armas, aos poucos vai se formando em Francisco a mentalidade de se colocar no meio dos infiéis com intuito de esperar a hora de Deus para anunciar o Evangelho. Aliás, esta será uma proposição clara no estatuto missionário da Regra não Bulada dentro do Capítulo XVI, escrito após a viagem que Francisco fez ao mesmo Egito, em 1219.

Veremos como o estilo missionário assumido por Francisco e por seus companheiros na terra dos sarracenos e dos infiéis, em evidente dissonância com o empenho político e apostólico dos homens da Igreja e do poder temporal daquele tempo – motivados a libertar os lugares santos da hegemonia dos árabes muçulmanos através da justa causa das cruzadas ou guerra santa – revelam um distanciamento mais profundo no interior da mesma companhia cristã que consiste no modo de entender a fé, a experiência de Deus, a santidade, o anúncio próprio do Evangelho e a imposição da vida religiosa. Trata-se de uma tensão - ou ainda de um conflito às vezes dialético – que aparece da mesma forma no confronto entre a primeira Regra e aquela última ou definitiva. (SCOGNAMIGLIO, 2011: 13-14).

Francisco queria ajudar a Igreja no projeto de expansão do Evangelho. O crescente ardor missionário apresentado no Capítulo de Pentecostes, de 1217, aparece como uma proposta concreta dentro do espírito de expansão presente no Concílio, mas de forma própria, uma vez que não pensa em guerra, diferentemente dos projetos colocados pelo IV Concílio de Latrão ⁹⁵ que no seu último cânon, convoca explicitamente toda a cristandade para a guerra de reconquista da terra que Jesus havia comprado com o próprio sangue, uma guerra que, como outras, visava a expansão do poderio da própria Igreja.

Para além do Ocidente

Com os Capítulos gerais se definindo na Ordem, e o crescimento do número de irmãos, os pobres de Assis queriam, agora, ganhar o mundo pela força do viver segundo o Santo Evangelho.

Francisco e seus amigos deixaram Assis para viver além dos cerceamentos inerentes à vida da comuna. Queriam descobrir o mundo anunciado por Jesus Cristo. Queriam

⁹⁵ O Cânone 71, do IV Concílio de Latrão, era uma convocação às armas para combater os infiéis e tomar deles as terras da Palestina e região (Terra Santa). Francisco vai ao encontro do Islã e não contra, com a proposta de levar a penitência e a conversão pela força do Evangelho. (Cf. MOSES, 2010: 71).

encontrar Deus [...] Francisco e seus amigos não quiseram se deixar limitar espiritual e geograficamente por Assis. (FLOOD, 1986: 73).

Se as experiências no Ocidente foram marcadas por acontecimentos negativos no parecer de Jordano de Jano, o mesmo parece não se dar com a experiência para além do Ocidente guiada por Elias que foi o primeiro a se encaminhar para a Síria.

No dizer de Jordano de Jano 9 “No entanto, Frei Elias foi constituído pelo bem-aventurado Francisco como ministro provincial no ultramar. Convertido pela sua pregação, um clérigo de nome Cesário foi acolhido na ordem.” (FFC, 2004: 1266). Porém, o que as fontes bibliográficas indicam é que o próprio Francisco já havia manifestado o desejo de ir para a Síria, província agora guiada por Elias, sendo esse a realização de um sonho do pobrezinho.

A província da Síria, particularmente, concretizava um grande sonho missionário de Francisco. Ele próprio já havia tentado, em 1211, chegar à Síria “para pregar a fé e a penitência aos sarracenos” [...] Somente em 1217 ao implantar a província da Síria, ele conseguiu implantar a ordem em terras de missão, enviando para lá frei Elias como primeiro ministro provincial. (TEIXEIRA, 1994: 52).

Para Flood (1976: 8) com a evolução da organização da comunidade seja na Regra, seja nos Capítulos das experiências vividas, inclusive em suas particularidades, pode-se compreender que uma parte do Capítulo XVI da Regra não Bulada, destinada à orientação para os que iriam se aventurar na missão entre os povos, fosse escrita no período concernente à criação da província na Síria, mas outra parte, certamente aquela que orienta o comportamento entre os povos, em especial entre os sarracenos, tenha sido composta após a experiência do próprio Francisco junto ao Sultão, conforme descreve Teixeira.

Igualmente devem ser colocadas depois de 1217 as disposições do cap. XVI da Regra não Bulada para aqueles que queriam partir para o meio dos sarracenos. É possível que a metodologia missionária de Francisco, contida nos versos 5 a 9 (6 a 13) deste capítulo, tenha sido um acréscimo de 1220, pois reflete a experiência de Francisco junto ao Sultão do Egito, Malek-al-Kamel. Francisco deve ter descoberto naquela ocasião que, para evangelizar um muçulmano ou qualquer outra pessoa, não basta apenas anunciar o evangelho e explicar a doutrina, mas requer-se toda uma longa convivência e intercâmbio de valores que preceda ao anúncio propriamente dito. (TEIXEIRA, 1994: 53).

O projeto de Francisco e de seus irmãos menores ganhava corpo, saíram da úmbria e agora se espalhavam pelo mundo conhecido. O objetivo proposto na abertura do Evangelho acompanhava a vida daqueles homens e a modificava de acordo com as necessidades surgidas ao longo do caminho. A realidade de viver na comunidade dos Menores e ainda na

comunidade maior, a Igreja da Cristandade, algumas vezes fizeram Francisco ter uma postura que, de certa forma, se opunha tanto ao grupo dos Menores como à instituição abrangente.

Com um olhar diferente

Francisco e o seu grupo nasceram dentro da Cristandade e dentro das normas da Igreja Católica, queriam pertencer à instituição como se pode perceber nos diversos escritos seus que já foram apresentados, ou ainda o serão no decorrer deste trabalho. Mas, o olhar do Assisate parecia ir além dos limites da cristandade fechada em si mesma.

Desde a primeira forma de vida composta para obter de Inocêncio III a aprovação da Nova Ordem instituída por Francisco, deveria ter, como depois nas sucessivas redações da Regra dos frades Menores, um capítulo para 'aqueles que queriam ir para o meio dos Sarracenos'. Apresentando o primeiro grupo dos seus 'irmãos' ao papa, Francisco ousava fazer presente o seu plano de aproximação 'pacífica' dos 'irmãos muçulmanos'. Ele desejava encontrar 'pacificamente' os muçulmanos, entrar em amizade pessoal com eles, mostrar-lhes que ele lhes considerava verdadeiramente amigos e irmãos e não inimigos. (Basetti-Sani, 1975: 72).

Para Francisco o caminho para a expansão do Evangelho era o próprio Evangelho e o sentimento de Minoridade e não as armas; pois o Evangelho e o ser Menor eram, aos seus olhos, a melhor forma de confraternizar os homens, ao contrário das armas, que espalhavam o ódio, o preconceito e o medo. Assim os dois caminhos vão se delineando em um longo processo.

A fraternidade de Francisco desde o seu início esboçou um desejo missionário de pregar a penitência e o reino de Deus, mas para viver em comunidade era preciso uma regra e um modelo de vida, os quais eram espelhados no próprio Francisco. No entanto, só isso não bastava para a permissão da Igreja, e então, paulatinamente foi sendo gestada uma regra pautada totalmente nos escritos do Evangelho.

O grupo encontrou um momento favorável diante das perspectivas abertas com o Papa Inocêncio III que, enquanto buscava uma reforma na Igreja demonstrava uma abertura para os movimentos pauperísticos, concedendo, de forma verbal, a autorização para que a comunidade fosse reconhecida e crescesse. Ao longo dos Capítulos Gerais da Ordem foi sendo gestada a Regra de vida que continuava a ter em Francisco um modelo, e na missão, um ideal crescente.

O mundo se torna a casa dos frades, e ao longo do próxima seção se verá o comportamento missionário dos frades diante do outro, e o processo de aprendizado de

Francisco que continuará sendo um modelo a ser seguido pela fraternidade - diante de uma religião desconhecida, em um momento marcado pela guerra, o jovem de Assis dá um passo buscando outro caminho ao andar desarmado ao encontro do Islã, carregando sempre a marca da Minoridade e o desejo de viver segundo a forma do santo Evangelho.

CAPÍTULO V

5 O MUNDO É NOSSO CLAUSTRO⁹⁶

Desde o início de sua conversão⁹⁷, ou do seu deixar o mundo⁹⁸, Francisco sempre caminhou em direção ao outro, e em cada encontro as fronteiras se alargavam, pois sair do mundo era exatamente entrar no mundo⁹⁹. Neste processo encontrou-se com o leproso e o que lhe era amargo fez-se doce;¹⁰⁰ dentro da trajetória de sua conversão encontra-se com o Cristo na igreja de São Damião¹⁰¹ e recebe o convite para restaurar a Igreja em ruínas, uma reconstrução que se estende pelo mundo nos diversos encontros; novamente, foi a vez de se encontrar com os irmãos e formar com eles uma comunidade, um passo a mais; e o encontro com Clara;¹⁰² e o caminho para Roma se inserindo como Ordem na vida da Igreja; e os outros muitos encontros nos Capítulos e sempre acompanhados de um desejo de ganhar o mundo.¹⁰³

A Senhora pobreza pediu um travesseiro para [reclinar] sua cabeça. E eles imediatamente trouxeram uma pedra e a puseram sob a cabeça dela. Ela, porém, dormindo sobriamente um sono muito tranquilo, levantou-se ligeiramente, pedindo que se lhe mostrasse o claustro. Conduzindo-a a uma colina, mostraram-lhe todo o orbe que podiam ver, dizendo: “Senhora, este é o nosso claustro”. (SACRUM COMMERCIIUM, FFC, 2004: 1481)

⁹⁶ “Pois, embora estejais a caminho, seja, no entanto, vossa convivência seja tão honesta, como se estivésseis no eremitério ou na cela; pois o irmão corpo é a nossa cela, e a alma é o eremita que mora dentro da cela para rezar a Deus e meditar. Por isso, se a alma não permanecer na tranquilidade e na solidão em sua cela, pouco serve ao religioso a cela feita pela mão.” (COMPASSIS, FFC, 2004: 946).

⁹⁷ Usa-se o termo conversão para expressar os acontecimentos da vida de Francisco após o seu encontro com o leproso e o Cristo em São Damião, mas, sobretudo, após proferir a expressão “é isso que eu quero” depois do seu encontro com os textos do Evangelho. “Tommaso da Celano situa l’avvenimento nella chiesetta della Porziuncola, a chiusura del período in cui, dopo la ‘conversione’ e vestito ancora dell’abito eremitico, Francesco si era dedicato a riparare alcune chiese malandate [...] secondo Tommaso un giorno, durante una messe, egli vi senti leggtrr un passo del Vangelo che narra di come il Signore inviò i discepoli a predicare – depois de ouvir a explicação pedida ao sacerdote sobre o texto – immediata fu la gioiosa reazione di Francesco “questo è ciò che voglio, questo è ciò che cerco, questo con tutte le fibre del cuore bramo di fare.”(MICCOLI, 2013: 120-121)

⁹⁸ Expressão usada por Francisco no seu Testamento ao relatar o início da sua experiência, ou das suas experiências, com o Altíssimo em diversos encontros com Deus e com os outros. (Cf. TEST, FFC, 2004: 188). “In che senso Francesco uscì dal mondo? Nella tradizione medioevale l’espressione aveva un chiaro significato sociale, anzi topografico: voleva dire varcare la soglia si un monastero o entrare nella solitudine di un eremo, lasciandosi alle spalle la città degli uomini. Francesco, in realtà, entrò nel mondo proprio nel momento che ne uscì”. (Cf. BALDUCCI, 1989: 11)

⁹⁹ “In che senso Francesco uscì dal mondo? Nella tradizione medioevale l’espressione aveva un chiaro significado sociale, anzi topografico: voleva dire varcare la soglia si un monastero o entrare nella solitudine di un eremo, lasciandosi alle spalle la città degli uomini. Francesco, in realtà, entrò nel mondo proprio nel momento che ne uscì”. (Cf. BALDUCCI, 1989: 11)

¹⁰⁰ “Uscire dal mondo volle dire, per usare le sue parole, capovolgere l’amaro in dolcezza, adottare come progetto di vita la condizione degli esclusi e ritrovare in quel punto morto di tutti i valori che, nel loro insieme sono, appunto, il mondo.” (Test, FFC, 2004: 188). (Cf. BALDUCCI, 1989: 12).

¹⁰¹ Cf. 2 Celano VI – 10, FFC, 2004: 308.

¹⁰² Cf. 1 Celano VIII – 18, FFC, 2004: 210.

¹⁰³ A comunidade franciscana é uma comunidade peregrinante: ela não deve estabelecer-se em lugar algum, nem no alto das montanhas, nem no fundo dos vales, no máximo pode demorar-se por algum tempo, mas sempre de novo tem que partir [...] O mundo inteiro é o nosso convento. (ROTZETTER, 2003: 29).

Um desejo que era transmitido aos companheiros que, mesmo que com algumas diferenças de comportamento, queriam também ganhar o mundo. Francisco fez do mundo a sua casa, e dos homens os seus irmãos, por causa de Jesus Cristo e do Santo Evangelho. Ser Menor não era para ele apenas uma opção social, mas uma opção religiosa, um encontro com o Cristo nu, que se dá a todos e os redime no universo teológico de Francisco.

Neste capítulo abordaremos o movimento em direção ao outro no sentido mais amplo, ao deixar as fronteiras da fé cristã e se enveredar pelo universo sarraceno e dos infiéis. A cada encontro Francisco sentia um pouco de resposta para as perguntas cruciais de sua vida: Que quereis que eu faça?¹⁰⁴ E quem és tu, e quem sou eu? (ROTZETTER, 1990: 41).

5.1 Os protomártires

Alguns acontecimentos marcaram as primeiras missões entre os infiéis e outros povos, apontando duas maneiras de estar junto aos infiéis, sendo necessário talvez optar por uma delas: de um lado a experiência de Francisco junto ao Sultão, de uma forma pacífica e respeitosa, sem prejuízo para nenhuma das duas partes; do outro lado, o episódio dos cinco primeiros mártires da fraternidade dos irmãos menores que foram assassinados no Marrocos.

Quando os primeiros biógrafos do franciscanismo relatam o martírio em Marrocos, o fazem com certo júbilo, como se este fosse o método natural das missões. É certo que o martírio era muito aclamado, e naquele momento histórico era tido como uma forma especial de ser santo. Mas, o que se vê no Marrocos é uma clara busca da morte, uma provocação clara aos princípios de fé dos muçulmanos.

Em 1220, uma missão ao Marrocos tem um desfecho trágico, culminando com a decapitação de cinco frades. Esse episódio foi narrado numa história sobre a vida e a paixão dos mártires, Francisco ao saber que aquela legenda tecia louvores a ele e a seus mártires, e que os frades se vangloriavam com aquele suplício, quase como se tivesse sido eles a sofrê-lo, rejeitou a obra e proibiu sua leitura dizendo: “cada qual se vanglorie em seu martírio e não no dos outros. (FRUGONI, 2011: 50).

Os mártires do Marrocos, Vital, Otão, Berardo, Pedro, Arcúcio e Adjuto¹⁰⁵

Chegaram primeiramente em Sevilha que na época era ainda muçulmana, ali pregaram o Evangelho e disseram ‘muitas coisas ruins sobre Mohamed e sua desprezível lei’. Os frades foram então aprisionados, e enviados para a capital do Marrocos, Marrakesh, ao califa marroquino Abû Ya’qub Yûsuf al-Mustansir (1213-1224), este buscou mandá-los de volta para a Europa, mas os frades que não se deixavam desencorajar facilmente, retornaram a Marrakesh, onde recomeçaram a pregar. Ao fim o califa os fez arrastar e os fez comparecer diante de si; porque

¹⁰⁴ Cf. 2 Celano II-6, FFC, 2004: 304

¹⁰⁵ No final século XV diante das ameaças turcas sobre a Europa, o Papa Sisto IV proclamou a canonização dos protomártires do Marrocos e a arte daquele momento apresenta a ida de Francisco ao Oriente como um ato heroico, mas inútil diante da crueldade dos muçulmanos. (TOLAN, 2009: 225)

insistiam em insultar Mohamed, ali os colocou sobre uma série de torturas que as fontes descrevem com abundância de detalhes macabros, propôs a eles lisonjeiros clássicos (mulheres, dinheiro e honras mundanas), se eles se convertessem ao Islã, e diante da refutação dos frades, ali mesmo o Sultão os decapitou pessoalmente com sua espada, os ossos dos mártires foram transportados para Portugal, até o mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, onde, como se convinha, realizaram muitos milagres. (TOLAN, 2009: 8).

Em suas expressões, os frades afirmavam que Mohamed conduz o povo “por um caminho de falsidade e de mentira para a morte eterna, onde está a ser atormentado, juntamente com todos os seus sequazes.” (JEUSSET, 1995: 104). Como se vê, os frades foram expulsos da cidade e tiveram a oportunidade de ir embora com salvo conduto, mas voltaram e insistiram em insultar a fé islâmica; pregavam de uma forma que contrariava o modo de agir de Francisco e que virá expresso logo em seguida nos preceitos da Regra não Bulada. A própria orientação da Igreja caminhará neste sentido até que, em 1227, o Papa Honório III encaminhará uma carta para os frades que vivem entre os muçulmanos orientando-os a não se colocarem em litígios com os seguidores do Islã, mas “assistir os cristãos, levantar os caídos, seja encorajando os perplexos ou conformando os robustos.” (JANEIRO, 2003: 41) ¹⁰⁶ Enquanto a Regra não Bulada, em seu estatuto missionário, viria a propor: conviver com os muçulmanos, aceitá-los como são, não discutir, respeitar as autoridades e as leis do país, dar testemunho cristão, anunciar o Evangelho se virem que agrada a Deus. (JANEIRO, 2003:40).

A ação dos frades no Marrocos parece estar na direção diversa das orientações, tanto de Francisco, como também do Papa. Segundo David Flood, é possível que muitos frades andassem pelo mundo sem conhecer os códigos da Regra que estava ainda em construção, e assim, não é difícil pensar que o Capítulo XVI da Regra não Bulada fosse ainda desconhecido pelos mártires do Marrocos, que foram martirizados por criarem litígios e contendas demonizando a pessoa de Mohamed. (FLOOD, 1976: 49).

Ali mesmo (na praça da cidade) o rei os condena à morte. Em 16/01/1220 o soberano, com as próprias mãos, corta-lhes a cabeça. Ninguém questiona a generosidade dessa atitude, talvez se falasse mais de fanatismo do que de martírio. (JEUSSET, 1995: 105).

Não se pode afirmar se Francisco aprovou ou não o martírio de seus irmãos. Se, de um lado, se acredita que ele teria dito ao saber dos mártires: “Agora posso dizer que tenho cinco frades menores” de outro, se diz que ao ouvir a legenda dos mártires, ele a rejeitou e proibiu que fosse lida. (JEUSSET, 1995: 105),

¹⁰⁶ Conferir também Tolan (2009: 13).

Quando o martírio, a vida e a legenda dos preditos irmãos foram relatados ao bem-aventurado Francisco, ouvindo que nesta [legenda] ele [próprio] era elogiado e vendo que os irmãos se gloriavam do sofrimento deles – sendo ele o maior desprezador de si mesmo e desdenhador do louvor e da glória –, rejeitou a legenda e proibiu que ela fosse lida dizendo: “cada um se glorie de seu sofrimento e não do [sofrimento] dos outros. (JJ 8, FFC, 2004: 1266).

Como se vê não é simples dizer se ele aprovou ou não as atitudes dos frades do Marrocos, o fato é que ele agiu de forma diversa, e propôs que seus frades também o fizessem (BASSETTI-SANI, 1975: 200-201). Contudo, os mártires do Marrocos se situavam em uma tradição de pregação negativa da Igreja contra os muçulmanos, que vinha desde o clamor levantado em Clermont, em 1095, quando Urbano II convocou a primeira cruzada, passando pelos sermões de Bernardo de Claraval e pelos cânones do IV Concílio de Latrão; a pregação agressiva da Igreja em relação ao Islã será tratada na sequência.

Se Francisco esperava versar o próprio sangue para imitar Cristo como querem fazer crer Celano e Boaventura, não o faz insultando o Sultão e nem Mohamed. “Na realidade entre Francisco e seus frades existe uma diversidade de método. Francisco prega o Evangelho com cortesia. Eis tudo! Seus confrades pregam com muito zelo, mas no seu ardor insultam a religião Muçulmana.” (JEUSSET, 1988: 32).

A pregação agressiva

A expansão do Islã e as tentativas de reconquista por parte da cristandade geraram muitas expressões negativas por parte dos cristãos diante de Mohamed e de seus seguidores. O desconhecimento do Islã, a consideração do mesmo como uma heresia cristã e as propagandas em prol das cruzadas criaram muitas expressões agressivas.

Em 1095, quando no Concílio de Clermont, o Papa Urbano II convocou a primeira cruzada é muito provável que se tenha usado termos de negação dos seguidores do Islã, vistos como inimigos que deveriam ser combatidos em nome do amor a Jesus Cristo fazendo da peregrinação dos fiéis, uma guerra santa.

Dirijo-me aos pais, aos filhos, aos irmãos e aos sobrinhos de todas as famílias cristãs. Se um estrangeiro abatesse um vosso familiar, não vos sentiríeis na obrigação de vos vingardes? E não tereis ainda mais obrigação de vingar aquele que é vosso Deus e vosso irmão, vendo-o espezinhado, expulso da sua terra, crucificado, ouvindo a chamar por vós, aflito, a pedir socorro?¹⁰⁷

¹⁰⁷ Discurso do Papa Urbano II no Concílio de Clermont convocando o povo para participar das cruzadas. Tomou-se o texto da obra de Jeusset (1995:17).

O muçulmano se torna um estrangeiro que deve ser combatido. Durante a segunda cruzada foi a vez de Bernardo de Claraval ser o propagandista com expressões fortes em favor daqueles que matavam os inimigos.

O que estais fazendo, homens corajosos? O que estais fazendo, servos da cruz? Quereis entregar o santuário aos cães e as pérolas aos porcos? Quantos pecadores lá confessaram, com lágrimas, os seus pecados e conseguiram o perdão, desde que a espada dos pais jogou fora a imundície dos pagãos? O maligno o vê com maus olhos, range os dentes e empalidece; mexe os arsenais de sua milícia e não permitirá que fiquem sinais ou vestígios de piedade, se ele jamais – o que Deus não permita – ficar tão forte, de conquistar aquele espaço santíssimo. Para todos os tempos futuros seria uma dor incurável e um prejuízo insubstituível. Para essa geração, porém, tão ímpia, seria uma vergonha imensa e uma censura perpétua.

Porque o vosso país é fértil em homens corajosos e forte pelo vigor da juventude, pois por todo mundo corre o vosso louvor, e a glória de vosso heroísmo enche toda a terra. Sede, pois, varonis e pegai em armas felizes, zelando pelo nome de Cristo. Termine aquele costume de cavaleiros, ou melhor, aquele abuso de cavaleiros de antigamente, segundo o qual costumáveis lançar por terra, espezinhar e matar um ao outro. Que prazer cruel impele os desgraçados para que transpassem, com espada, o corpo do seu próximo, lançando, talvez, a sua alma à perdição! Mas também o vencedor não escapa, quando se alegra com a matança de um inimigo. É insensatez, não coragem, entregar-se a tal injustiça; deve ser atribuída não à animosidade, mas à insanidade.

Tu, cavaleiro corajoso, tu, homem de guerra, agora tens uma luta sem perigo, onde a vitória traz glória, e a morte é lucro. Se és um comerciante providente, um homem que quer obter vantagens neste mundo, eu te anuncio um grande comércio; toma cuidado para não perdê-lo. Aceite o sinal da Cruz, e de tudo que, arrependido, confessares, alcançarás a indulgência total. A mercadoria é barata; e pagando piedosamente por ela, sem dúvida vale o Reino de Deus.¹⁰⁸ (CLARAVAL, 1990).

Matar o muçulmano seria limpar o mundo da maldade e tornar-se um malecida, e não um homicida, um vingador de Cristo, ao passo que morrer pelas mãos dos inimigos seria ganhar a coroa da vitória pelo martírio em defesa do mesmo Cristo, assim expressava Bernardo em seu sermão aos soldados de Cristo. (CLAIRVAUX, 1990:59).

A guerra, portanto, era santa, e Mohamed não valia um chavo - eram expressões usadas nas propagandas em favor das armas contra os inimigos da fé cristã segundo Jeusset, (1995: 26-27). O olhar negativo se alastrava nas orações, nas procissões, nos sermões e no imaginário coletivo, sempre apontando o Islã e seus seguidores como inimigos que deveriam ser exterminados.

O universo do Islã nos primeiros séculos de sua existência parece, na verdade, um universo desconhecido por parte dos cristãos, o que fazia dos árabes inimigos a serem combatidos em busca de novas terras e expansão de poder e rota de mercado para o Ocidente.

¹⁰⁸ Homilia de São Bernardo de Claraval convocando o povo para participar da cruzada. *Curso básico*, n. 16: 39-40.

O desconhecimento do outro

O surgimento do Islã e a sua relação com o cristianismo sempre foram marcados por momentos de distância e de aproximação, mas também por uma dificuldade de entendimento que perdura até os nossos dias. (JEUSSET, 1995: 198).

João Damasceno, serviçal da corte dos muçulmanos no século VIII, chamado de Mansur (Glorioso) considerava o Islã uma heresia cristã.¹⁰⁹ O próprio profeta árabe Mohamed fundador do Islã era considerado um cristão apóstata, talvez um cardeal renegado, que por ódio à Igreja criou o Islã, segundo Basetti-Sani (1975: 9). Assim, o imaginário cristãos criava teorias para justificar o nascimento do Islã, e, evidentemente, havia certo desprezo ao falar do mesmo, e ainda mais, ao falar de seu fundador.

O fato é que “o medieval sempre teve ideias muito confusas sobre a origem do Islã e a pessoa de seu fundador. Isto os impediu de reconhecer os autênticos valores religiosos e as sementes do verbo que nele se podiam esconder.”(Basetti-Sani, 1975: 9). Estas ideias confusas e o desejo de expansão do cristianismo contribuía para uma aproximação quase sempre bélica e poucas vezes pacífica.

Segundo Basetti-Sani, se alguns consideravam Mohamed como apóstata, outros viam nele um instrumento de Satanás, um falso profeta que merecia o desprezo de todos. Alguns acreditavam que menosprezando a figura de Mohamed se poderia destruir o Islã. Pedro, o venerável, mesmo fazendo traduzir o Corão para o latim para melhor conhecer a religião árabe,¹¹⁰ considerava o Islã “uma diabólica seita dos ismaelitas.”(Basetti-Sani, 1975:10).

No tempo da V Cruzada, quando ocorre o encontro entre Francisco de Assis e Malek-Al-Kamil, a situação de desconhecimento e desprezo para com o Islã não era muito diferente daquela dos séculos anteriores. O Papa Inocêncio III, ao convocar a V Cruzada se direcionava aos cristãos chamando os muçulmanos de bárbaros cruéis e sanguinários que haviam roubado as terras compradas por Jesus Cristo com o próprio sangue. (HOEBERICHTS, 2002: 46). Para o autor, Jacques de Vitry, propagandista da V Cruzada, falava de Mohamed como um enganador, desejando advertir os sarracenos sobre o engano de seu líder e de sua abominável doutrina. Muitos sarracenos, conforme sua crença, se converteriam facilmente ao Senhor caso pudessem escutar a sua doutrina. (HOEBERICHTS, 2002: 70-71)

No entanto, quando alguns sarracenos batizados voltavam ao Islã, eram considerados por Vitry homens débeis que preferiam fazer de tudo no Islã a viver uma vida de busca mais rígida por parte dos cristãos, uma explicação que mostra claro desconhecimento dos

¹⁰⁹ Cf. <<http://www.ramonlull.net/comum/arq/houvenaidademediia.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

¹¹⁰ Cf. <<http://www.ramonlull.net/comum/arq/houvenaidademediia.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

ensinamentos da prática do Islã. Vitry afirmava ainda que o muçulmano invocava o nome de Mohamed como os cristãos invocavam o nome de Jesus, suas afirmações reforçavam as hostilidades entre cristãos e muçulmanos. (HOEBERICHTS, 2002: 75).

Mas não parece que o desconhecimento do islã tenha sido a grande causa da guerra que se alastrava a mais de um século e opunha cristãos e muçulmanos em seus campos de batalha.

Talvez se possa questionar, se o papa e o Ocidente cristão tivessem uma consciência clara dos acontecimentos que se desenvolviam na Palestina ao fim do século XII, Urbano II não teria nunca chamado a cristandade à cruzada. Infelizmente o desenvolvimento verdadeiro dos fatos era quase completamente ignorado pelas autoridades cristãs. (BASETTI-SANI, 1975:10).

Estes fatos podem facilmente demonstrar que também Francisco não conhecia o Islã, e nem mesmo o modo de vida dos muçulmanos e suas expressões de fé¹¹¹, e, talvez por isso mesmo, tenha ficado impressionado com o universo ainda desconhecido e se colocado em posição de respeito e abertura para com o outro, mesmo diante da convocação explícita do Papa para por fim àqueles considerados pela Igreja inimigos destinados ao fogo do extermínio.

Um certo desconhecimento do Islã por parte do Ocidente fez que o mesmo se tornasse inimigo a ser vencido e no século XIII. O próprio Papa iria assumir esta missão, e com este intuito Inocêncio III convocou a V Cruzada e escreveu a encíclica convocatória da mesma, a *Quia Maior*.

A *Quia Maior*¹¹²

Com a carta *Quia Maior Nunc* o Papa Inocêncio III convocava todos os cristãos para o empreendimento da Cruzada contra o Islã e, pela primeira vez na história das cruzadas um pontífice assumiria os destinos da batalha no lugar do imperador ou rei que era apoiado pela Igreja, rompendo uma longa tradição fato que só não chegou a se consumir devido a sua morte antes do início da batalha, em Julho de 1216. A princípio o papa propunha uma espécie de guerra preventiva contra os avanços do Islã na retomada das terras conquistadas na primeira cruzada. (HOEBERICHTS, 2002: 26)

¹¹¹ Cf. Beer, 1982: 25.

¹¹² A partir da carta *Quia Maior Nunc (De negotio terrae sanctae)*, o Papa Inocêncio III assume o papel de conduzir a Cruzada, e que até então pertencia aos reis e imperadores do ocidente. A Carta, lançada em abril de 1213 prepara, nos anos precedentes, as bases para a ação da cristandade contra os muçulmanos, define a data de início das batalhas, no caso, o ano de 1216, e determina o Papa Inocêncio como o chefe dos exércitos. (Cf. MIGNE,J.P., 1970: 817-822).

A carta 'Quia Maior', editada em 1213 defendia, aquilo que, nos termos de hoje, seria chamado de guerra preventiva. Inocêncio alertava que os muçulmanos haviam construído uma nova base, com o objetivo de iniciar ataques para dominar a estreita faixa de terra que os cruzados ainda detinham ao logo da costa do Mediterrâneo. (MOSES, 2010: 68).

A carta apresentava os benefícios de Deus para os que se propunham lutar em defesa da terra conquistada pelo sangue de Cristo e, ao mesmo tempo, expunha os possíveis castigos para aqueles que se negassem a assumir tal missão.

Em sua carta Quia Maior, de 19-29 de abril de 1213, o papa Inocêncio III convoca "em nome de Deus e de Jesus Cristo" todas as províncias da cristandade latina de então para a cruzada. Aos que tomam parte na cruz promete-se: 'Ele (Jesus) clama com sua voz dizendo: 'se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga' (Mt 16,24), ou, para dizer a mesma coisa com mais clareza: 'se alguém quiser ir comigo até a coroa, deve seguir-me também na luta que é oferecida como provação a todos os homens.' Para os que se recusarem, vem a ameaça: "o Rei dos reis, o Senhor Jesus Cristo, os há de condenar pelo vício da ingratidão e pelo crime da infidelidade, caso não corram em seu auxílio, pois agora ele foi expulso de seu reino, que conquistou ao preço do seu sangue. Devem saber que todo aquele que nesta hora de necessidade recusar o serviço ao seu Redentor se torna gravemente culpado." (ROTZETTER, 2003: 80).

Assumir a cruzada era, assim encarado, um dever de todo cristão e o Papa expunha em claramente seus objetivos e razões das cruzadas, quais sejam, mais uma vez, selar a paz no Ocidente e combater o inimigo maior ameaçador de toda a cristandade. Tomar parte desta empreitada significava, de fato, assumir a identidade de cristão que vingava, dessa forma, o rei dos reis e senhor dos senhores que havia comprado a Palestina com seu próprio sangue. Somente vingando esta injúria os cristãos poderiam ser chamados como tal. (BASSETTI-SANI, 1975: 22).

Com a encíclica o Papa intencionava influenciar todos para a pregação da V Cruzada "conhecer a *Quia Maior* nos dá a oportunidade de conhecer a teologia das cruzadas e assim poder interpretar corretamente a ida de Francisco entre os muçulmanos". (HOEBERICHTS, 2002: 27). Apresenta-se a seguir, o resumo dos principais pontos de ação sugeridos pela encíclica *Quia Maior*.¹¹³

1. Opor-se ao avanço dos perversos sarracenos: esta oposição aparece quase que exclusivamente no campo político e econômico, com uma quase total ausência do sentido religioso. Das terras que os cristãos conquistaram na primeira cruzada, uma grande parte já havia sido reavida pelos muçulmanos, especialmente durante a terceira cruzada, quando Saladino reconquista Jerusalém e as frentes de retomada continuavam avançando.

¹¹³ A apresentação conforme modelo de Jan Hoeberichts (2002: 26-32).

2. Gritar pedindo ajuda em nome de Jesus: sendo que era o próprio Cristo que gritava. “Se alguém quer vir junto a mim, renegue a si mesmo, tome a sua Cruz e me siga”. Segundo o Papa Inocêncio era o próprio Jesus que gritava por socorro, e assumir a Cruz significava, verdadeiramente, retomar a terra conquistada por Jesus.

3. Deus poderia dar a terra aos cristãos, mas lhes dava uma oportunidade de ganhar a salvação: a cruzada agora era uma forma clara de se ganhar a salvação, um meio que o próprio Deus oferecia aos seus fiéis, uma verdadeira guerra santa.

4. Assim como os vassallos devem ser fieis aos seus senhores, os homens devem ser fieis a Jesus, o rei dos reis, senhor dos senhores: a cruzada se tornava uma forma específica de fidelidade a Deus sem perder o cunho político; mais do que nunca a guerra se torna uma missão religiosa e espiritual.

5. O amor ao próximo deve fazer com que os cristãos se unam para vencer os pérfidos sarracenos e libertar os irmãos que vivem a dura escravidão nas mãos dos mesmos: aqui pode se repetir a máxima de Bernardo de Claraval, na qual matar um muçulmano é tornar-se um malecida, um matador do mal, para o bem da humanidade. O cristão e o Ocidental são considerados irmãos e próximos, enquanto os seguidores do Islã são inimigos a serem derrotados.

6. Recuperar todas as terras que já pertencentes aos cristãos, e agora sob o domínio dos muçulmanos enganados por Mohamed, o filho da perdição: mais uma vez os termos preconceituosos contra Mohamed e o Islã são aplicados por um membro da Igreja, e de certa forma se confirma um desconhecimento do outro que é tido sempre como o inimigo a ser batido. Talvez aqui se resgate um pouco o sentido do Islã como inimigo religioso, um povo enganado por um falso profeta.

7. Depositar confiança no Senhor que dá sinais de que a sua vinda está próxima (número da besta, 666, seria uma referência aos anos de existência do Islã). Uma leitura do livro do Apocalipse, feita naquele momento, atribui ao Islã a figura da besta, e como se aproximava o sexcentésimo sexagésimo sexto ano do seu nascimento pregava-se o seu fim como uma profecia do livro do Apocalipse.¹¹⁴

¹¹⁴ Para os cristãos o número 666 era referência ao número da besta no Apocalipse e o nascimento do Islã já completava quase 600 anos quando aconteceu o IV Concílio de Latrão. Por isso, os 666 anos já estavam próximos. “Il giorno della liberazione sembra ormai vicino. La potenza dell’Islam, la cui durata è indicata nell’apocalisse dal numero della bestia 666 è arrivata ormai alla sua fine”. (BASETTI-SANI, 1975: 21).

8. Responder às ofensas feitas ao Redentor e proteger as terras já ocupadas pelos cruzados: o Papa procurava defender os territórios conquistados e, ao mesmo tempo, expandir o poder e as terras da Igreja.

9. Fazer a paz interna para promover a guerra externa: como as guerras internas ameaçavam o equilíbrio de toda a cristandade, era estratégica a existência de um inimigo comum que pudesse selar a paz entre cristãos e reuni-los contra o inimigo externo.

10. Indulgência plenária para aqueles que se tornam cruzados ou que sustentam um cruzado com os seus recursos: a indulgência plenária prometida pelo Papa demonstra, mais uma vez, de forma clara, o entendimento de cruzada do Papa uma maneira necessária, entre outras, para alcançar a reforma da Igreja. Dois anos após a carta *Quia Maior* seria convocado o IV Concílio de Latrão que daria outras bases para tal reforma.

11. Ameaça de excomunhão a todos os que ajudassem os sarracenos: para Inocêncio III, a V cruzada era sem dúvida um desejo de Deus. Na opinião do pontífice era Deus mesmo quem convocava para a guerra e aqueles que não aderissem seriam expulsos do convívio do Senhor, através da excomunhão.

Mesmo sem querer se opor ao Papa, Francisco entendia que o que precisava ser levado aos muçulmanos era a Cruz, e não a espada, e esta foi a sua grande batalha, como se verá nos próximos tópicos.

5.2 Da espada à cruz

É evidente que não se pode usar nos dias de hoje termos que nem sequer eram conhecidos para analisar o século XIII, muito menos trazer para a mentalidade de hoje o que se viveu no século XIII. John Tolan (2009)¹¹⁵ em sua obra *Il Santo dal Sultano* evidencia estes fatos, e mostra ainda uma tentativa de cada época em forjar um Francisco de acordo com seus interesses. Por outro lado, é legítimo que cada época faça sua leitura própria do santo.

Lendo os textos de Francisco e sobre a sua inspiração de vida, contudo, parece emergir um homem dentro da história, que mesmo sem criticar a posição da Igreja e sequer das cruzadas, mostra uma visão diversa no sentido de desejar que a salvação pela Cruz chegue a todos os homens. A ideia de minoridade de Francisco e de sua Ordem se estende não só aos cristãos, mas a todos os homens. O plano de Deus não é para uma pequena parte da terra, mas para o mundo inteiro. Deus o envia para o mundo todo e para todos os homens com a força do

¹¹⁵ Cf. TOLAN John. *Il Santo dal Sultano, L'incontro di Francesco d'Assisi e l'Islam*. Roma-Bari, Laterza, 2009.

Evangelho para pregar a paz, um pensamento diverso daquele de Inocêncio III, de fazer a guerra em nome de Deus, e para vingar Jesus Cristo. Francisco exorta os seus frades a viver a minoridade na terra dos estrangeiros, da mesma forma que a vivia na terra dos cristãos. (FRUGONI, 2012: 85-6).

Assim sendo, os acontecimentos relacionados à vida de Francisco e algumas atitudes do missionário, independente de serem analisados por uma abordagem contemporânea, ou mesmo a partir de concepções teológicas, permitem inferir que a sua posição diferia substancialmente da posição Igreja. Enquanto a Igreja fazia uma cruzada de conquista e domínios, Francisco e seus frades buscavam uma cruzada de missão, pregando a paz e o Evangelho, e ainda que nem todos os frades pensassem assim, este é uma questão que parece clara na posição do pobrezinho.

Ao distribuir em 1208, os oito irmãos pelas quatro direções do mundo, Francisco os enviou com estas palavras: ‘ide, caríssimos, dois a dois por todas as partes do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados’. Uma leitura atenta das biografias evidenciará que eles fizeram uma verdadeira cruzada da paz, pois onde quer que entrassem, fosse cidade ou aldeia, povoado ou casa, anunciavam a paz, exortando a todos para que temessem e amassem o Criador do céu e da terra e observassem seus mandamentos. (TEIXEIRA, 1994: 22).

A visão de Francisco ao enviar seus discípulos pelo mundo deixa clara sua opção pelo Evangelho e pela paz, sendo uma forma de vida realmente diversificada daquela que era respirada em toda a cristandade. Francisco propõe como primeira regra de vida para os seus companheiros o anúncio da paz.

O Evangelho e a paz são as raízes da Regra proposta por Francisco, e ele mesmo como regra viva age de uma maneira muito diversa daquela que é proposta e vivida pela Igreja. O pobre de Assis tem um plano de vida concreto e continuamente renovável segundo Manselli (1980: 160). A Cruz, para ele seria a forma de mover o coração tanto dos cristãos quanto dos muçulmanos. A experiência do Cristo esvaziado na Cruz, como no hino paulino da Carta aos Filipenses,¹¹⁶ é para Francisco uma regra no contato com o mundo que ele quer carregar consigo e com seus frades, em oposição à espada, que há mais de um século fazia os homens inimigos entre si. Na Cruz de Cristo, a fraternidade dos Menores quer propor o caminho para a humanidade.

¹¹⁶ “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobre exaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para a glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: ‘Jesus é o Senhor.’” (FILIPENSES, 2, 5-11).

A Regra viva faz diferente

Francisco e seus frades estão inseridos na história, e quando escolhem o nome da nova Ordem já deixam claro a sua opção e vida e qual posição assumir diante da história e dos homens. Juntamente com esta inserção na história eles têm ainda o Evangelho.

Na realidade, o pobrezinho e os seus companheiros se inseriram no conjunto da história de seu tempo. O seu projeto não era um gesto meta-histórico, como se colocasse na causa somente o Evangelho, como se a história fosse apenas um lugar no qual se pudessem encarnar os seus ideais. Ao contrário viviam na história de seu tempo, se puderam mudá-la é graças à matéria prima que os alimentaram. (FLOOD, 1976: 44).

As experiências de guerra não eram alheias a Francisco, também ele havia participado de batalhas: foi feito prisioneiro de guerra, adoeceu nos cárceres, viu a morte muito próxima e se foi resgatado é porque tinha o privilégio de uma família com posses. Há autores que defendem inclusive a possibilidade de que ele tenha matado alguém, fato comum em uma guerra. (MOSES, 2010: 24).

A metamorfose ocorrida na vida de Francisco depois do abandono da guerra no caminho de Espoleto fez dele uma referência para alguns seguidores com os quais formou a Ordem dos Frades Menores. Para estes seguidores Francisco era, juntamente com o Evangelho, uma regra viva, um modelo a ser seguido, e toda a sua ação era marcada pela experiência da minoridade. “A minoridade não é submissão frágil, mas doação. Somos filhos de um Deus menor, ou seja, de um Deus que é todo doação.” (MARTINELLI, 2003:390).

Francisco fez diferente quando propõe a Cruz no lugar da espada, tanto aos cristãos quanto aos muçulmanos (MICCOLI, 2010: 42-43); faz diferente quando, em meio a uma guerra vai ao campo inimigo sem portar arma alguma; (JEUSSET, 1988: 39) faz diferente quando parece propor um novo tipo de diálogo, não mais em nome de reis, soberanos e papas, mas em Nome do Deus (FRUGONI, 2012: 85) que se dá tanto aos cristãos quanto aos muçulmanos; faz diferente quando se coloca em um diálogo capaz de fazer com que ele conheça um pouco mais uma religião até então desconhecida¹¹⁷ e ao mesmo tempo se torna capaz de aprender elementos importantes da piedade deste povo tido como inimigo, mas crê e se coloca diante de Deus com piedade e reverência¹¹⁸. O fazer diferente aqui se torna uma doação em nome de Jesus, que se esvaziou. Como modelo para os seus discípulos Francisco retoma o Evangelho no encontro com os muçulmanos. Se a Regra viva propunha a paz era

¹¹⁷ Sobre o tema ver obra de Anna Ajello, **La Croce e la Spada I Francescani e l'Islam nel duecento**, Mediterraneo, Napoli, 1999.

¹¹⁸ O Capítulo VI aborda os elementos da piedade muçulmana que tocaram o coração de Francisco.

uma questão de consciência diante da história, uma consciência que o fazia enxergar que a guerra era obra do demônio. (MICOLLI, 2010: 172).¹¹⁹

Desarmado em plena guerra

Segundo Celano, quando Francisco partiu para a Apúlia em busca de honra e glória, seguiu as normas da guerra, e a família bancava as aventuras do filho na expectativa de ele se tornar um cavaleiro.

Pois um nobre da cidade de Assis prepara-se não modestamente com armas militares e, inflado pelo vento da vanglória (cf. Gl 5,26), compromete-se a ir à Apúlia, a fim de aumentar os lucros da riqueza e da honra. Tendo ouvido essas coisas, Francisco, porque era de espírito leviano e não pouco audaz, põe-se em acordo para ir com ele. (1 Cel II-4, FFC, 2004:201).

Não é difícil perceber, lendo Celano, que a guerra era feita, entre outras razões, para aumentar os lucros da riqueza e da honra; riqueza e honra que Francisco deixou para trás ao rejeitar toda forma de posse, ao se colocar nu diante de Pedro de Bernardone, do Bispo Guido e de toda a cidade de Assis. Sendo certa vez interrogado pelo Bispo Guido sobre sua forma de vida sem posses, a resposta parece ter sido muito clara:

No entanto, o bispo da cidade de Assis, a quem o homem de Deus se dirigia frequentemente para pedir conselho, recebendo-o benignamente, disse-lhe: ‘parece-me dura e rigorosa vossa vida, a saber, a de nada possuir no mundo’. Assim lhe diz o santo: ‘Senhor se tivermos qualquer propriedade, ser-nos-ão necessárias armas para a nossa proteção. Pois daí se originam questões e muitas desavenças, e a partir disso costuma ser estorvado de muitas maneiras, o amor a Deus e ao próximo. É por isso que não queremos neste mundo possuir nada de temporal’. (LTC IX-35, FFC, 2004: 814).

Para manter a máquina de guerra a Igreja fazia uma grande campanha por toda a Europa com seus propagandistas, desde o apelo do Papa Inocêncio III no seu propósito de resgatar a Terra Santa em 1213, passando pelas determinações do Concílio Luterano IV, com uma legião de pregadores da cruzada por toda a Europa. Dois deles conheceram Francisco, Jacques de Vitry, num contato que não deve ser considerado muito próximo, porém, conforme se observa em alguns escritos (FFC, 2004: 1422) do primeiro, provavelmente chegaram a se encontrar em Damietta. Outro pregador das cruzadas, este bem próximo de Francisco, foi o Cardeal protetor da Ordem, Ugolino de Anagni, que se tornou mais tarde o Papa Gregório IX. O fato é que nos dias em que Francisco esteve junto ao Sultão em Damietta, toda a cristandade

¹¹⁹ Como se pode ver na Compilação de Assis, a cidade de Arezzo vivia em guerra por se deixar guiar pelos demônios. Fato curioso que logo após o episódio em Arezzo, Francisco se encontra com o Cardeal Hugolino que corria as cidades da Itália convocando os homens à guerra contra o Islã. (FFC, 2004: 946-8).

respirava um clima de guerra. Não obstante a tudo isso, Francisco parece portar uma convicção diferente que o leva desarmado ao encontro com o outro.

Se na juventude o jovem de Assis sonhava com um mundo de glórias e armas, parece que o sonho da casa citado por Celano na sua primeira hagiografia¹²⁰ vai fazer uma metamorfose na vida de Francisco. “O epílogo do sonho do palácio marca então para os biógrafos um corte importante: o adeus de Francisco ao futuro esperado até então, esplêndido de glória e de satisfações mundanas, o abandono para sempre das armas”. (FRUGONI, 2012: 9). E, ao invés de armas, ele escolhe pregar e defender a paz; e, por isso, agora ele parte “sem nada, mas, sobretudo, sem armas, forte na sua fé, sustentado só pela sua coragem” (MANSELLI, 1997: 200).

Segundo Jeusset (1995: 81), nas vésperas de sua ida ao acampamento dos muçulmanos aconteceu uma grande batalha já anunciada, entre os exércitos, que resultou na morte de milhares de cristãos e muçulmanos. Naquele exato momento Francisco percebe que era a hora de Deus (FFC, 2004: 176)¹²¹, “seguramente ele nunca sonhou de unir-se a cruzada como combatente” (VAUCHEZ, 2010: 92), mas era chegada a hora de ir, desarmado, conhecendo, dialogando e se submetendo ao outro em nome do Senhor (FFC, 2004: 176).¹²²

A arma de Francisco diante dos soldados muçulmanos e do Sultão é o nome do Senhor, a minoridade e o Evangelho.

Naturalmente ninguém o entende, nem cristãos e nem muçulmanos, de novo Francisco apresenta a paz com uma perspectiva muito distinta daquela que se concebe normalmente. É outro mundo o que oferece e representa Francisco, um mundo que ninguém sabe ler e compreender. Sua presença não é assegurada nem pelas armas e nem pelo poder, mas pela fragilidade da cruz e pela força que emana do Evangelho. (FRESNEDA, 2007: 34).

Francisco parecia acreditar piamente na força do Evangelho e na potência da paz que emana dele, ferramentas poderosas que o permitem andar desarmado em um universo de guerra, e o tornam capaz de agir diferente e dialogar em nome da fé, enquanto cristãos e cruzados se apegam ferozmente às batalhas.

5.3 Encontro com o outro

É muito provável que Francisco não conhecesse muita coisa do Islã, e possivelmente ele não conhecia nada. Ao longo de sua vida foram organizadas várias batalhas contra os muçulmanos e havia um grande preconceito diante daqueles que eram chamados filhos da

¹²⁰ Cf. 1 Cel II-5, FFC, 2004: 201.

¹²¹ Regra não Bulada XVI.

¹²² Ibidem.

perdição (HOEBERICHTS, 2002: 30)¹²³. Alguns autores de sua biografia, ao relatar o seu encontro com o Sultão, dizem que o pobrezinho foi se encontrar com o Sultão da Babilônia (FFC, 2004)¹²⁴, seguindo “o negativismo da Bíblia e de muitos textos medievais.”, segundo palavras do próprio Frugoni (2012: 128). Pode-se perceber aqui, que provavelmente não é apenas um erro geográfico. A guerra contra o Islã tinha uma conotação religiosa e cultural. O Papa Inocêncio III dizia que era chegada a hora de exterminar a besta (HOEBERICHTS, 2002: 30), uma clara alusão ao Apocalipse que diz: “Um segundo anjo o seguiu, dizendo: ‘Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez todas as nações beberem do vinho da fúria da sua prostituição!’” (cf. Ap 14,8). O Sultão da Babilônia ganha aqui uma característica carregada de significados, um inimigo que leva os homens à perdição e que deve ser derrotado em nome do Senhor. Se na mentalidade dos biógrafos de Francisco o Islã era comparado ao Demônio, não é difícil que tal pensamento também passasse pela cabeça dele.

Toda a vida de Francisco, do nascimento à morte, se desenvolve enquanto a Igreja estava perenemente em luta contra quem fosse desviado de suas doutrinas ou fosse de confissão religiosa diversa. O outro era o inimigo a combater e se possível matar, ou ainda, sobrepor, descrito como brutal na batalha, mas também violento e traiçoeiro. (FRUGONI, 2012:22).

Não é difícil imaginar que os membros da fraternidade de Francisco tivessem a mesma visão com relação ao Islã e seus seguidores; no entanto, em Francisco não se encontra alusão alguma ao Islã. Mas, após o seu encontro com o Sultão em Damietta ele escreve o Capítulo XVI da Regra não Bulada e os pedidos feitos aos governantes dos povos. Em tais escritos não é encontrado nenhum menosprezo à religião do Sultão.

Para Fresneda não se pode santificar o Islã e demonizar os cruzados, havendo preconceitos de ambas as partes. Mohamed tinha uma visão de Jesus como um fracassado enquanto Francisco vê no fracasso de Jesus a grandeza de Deus que se esvaziou por amor aos pecadores. Mohamed acreditava que era preciso impor a sua religião, ainda que fosse pela força da espada.

É a mesma condição com que aparece a Igreja ante o Islã, que ratifica a guerra justa por decisão dos príncipes do império (e dos papas), em definição, estados que racionalizam o poder e justificam a violência para alcançar a paz pela fé que prega o Deus ‘Todo poderoso’. O encontro de Francisco com o Sultão e sua inutilidade reflete toda esta compreensão de Deus e da religião na sociedade de então. (FRESNEDA, 2007: 37).

¹²³ Conforme Carta *Quia Maior*, Papa Inocêncio III.

¹²⁴ Ver Boaventura, LM IX-8, FFC, 2004: 613; Compilações XXVII, FFC, 2004: 1178; Testemunhos menores VII, FFC, 2004: 1417; Rogerio de Wendover, FFC, 2004: 1438 e I Fioretti 24, FFC, 2004:1529.

Pelos relatos dos primeiros biógrafos de Francisco não é difícil perceber que ele tinha o desejo de expandir a pregação do Evangelho e da penitência para todos os cantos do mundo, desde que o grupo ainda iniciava a sua formação.¹²⁵ Ele queria chegar também até os desconhecidos, e entre eles viver como um irmão Menor.

Esforço inútil, pois o projeto do pobrezinho tende ao fracasso: “ele segue a Jesus e fracassa como ele.” (FRESNEDA, 2007:37) Porém, mas encontra no Cristo e no Evangelho a verdadeira alegria.

Uma religião diferente

Nenhum dos autores que narram a façanha de Francisco ousa dizer que ele foi maltratado quando chegou ao acampamento do Sultão. Ao contrário, todos fazem questão de relatar a cortesia com que o chefe dos muçulmanos tratou Francisco, recebendo-o com muita honra¹²⁶, escutando com atenção¹²⁷ e prazer¹²⁸, pedindo orações¹²⁹, oferecendo salvo conduto para que pudesse voltar em segurança ao acampamento dos cristãos¹³⁰, dando-lhe até presentes,¹³¹ e convidando-o para permanecer entre eles¹³². Uma visão um pouco divergente daquela que o tratava como o Sultão da Babilônia, da terra da perdição, que via nele um homem com sede de sangue e que pagava pela cabeça dos cristãos¹³³. A mudança da besta fera em mansidão pode apontar também uma mudança no olhar de quem está diante do Sultão. Francisco começa a perceber uma religião diferente, não só do que estava impresso em seus pensamentos diante das tantas propagandas contrárias, mas diferente no modo de crer e rezar.

A religião dos infiéis é diversa da religião cristã e não uma heresia nascida no seio da Igreja, ela tem sua forma piedosa de se relacionar com Deus, uma forma que parece ter impressionado Francisco de Assis, como veremos à frente, tem a sua organização e seus mecanismos para que todo o povo possa se voltar a Deus. Nos dias em que Francisco permaneceu junto ao Sultão, descortinava-se aos olhos dele uma nova visão, ele “descobre, à luz de Deus, aspectos novos: os muçulmanos são seus irmãos enquanto filhos de Abraão, pela

¹²⁵ Ver Ítem 2.1- A Missão e a Geração da Regra.

¹²⁶ Cf. I Celano XX-56, FFC, 2004: 236.

¹²⁷ Cf. Jul VII-36, FFC, 2004:527.

¹²⁸ Cf. LM IX-8, FFC, 2004: 613.

¹²⁹ Cf. Jacques Vitry, FFC, 2004: 1426.

¹³⁰ Cf. Ernoul, FFC, 2004: 1430.

¹³¹ Cf. Celano XX-56, FFC, 2004: 236.

¹³² Cf. LM IX-8, FFC, 2004: 613.

¹³³ Idem. LM IX-7, FFC, 2004: 612.

salvação universal de Cristo, mas também na comunhão alcançada na oração ao Deus único”. (Jeusset, 1988: 33).

A minoridade de Francisco e o seu modo de viver segundo a forma do Santo Evangelho abrem espaço para que ele possa encontrar o outro e, permanecendo firme na sua fé, apreciar o que é nobre e santo na maneira de o outro ser e de se relacionar com Deus.

Aprendendo com o outro

No processo de conversão de Francisco percebe-se uma capacidade de ir ao encontro do outro, uma capacidade que a bem da verdade é dada pelo Senhor, como ele mesmo diz em seu testamento, o encontro com o outro o fez deixar o mundo.

Como eu estivesse em pecados, parecia-me amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles, e afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e sai do mundo. (TEST, FFC, 2004:188).

Francisco começa o seu Testamento relatando como princípio de sua conversão o encontro com o leproso, quando lembra que o que era amargo se transformou em doçura¹³⁴. As batalhas entre cristãos e muçulmanos e os conceitos que tinham entre si, faziam com que vivessem separados por muros de ódio e indiferença. Eram amargos uns aos olhos dos outros e se colocavam em batalhas que pareciam, aos olhos do pobrezinho, não agradar a Deus (2 Cel III-30, FFC, 2004: 321). No entanto, o ardor pelo Altíssimo leva Francisco ao encontro do muçulmano e o que era amargo aos olhos dele e de toda a cristandade, se converte em mansidão (FFC, 2004:1426), uma mansidão que se apresenta aos olhos de um homem que busca viver a vida segundo a forma do Santo Evangelho e na minoridade.

O tema do encontro com os leprosos aparece em todas as antigas biografias de Francisco, mas é o próprio Francisco que mostra, em seu Testamento, que ele foi o grande transformado a partir do encontro. (VAUCHEZ, 2012: 37).

Nem todos os biógrafos falam do encontro com o Sultão, o próprio Francisco não faz qualquer referência clara a ele, como o fez ao falar dos leprosos, mas parece plausível que a mesma capacidade que Francisco demonstra ao mudar sua vida após o encontro com o

¹³⁴ Francesco si è lasciato totalmente trasformare dall'amore di Dio, sino quasi a diventare per lui un folle secondo gli occhi del mondo. Il suo essere vibrava continuamente per l'amore infinito di Dio, e ciò lo rendeva ebbro di gioia, perchè era per lui un'emozione palpabile. L'amore di Dio lo ha reso totalmente conformato al Cristo povero e crocifisso, e lo ha portato ad accogliere sempre la volontà del padre celeste, anche quando essa era incomprensibile. Questa forte espereinza mistica con lo ha distratto dal servizio agli altri, soprattutto agli ultimi e agli emarginati; lo ha reso invece testimone di pace e riconciliazione con tutti, a cominciare dai fratelli che Dio gli donava continuamente per condividere la sua stessa esperienza. (ANTINUCCI, 2011: 53)

leproso, ele apresenta após o encontro com o Sultão. Alguns textos de sua autoria explicitam a importância de viver entre os sarracenos como servo em nome do Senhor, da mesma forma que se fizeram servos na convivência com os leproso.

A mesma ideia de mudança diante dos interlocutores pode ser percebida quando se encontra com os irmãos, ou melhor, quando o Senhor lhe envia irmãos, e rapidamente acontece uma mudança no projeto de vida, que como as outras serão sempre reveladas pelo Senhor.

E mesmo quando se encontra com o Papa Inocêncio, o que parece é que esse faz um pedido a Francisco e ao seu grupo, percebendo-se, nesses últimos, uma abertura para atender à demanda apresentada pelo pontífice, que será importante para a vida e o desenvolvimento da Ordem.¹³⁵

O encontro com o outro em Francisco parece sempre ser uma simbiose abertura/mudança de um coração que se deixa conduzir com lucidez entre os homens, de maneira especial entre os mais deserdados,¹³⁶ conduzido por Deus. Em um universo marcado pelas batalhas e preconceitos, o pobrezinho, de encontro em encontro vai forjando a sua identidade de arauto do grande Rei, servidor do Senhor que lhe revela a paz e, não do servo que convoca os homens à guerra.

É verdade que a articulação de louvor de Francisco, fazendo de Deus o objeto central de suas orações e de seus louvores encontra uma ressonância no Sultão Al-Kamil e na piedade do Islã (Pirone, 2003: 46), o que permitirá ao jovem de Assis adotar um estilo missionário dialógico, na ótica de todo o projeto de sua vida desde o momento da sua conversão. “Ele vê no estrangeiro um irmão que é dom do Senhor [...] o outro é uma oportunidade para anunciar o Evangelho e criar espaço de diálogo e de amizade, o outro é um meio, um bem” conforme palavras de Scognamiglio (2011: 66).

O outro é, para Francisco, sempre uma oportunidade de aprendizado, por isso pediu aos seus frades que não criassem discussões e nem brigas, que não ofendessem, mas que pudessem conviver no meio dos estrangeiros estando abertos ao aprendizado e, só então, seria possível compreender se era agradável a Deus anunciar o nome de Jesus. Viver a minoridade entre os outros e entre os seus. O Islã lhe parece uma religião sólida, que experimentada de

¹³⁵ Se si dà fede all’Anonimo Perugino, secondno il quale Nei mesi immediatamente precedenti durante i primi viaggi Francesco “adhuc non praedicabat populo”, può sorgere l’idea che Francesco non ottenne ciò che desiderava, ma ricevette un mandato nuovo [...] è un spia che l’invito pontificio di predicare la penitenza non fosse ciò che erano andati a chiedere, ma il compito che fu loro affidato, il banco di prova dal cui esito sarebbe dipeso il loro futuro. (Cf. BRUFANI, 2008: 28-29).

¹³⁶ Il mondo degli uomini è un campo di battaglia. Il messaggero del Vangelo non deve apparire come un rivale o un concorrente nella corsa alla ricchezza e al potere. La povertà, e solo essa, è il cammino che lo condurrà verso una comunione fraterna con tutti gli uomini e, in primo luogo, con i più diseredati. (LÉCLERC, 1982: 74)

perto lhe faz vibrar o coração e perceber que não eram os demônios tão decantados em versos e prosas na propaganda da cruzada (JEUSSET, 2008: 74). Por isso, ele jamais mostrou a consciência ou postura de superioridade em relação aos infiéis. Ele é apenas um Irmão Menor no meio de tantos irmãos. (BEER, 1982: 22).

5.4 A novidade de uma regra missionária

Quando Francisco recebeu os primeiros companheiros, segundo ele mesmo diz, logo veio a orientação de como eles deveriam viver e agir no mundo: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho” (Test, FFC, 2004: 189).

Diferentemente do modo de vida estabelecido e seguro do medievo, o grupo dos pobres de Assis queria viver no mundo e não fugindo dele. (CA, 108, FFC: 2004: 946). Este querer viver no mundo e, não fugir dele, é o primeiro passo para a novidade. Não que estes grupos não tivessem o Evangelho como base de suas Regras, mas enquanto a concepção do Evangelho nas comunidades estabelecidas as levava a uma forma de abandonar o mundo, a nova comunidade se inseria cada vez mais nele.

A novidade do movimento de Francisco estava na concepção mesma da vida religiosa. Até o tempo de Francisco, a vida religiosa elaborou sua auto-compreensão como uma fuga mundi [...] Francisco concebe a vida religiosa, não como uma fuga mundi a ser vivida dentro dos muros de uma grande propriedade, mas como vida do Evangelho de Jesus Cristo a ser vivida no meio do povo de Deus. (TEIXEIRA, 1994: 34).

O que eles queriam era uma comunidade itinerante, diferente daquelas que tinham casas e lugares fixos, na concepção deles o mundo é a casa da fraternidade, viver entre os trabalhadores e trabalhar com eles, viver entre os miseráveis e se for preciso pedir esmolas junto com eles, uma opção que vai sendo clareada nos diversos momentos em que se conta a história da fraternidade. Mostrando que aquele modelo de vida era desejado por Deus.

Enquanto para a definição de ordem monástica é essencial a estabilidade (ligação do monge a um lugar, a Abadia), desta forma não são admitidos monges “errantes”. Francisco não se isola do contato com os homens, continuando assim, ainda que sem saber, o monaquismo de São Martinho de Tours, para dar um exemplo. Francisco e seus frades viviam de preferência em lugares solitários, mas tinham a obrigação dos trabalhos frequentes que espontaneamente os conduziam ao mundo dos homens, aos quais ofereciam uma palavra de “exortação e louvor” (RnB 21,1 FF 55). O mundo que eles encontram não é só a “cristandade” de então, mas também aquele dos sarracenos e outros infiéis (RnB 16,3 FF 42) entre os quais os frades “impulsionados pela divina inspiração” (RnB 12,1 FF 38) podem permanecer. Fica delineado que Francisco é o primeiro legislador religioso a falar da missão entre os “infiéis”; enquanto dos cruzados os combatiam com as armas, ele quer que os seus frades se apresentem “espiritualmente, sem litígios ou disputas, sujeitos a toda humana

criatura e confessando ser cristãos”. O anúncio do Evangelho virá “quando virem que agrada ao Senhor” (RnB 16, 1-7 FF 42-43). (MATURA, 1996: 178).

Vários autores são concordes em dizer que na Regra dos Frades Menores aparece pela primeira vez na história das Regras a concepção de um envolvimento missionário para além da cristandade¹³⁷. O que não é tão difícil compreender a partir das escolhas do estilo de vida, pois, o que desejavam era estar no meio dos homens e viver com eles, e principalmente como eles, no sentido de viver sem segurança e sem estabilidade, fazendo do mundo a casa da fraternidade. O mundo de então vivia um momento de expansão, fosse pela via do comércio, ou pela via da guerra, e lá onde estavam os homens deveria estar a fraternidade que queria viver segundo a forma do Santo Evangelho.

Francisco e seus frades estavam de tal forma convencidos do valor e do significado de seus estilos de vida e suas ações que, quando se encontraram diante das cruzadas e conheceram a existência dos sarracenos, decidiram ir aos confins do mundo cristão e estender a sua missão de paz também ao mundo sarraceno e ao Islã: uma decisão ainda mais importante quando não se registra nenhum caso equivalente naquele tempo. (HOEBERICHTS, 2002: 108).

Em 1221, a fraternidade conhece, de forma definitiva, a Regra não Bulada que aponta a forma de vida que os frades deveriam seguir. O impulso missionário entre os sarracenos e os outros infiéis está plenamente ligado a esta forma de vida em consonância com Tolan (2009: 9). Segundo os relatos de Celano e alguns dos primeiros biógrafos (hagiógrafos) este desejo de ir para o mundo dos não cristãos estava impregnado em Francisco desde o ano de 1211, quando ele tentou pela primeira vez ir ao encontro dos sarracenos. (TEIXEIRA, 1994:52). Ele tentou uma segunda vez esse encontro, mas nas duas tentativas seu projeto não se realizou, talvez não fosse ainda o momento agradável ao Senhor (FFC, 2004: 176).

O projeto missionário de Francisco se apresenta como um objetivo de aproximação pacífica, sem criar litígios ou disputas, vivendo mansamente. Não obstante a ideia ainda era forte na mentalidade de muitos frades, que sentiam a necessidade de agredir o Islã e combater o profeta, o que gerou uma grande fileira de mártires, quase sempre na contramão do projeto missionário que Francisco havia proposto.

Indubitavelmente o martírio permanecia um objetivo para alguns daqueles franciscanos, sob a fileira dos mártires de Marrakesh em 1220, sete frades foram colocados a morte em Celta em 1227, cinco em Marrakesh em 1232, e Agnello, bispo de Fez, em 1246. Dez outros conheceram a mesma sorte no vizinho oriente entre 1265 e 1269, sete em Trípoli em 1289. Estes mártires inspiravam sentimentos ambivalentes: aqueles de 1220 foram canonizados só em 1481, quando se tornaram úteis á propaganda contra os turcos. (TOLAN, 2011: 12).

¹³⁷ Cf. Matura, 1996: 178; Hoerberichts, 2002: 108; Basetti-Sani, 1975: 96; Crocoli, 2006:117.

Quanto à datação do capítulo XVI da Regra não Bulada, de conteúdo especificamente missionário, não existe uma precisão. Há autores que defendem que seria anterior à viagem de Francisco ao encontro do Sultão¹³⁸, enquanto outros argumentam que seria posterior, pois reflete de forma clara a influência do encontro na mentalidade de Francisco.

David Flood defende a elaboração do texto como resposta de Francisco e da fraternidade à carta de Inocêncio III, de 19 de abril de 1213, convocando para o Concílio IV de Latrão, na qual se pedia uma reforma na Igreja e a reconquista da Terra Santa. O autor defende que o Capítulo XVI da RnB seria uma alternativa à ideia de cruzada. (FLOOD, 1976: 77-78).

Walbert Bühlmann (1982 *apud* HOEBERICHTS, 2002) por sua vez, defende que seria impossível a elaboração do texto do Capítulo XVI da Regra não Bulada sem a experiência vivida por Francisco junto ao Sultão, e que, portanto, o mesmo é fruto desta experiência missionária, sem a qual seria muito difícil para Francisco descrever os dois modos de conviver espiritualmente.

Anton Rotzetter afirma que o modo de ir aos sarracenos faz parte do próprio estilo de vida de Francisco, portanto ele não precisaria da experiência junto aos muçulmanos para escrever o texto, mas, ainda assim conclui que o Capítulo XVI da Regra não Bulada é fruto do encontro entre Francisco e o Sultão. (ROTZETTER, 2003: 75).

Hoeberichts, depois de apresentar a posição de alguns estudiosos do tema sobre a datação do texto, apontando os que defendem a ideia de o mesmo ter sido escrito antes do encontro entre o monge e o Sultão, e dos que sustentam ser o escrito posterior ao encontro, defende a datação posterior ao encontro. “As experiências concretas de Francisco durante a sua permanência entre os sarracenos oferecem a melhor explicação para o Capítulo XVI.” (HOEBERICHTS, 2002: 85).

Francisco era um homem do seu tempo e, como foi descrito ao longo da pesquisa, a regra de vida da fraternidade foi sendo gestada a partir das experiências concretas do grupo, custando anos de trabalho (FLOOD, 1976: 91) o que torna muito mais sensata a datação posterior ao encontro, entre os anos de 1219 e 1221.

As informações coletadas com o presente levam a crer na posição de Frugoni, que defende que o Capítulo XVI da Regra não Bulada, é, não apenas posterior ao encontro entre Francisco e o Sultão, mas uma prova de que o encontro não foi o fracasso que muitos querem

¹³⁸ Basetti-Sani, que é um dos principais defensores do diálogo fraterno entre Francisco e o Islã, defende as conclusões de David Flood, confirmando a compreensão missionária de Francisco anterior à viagem do mesmo ao Egito, uma vez que o conjunto dos capítulos de 1 a 17 estaria pronto já antes do IV Concílio de Latrão, realizado em 1215. (BASETTI-SANI, 1993: 694).

fazer crer, uma vez que resultou uma forma nova de se relacionar como mundo segundo Frugoni. (2012: 79).

O fato é que, no momento em que a Igreja combatia “sistematicamente o Islamismo, minando-o a partir da sua dimensão religiosa”, palavras de Crocoli (2006: 119), a Regra proposta por Francisco, muitas vezes chamado de louco e idiota, se apresentava de uma forma completamente nova, evitando qualquer tipo de disputa, se submetendo a todos em nome do Senhor, o que remete, de certa forma, ao sonho do início da sua conversão: “é preciso servir ao Senhor e não ao servo.” (2 Cel II-6 FFC, 2004: 304).

Diante das Regras existentes

Quando, em 1208/9, Francisco e os seus primeiros companheiros decidiram ir a Roma para pedir ao Papa a aprovação para a forma de vida escolhida por eles, ao que indicam as fontes, já possuíam certa consciência da novidade que sua proposta representava no seio da Igreja. O pobre de Assis insistiu sempre nesta novidade.

Francisco e seu grupo experimentavam algo novo. A vida religiosa na Idade média, até o tempo de Francisco estava estruturada com base nas Regras beneditina e agostiniana. As reformas e novas ordens que se fundavam apoiavam-se na estrutura monacal ou canônica existente, por assim dizer, com uma Regra ‘já pronta’. Com Francisco, como se viu acima, surgiu um novo estilo (conceito) de vida religiosa. E a Regra de Francisco para encarnar a novidade, não podia ser uma cópia das anteriores, nem estruturar-se nelas. A Regra, espelho de vida, era para todos os frades menores algo ‘ainda por fazer-se’. (TEIXEIRA, 1994: 59).

Nos anos posteriores à primeira aprovação oral do Papa Inocêncio III foi se tentando melhorar a adequação da forma de vida dos às que já existiam anteriormente.

Francisco era certamente consciente do quanto estava criando com os seus companheiros, mas não se deve aplicar a ele os critérios sociológicos atuais! Sabia que aquilo que fazia era marginal. Àqueles que o impulsionavam a entrar nas estruturas monásticas, opunha o seu carisma e a liberdade cristã. Mas nada, nos escritos como nos primeiros biógrafos consente afirmar e nem mesmo supor uma reação contra a sociedade ou de conflitos com essa. (MATURA, 1976: 191).

Esta consciência de não contestar e nem se opor a nenhuma Regra pré-existente dá a entender que havia uma consciência intencional na novidade presente na forma de vida, que não se encaixava nas normas instituídas para as comunidades anteriormente estabelecidas; nem mesmo era cogitada uma adaptação, como se pode perceber, por exemplo, em Domingos de Gusmão, que teria ajustado a regra de Santo Agostinho para movimento dos pregadores. (FRUGONI, 2011:104).

Quando se depara com o modo de vida proposto por Francisco e por seu grupo é algumas coisas precisam ficar claras: primeiro, eles não eram contra nenhum modo de vida anterior, estabelecido pelas regras antigas. Segundo, havia no grupo uma consciência de que

queriam viver diferentemente do estilo atrelado aos mosteiros e, portanto, precisavam de uma regra igualmente diferente daquele estilo já estabelecido. Terceiro, a forma de vida sendo gestada a partir dos desafios encontrados pelo grupo no dia a dia, e na percepção que Francisco sobre o que ele chamava de revelação do Senhor. Por isso, o modo de vida escolhido pelo grupo não seria pautado nas Regras de Bento, Benedito ou Agostinho, mas no Evangelho sem glosas. (RADI, 2006: 51).

Jacques de Vitry, teólogo e cardeal da França, foi um dos primeiros autores de fora da Ordem a falar dela, dando inicialmente um parecer contrário ao estilo de vida dos itinerantes, e propondo que fossem submetidos à disciplina monástica. E “nisto fazia eco a São Bento, cuja Regra criticava os monges ‘vagantes’ que não permaneciam nos seus mosteiros.” nos dizeres de Tolan (2009: 37) A opinião dele estava em sintonia com o pensamento do Cardeal Ugolino que propôs a Francisco e a seu grupo que prosseguissem em uma das regras anteriores, ao que esse, segundo Frugoni, teria respondido com firmeza e clareza: “foi o Senhor que desejou que vivêssemos segundo a forma do Santo Evangelho.” (FRUGONI, 2011: 119). Para Teixeira (1994: 22) o que se propunha era algo realmente novo diante do horizonte das comunidades: irmãos que estariam inseridos na vida dos homens propondo-lhes a paz.

Não deveria mais surpreender agora que a Regra não descreva alguma vida monástica de claustro. Esta não se ocupa de uma vida circunscrita ao mosteiro, mas de uma Ordem sui generis, de tudo original, modelada diretamente sob o Evangelho. A ‘fraternidade’ da Regra é uma comunidade unida com vínculos mais pessoais que locais, com uma índole fortemente dinâmica. Não é fechada em si, mas aberta ao sentido bíblico ao mundo todo inteiramente voltada ao serviço do Reino de Deus. (ESSER, 1980: 87).

Também não deve surpreender que o modo de vida escolhido pelo grupo e, em especial por Francisco, ou seja, a minoridade e o viver segundo o Evangelho, o tenham levado ao encontro com os sarracenos e ao desejo de estar no meio deles. Somente imerso nesta forma de vida em contraste com todas as outras do momento, se pode ter a chave para entender o encontro e a relação estabelecida entre Francisco de Assis e o Islã, uma relação que ele desejou fosse vivida por seus irmãos, arrebatando-os a todos por amor ao Senhor.

É com esta fé e com esta sua leitura do Evangelho que foi entre os muçulmanos e se apresentou ao Sultão. Em nome do Evangelho e de Jesus e não como cruzado, sem se por outro projeto senão aquele de anunciar a boa nova. Não para cumprir um ato de heroísmo, mas para testemunhar a fé na sua simples e humilde cotidianidade. Confiou-se somente na força do exemplo. E é esta radicalidade que deve ter tocado Al-Kamil, o Sultão se comoveu pela plena adesão de seu hóspede ao ensinamento do grande profeta Jesus. (RADI, 2006: 52).

Outro elemento que destoa claramente a opção de Francisco das demais Regras é a segurança social, de certa forma, mantida mesmo dentro dos mosteiros. (ACROCCOLA, 1998: 73) Enquanto os monges estavam seguros em seus mosteiros, os frades deveriam viver como irmãos, lavando os pés uns dos outros, sem segregação. O projeto missionário era uma forma de expandir esta fraternidade a todos os homens, fossem eles cristãos, infiéis ou sarracenos.

Ao encontro do mundo

Jacques de Vitry é uma das primeiras fontes não franciscana a falar do movimento liderado pelo pobre de Assis. Empenhado no projeto do Papa Inocêncio III tanto no que diz respeito às cruzadas, como também no movimento de reforma da Igreja, Vitry enxergava no movimento de Francisco uma preparação de Deus para o fim dos tempos.¹³⁹

A ideia de fim de mundo estava presente também na propaganda de Inocêncio III que via a ocasião como perfeita para destruir os adoradores do Diabo, os filhos da perdição e fazia a comunidade acreditar que a reforma da Igreja estava associada à necessidade de exterminar o Islã, entendendo que o próprio Senhor lhe dava sinais claros da proximidade do fim da religião seguida por Mohamed (HOEBERICHTS, 2002: 51) ligado também ao fim dos tempos que precisava ser urgentemente preparado pela Igreja.

Mas, se a comunidade era vista por Vitry como preparação do fim dos tempos, e o Papa via na cruzada uma missão de extermínio, a visão de Francisco parece ser aquela de abertura para o mundo, de encontro com o outro, com uma ação cada vez mais revelada pelo Senhor. E, mesmo que chegasse o fim dos tempos, os homens deveriam estar preparados pela penitência e pela fé no Evangelho e não pela imposição da espada.

Francisco não era a priori um adversário da cruzada nem o foi, pelo motivo que a cruzada era uma instituição da Igreja, promovida por aquele papado a cuja ordem dos frades Menores desde os inícios estava ligada de maneira muito estreita [...] a pregação missionária de Francisco não se apresenta então como uma alternativa à empresa militar lançada pelo papado contra o Islã, mas se desenvolve segundo uma lógica paralela. (VAUCHEZ, 2010: 100).

No grande êxodo para a terra prometida, proposto pelo Papa Inocêncio III parecia não haver lugar para estrangeiros e inimigos e, por isso, era necessário fazer a Guerra da Cruz. Com um pensamento oposto, reflexo do primeiro momento em que abriu o Evangelho e

¹³⁹ Il Signore há aggiunto, di questi tempi, una quarta istituzione religiosa, la bellezza di una ordine, la santità di una regola. A bem guardare ló stato e l'ordine della Chiesa primitiva, egli non há aggiunto una nova regola, ma há piuttosto rinovato la vecchia, l'há rialzat da terra dove giaceva derelitta, há risuscitato una forma di vita religiosa moribonda, al tramonto del figlio di perdizione. Così il Signore ha voluto preparare nuovi atleti per il tempo periglioso dell'Anticristo e aiutare la sua Chiesa fortificandola. (TOLAN, 2009: 43).

acolheu a missão de ir ao mundo todo, Francisco parece entender que haveria lugar para todos, desde os cristãos do Oriente, passando pelos judeus, até os sarracenos. (VAUCHEZ, 2010: 100). O viver segundo o Evangelho, que desde o início tocou o coração da comunidade, e ainda, o modelo de minoridade em todos os lugares se torna uma chave de leitura para a missão das gentes, desejada por Francisco. Acrescente-se a isso o fato de a comunidade desejar e entender que o mundo é a casa do frade, e não o mosteiro, ou qualquer feitiço de vida fixa. Eles eram itinerantes da penitência e do Evangelho, arautos do grande Rei.

Os franciscanos foram os primeiros a fixar em uma regra religiosa a tarefa missionária, formulada não para clérigos, mas para irmãos [...] O que a eles importava era levar, com sua forma de viver o mistério de Deus encarnado para dentro das condições sociais [...] entre os sarracenos, em culturas estranhas nas regiões de missão, como se dizia antigamente, a pregação leiga é colocada dentro de outro contexto social [...] E os irmãos que partirem (para entre os sarracenos) poderão proceder de duas maneiras espiritualmente com os infiéis: o primeiro modo consiste em abster-se de rixas e disputas, submetendo-se a todos os homens por causa do Senhor e confessando serem cristãos. O outro modo é anunciarem a palavra de Deus quando o julgarem agradável ao Senhor (1Rg 16,5s). Esta concepção da missão é simplesmente revolucionária, mesmo que até hoje isto quase não tenha sido reconhecido e praticado pelas comunidades franciscanas. (ROTZETTER, 2003: 34-35).

A missão *ad gentes* está então configurada segundo o projeto inicial de vida conforme se pode perceber nas palavras do próprio Francisco no seu Testamento, quando diz que o Senhor lhe havia indicado como viver e ainda como proceder desejando a todos a paz. (TEST, FFC, 2004: 187) O mesmo Francisco que mudou o coração diante do leproso parece mudar também o coração diante do Sultão, e na sua proposta missionária quer atingir a todos com a simplicidade do Evangelho, da Minoridade do coração e a submissão em prol do Senhor, que o escolheu como o mais vil dos pecadores para viver entre os homens como Menor e ser arauto da paz.

Desta paz messiânica que descia do céu pela intermediação dos homens, os frades deveriam ser não somente testemunhas, mas artífices, a vanguarda de uma humanidade reconciliada. Como escreve na metade do Duzentos o frade menor Alessandro de Brema, “Francisco reconduzia à paz os homens e mulheres que se encontravam em situação de conflito, a fim de que a sua Ordem ofereça o espetáculo da Jerusalém” segundo a etimologia concebida no medievo, Jerusalém significava em hebraico “visão de paz”. (VAUCHEZ, 2010: 76).

No próximo Capítulo irá se analisar alguns textos de Francisco que são frutos da sua visão minorítica, do seu viver segundo o Santo Evangelho e do seu encontro com o mundo do Islã, da piedade e da fé. Toda terra se torna santa aos olhos de Francisco e todo lugar é Belém, por isso é preciso ir ao encontro dos homens e saber viver no meio deles - sempre haverá algo para aprender e para ensinar, mas o outro será sempre um irmão a quem o frade deve se submeter por causa do Evangelho. Estendendo ao mundo todo e a todos os homens o desejo

do próprio Francisco: “é isto que eu quero, é isto que eu desejo, é isto que eu procuro” (1 Cel IX – 22, FFC, 2004:212) que o mundo seja minha casa e que os homens todos sejam irmãos.

Resumindo as ideias apresentadas nessa seção, conclui-se que a visão de Francisco e de seu grupo era diversa daquela apresentada pelas comunidades estabelecidas de então. Para a Fraternidade o mundo era o claustro, e não a cela fechada de um mosteiro. O mundo era o lugar do desafio, era a possibilidade clara de viver o Evangelho na Minoridade junto aos mais simples, uma forma de aprender a organizar a vida a partir de cada encontro.

O desconhecimento do Islã pela Igreja a levava a buscar uma forma de exterminar aqueles que eram tidos como adoradores do Demônio; este era o objetivo claro traçado pelo Papa com a Carta *Quia Maior* que convocava a cristandade para a reforma da Igreja, que passava pelo IV Concílio de Latrão preparado para o ano de 1215, e com uma Cruzada para exterminar os infiéis prevista para o ano de 1216, tendo o próprio Papa como líder principal, com a ideia clara de preparar os homens para o fim dos tempos.

Agindo de forma contrária ao projeto da Igreja e às ações dos primeiros mártires do Marrocos, Francisco usa a experiência de ir ao encontro do Islã para forjar ainda mais a sua espiritualidade pautada na vida segundo o santo Evangelho, vendo no outro sempre uma oportunidade de crescimento, transformando o que é amargo em doçura, levando ao invés da espada a Cruz de Cristo, pregando a penitência para a conversão de todos os homens, descobre uma religião diferente e, por isso, na última parte da pesquisa poderemos apontar alguns textos que são, a nosso ver, uma clara consequência do modo de pensar de Francisco que fazia de cada encontro, uma forma de deixar Deus se revelar e ao mesmo tempo atitudes dele que pontuam sua abertura dialogal diante do outro.

PARTE III

O DIÁLOGO NA POSTURA E NOS TEXTOS DE FRANCISCO

A terceira e última Parte da pesquisa é composta pelos Capítulos VI e VII que tratam dos textos que Francisco escreveu e experiências que ele viveu, pontuadas pela sua abertura ao mundo e pela sua relação com o Islã.

No Capítulo VI é abordada como a visão de comunidade de Francisco se diferencia das ordens estabelecidas, nas quais os mosteiros representavam uma seguridade social e uma estabilidade religiosa. Ao fazer do mundo o seu lugar de encontro, e dos homens e mulheres seus Irmãos, Francisco passa a compreender a Missão como uma experiência dialogal, como se verá no Capítulo XVI da Regra não Bulada, onde se retoma com toda clareza a Minoridade e a vida segundo a forma do Santo Evangelho. Neste Capítulo ainda é tratada a sintonia existente entre a ideia de Deus, em Francisco, e na piedade muçulmana, tendo como exemplo as diversas formas de nominar Deus nos Louvores ao Deus Altíssimo e no Capítulo XXIII da Regra não Bulada, formas muito peculiares nos 99 nomes de Allah no Corão. Conclui-se o Capítulo com a Carta aos Governantes dos Povos, onde a oração e a reverência dos minaretes são sugeridas por Francisco aos cristãos, por meio de seus governantes. A importância deste Capítulo é fundamentada nos próprios textos de Francisco através dos quais se pode ler uma clara abertura dialogal.

No último Capítulo são tratados os Testamentos de Francisco, na AÇÃO com o Natal em Greccio, na POSTURA com a Perfeita Alegria, e na busca do SEGUIMENTO com o Testamento.

O Natal em Greccio mostra uma ação dialogal fazendo com que toda terra seja Santa, portanto, a guerra não tem sentido - lembrando que o argumento principal para a Cruzada era a reconquista da Terra Santa. A simplicidade do presépio realça ainda a Minoridade do Filho de Deus, Minoridade assumida pela Ordem dos Irmãos Menores.

A Perfeita Alegria aponta para a postura de Francisco diante dos seus Irmãos, dos outros, e da Igreja, sempre como um Irmão Menor, vivendo segundo o Evangelho. Para ele, o Evangelho era Regra de vida e modelo de missão, um estatuto que o impedia de declarar guerra a quem quer que fosse. Lendo os seus escritos se pode concluir que o Evangelho é, para Francisco, uma via dialogal.

A pesquisa é concluída com a busca do SEGUIMENTO, apontando o Testamento como uma leitura do passado (história da Ordem e da vida de Francisco) e fazendo uma

projeção para o futuro, pontuando sempre a identidade católica, a vida segundo o Evangelho, a Minoridade e a submissão a todos por causa de Jesus, e o anúncio da paz a todos os homens.

CAPÍTULO VI

6 MUNDO: onde o encontro acontece

Quando Francisco de Assis foi ao encontro do Sultão naquele distante ano de 1219, não havia qualquer ideia de diálogo inter-religioso, a Igreja não pensava de forma alguma em tal possibilidade, ao contrário, pensava no Islã como um inimigo a ser aniquilado para que Deus pudesse concluir a história. (HOEBERICHTS, 2002: 40). Mesmo não havendo nenhuma argumentação plausível com relação à participação e ao apoio do pobrezinho às cruzadas, também ele, como filho da Igreja e do seu tempo, não poderia pensar em tal situação no que tange ao diálogo. No entanto, o encontro com o chefe político do Islã e, de certa forma, também religioso, parece ter marcado de forma determinante a vida e a espiritualidade de Francisco. Quanto ao encontro com o Sultão, poucos fatos na vida do pobrezinho foram tão relatados pelos hagiógrafos e biógrafos como este¹⁴⁰.

Diante de tal fato poderia se perguntar qual a razão pela qual não se encontra nenhum texto em língua árabe que fale do encontro. Segundo Tolan (2009), Luis Massignon apresenta um possível relato que remeteria ao encontro em uma narração árabe.

Massignon examinou as fontes árabes à procura de uma prova da passagem do santo e pensou ter encontrado uma. Segundo il Kawâkib di Ibn al- Zayyât, Fakhr al-Dîn al-Farisi, conselheiro de Al-Kamil, teve uma hikâya mashhûra (aventura memorável) com um râhib (monge cristão). Para Massignon este râhib não pode ser outro senão Francisco. (TOLAN, 2009: 319).

Embora Massignon quisesse ver no relato a figura de Francisco, não faltam candidatos para serem associados com a figura do monge na corte do Sultão Al-Kamil. (TOLAN, 2009: 319). No entanto, não podendo ser confirmada e nem negada a versão de Massignon, o fato é que não se pode estranhar a ausência de um relato consistente da parte da corte do Sultão, uma vez que não pareceu ser tão importante para eles tal acontecimento.

Não possuímos textos árabes que descrevam o encontro. E não precisa se maravilhar. Os cronistas da história do Sultão com toda probabilidade pensavam que a chegada ao campo egípcio de um religioso de pés descalços, uma espécie de sufi cristão que desejava falar ao Sultão, não fosse um evento tão importante para merecer ser contado. (TOLAN, 2009:7).

¹⁴⁰ Na obra intitulada *Fontes Franciscanas e Clarianas*, publicada pela Editora Vozes, pode-se encontrar, por exemplo, vários relatos sobre o encontro entre Francisco de Assis e Malek-Al-Kamil. Citam-se aqui as páginas e os autores: p. 236 (1ª Celano); p. 320 (2ª Celano); p. 499 (Celano, Legenda para uso do coro) p. 525 (Juliano de Espira); p. 611 (Boaventura, Legenda Maior); p. 621 (Boaventura, Legenda Maior) p. 702 (Boaventura, Legenda Menor); p. 907 (Compilação de Assis)p. 1178; (Compilações e Florilégios); p. 1417; 1422-27 (Jacques de Vitry); p. 1429 (Crônica de Ernoul), p. 1438 (Testemunhos menores); p. 1529 (Fioretti); todos estes textos estão anexados no final desta pesquisa.

Mesmo não contando com a evidência de um relato árabe sobre o encontro, não se pode negar a importância do mesmo para a vida de Francisco, um homem em busca dos homens, aberto ao mundo e peregrino ao encontro de outros tantos por causa do Evangelho.

John Tolan, na obra *Il Santo dal Sultano*¹⁴¹, várias vezes citada aqui, apresenta o relato do encontro entre o santo e o Sultão a partir da ótica de vários autores e de vários momentos: seja na pintura ou no texto escrito e, de alguma forma, mostra um Francisco que é usado para responder a algumas demandas de cada tempo. O que se pretende nesta seção do estudo é mostrar o Francisco por ele mesmo, usando a leitura de textos que ele produziu e que, segundo a abordagem aqui adotada, não poderiam ser escritos sem um coração aberto para o mundo enquanto lugar de encontro com os homens, todos os homens, e, portanto, que também não poderiam ser escritos sem o encontro com o Sultão.

A hierarquia da Igreja naquele momento via em Francisco e no seu movimento um bom instrumento no processo de reforma tão desejado pelo Concílio Lateranense IV, um dos grandes pregadores da reforma religiosa. Jacques de Vitry via na Ordem dos Menores, ainda que com ressalvas, um coroamento do processo das reformas.

Jacques de Vitry pregou incessantemente sobre dois argumentos que mais o apaixonavam: a reforma da vida do seio da cristandade e o prosseguimento das cruzadas. As duas empresas eram aos seus olhos intimamente ligadas e a visita de Francesco ao Sultão do Egito representou um momento de perfeição da vida apostólica em quanto combinavam juntamente o imperativo da reforma e aquele da cruzada. (TOLAN, 2009: 25).

Os textos de Francisco mostram que ele desejava em seu coração também uma reforma, mas não uma reforma com armas. Francisco apresenta outra via. Enquanto Vitry e a hierarquia da Igreja pensavam no Islã como um inimigo a ser vencido pela batalha militar e a renovação espiritual, o pobre de Assis caminhava nos passos do Evangelho e da saudação da paz segundo Tolan (2009: 27). Segundo as informações de Jordano de Jano, durante o Capítulo de 1221, Francisco fez uma oração no seguinte teor: “Neste capítulo, o bem aventurado Francisco, tendo tomado o tema ‘Bendito o Senhor meu Deus que adestra minhas mãos para o combate’ (cf. Sl 18,35), pregou aos irmãos, ensinando as *virtudes* e admoestando à *paciência e aos exemplos a dar no mundo*” (JJ 16, FFC, 2004: 1270, grifos meus). O combate de Francisco parece aqui, claramente distinto daquele proposto pelo Cânon 71 do IV Concílio de Latrão. Ainda neste Capítulo será apresentada a saudação às virtudes, que pode jogar ainda mais luzes sobre esta oração do Capítulo de 1221.

¹⁴¹ Il Santo dal Sultano, L'incontro di Francesco d'Assisi e l'Islam, Editori Laterza, Roma-Bari, 2009.

Francisco se apresenta aberto ao mundo, pronto para o encontro com todos os homens, desde o pobre e desprezado leproso até um líder do exército inimigo, sempre com a disponibilidade de aprender e ensinar, de ser transformado se assim for preciso, conforme Vauchez (2010:37).

Desde o encontro com o leproso a vida do jovem de Assis não parou mais de ser uma sucessão de cambiamenti. É possível ler nos seus escritos a partir do encontro com o Sultão mais uma mudança, não pela força do Sultão em si, mas pela liberdade que Francisco experimentava ao viver segundo o Santo Evangelho.

Procurando viver como o Menor entre todos por causa do Evangelho e tendo o mundo como seu claustro e todos os homens e mulheres como seus irmãos, Francisco se apresenta como um autêntico buscador do diálogo, inclusive com todas as criaturas¹⁴².

6.1 Francisco e seus textos

O que se pretende aqui é fazer uma leitura de alguns textos produzidos por Francisco de Assis, textos que, a nosso ver, mostram não apenas a sua abertura para o outro, no caso o Islã, mas também a importância do outro em sua vida.

É muito possível que o encontro com o Sultão tenha marcado psicologicamente o jovem de Assis, conforme assegura Jeusset (1995: 122) e esta marca se apresenta aos olhos de sua fraternidade e do mundo cristão quando se lê Francisco por ele mesmo, uma vez que “[...] depois de ter encontrado o Islã, num encontro face a face, sairá daí marcado para todo o sempre tanto no pensamento como na vida.” nas palavras de Beer (1982: 25). Quais seriam então os textos?

Tomar-se-á como ponto de partida o Capítulo XVI da Regra não Bulada que teve um longo tempo de gestação, segundo alguns autores escrito antes de 1216, e, segundo outros, não poderia ter sido escrito antes da viagem ao Egito. Será feita uma análise pormenorizada do texto refletindo inclusive sobre a importância da datação do mesmo para a análise do pensamento de Francisco no seu encontro com os homens.

Outro texto importante que será lido é o Capítulo XXIII da Regra não Bulada, provavelmente escrito por volta de 1221, quando no Capítulo de Pentecostes foi apresentada a Regra para a Fraternidade e para a Hierarquia da Igreja, e que não obteve a aprovação por Bula, por isso, Regra não Bulada. Será feita uma análise das diversas formas com que Francisco se refere a Deus.

¹⁴² Cf. *Cântico do Irmão sol* ou *Louvores das criaturas* (FFC, 2004: 104).

Um texto que merece leitura é a *Carta aos Custódios*, tendo dois motivos importantes para isso, no que tange ao diálogo: o primeiro é a valorização da própria identidade - e aqui Francisco de Assis mostra uma clarividência da sua fé e de alguns elementos importantes para o momento da Igreja recém-saída do Concílio Lateranense IV, como a piedade Eucarística, e, ao mesmo tempo, elementos que parecem sinais de um reconhecimento da piedade alheia.

Seguirá uma leitura da *Carta aos Chefes dos Povos* que é a expressão mais clara da importância do encontro com o Islã na piedade de Francisco, segundo a perspectiva da tese aqui desenvolvida. Um texto que aponta seguramente para elementos rituais islâmicos.

Por fim, no último Capítulo, como uma coroação de todos os textos, será feita uma leitura de alguns de seus Testamentos, entendidos aqui, como *Testamento*, *Perfeita Alegria* e o *Natal em Greccio*, protagonizados por Francisco, fatos e textos do fim de sua vida que associam toda a sua história ao movimento por ele começado desde o início até aquele momento. Crê-se que sejam elementos chaves para se compreender toda a trajetória do irmão de Assis, desde o momento de sua conversão e dos diversos encontros que sucederam por seu andar pelo mundo como arauto do grande Rei.

Claro que tais textos não podem ser pinçados sem a junção a outros, por isso, ao longo da leitura aparecerão textos tanto de Francisco quanto dos primeiros autores que escreveram sobre a vida do santo e do movimento por ele iniciado.

6.2 O Capítulo XVI da Regra não Bulada

O Capítulo XVI da Regra não Bulada é um elemento chave na compreensão do pensamento de Francisco de Assis, uma vez que apresenta um projeto missionário inovador para o século XIII, mostrando uma visão muito particular no Irmão Menor, que procurou viver a sua vida segundo a forma do Santo Evangelho. Por isso, entende-se que seja importante reproduzir aqui o texto completo do dito capítulo, para em seguida fazer uma análise do mesmo dentro do projeto proposto.

Os que vão para o meio dos sarracenos e outros infieis

1 Diz o Senhor: "Eis que eu vos envio como cordeiros no meio de lobos" 2 Sede portanto prudentes como as serpentes e simples como as pombas" (Mt 10,16). 3 Por isso, se algum irmão quiser ir para o meio dos sarracenos e outros infieis, vá com a licença de seu ministro e servo. 4 E o ministro dê-lhes a licença e não oponha objeção, se vir que são idôneos para serem enviados; pois deverá prestar contas (cf. Lc 16,2) ao Senhor, se nisto ou em outras coisas proceder de modo indiscreto. 5 Os irmãos que vão, no entanto, podem de dois modos conviver espiritualmente entre eles. 6 Um modo é que não litiguem e nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por Deus (1Pd 2,13) e confessem que são cristãos. 7 Outro modo é que, quando virem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e para que sejam batizados e se tornem cristãos,

porque quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus (cf. Jo 3,5).

8 Estas e outras coisas, que agradarem ao Senhor, podem dizer a eles e a outros, porque diz o Senhor no Evangelho: "Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus" (Mt 10,32).

9 E: "Quem se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na sua majestade e na majestade do Pai e dos anjos" (cf. Lc 9,26).

10 E todos os irmãos, onde quer que estiverem, se recordem de que se doaram e entregaram seus corpos ao Senhor Jesus Cristo. 11 E por amor dele devem expor-se aos inimigos, tanto visíveis quanto aos invisíveis; porque diz o Senhor: "Quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á (cf. Lc 9,24) para a vida eterna" (Mt 25,46). 12 "Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5,10). 13 "Se me perseguirem, perseguirão também a vós" (Jo 15,20). 14 E: "Se vos perseguirem em uma cidade, fugi para outra" (cf. Mt 10,23). 15 Bem-aventurados sois (Mt 5,11), quando os homens vos odiarem (Lc 6,2) e vos maldisserem (Mt 5,11) e vos perseguirem e vos excluírem e vituperarem e prosciverem o vosso nome como mau (Lc 6,22) e quando, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim (Mt 5,11). 16 Alegrai-vos naquele dia e exultai (Lc 6,23), porque grande é no céu a vossa recompensa (cf. Mt 5,12). 17 E eu vos digo, meus amigos, não temais por estas coisas (cf. Lc 12,4), 18 E não temais aqueles que matam o corpo (Mt 10,28) e depois disso não têm nada que fazer (Lc 12,4). 19 Estai atentos para não vos perturbar (Mt 24,6). 20 Pois em vossa paciência possuireis as vossas almas (Lc 21,19), 21 aquele que perseverar até ao fim, este será salvo (Mt 10,22; 24,13). (RnB XVI, FFC, 2004: 176-177).

A datação do Capítulo XVI da Regra não Bulada é algo ainda hoje em discussão.

Como já foi visto no capítulo precedente, acrescenta-se aqui a posição de Celso Teixeira:

Igualmente devem ser colocadas depois de 1217 as disposições do cap. XVI da Regra não Bulada para aqueles que queriam partir para o meio dos sarracenos. É possível que a metodologia missionária de Francisco, contida nos versos 5 a 9 (6 a 13) deste capítulo, tenha sido um acréscimo de 1220, pois reflete a experiência de Francisco junto ao Sultão do Egito, Malek-al-Kamel. Francisco deve ter descoberto naquela ocasião que, para evangelizar um muçulmano ou qualquer outra pessoa, não basta apenas anunciar o evangelho e explicar a doutrina, mas requer-se toda uma longa convivência e intercâmbio de valores que preceda ao anúncio propriamente dito. (TEIXEIRA, 1994: 53).

A definição de uma data para o texto é uma questão bastante polêmica que se estende entre diversos autores,¹⁴³ mas, o que se discute aqui verdadeiramente é o significado dessa datação (anterior ou posterior ao encontro com o mundo mulçumano), ou seja, a influência que o evento teria sobre a obra de Francisco.

¹⁴³ Nos últimos anos muitas pesquisas têm sido se dedicado aos escritos de Francisco e a temática do encontro com o Islã também tem sido aprofundada de forma gradativa; neste sentido, Estatuto Missionário de Francisco e de sua Ordem ganha uma grande relevância. Pode ser citado aqui alguns autores que trabalham o tema da datação. Jeusset diz que a data é ignorada (JEUSSET, 1988: 59); Miccoli (2010: 183) vê o texto como escrito logo após o encontro com o Sultão; Margotti, (1993: 4370) entende o capítulo missionário como posterior e em decorrência do encontro entre Francisco e o Sultão; assim também o vê Hoerberichs, (2002: 87). Basetti-Sani, (1993: 694) assume a mesma tese de Flood e afirma que o texto foi anterior ao encontro; Frugoni (2012: 79) pondera que o texto seria escrito depois do encontro, mostrando que não foi um fracasso; a mesma ideia compartilha Tolan (2009: 11). Estes são alguns autores que defendem uma datação para o Capítulo XVI da Regra não Bulada. Uns entendem que seria antes do encontro e mostram então o modo de conceber a missão já pré-estabelecido no coração de Francisco e da comunidade, enquanto outros veem o encontro com responsável pelas ideias apresentadas no capítulo missionário, sugerindo uma forma de abertura, sobretudo de Francisco na relação com o outro.

Datar o texto como posterior ao encontro pode parecer uma afirmação contundente da influência do Sultão no pensamento do Assisate, ainda mais sendo um tema de extrema importância para a sua vida e da sua comunidade, pois, era isso que ele e seus amigos desejavam desde a formação da comunidade - ir pelo mundo pregando o Evangelho. Mas, a partir do encontro no Egito parece ter surgido uma nova forma de pensar a missão como o encontro com o outro em uma espécie de fraternidade maior.

Por outro lado, se o texto foi escrito anteriormente ao encontro em Damietta, fica clara a abertura dialogal que estava no coração de Francisco, abertura esta que coloca o projeto missionário de Francisco como alternativa ao projeto da Igreja, uma vez que expressaria um forte questionamento à mentalidade da época, defensora da guerra de extermínio e via no Islã os adoradores do diabo. (SCOGNAMIGLIO, 2011:66).

Sustenta-se a ideia de que a datação da obra, no sentido de uma influência necessária em Francisco, em seu modo de ver e viver a Minoridade e o Evangelho, não é um fator preponderante, pois o encontro, só reforça a abertura como consequência mesma deste modo de viver. Ou seja, a Minoridade e o viver segundo o Santo Evangelho permitiram a Francisco escrever um estatuto missionário que buscava ver no “infiel” e no sarraceno um irmão a quem todo frade deveria se submeter por amor a Deus. Particularmente, defende-se a datação do texto do Capítulo XVI da Regra não Bulada como posterior à presença de Francisco junto ao Sultão, o que explicaria uma consciência muito clara de que o outro também crê em Deus. E tal posição está em sintonia com toda a organização da Ordem que a cada Capítulo avaliava os passos dados e se organizava para estar no mundo. Contudo, se foi escrito antes seria uma decorrência de todo o seu projeto de vida e, se foi escrito depois do encontro continuaria sendo também em função desse projeto, agora ainda maior por causa da relação pessoal com o outro. De qualquer forma é importante notar que:

Seguir o capítulo XVI da RnB, é dizer, a presença franciscana entre os muçulmanos e os infiéis de então, supõe substituir toda a prepotência pelo amor que se formula de uma maneira serviçal e respeitosa com o outro e, portanto, livre e frágil, e isto por ser cristãos, porque assim o quis Jesus, como nos recorda o texto da primeira carta de Pedro. Então se equipara radicalmente o anúncio da palavra de Deus com a não violência. (FRESNEDA, 2007: 38).

Ainda mais importante que a datação do Capítulo XVI da RnB é o seu conteúdo marcado pela forma de peregrinar no mundo, sem armas, e pela crença de que a Igreja também poderia fazer a mesma coisa, uma prova a mais de que Francisco estava sempre pronto a se converter ao Evangelho dentro da evolução de sua vida e de sua fraternidade (JEUSSET, 1995: 137). Ao mesmo tempo, o conteúdo do texto se apresenta como um grande

contraponto à teologia vigente naquela primeira metade do século XIII. Na teologia de Inocêncio III, o papa era o vigário de Cristo e estava abaixo somente de Cristo e, em nome de Cristo, acima de todos os homens e de todos os reis e, o mundo a ser considerado era o mundo cristão, e, para além do mundo cristão estavam os inimigos potenciais e reais do projeto do Papa (vigário de Cristo). Portanto, enviar alguém para o meio deles, quando a Igreja condenava o contato com os não cristãos era um ato estranho para a compreensão do mundo de então¹⁴⁴.

Entende-se o Capítulo XVI da Regra não Bulada como uma conquista de Francisco e do seu grupo, uma grande prova de que a viagem feita ao Egito não foi um fracasso do seu ponto de visto e da fraternidade. Quando se recorda as primeiras missões e o fracasso das mesmas, pode-se concluir que não bastava ir, mas era preciso um modo, e o modo encontrado por Francisco foi aquele da Minoridade segundo a forma do Santo Evangelho. Neste sentido, introduz-se o texto propriamente dito, tentando analisá-lo por partes.

Cordeiro entre lobos

A imagem do cordeiro entre os lobos (Mt 10,16), usada por Francisco, está diretamente ligada àquela imagem usada por Jesus quando envia os seus discípulos, mantendo assim uma coerência com o projeto apresentado pelo irmão Menor desde o início de sua vida missionária¹⁴⁵. Francisco não era nenhum ignorante – embora se intitulasse idiota - tinha a clara consciência dos desafios de uma guerra, tendo ele mesmo participado de batalhas (MOSES, 2010: 23). Por isso, envia seus irmãos também como homens prudentes como serpentes, e mansos como pombas.

Ao enviar os seus frades como ovelhas em meio aos lobos, o pobre de Assis mostra a sua clareza de estar a serviço do Evangelho. Ao mesmo tempo em que conhece os perigos de uma guerra ele “tinha consciência que a relação entre cristãos e muçulmanos era uma relação de ódio e guerra, por isso era necessária a prudência” (FRUGONI, 2012: 89).

A igreja queria de volta a idade de ouro, retomando todo o império que outrora estivera sobre seus domínios, enquanto Francisco queria a paz.

Os frades queriam andar pelo mundo sem bens e colocando-se então completamente ao serviço da paz que era ameaçada, sobretudo no cuidado e na preocupação com as

¹⁴⁴ “No capítulo XVI 16 da RnB Francisco se manifesta sobre o Islam e a maneira de ir a eles em missão. Enquanto no ambiente da época, de invectivas e insultos, o silêncio de Francisco se transforma em mensagem”. (JEUSSET, 1995: 125).

¹⁴⁵ “O momento essencial, aquele em que todos concordam no fixar o nascimento da Ordem Franciscana, se situa no dia em que Francisco escutou a passagem do Evangelho, que reporta ao envio dos apóstolos em Missão”. (DESBONNETS, 1986: 11)

riquezas. De fato, por amor à paz, eles não queriam opor resistência àqueles que os atacavam ou os perseguiram. (HOEBERICHTS, 2002: 102).

É muito provável ainda que as propagandas cruzadas tenham feito com que Francisco colocasse no início do seu texto a questão da prudência, uma clarividência com relação à possibilidade de martírio e perseguições, ao mesmo tempo, que portava a possibilidade da realização do sonho acalentado pelo profeta Isaias, “o cordeiro e o lobo viverão juntos” (Is 11,6); por isso, segundo Frugoni (2012: 83) “a presença franciscana deveria ser absolutamente pacífica, em contraste com a presença violenta dos cruzados empenhados na cruel libertação da Terra Santa, tão desejada pelos pontífices Inocêncio III e Honório III”.

A imagem da ovelha (cordeiro) em meio aos lobos, que Francisco retoma no capítulo XVI da Regra não Bulada em relação à missão junto aos sarracenos se soma para exprimir o estilo cristão e franciscano daquele que anuncia o Evangelho.

A simbologia é complexa e quer retomar estes significados: a mansidão que caracteriza os missionários; as dificuldades e os insucessos previstos no anúncio do Evangelho; a necessidade de resistir ao mal e de responder com o bem; amar com o coração de Cristo, até o risco de morrer como ele, cordeiro imolado. A propensão para escutar o outro, no confronto sereno, com confiança e disponibilidade. (SCOGNAMIGLIO, 2011: 61).

O viver como Menor no mundo, com a mansidão e a prudência do Evangelho, eis o que Francisco faz ao enviar seus irmãos como operadores da paz, com a consciência dos desafios e dos perigos que poderão encontrar pelo caminho, mas confiando sempre no Altíssimo que lhe mostrou que deveria anunciar e desejar a paz a todos. Quando Francisco se apresentou ao Sultão, disse claramente que não estava ali em nome de papa, bispos ou reis, mas em nome do Senhor Altíssimo¹⁴⁶ e, no mesmo nome que agora envia os seus.

‘O homem é um lobo para o homem’, uma fera pronta para matar. Esta é a experiência de muitas pessoas, um princípio segundo o qual agem muitos poderosos. Jesus de Nazaré contrapôs a esta realidade um outro princípio: ‘o homem deve ser um anjo para os outros homens’: sem violência e com doçura se deve encontrar também o lobo. (ROTZETTER, 1990: 33).

Com este contraponto apresentado por Jesus, Francisco envia os seus frades para o meio dos sarracenos e outros infiéis.

Entre sarracenos e outros infiéis

A questão levantada sobre o Capítulo XVI da RnB, por Francisco e pela Ordem, no que toca a ir para o meio dos infiéis e sarracenos, é com certeza algo realmente inovador. Já se tratou, neste trabalho, um pouco sobre a história das cruzadas, mas não é demais relembrar que durante o curto período de vida do jovem de Assis, aconteceram nada menos que três

¹⁴⁶ Cf. LM IX-8, FFC, 2004:613.

cruzadas, e que todas elas tinham como pano de fundo a ideia de restaurar a Igreja exterminando os seguidores do Islã, sem contar nas outras cruzadas dentro do próprio território cristão contra os hereges e os inimigos da Igreja.

LXXI expedição para a reconquista da Terra Santa (14 dezembro, 1215).
Desejando ardentemente libertar a terra Santa das mãos dos ímpios, com o conselho de homens prudentes. Que conhecem perfeitamente as circunstâncias do tempo e do lugar, e com a aprovação do santo concílio, estabelecemos que os cruzados se preparem de modo que aqueles que pretendem fazer a viagem pelo mar reúnam se no reino da Sicília no dia primeiro de junho do ano próximo [...] pensamos ir pessoalmente, também nós, se Deus quiser, porque com o nosso conselho e com a nossa ajuda o exército cristão venha saudavelmente organizado e possa partir com a benção divina e apostólica. [...] os sacerdotes e os outros clérigos que fazem parte do exército cristão, seja inferiores ou prelados, atendam com diligência à oração e à pregação, ensinando com a palavra e com o exemplo, afim de que os cruzados tenham sempre diante dos olhos o temor e o amor de Deus e não digam ou façam coisa alguma que ofenda a divina majestade. [...] munidos das armas espirituais e materiais, mais seguramente possam lutar contra os inimigos da fé sem confiar na própria força, mas esperando a ajuda de Deus. (MANSI, 1961: 972).

O Canon LXXI segue com a exortação a todos os bispos, patriarcas, arcebispos, príncipes, reis e todos os homens do Ocidente para que tomem parte da empreitada desejada pela Igreja e ainda ameaça aqueles que rejeitam tal propósito.

E por que, neste caso, sobre Jesus Cristo não é negligenciada nada que se possa fazer, queremos e mandamos que os patriarcas, arcebispos, bispos, abades e outros que estão no cuidado das almas, com grande zelo proponham àqueles que são confiados a eles a palavra da Cruz, suplicando aos reis, duques, príncipes, marqueses, condes e barões e outros nobres, vilas e comunidades, aldeias e países para o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo único, verdadeiro e eterno Deus, que aqueles que pessoalmente não forem para o auxílio da Terra Santa, forneçam um número conveniente de soldados e paguem as despesas por três anos de acordo com suas possibilidades, para o perdão de seus pecados, como já foi dito explicitamente nas cartas encíclicas, e como, para maior cautela, será dito mais tarde. [...] quanto àqueles que se negam – se há alguém, por acaso, tão ingrato ao Senhor nosso Deus – protestamos vivamente em virtude de nosso ofício apostólico, porque sabemos que esses deverão responder no último dia no exame diante do tremendo juiz. (MANSI, 1961: 972).¹⁴⁷

O concílio ameaça ainda de excomunhão aqueles que negociarem armas e navios com os muçulmanos no curso de quatro anos, tempo que, no entender do Concílio, seria suficiente para exterminar os sarracenos.

Quando praticamente toda a Igreja estava organizada contra o Islã, Francisco apresenta um projeto paralelo ao que tudo indica (VAUCHEZ, 2010: 100). Enquanto a Igreja considerava apenas o mundo dos cristãos, Francisco percebia, a partir da sua vivência do Evangelho, que o mundo era a sua casa e que deveria viver no meio dos homens como um irmão e, ainda mais, como um Irmão Menor.

¹⁴⁷ Cf. CÂNON 71, IV Concílio de Latrão.

A cristologia que Francisco apresenta sublinha o aspecto sofredor: escolha da fragilidade e da pobreza ao ingressar no mundo, angústia e suor de sangue no Getsêmani, na paixão, difícil confronto entre as duas vontades: aquela do Pai que deseja que o seu filho, ‘bendito e glorioso’, ‘ofereça a si mesmo mediante o próprio sangue como sacrifício’; e aquela do Filho que pede para se afastar de tal destino, e, todavia, ‘depõe a sua vontade na vontade do Pai’. O fruto e o resultado é a libertação do homem do seu pecado, e a proposta de Jesus como modelo, sobre cujos traços ocorre caminhar. (MATURA, 1996: 55).

É sobre os traços de Jesus que, segundo a teologia cristã e também o pensamento de Francisco, se oferece a todos os homens, que a comunidade deve caminhar quando vai ao encontro do outro, para viver em meio a eles e não contra. Este ir para o meio do outro é, portanto, apenas uma consequência de todo o projeto missionário estabelecido desde a primeira hora da comunidade.

No projeto de uma fraternidade em missão, o ir entre os sarracenos é uma forma e uma consequência do andar pelo mundo que caracteriza de modo fundamental o estado de vida franciscano [...] o anúncio voltado aos sarracenos entra em um projeto maior de fraternidade que se abre à missão ad gentes ou para o mundo não cristão. (SCOGNAMIGLIO, 2006: 25).

O irmão Menor no mundo dos cristãos deve ser também um irmão Menor nos confins do mundo, vivendo no meio de todos como arauto do Evangelho, talvez uma reação da Ordem ou, mais ainda de Francisco, diante do comportamento da Igreja no século XIII¹⁴⁸. Francisco foi e voltou desarmado para o seu encontro com o Sultão (JEUSSET, 1988: 39), e parecia acreditar que “seus frades seriam recebidos não só na terra dos cristãos, mas também naquela dos infiéis, porque observavam aquilo que havia prometido o Senhor”. (HOEBERICHTS, 2002: 200).

Ir como ovelhas para o meio de lobos e, viver no meio deles com a minoridade de quem se coloca diante do Evangelho para viver a missão - eis a grande novidade da proposta de Francisco diante de uma guerra que já durava mais de cem anos. Os frades “não são monges retirados do mundo e do convívio dos homens, mas irmãos enviados para o meio dos homens para relacionar-se com eles como mensageiros da paz”. (TEIXEIRA, 1994: 22).

Mas era preciso que tudo isso acontecesse de acordo com a devida licença do ministro e servo, para que sempre houvesse a consciência de uma fraternidade unida e reunida para viver de acordo com o Santo Evangelho.

Com licença do Ministro e servo

A fraternidade reunida em torno de Francisco conheceu um crescimento espetacular. No curso de poucos anos já eram milhares de frades, como se pode ver na evolução dos

¹⁴⁸ Cf. Lehmann, 2003: 140.

Capítulos organizados pela Ordem.¹⁴⁹ O aumento do número de irmãos permite entender bem a importância dos ministros dentro da comunidade. Assim “os frades que queriam ir entre os sarracenos não deveriam mais esperar o Capítulo sucessivo ou chegar pessoalmente a Francisco para obter a permissão para partir” (HOEBERICHTS, 2002:123). Por sua vez os ministros não poderiam contradizer o Senhor.

A expressão usada na Regra é muito clara: aqueles que por divina inspiração desejarem ir entre os sarracenos e outros infiéis vão com a permissão do seu ministro e servo¹⁵⁰. O que move o coração do irmão que deseja andar é exatamente a divina inspiração, a mesma inspiração que levou Francisco para o meio dos leprosos, que levou a comunidade a correr o mundo. Desta forma, a permissão do ministro apresenta três características importantes, ainda que pareçam contraditórias:

1) A importância da organização da comunidade, essa é a grande razão da existência dos capítulos e da Regra.

2) O caráter do ministro como representante da comunidade como todo e ao mesmo tempo com a consciência de ser servo e não dono da ordem.

3) A proteção do carisma do frade que deseja ir para o meio dos sarracenos, porque este não vai sob a ordem de ninguém, nem bispos, nem papas e nem ministros, mas por divina inspiração, da mesma forma que Francisco foi se encontrar com o Sultão. Portanto, não está

¹⁴⁹ No Capítulo de 1221 compareceram mais de três mil Irmãos, que se reuniram em Santa Maria da Porciúncula, segundo informações de Jordano de Jano. As fontes deixam claro que a cada Capítulo aumentava sucessivamente mais o número dos irmãos que entravam na Ordem. (JORDANO DE JANO, 16, FFC 2004: 1270).

¹⁵⁰ “Flood, Bühlmann, Lehmann e Armstrong mantêm a expressão divina inspiração. Esser a omitiu na sua edição crítica dos escritos de Francisco. Por isso, a sua ausência na maior parte das traduções recentes, exceto as traduções inglesas de Flood e Armstrong-Brady. A argumentação de Esser se baseia sobre a ausência desta expressão em Ângelo Clareno, o qual não a teria nunca omitido se estivesse no original. Depois Esser explica a presença desta expressão nos outros manuscritos, hipotizando que os copistas, que conheciam a Regra Bulada na memória, acrescentaram, por assim dizer, automaticamente da Regra Bulada 12,2; FF 107. Muitos autores consideram muito frágil a argumentação de Esser. Lehmann escreve: “esta argumentação é fraquíssima, porque 1) Ângelo Clareno não é um testemunho confiável, como o próprio Esser mostrou em vários lugares; 2) a expressão dificilmente entraria na Regra bulada se já não estivesse na Regra não bulada, visto que se pretendia abreviar esta última. Na RB 12,2 temos na realidade uma mísera recordação da RnB 16,3;3; 3) a expressão “divina inspiração” é estritamente ligada àquilo que recorre três versículos depois: “ordenar as relações espirituais” (RnB 16,6); 4) a expressão é assim típica de Francisco que aqui deve ser considerada original também por motivos de coerência interna. Todo aquele que deseja imitar Cristo, o faça sobre a inspiração do Espírito Santo (prinzipien, PP 326-327). A isto pode-se acrescentar, a meu ver, que Francisco inseriu os VV. 3-5 no capítulo 16 para defender a escolha da consciência particular do frade diante da política de certos ministros. Neste caso é absolutamente improvável que Francisco não tenha usado a expressão *divina inspiração* para indicar a escolha do frade de andar entre os sarracenos”. (HOEBERICHTS, 2002: 122). Na edição italiana. Fonti Francescane VI 1, Editora Movimentos Franciscanos, Assis, 1977 na página 112 encontramos a expressão “perciò quei frati che, per divina ispirazione, vorranno andare fra i saraceni e altri infedele, vadano com il permesso del loro ministro e servo”, já a edição brasileira usada neste trabalho não tem a expressão divina inspiração. (FFC, 2004: 176).

em jogo a jurisdição do ministro, mas a inspiração inicial da Ordem que queria andar pelo mundo pregando o Evangelho, ou seja, a sua identidade de Ordem.

Quando Deus fez misericórdia com Francisco o levou a andar entre os pobres e leprosos [...] ele e os seus frades não queriam combater contra os sarracenos, mas andar no meio deles, conviver as suas vidas e os seus trabalhos para estabelecer a paz [...] agora o mesmo Senhor o conduzia entre os sarracenos [...] e ele descobria a presença de Deus lá onde, segundo a pregação da Igreja, se poderiam encontrar só mentiras [...] Deus estava entre os sarracenos antes dele e havia produzido em meio a eles muitas coisas boas e belas. E enquanto os outros o haviam colocado em guarda diante do “lobo” e da “besta cruel”, ele encontrava um amigo. (HOEBERICHTS, 2002: 129).

A inspiração divina e a permissão do ministro e servo permitiram ao frade ir para o meio dos sarracenos e dos outros infiéis e, Francisco então, talvez baseado em sua própria experiência, queria apresentar aos seus irmãos a maneira como poderiam e deveriam viver e conviver com aqueles que estavam fora do universo da cristandade e da Igreja, aqueles que eram vistos sempre como inimigos a serem combatidos, vencidos e se possível, mortos.

Dois modos de conviver espiritualmente

Quando o Capítulo XVI da RnB foi escrito o modo de ir aos sarracenos era a guerra, se possível uma guerra de extermínio, o que torna a proposta missionária de Francisco e de sua Fraternidade uma alternativa de relação muito clara daquela mantida pela Igreja¹⁵¹.

Não havia só uma maneira de se relacionar com os sarracenos, e em contraposição à maneira material e bélica, são apresentados dois modos de viver e conviver. Se o mundo é o claustro do frade, nada mais natural que em qualquer lugar ele viva espiritualmente, contudo, o mundo do Islã era diferente, pouco conhecido, era preciso ordenar as relações e o modo de viver no meio deles.¹⁵² A RnB apresenta com clareza esta necessidade.

Os dois modos de pregar (o testemunho de vida e o anúncio da fé) são, do ponto de vista evangélico, teológico e histórico-cultural, colocados no mundo dos crentes muçulmanos, de maneira diversa da experimentada e inútil violência das cruzadas, se afirma um estilo dialógico que tem seu fundamento na simplicidade e no testemunho. (SCOGNAMIGLIO, 2006: 25).

O testemunho de vida virtuosa de um Irmão entre os irmãos, ainda mais um Menor portador do jeito de ser do frade entre todos os homens, praticando a fé de forma singela e

¹⁵¹ A Igreja conhecia um único modo que era a guerra, e por ela, a instituição empenhava grandes esforços como se observa no Cânon 71 do IV Concílio de Latrão. Se ainda há autores que defendem a participação de Francisco ou o seu apoio às cruzadas, percebe-se de forma evidente pelos dois modos de viver que esta posição é equivocada. Evidentemente que os hagiógrafos não poderiam registrar a oposição de Francisco à instituição Igreja, até porque ele se transformava em um Santo modelo, mas, em contrapartida, não manifesta qualquer expressão clara de apoio, silêncio esse que, pela ótica dessa análise, é prova contundente da sua não participação nas cruzadas e da sua oposição. “Todo magnífico programa de evangelização, delineado com tanta simplicidade e tanta sabedoria foi completamente eliminado.” (BASSETTI-SANI, 1975: 210).

¹⁵² Cf. Hoerberichts, 2002: 129.

piedosa. Esta mesma forma que Francisco viu na prática dos muçulmanos a ponto de provocar nele um anseio de ver no Ocidente uma prática similar como se verá na Carta aos Chefes e Governantes dos Povos e em outros textos, escritos, certamente, após o encontro de Damietta.

Como no mundo em geral, assim os frades devem conceber a sua presença no mundo dos sarracenos como uma presença espiritual, ou seja, uma presença ‘no Espírito do Senhor’. Por isso, é evidente que para os frades a sua vida entre os sarracenos não tinha nada de excepcional, que a distinguisse das outras importantes matérias das quais se ocupavam os frades. Ao contrário, essa se inseria na visão global que os frades tinham de sua missão no mundo enquanto fraternidade. (HOEBERICHTS, 2002: 130).

O sentimento de Francisco ao usar as expressões: “eu fiz misericórdia” e “o que me era amargo tornou-se doce”¹⁵³ fez com que ele saísse do mundo para entrar de vez no mundo como irmão de todos, sem guerrear com ninguém, sem posses para defender, mas vivendo de acordo com Jesus que se esvaziou inteiro por amor (Cf. Fl. 2, p. 5-11), sem litígios e nem discussões, explica claramente a sua forma de andar pelo mundo e a sua orientação para os irmãos que desejavam fazer o mesmo.

Não litiguem nem porfiem

A opção de vida que Francisco escolheu pouco tempo depois do seu encontro com o leproso, e em consequência dele, “sair do mundo” - entendido aqui como o lugar das guerras, das disputas, da sede de poder - para viver em outro mundo, aquele do Evangelho, abre uma chave de compreensão para a forma que ele pede aos seus irmãos para viver no meio dos sarracenos. Era comum, em função de toda a propaganda cruzada proposta pela Igreja e pela ideia de superioridade da doutrina cristã, que o relacionamento entre cristãos e muçulmanos fosse realizado em meio aos debates, quando não por meio das ofensas a Mohamed, causa pela qual foram mortos os primeiros mártires do Marrocos segundo explica Vauchez (2010: 96). O próprio Papa mandava lutar contra os hereges e os muçulmanos, mas Francisco manda viver no meio deles sem brigas e nem discussões. (FRUGONI, 2012: 88).

“O conceito de Minoridade chega ao seu ápice exatamente no confronto com os muçulmanos” (LEHMANN, 2003: 138), enquanto as disputas eram uma forma de dobrar os adversários da fé católica, e se possível, humilhá-los (FRUGONI, 2012: 88), uma forma clara de mostrar o poder, na contramão da escolha originária de Francisco e o seu grupo. À forma de vida da Igreja primitiva, São Francisco quis substituir a forma do Santo Evangelho. Francisco sempre se mostrou consciente da singularidade de sua escolha depois escolheu a marginalização e em consequência dela a pobreza absoluta. (ACCROCCA, 1998: 25-26). Não

¹⁵³ Paráfrase da expressão usada por Francisco para falar do seu encontro com os leprosos, Test, FFC, 2004: 188-189.

criar disputas e nem querer estar em discussão com ninguém nada mais é do que a coerência com esta primeira opção diante de uma sociedade marcada por disputas e guerras.

Há um relato muito singular na vida dos frades que ilustra claramente esta opção de ser Menor no meio dos homens. Na cidade de Florença dois irmãos encontraram hospedagem da parte de uma mulher no pórtico de uma casa, mas o marido da mulher ao chegar os chamou de vagabundos e os mandou embora, e o relato prossegue da seguinte forma:

Naquela noite, porém, os irmãos, levantando-se para as matinas, se dirigiram à Igreja mais próxima.

Depois que amanheceu, aquela mulher, indo à Igreja para ouvir a missa, viu que eles estavam devota e humildemente em oração. Disse consigo mesma: 'se esses homens fossem malfeitores, como meu marido dizia, eles não se aplicariam tão reverentemente à oração.'

Enquanto a mulher refletia sobre isto, eis que um certo homem, de nome Guido, andava pela Igreja e distribuía esmolas aos pobres que encontrava. Quando se aproximou dos irmãos e quis dar uma moeda a cada um, como [dera] aos outros, eles recusaram aceitá-la. Ele lhes disse: "por que não aceitais as moedas como os outros pobres, já que vos vejo igualmente pobres e necessitados?" Respondeu um deles, de nome Frei Bernardo: "É bem verdade que somos pobres, mas a nossa pobreza não é tão pesada como a dos outros pobres, porque, pela graça de Deus e para cumprir seu conselho, nós nos tornamos pobres". (AP V-20-21, FFC, 2004: 772-773).

Para Accrocca (1998: 23) a opção pela pobreza e pela marginalização vai muito além de uma opção social, mas é uma consequência imediata do seguimento de Jesus Cristo. Na visão de Francisco é a sua grande intuição "o Senhor me conduziu entre eles".

O não fazer litígios e discussões com os sarracenos e os infiéis segue na mesma direção da opção pela marginalidade e pobreza. Francisco e sua comunidade conheciam bem a estrutura de poder da sociedade em que viviam, uma estrutura marcada pelo peso das armas, e depois pelo poder do dinheiro, pelo poder do homem sobre o homem, ao passo que a comunidade em criação era dirigida pela mentalidade da fraternidade, onde todos eram submissos a todos por causa do Evangelho, ainda conforme a percepção de Accrocca (1998: 72).

Várias vezes Francisco se diz louco, iletrado e inculto, o que é, de certa forma, uma mentira boa, porque na verdade ele sabia ler e escrever; ele e uma boa parte dos seus primeiros seguidores eram de famílias com posses e tinham formação, formação esta que os distinguia dos outros homens, e, de certa forma, embasava o projeto de vida abraçado.

A sua cultura era fruto da sua elevada posição social e lhe constituía a prova mais clara. Saber escrever e ler era a primeira e fundamental distinção social no medievo entre os ricos e os pobres, entre os poderosos e os súditos, entre os maiores e os menores, entre os patrões e os servos. Negando então a capacidade de ler e escrever do primeiro grupo de frades, Francisco parecia negar um dado de fato histórico. Todavia, esta aparente 'mentira' é compreendida em relação à segunda qualificação:

éramos submissos a todos. Escolheram deixar a sua posição privilegiada e potente [...] para entrar no grupo dos pobres e marginalizados, aqueles que não viviam mais dentro da cidade, mas tinham escolhido de colocar-se abaixo dela [...] tinham escolhido ser como iletrados para poder efetivamente se tornarem sujeitos e súditos de todos. (MARANESI, 2008: 164).

Não criar litígios e contendas nada mais é do que uma clara coerência com o modo de ser escolhido pelo grupo, e entre os muçulmanos seriam acolhidos como hóspedes que haviam feito uma escolha singular: Menor e servo de todos. Novamente recorrendo a Jeusset (1988: 66): “A rejeição do poder é um princípio basilar do franciscanismo, é tomada de posição diante de Deus e dos homens: nós somos pequenos, somos menores em qualquer lugar, tempo ou circunstância”, ao passo que negar isso é trair a própria identidade.

A ideia que se tinha na cristandade é que os cruzados deveriam combater com as armas e os missionários com as palavras, mas Francisco compreende que a verdade sobre Deus e Jesus Cristo não se apresenta com litígios e disputas, mas com a submissão a Deus e aos homens, e, por isso, ele e os seus frades queriam viver também entre os sarracenos como operadores da paz. Um projeto inegavelmente novo em um tempo de grande hostilidade entre cristãos e muçulmanos, tão novo que muitos de seus frades não foram capazes de compreender. (HOEBERICHTS, 2002: 134 e 137).

Evidentemente, nas primeiras biografias se encontra pouco ou nada do novo modo de se aproximar de Francisco, pelo simples fato de que este não coincidia com as ideias dos biógrafos, ou ainda mais, com os seus preconceitos em relação a Mohamed e ao Islã. De acordo com Hoerberichts (2002: 139), e ainda continuando com o seu pensamento, isto significa que as histórias sobre disputas de Francisco com os sarracenos são relegadas ao mundo das fábulas.

O fato é que na intenção missionária de Francisco se reafirma a necessidade do testemunho, segundo Scognamiglio (2006: 35), e que também era necessário entre os cristãos, o mesmo testemunho dado pelos primeiros mártires da fé cristã, sem discussões e sem julgamentos (TEIXEIRA, 1996: 12), vivendo como irmãos e submissos a todos por causa do Senhor.

Sejam submissos a toda humana criatura por causa de Deus

Quando Francisco escreve a sua saudação às virtudes, ele exalta sobremaneira o ser submisso a todos os homens e a todas as criaturas. Também em outros textos usa a mesma expressão, o que permite concluir que “o ser submisso” é algo importante na sua vida e no seu pensamento e da comunidade dos irmãos, um termo chave para a espiritualidade da comunidade (HOEBERICHTS, 2002: 140). Passa-se ao texto da saudação das virtudes:

Ave, rainha sabedoria, o Senhor te salve com tua irmã, a santa e pura simplicidade. Senhora santa pobreza, o Senhor te salve com tua irmã, a santa humildade. Senhora santa caridade, o Senhor te salve com a tua irmã, a santa obediência. Santíssimas virtudes todas, salve-vos o Senhor de quem vindes e procedeis.

Não há absolutamente em todo o mundo nenhum homem que possa ter uma de vós se antes não morrer. Aquele que tem uma e não ofende as outras tem todas. E aquele que ofende uma (cf. Tg 2,10) não tem nenhuma e a todas ofende. E cada uma delas confunde os vícios e pecados.

A santa sabedoria confunde a Satanás e todas as suas malícias. A pura e santa simplicidade confunde toda a sabedoria deste mundo (cf. 1 Cor 2,6) e a sabedoria da carne. A santa pobreza confunde a ganância e a avareza e os cuidados deste mundo. A santa humildade confunde a soberba e todos os homens que há no mundo e igualmente todas as coisas que há no mundo. A santa caridade confunde todas as tentações diabólicas e carnis e todos os temores (cf. 1 Jo 4,8) da carne. A santa obediência confunde todas as vontades próprias, corporais e carnis e mantém o corpo mortificado para a obediência ao espírito e ao seu irmão e torna o homem súdito e submisso a todos os homens que há no mundo, e não somente aos homens, mas também a todos os animais e feras, para que possam fazer dele o que quiserem, tanto quanto lhe for permitido do alto pelo Senhor (cf. Jo 19,11). (SV, FFC, 2004: 187-188).

Quando se compreende os traços da mística de Francisco, aqui mais do que a mística franciscana, é possível relativizar a localização cronológica do texto do Capítulo XVI da Regra não Bulada antes ou depois do encontro com o Sultão Malek-Al-Kamil. Ainda que a abordagem da análise seja favorável à ideia de que o texto seja posterior ao encontro, a percepção da mística de Francisco fazendo com que ele concebesse o mundo como o seu claustro, e os homens como seus irmãos, respalda a concepção de uma ideia missionária tão nova, mesmo antes de conhecer o Islã. Vale ressaltar que os seus biógrafos (hagiógrafos) afirmam que ele tentou três vezes manter contato com os sarracenos, inclusive antes do IV Concílio de Latrão.¹⁵⁴ Por outro lado, se o texto é mesmo posterior ao encontro, mostra a abertura de coração do jovem de Assis em coerência com o elogio das virtudes.

Na raiz do ser submisso a toda humana criatura está o projeto de vida de Francisco e de sua comunidade, o ser Menor entre os homens evitando os conflitos que oprimem e excluem os semelhantes.

¹⁵⁴ Cf. 1 Cel XX-55, FFC, 2004: 235; Jul VII-34, FFC, 2004: 525; LM, IX-5, FFC, 2004: 611.

A importância do ser submisso a todos é confirmada quando aparece na RnB em momentos cruciais, tanto nas dificuldades no mundo do trabalho, e ainda mais no viver no meio do mundo, de forma ainda mais evidente no encontro com os infiéis. Tal exortação de Francisco não mira uma estratégia funcional para convencer os não cristãos com o bom exemplo nem mesmo representa “um convite evangélico à prudência”, mas é essencial aos próprios frades para permanecerem fiéis à sua identidade, que deve permanecer também entre os infiéis. No meio deles a posição que os frades devem ocupar não é motivada pela vitória contra os infiéis mediante disputas e contestações teológicas e culturais, mas da submissão e da minoridade (MARANESI, 2008: 165-6).

Segundo Hoerberichts (2002: 98), os frades deveriam deixar o pensamento de poder gerador de desigualdade e opressão, para fundar as bases de uma sociedade estruturada na igualdade, sobre o respeito recíproco e a verdadeira paz. A ideia da família proposta por Francisco na Regra para os Eremitérios (FFC, 2004: 186), onde a relação mães e filhos é pautada no amor e no serviço deve ser estendida a todos, tendo como modelo social a casa onde a família se acolhe e constrói a paz com palavras e obras, sendo todos sujeitos e submissos a todos no amor. (HOEBERICHTS, 2002: 103).

A proposta de Francisco não é apenas nova, mas está em contraposição às orientações da Igreja, tanto no direito canônico quanto no Cânon do IV Concílio de Latrão. O Cânon 69 do Concílio (MANSI, 1961: 970) diz que “Seria muito absurdo para um blasfemador de Cristo exercer poder sobre os cristãos.” Tal afirmação é dita claramente com relação aos judeus, mas ao final do Cânon é reforçada a extensão do pensamento com relação à submissão a todos os homens: “nos estendemos a mesma coisa para os pagãos.” Já no direito canônico, o que se vê é uma evolução da hostilidade diante dos muçulmanos, uma vez que a guerra gerava também relacionamentos sociais entre cristãos e muçulmanos; assim sendo a lógica era submeter o outro e Francisco inverte esta lógica. (BERKENBROCK, 1996: 325). E de tal forma “com a sua decisão de ser sujeito a todos, Francisco e os seus frades infringem também o direito canônico do tempo” (HOEBERICHTS, 2002: 150) o que parece de acordo com a orientação que dá aos seus frades “não ir contra a salvação da sua alma”, situação na qual o irmão não deve obedecer ao ministro (RnB V, FFC, 2004: 168). Aqui se pode estender a toda Igreja às suas orientações.

A presença de Francisco na Igreja e a sua submissão a ela, ainda que não em todos os aspectos da doutrina daquele momento, aparece de modo muito claro nas suas Admoestações III - mesmo não sendo favorável a todos ensinamentos da Igreja ele não a abandona: “se o prelado, porém, ordena algo contra a sua alma, conquanto não lhe obedeça, não o abandone. E se por causa disso vier sofrer perseguição por parte de alguns, ame o mais ainda por amor de

Deus” (FFC, 2004:97). Por amor de Deus se torna uma palavra chave para a compreensão do jeito de ser no mundo.

A submissão a toda humana criatura, além de ser um dever cristão explícito nos ensinamentos do apóstolo Pedro é o testemunho explícito e concreto da humildade de Cristo (BASSETTI-SANI, 1975: 209). Enquanto a Igreja queria submeter o mundo ao seu poder, a Ordem escolhe estar entre os homens e ser sujeita por amor de Deus (HOEBERICHTS, 2002: 59). Na busca da verdadeira paz, Menores entre os homens, seguindo o modelo do Evangelho e as expressões usadas em outros momentos por Francisco.

Todos os irmãos, *em quaisquer lugares que estiverem* para servir ou trabalhar em casa de outros, não sejam nem tesoureiros e nem despenseiros nem tenham cargos de direção nas casas em que servem; nem aceitem algum ofício que provoque escândalo ou que cause dano para a sua alma (cf. Mc 8,36); mas sejam os *menores e submissos* a todos que estão na mesma casa. (RnB VII, FFC, 2004: 170, grifos meus).

A Minoridade e a submissão¹⁵⁵, em qualquer lugar em que estiverem ocupam um lugar especial, senão central, na espiritualidade de Francisco, e permitem apresentar aos seus frades uma maneira muito diversa daquela das armas no modo de ser e conviver no mundo, segundo Paolazzi (2002: 380).

A palavra chave para toda a exortação de Francisco parece ser por amor de Deus, esta é a expressão que marca toda a sua vida e de sua ordem, ainda que seja dita de formas diferenciadas. Quando Francisco escreve o seu Testamento ao final de sua vida, ele deixa claro estas expressões. Toda a sua vida de conversão, fraternidade e missão foi orientada pelo amor de Deus. Quando acolhe irmãos na comunidade, acolhe aqueles que desejam ingressar por “divina inspiração” (RNB II, FFC, 2004: 166); da mesma forma, os irmãos que querem ir para o meio dos sarracenos devem fazê-lo “por divina inspiração”. É por causa de Deus que Francisco deixou o mundo logo após o seu encontro com o leproso, e toda a sua vida é marcada, a partir de então, muito concretamente por esta causa.

O ser submisso por causa de Deus compreende a espiritualidade e a forma de vida da ordem (ROTZETTER, 2003: 76). Os autores, de acordo com Hoeberichts (2002: 159), dão pouca importância à expressão ‘por amor de Deus’, que parece ser essencial para

¹⁵⁵ “Ma questo (ser submisso) non deve essere preso come una specie di strategia, a mo’ di una disciplina esterna che devono osservare i Fratelli durante l’attività evangelizatrice ma, come dicono esplicitamente o implicitamente i testi citati, è il frutto della convizione di essere seguaci di Cristo, che porta il servo as essere veramente pacifico, a non turbarsi per niente che non sai il peccato”. (Cf. Uribe, In: Padovese, 2003: 176).

compreender o modo de vida de Francisco entre os cristãos e entre os não cristãos, a chave de leitura para a compreensão de seu modo de ser no mundo.

É abrasado por amor divino que ele vai ao encontro do Sultão; é inspirado pelo amor divino que ele oscula o leproso; é inflamado pelo amor divino que ele começa a reparar a Igreja em ruínas, e toda a sua vida ele coloca nas mãos de Deus, quando na praça de Assis se desnuda diante da comunidade e entrega a Pedro Bernardone os seus pertences, colocando toda a sua confiança na causa de Deus, com a expressão: “a partir de agora, porém, posso dizer com toda segurança: Pai Nosso que estais nos céus (Mt 6,9) junto a quem guardei todo meu tesouro e coloquei toda a esperança.” (LM II-4, FFC, 2204: 561).

A submissão é um termo muito rico para a espiritualidade do Islã “a própria raiz da palavra islã refere-se à submissão a Deus, sendo o muçulmano (*muslin*) aquele que se submete a Deus” (LUCCHESI, 2002: 73). Desta forma, a religião do Islã tem seu nome diretamente ligado a esta expressão, que nos leva à outra, cara para Francisco e para os muçulmanos, a paz:

Moslimes para ti: o termo corresponde, em árabe, ao particípio presente do verbo *aslama*, que, originariamente, significa entregar-se, posteriormente entregar-se voluntariamente à obediência; e restritamente, entregar-se ao Islão, a religião pregada por todos os profetas monoteístas. Estes termos derivam da raiz árabe *salam*, paz. Daí, o Islão: a religião da paz, e *moslim*: aquele que se entrega, inteiramente a esta religião de Deus. E, no Alcorão, o termo *moslim* qualifica todos os profetas e todos os bons crentes.¹⁵⁶

Esta submissão que está na raiz da palavra Islã dá ao fiel a confiança necessária para se alcançar a paz. “E este é, na verdade, o significado do termo Islã, que provém do verbo *aslama*: ‘confia em, se deixa abandonar’ (a Deus). A etimologia se aplica também à paz (*Salã*).”¹⁵⁷ Francisco via nesta mesma direção a sua entrega a Deus.

Submissão é a atitude de *Kenosis* que Francisco vê espelhada na encarnação, vida, paixão e morte de Jesus Cristo, maravilhosamente sintetizada no hino cristológico primitivo da carta aos Filipenses (2,6-11). É diametralmente oposta à atitude do poder opressor. O ato de submeter-se ao invés de oprimir impondo-se, faz o outro sentir-se importante, valorizado, amado, profundamente acolhido e acreditado ao se tornar seu servo. Na prática, é a atitude que permite anular, no seu ponto de origem, a força opressora do poder (...) O diálogo inter-religioso profético de Francisco com os sarracenos talvez não seja muito maior do que a sua expressão do mesmo diálogo profético manifestado no Cântico do Irmão Sol com todas as criaturas (CROCOLI, 2006:125-6).

¹⁵⁶ Tradução do sentido no nobre Alcorão para a língua portuguesa, S/d, p. 34, nota 2.

¹⁵⁷ Eva de Vitray-Meyerovitch, Rumi A paixão pela unidade. In: LUCCHESI, Marco. **Caminhos do Islã**, 2002, p. 137.

Ao propor aos seus irmãos e a si mesmo a submissão à toda humana criatura por amor a Deus, Francisco apresenta uma sintonia com a piedade muçulmana e a mesma consciência da pequenez do homem diante da transcendência de Deus, que sempre revela a ele e à sua fraternidade como devem agir, ou seja, a transcendência para o pobrezinho segue na mesma direção da mística islâmica que não a entende como distanciamento, mas como aquela experiência do nada humano¹⁵⁸ que vive em total dependência diante do seu Senhor (TEIXEIRA, in Luchesi, 2002: 73).

Vale a pena ressaltar que no Capítulo XII da Regra Bulada, XII (FFC, 2204: 164)¹⁵⁹ a expressão ‘ser submisso’ parece ser direcionada às autoridades da Igreja e não a todos os homens. No entanto, Francisco entendia que ser submisso a todos por causa do Senhor era a sua maneira concreta de dizer que era cristão.

E confessem que são cristãos

Um princípio básico para qualquer encontro e diálogo é a convicção das identidades de seus interlocutores. O Concílio de Lateranense IV tinha como princípio a reforma da Igreja, que pelas convicções de Inocêncio III passava por dois pontos principais, a valorização da piedade cristã e a reconquista da Terra Santa, conforme a *Quia Maior*. (MIGNE, 1970: 817-822). Os escritos de Francisco após o Concílio deixam claro que ele abraçou tudo aquilo que, do seu ponto de vista, era necessário para a reforma da Igreja no sentido de uma piedade mais apurada, valorizando, sobretudo, a Eucaristia, o respeito aos sacerdotes e a prática da confissão, conforme se vê nas suas Admoestações I:

De igual modo, todos os que veem o sacramento, que é santificado por meio da palavra do Senhor sobre o altar pelas mãos do sacerdote em forma de pão e de vinho, e não creem segundo o espírito e a divindade que seja verdadeiramente o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, foram condenados, sendo testemunha o próprio Altíssimo que diz: Isto é o meu corpo e o meu sangue. [...] e desta maneira o Senhor está sempre com seus fiéis. (ADMOESTAÇÕES I, FFC, 2004: 95-96).

Esta identificação com a Eucaristia¹⁶⁰, o respeito ao sacerdote, ainda que não seja o mais santo (Ad III FFC, 2004: 97), a valorização do sacramento da penitência, todos em profunda harmonia com os decretos do Concílio Lateranense IV, mostram um Francisco inserido na vida da Igreja, de acordo com os elementos que, no seu entender, não causavam danos à sua alma. (RnB, V, FFC, 2004: 168). O pobrezinho era cristão católico e desejava

¹⁵⁸ Cf. AtF X, FFC, 2004: 1143.

¹⁵⁹ “Para que, sempre súditos e humildes aos pés da santa Igreja e estáveis na fé (cf. Cl 1, 23) católica, observemos a pobreza e a humildade.”

¹⁶⁰ Ver carta aos clérigos, Primeira e Segunda Recensão, FFC, 2004: 107-108.

manter a sua identidade, e por isso, ao enviar os seus irmãos pelo mundo, pede claramente que eles confessem que são cristãos, mas, sem com isso provocar litígios e disputas; sem violar a caridade e sem ofender os irmãos (BASSETTI-SANI, 1975: 99). Ele “sempre se sentiu em relação com Deus como vemos no Testamento, e quando interrogado da parte das sentinelas do Sultão e também pelo Sultão em nome de quem estava ali, ou por qual propósito a resposta foi clara: em nome de Deus”. (FRUGONI, 2012: 85).

O testemunho de vida, o viver submisso a toda humana criatura por amor a Deus é, no entender do pobrezinho, a melhor maneira de se dizer cristão, é mostrar através das obras o amor. (Ad IX FFC, 2004: 99). O confessar-se cristão é, então, um modo de viver e de agir, e, não necessariamente, a proclamação verbal do Evangelho.

Quando Francisco relatou seu encontro com o leproso não fez nenhuma menção a palavras, mas simplesmente de gestos que modificaram o seu modo de ver o outro. A mesma experiência vale agora para o viver no meio dos que eram vistos como adoradores do Diabo, e, portanto, causavam asco na mentalidade de muitos cristãos. O agir amoroso com os infiéis e o fazer misericórdia com os leprosos apontam para um modo de vida em total consonância com o Evangelho, portanto é a confissão mais explícita da fé, no entender de Francisco.

O confessar-se cristão é para Francisco e sua Ordem, neste Capítulo XVI da Regra não Bulada, algo essencial na missão, mas esta confissão se dá muito mais pelo modo de ser e de agir do que pelas palavras, pois, “contudo, todos os irmãos preguem com as obras” (RnB XVII, FFC, 2004: 177) mais do que com as palavras e preguem o Evangelho quando virem que agrada a Deus.

Pregar o Evangelho quando virem que agrada a Deus

Francisco pode sugerir aos seus frades preguem quando agrada ao Senhor, uma vez que ele próprio passou por essa experiência segundo Pirone (2003: 66) diante do Sultão, e aponta, agora, a vivência da Regra e o testemunho de Cristo diante de todos. O que parece claro é que “Francisco não escolheu esta posição como tática, ele a viveu. Fica claro que a vida é o que está em jogo no encontro com o outro. A atitude de Francisco é uma atitude nova para seu tempo, atitude inclusive contrária à posição da Igreja”. (BERKENBROCK, 1996: 337).

Na paráfrase ao Pai Nosso, o pobre de Assis apresenta o que entende por fazer a vontade do Pai, seja na terra, seja no céu:

Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu (Mt 6,10): a fim de que vos amemos de todo o coração (cf. Dt 6,5). Pensando sempre em vós, desejando-vos sempre com toda a alma, dirigindo para vós todas as nossas intenções com todo o pensamento, buscando em tudo a vossa honra e, com todas as nossas forças, (Lc

10,27) gastando todas as nossas energias e sentidos da alma e do corpo em submissão ao vosso amor; e para que amemos os nossos próximos como a nós mesmos, trazendo todos, segundo nossas forças, ao vosso amor, alegrando-nos pelos bens dos outros como pelos nossos, compadecendo-nos de seus males e não causando a ninguém qualquer mal (cf. 2 Cor 6,3). (PN, FFC, 2004: 127-128).

A submissão ao amor do Pai leva o frade em direção a todos os outros homens e mulheres que são considerados então, irmãos, e o testemunho deste amor se torna prioritário diante do outro, em uma escala superior ao próprio anúncio.

O Deus experimentado por Francisco não é o Deus só dos cristãos, mas o Deus criador de todos os homens, em cujos planos são compreendidos também os ‘infiéis’, um Deus misericordioso. Tudo mais é condicionado ao “agradar a Deus” o agradar a Deus de Francisco é diverso do agradar a Deus na mentalidade da Igreja. O que vale é a força do testemunho de uma vida em minoridade. (FRUGONI, 2012: 89).

Durante o cerco à cidade de Damietta, Celano apresenta um episódio muito interessante que levanta algumas discussões com respeito ao modo de Francisco ver as cruzadas, um relato no qual alguns querem ver a sua objeção à guerra, e outros dizem ser apenas com relação àquela batalha específica, o que não configuraria uma posição contrária e definitiva à guerra¹⁶¹.

No tempo em que o exército dos cristãos sitiava Damietta, o santo de Deus (cf. 2, Rs 4,9; Mc 1,24) estava presente com seus companheiros. [...] e disse ao seu companheiro: “se em tal dia acontecer o embate, o Senhor me mostrou (cf. 2 Rs 8,10), os cristãos não se sairão bem (cf. Nm 4,41). Mas se eu disser isso serei julgado como louco; se eu me calar não escapo da consciência. [...] então o santo sai e dirige-se aos cristãos com admoestações salutares, desaconselha a guerra, anuncia a derrota. [...] (depois da derrota dos cristãos, Francisco conclui) saibam que não é fácil lutar contra Deus (cf. Sir 46,8), isto é contra a vontade do Senhor (cf. 2 Cor 8,5). Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apoia em suas próprias forças, não merece auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino. (2 Cel IV-30, FFC: 320-321).

A exortação de Francisco fala de guerra e não de uma batalha específica, mas independente disso a conclusão é clara: “se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino”. Na tradução italiana encontra-se: “se a batalha for feita por inspiração divina” (2 Cel, FF, 1977:577), a mesma expressão usada na RnB para começar as instruções aos que “por inspiração divina” querem ir para o meio dos sarracenos. Para eles, então, Francisco apresenta “dois modos de viver espiritualmente”, o que permite entender que por isso é preciso anunciar o Evangelho quando virem que agrada a

¹⁶¹ Da posição de que esta visão de Francisco seria uma clara objeção às cruzadas, e não apenas àquela batalha, encontram-se os pareceres de Basetti-Sani (1975: 145-150); Francis de Beer (1983: 19); Moses (2010: 127). De opinião que Francisco se opunha somente àquela batalha específica encontra-se Tolan (2009: 82), que argumenta ainda que as lágrimas de Francisco foram estritamente pelos cristãos. É pouco provável que um autor cristão do século XIII tivesse a coragem de dizer que o “maior santo” da cristandade teria derramado lágrimas pelos muçulmanos, quando a maior autoridade no assunto, a Igreja, chamava os de filhos do demônio.

Deus, esperando do alto, e, sabendo que é possível, ainda que não seja necessário, anunciar, o que dá a entender que a pregação não é o essencial da missão. (HOEBERICHTS, 2002: 103).

O método missionário Franciscano não deve ser descrito em termos hierárquicos sacerdotais, mas deve ser sempre definido a partir do frei laico [...] como uma simples e atraente presença [...] através de uma existência feita de paz, responsabilidade e não violência, com fraternidade e doçura. (HOEBERICHTS, 2002: 189).

A guerra na concepção de Inocêncio III agradava a Deus, e ele mostrava através de sinais, ou de leituras do livro do Apocalipse, que aquele era o momento propício que Deus havia escolhido para exterminar o Islã.¹⁶² Contudo, o irmão Menor não parece ver no Islã os demônios a serem exorcizados, mas, irmãos com os quais se deve conviver e esperar a ação de Deus que é Senhor do Reino. (JEUSSET, 1995: 1280).

Pregar quando agrada a Deus, com esta atitude podiam também descobrir então a presença viva de Deus entre os muçulmanos. E dependendo disso podiam perguntar: “agrada a Deus que comecemos agora a pregar aos sarracenos?” pois Deus é também o “criador e redentor” deles (Rg 16,9); está vivo e presente no meio deles. (ROTZETTER, 2003: 77).

A pregação que agrada a Deus, na concepção de Francisco, é a proclamação do Deus Onipotente, expressão cara ao Islã, ao mesmo tempo manifestada na concepção cristã: Pai, Filho e Espírito Santo: “aquilo que surpreende neste breve sumário da fé cristã é o fato de prestar atenção seja àquilo que a fé cristã tem em comum com o Islã, seja àquilo que é especificamente cristão sem nenhuma crítica negativa ao Islã e ao profeta Mohamed.” (HOEBERICHTS, 2002: 186).

Desde que “saiu do mundo” Francisco vai apontando a soberania de Deus, para quem tudo deve estar direcionado na sua vida. Todas as coisas devem estar submetidas ao olhar e à vontade d’Ele, inclusive a pregação. Deus é a autoridade a quem o pregador deve estar submisso. Aqui se encontra um ponto a mais nas convergências Francisco/piedade islâmica. Para o muçulmano “a grande teofania está presente em um livro: o Alcorão” (TEIXEIRA, in Luchesi, 2002: 71) e a partir dele se compreende que toda pregação deve estar submetida a Deus, a quem todo fiel deverá prestar contas, e nesta mesma direção seguem as orientações e o modo de ser do pobrezinho.

O coração aberto do frade Menor não significa a negação da sua identidade, lembrando que esta pregação só deve ser feita se o irmão tiver uma clareza de que ela é agradável a Deus. A fé de Francisco nos sacramentos fica muito evidente em vários textos que ele direciona aos seus irmãos.¹⁶³ A sua piedade cristã transparece também em vários

¹⁶² Cf. INOCÊNCIO III, 1855 apud MIGNE, J.P., 1970: 817-822.

¹⁶³ Cf. Admoestações, FFC: 95; Carta aos fiéis, FFC: 113.

momentos, com um grande fervor, sobretudo, pela Eucaristia e pela Palavra de Deus (FFC, 2004: 109)¹⁶⁴, de tal forma que, se chegasse o momento favorável, os irmãos deveriam anunciar a palavra de Cristo e convidar os muçulmanos ao batismo para a posse do Reino de Deus. Evidentemente, aqui se localiza um ponto importante para alguma objeção ao trabalho até aqui realizado, ou seja, como Francisco pode ser um “buscador do diálogo” e ao mesmo tempo desejar a conversão do outro ao seu modo de fé? Primeiramente, é preciso evidenciar que o termo “buscador do diálogo” pode ser usado para Francisco, ainda que de forma imprecisa, pois ele é um homem medieval, diante do qual não havia tal horizonte. Em um segundo momento, buscar o diálogo não significa negar a sua identidade; e em terceiro, o que parece mais evidenciado no texto de Francisco é que tudo deve ser feito quando se percebe que agrada a Deus, porque a aproximação que Francisco busca, e a relação com o sarraceno e/ou infiel é sempre uma relação de respeito. O que pode evidenciar isso é o fato de os biógrafos de Francisco insistirem na ideia do martírio quando ele vai ao encontro do Sultão, embora no seu estatuto missionário ele envia os irmãos para confessarem a fé de um modo serviçal, humilde e modesto, sem qualquer agressão à fé alheia. (BEER, 1982: 28).

Se o capítulo XVI foi escrito antes ou depois da viagem de Francisco ao Egito é, como já se disse, algo que permanece em discussão, e que encontra defensores para as duas possibilidades. Mas, de qualquer forma, mostra para os leitores uma visão muito ampla da compreensão de Reino em Francisco. Se o texto foi escrito antes da viagem ao Egito, além de mostrar uma universalidade de sua visão, demonstra sua grande capacidade de se abrir ao encontro do outro, como irmão menor, e viver de acordo com a Regra do Santo Evangelho.

Contudo, o Capítulo XXIII na Regra não Bulada encontra unanimidade com relação à sua datação no ano de 1221, quando a Regra foi apresentada para a aprovação.¹⁶⁵ Lendo o texto, juntamente com outros, pode-se perceber a largueza de coração do irmão Menor que aponta um Deus para além do Ocidente, quando Francisco se refere aos muitos modos de falar Deus.

¹⁶⁴ Ver de maneira especial a Carta aos custódios, “supliqueis humildemente aos clérigos que o Santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e seus santos nomes e palavras escritos, que santificam o corpo [de Cristo], devam ser venerados acima de todas as coisas”.

¹⁶⁵ Contudo, esta Regra de vida não recebeu a aprovação por bula, por isso, o nome de não Bulada. Foram precisos mais dois anos de espera para que a Fraternidade tivesse uma Regra Bulada, o que aconteceu no ano de 1223.

6.3 Os nomes de Deus

A relação de Francisco com o sagrado vai transparecendo em cada momento da sua vida, e ao final dela, ele deixa um texto revelador que é o seu Testamento, revelador no sentido já exposto neste trabalho de como o Senhor foi orientando a vida e as ações do pobrezinho. Esta relação amorosa e filial é o elemento chave para se entender como o amor ao Altíssimo se estende de certa forma a todas as criaturas a quem o jovem de Assis chamava irmãos e irmãs, para quem ele queria ser apenas o Menor, o submisso a todos por causa do Santo Evangelho. Os textos que são gerados na orientação da fraternidade, os convites à oração e ao cuidado com as coisas sagradas, todos eles surgem como um desenvolvimento da vida espiritual.

Francisco de Assis nunca quis se tornar 'escritor' e nunca teve qualquer ambição literária de glória mundana. Os seus 'escritos' não nascem da motivação cultural literária, mas da exigência da vida. Saem da sua experiência de homem em busca de Deus e do seguimento de Cristo pobre e crucificado e tendem a suscitar ecos da experiência de vida evangélica. Poderemos dizer, simplificando, que os seus 'escritos' são o prolongamento no tempo, da sua oração, da sua graça de viver e anunciar o Evangelho: que é 'alegre anúncio' da vinda do Reino, e então pode se traduzir igualmente bem na forma de vida que Francisco sobre inspiração do Senhor propõe aos seus frades, ou na explosão de alegria do 'louvado seja, meu Senhor' que ecoa os inúmeros convites bíblicos ao louvor universal. (PAOLAZZI, 2002: 28-29).

O idiota e louco não se fez escritor por amor à literatura, mas seus escritos nascem da sua relação com o Altíssimo e como uma forma de orientar os seus irmãos para a mesma experiência, uma experiência que vem sempre enriquecida com os inúmeros encontros de sua vida como ele nos mostra no seu Testamento. Dos seus escritos brotam inúmeras expressões para falar da única realidade, o que nos permite abordá-los sobre dois pontos de vista que não se opõem, mas antes, podem se completar: 1) Há em Francisco uma dimensão universal na sua relação com Deus, o que lhe permite ver o rosto de Deus em todos os homens e em todas as criaturas; 2) As relações de Francisco com os homens foram revelando nele tantas faces de Deus, entre elas a face Islâmica na qual Deus recebe os 99 nomes mais belos e honrados. (MOSES, 2010: 201).

Louvores ao Deus Altíssimo

Os escritos de Francisco trazem uma riqueza muito grande no que diz respeito aos nomes de Deus, seja nos Louvores ao Deus Altíssimo, cartas por ele escritas, ou ainda no Capítulo XXIII da Regra não Bulada. Toma-se agora o texto do Bilhete a Frei Leão ou os

Louvores a Deus Altíssimo, datado de 1224 (FFC, 2004: 18) que introduz uma forma muito variada no que diz respeito aos nomes de Deus.

Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas (SI 76,15). Vós sois forte, vós sois grande (cf. SI 85, 10), vós sois altíssimo, vós sois o rei onipotente, vós ó Pai Santo (Jo 17, 11), [sois] o rei do céu e da terra (cf. Mt 11, 25). Vós sois trino e uno, Senhor Deus dos deuses (cf. SI 135, 2), vós sois o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro (cf. 1Ts 1, 9). Vós sois amor, caridade; vós sois sabedoria, vós sois humildade, vós sois paciência (SI 70, 5), vós sois beleza, vós sois mansidão, vós sois segurança, vós sois quietude, vós sois regozijo, vós sois nossa esperança e alegria, vós sois justiça, vós sois temperança, vós sois toda nossa riqueza até a saciedade. Vós sois beleza, vós sois mansidão, vós sois protetor (SI 30, 5), vós sois guarda e defensor nosso; vós sois fortaleza (cfr. SI 42, 2), vós sois refrigério. Vós sois nossa esperança, vós sois nossa fé, vós sois nossa caridade, vós sois toda a nossa doçura, vós sois nossa vida eterna: Grande e admirável Senhor, Deus onipotente, misericordioso Salvador. (FFC, 2004: 106).

Neste texto Francisco usa 47 expressões para falar Deus, ainda que algumas sejam repetidas de forma diversificada, uma manifestação clara da universalidade mística de Francisco, uma abertura de coração que não o contrapõem aos infiéis e nem aos sarracenos, mas o faz irmão Menor de todas as criaturas, submisso a todos por amor de Deus.

Os nomes de Deus nos Louvores apontam para aspectos importantes na piedade muçulmana: o Deus que é totalmente transcendente (SURA 102,4 e 42,11), altíssimo e onipotente (SURA 7,151), mas ao mesmo tempo um Deus de profunda proximidade (SURA 13,9). O Deus criador das maravilhas (SURA 13,16); e, por fim, um tema muito caro, tanto a Francisco quanto para toda a tradição muçulmana: o Deus misericordioso; o irmão Menor usa muito a expressão “Fez misericórdia comigo – fiz misericórdia¹⁶⁶”, da mesma forma no Corão se encontra diversas vezes “O Misericordioso, Misericordador”.

Há autores que defendem a influência do Islã neste escrito de Francisco, entre eles Basetti-Sani, Jeusset e Moses, em obras já citadas. “Após os estigmas Francisco pediu ao irmão Leo que lhe trouxesse uma pena e um papel para que pudesse escrever uma prece [...] a prece que Francisco escreveu lembra a meditação muçulmana sobre os noventa e nove nomes de Deus, que os muçulmanos devotos rezam usando um rosário. Esses noventa e nove nomes vêm de descrições de Deus no Corão: O Compassivo, o Misericordioso, o Soberano, o Santo, o Pacífico, o Poderoso, o Criador, o Clemente, o Provedor, o Generoso”. (MOSES, 2010: 201).

¹⁶⁶ No Testamento da edição FFC 2004 encontramos a seguinte nota: Embora a expressão “Fiz misericórdia” (literalmente em latim: feci misericordiam) possa soar um tanto estranha aos ouvidos modernos, o tradutor prefere manter a literalidade (para não perder a força que a expressão contém), pois vê nela uma linguagem bem franciscana; para Francisco, não se trata apenas de “usar de misericórdia” (a tradução mais comum da expressão) ou de ter um sentimento de pena, mas trata-se de ação, de engajamento (facere), como se pode verificar em todas as sua biografia. Além disso, a expressão “fiz misericórdia” estaria gramaticalmente correta, pois para outras virtudes cristãs se usam idênticas expressões, tais como “fazer caridade”, “fazer justiça”. (FFC, 2004: 188).

Estes tantos atributos de Deus, se não podem ser declarados como uma influência do Islã na vida do pobrezinho, ao menos nos apontam, mais uma vez, essa abertura de coração que é ponto fundamental para qualquer ação em busca do diálogo, uma pré-disposição para o encontro com o outro, muito latente em Francisco, seja nos seus escritos, seja ainda nos seus silêncios, escritos e silêncios que brotam daquela profunda relação com o Altíssimo que lhe havia revelado a saudação da paz.¹⁶⁷

Em contraposição aos autores que defendem a influência do Islã nos louvores ao Deus Altíssimo, Pirone nega essa influência, mas admite uma abertura de coração de Francisco em direção aos outros.

Seria forçar a barra dizer que os noventa e nove nomes de Deus no Islã influenciaram Francisco nos seus louvores, mas defendo uma posição diferente, como o próprio nome do artigo, embora não demonstre influência já que Francisco pode encontrar essas matrizes nos salmos e em alguns profetas, mas mostra que Francisco tem uma alma aberta e em sintonia com a piedade muçulmana, o que favorece o diálogo. (PIRONE, 2003: 47-48).

A abertura ao diálogo em Francisco pode ser compreendida como a capacidade de expressar predisposição, afinidade, sintonia, elementos sem os quais não pode acontecer o diálogo. O que Francisco buscou desde que o Senhor lhe “deu irmãos” foi viver de acordo com o Evangelho, levá-lo ao mundo, nos encontros com os homens, e, por esta perspectiva, o encontro com o Sultão foi fundamental para o alargamento da compreensão de missão do pobrezinho e, só o foi, porque nele havia esta predisposição. O Capítulo XVI da Regra não Bulada, por este ponto de vista é uma grande prova de que a viagem ao Egito não foi um fracasso.

Em cada encontro, Deus será sempre um mistério insondável aos olhos de Francisco (Rotzetter, 1990: 41), mistério que em certos momentos pedirá o silêncio, e em outros, exigirá uma enorme quantidade de nomes nascidos de um coração inflamado (1 Cel XX-55, FFC, 2004: 235) de amor, desejoso de partilhar com todos os homens o que o Altíssimo fez com ele quando usou de misericórdia.

Qual é este nome, este ser profundo do Pai que o filho revela aos homens? Francisco sabe bem que o abismo divino, designado com o termo genérico de nome, não pode nunca ser penetrado; em dois diversos escritos, de fato, afirma: “nenhum homem o é capaz de mencionar” [...] é uma afirmação paradoxal: parece convidar a um silêncio adorante [...] em dois textos importantes recorrerá a um imponente acumulo de nomes para poder dizer qualquer coisa (RnB 23, 9-11: FF70-71; LodAl: FF 261). Contam se nos seus escritos até 86 nomes diferentes, substantivos (41) ou adjetivos (45), que buscaram dizer alguma coisa desta inefável realidade. (MATURA, 1996: 65-66).

¹⁶⁷ Cf. Testamento, FFC 189.

Os tantos nomes de Deus que saem dos lábios e do coração de Francisco levam a uma expressão que ficou exposta na Carta para toda Ordem “não tem nenhum Onipotente exceto Ele”, uma expressão que nos leva a outra oração tão cara ao Corão “Deus é o mais grande”¹⁶⁸, oração que Francisco deve ter escutado dos minaretes de Damietta. “Esta onipotência não é unicamente, nem em primeiro lugar, força criadora; é bondade e amor.” (MATURA, 1996: 182).

Juntamente com os louvores ao Deus Altíssimo encontra-se mais uma grande soma de nomes que evocam Deus no texto do Capítulo XXIII da Regra não Bulada, que passam a ser analisados a seguir.

O Capítulo XXIII da Regra não Bulada

Quando em 1221, Francisco e a sua fraternidade terminaram de escrever a Regra não Bulada, dois anos após o encontro do frade cristão com o Sultão Malek-Al-Kamil no acampamento em Damietta, o pobrezinho deixou o texto do Capítulo XXIII da RnB como uma grande exaltação ao nome de Deus, ou melhor dizendo, aos muitos nomes com os quais ele entendia poder chamar Deus. O texto começa com a profissão de fé que é a marca da identidade de Francisco e de seu grupo: criação, queda e redenção pelo sangue de Jesus na cruz. O Deus, do qual os homens não são dignos de proferir o nome, recebe tantos nomes como se pode conferir no próprio texto da Regra não Bulada XXIII:

Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus, Pai santo (Jo 17,11) e justo, Senhor Rei do céu e da terra (cf. Mt 11,25), nós vos rendemos graças por causa de vós mesmo, porque pela vossa santa vontade e pelo vosso único Filho, com o Espírito Santo criastes todos os seres espirituais e corporais e a nós, feitos à vossa imagem e semelhança, nos colocastes no paraíso (Gn 1,27; 2,15) e nós caímos por culpa nossa. E rendemo-vos graças, porque, como por vosso Filho nos criastes, do mesmo modo, pelo santo amor com que nos amastes (cf. Jo 17,26) o fizestes nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem, a beatíssima santa Maria, e quisestes que nós, cativos, fôssemos remidos por sua cruz, sangue e morte. E rendemos-vos graças, porque o mesmo Filho vosso há de voltar na glória de sua majestade [...] e porque nós todos, miseráveis e pecadores não somos dignos de proclamar vosso nome, suplicantemente vos pedimos que Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso dileto Filho, em quem tendes toda complacência (cf. Mt 17,5), juntamente com o Espírito Santo Paráclito, por tudo vos renda graças como agrada a vós e a ele [...] portando, nada mais desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite, a não ser o nosso Criador, Redentor e Salvador, único Deus verdadeiro, que é o bem pleno, todo o bem, o bem total, verdadeiro e sumo bem, o unicamente bom (cf. Lc 18,19), piedoso, manso, suave e doce, o unicamente santo, justo, verdadeiro, santo e reto, o unicamente benigno, inocente, puro, de quem, por quem (cf. Hb 2,10) e em quem está todo perdão, toda a graça toda a glória e todos os penitentes e justos, de todos os bem-aventurados que se alegram juntamente com ele nos céus [...] criador de todas as coisas e salvador de todos os que nele creem e

¹⁶⁸ Cf. Sura 4, 28.

esperam e o amam, a ele que é sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável (cf. Rm 11,33), bendito, louvável, glorioso, superexaltado (cf. Dn 3,52), sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelo século. Amém. (RnB XIII, FFC, 2004: 183-185).

Vários elementos do escritos de Francisco mostram a sua abertura de coração ao outro. A sua consciência de viver segundo a forma do Santo Evangelho¹⁶⁹ também transparece nos textos e na vida como pode-se perceber quando diz: “porque somos miseráveis e indignos de proclamar vosso nome, então pedimos a Nosso Senhor Jesus Cristo que o faça por nós”¹⁷⁰. O mesmo Senhor que o levou ao leproso, que pediu para restaurar a Igreja em ruínas, que o mandou anunciar a paz, que o levou ao encontro com os infiéis e sarracenos, agora usa de sua boca (seus escritos) para proclamar os tantos nomes com os quais ele pode ser chamado.

Francisco se deixa transformar totalmente pelo amor de Deus, até quase se tornar por ele louco segundo os olhos do mundo. O seu ser vibrava continuamente pelo amor infinito de Deus, e isto o deixava ébrio de alegria, porque era para ele uma emoção palpável. O amor de Deus o deixou totalmente conformado ao Cristo pobre e crucificado e o levou sempre a acolher a vontade do Pai celeste, também quando essa era incompreensível. Esta forte experiência mística com Deus, o colocou a serviço dos outros, sobretudo os últimos e marginalizados, o levou também ao testemunho de paz e reconciliação com todos. A começar com os irmãos que Deus lhe dava continuamente para dividir a mesma experiência. (ANTINUCCI, 2011: 53).

Por esta razão, o jovem de Assis, ébrio de amor, é capaz de partilhar com seus irmãos, ao fechar a regra que deveria orientar as suas vidas, um belíssimo louvor a Deus que, se não tem a ressonância dos minaretes de Damietta, tem o eco de um coração aberto a todas as criaturas.

A exortação do Capítulo XXIII mostra um esquema da relação homem e Deus. Quando se trata dos homens, o texto usa verbos que exprimem aquilo que os homens devem fazer em relação a Deus (DOZZI, 1989), no sentido de estarem sempre submissos à vontade dele, algo tão presente na vida de Francisco quanto na piedade muçulmana; conforme já foi visto anteriormente, o próprio termo Islã tem na sua raiz a ideia de submissão. Quando se trata de Deus “os verbos exprimem aquilo que Deus fez, faz e fará por nós” (DOZZI, 1989: 325), realçando mais uma vez a onipotência total e transcendente de Deus, permeada por uma proximidade criadora e redentora.

¹⁶⁹ Il mondo degli uomini è un campo di battaglia. Il messaggero del Vangelo non deve apparire come un rivale o un concorrente nella corsa alla ricchezza e al potere. La povertà, e solo essa, è il cammino che lo condurrà verso una comunione fraterna con tutti gli uomini e, in primo luogo, con i più diseredati. (LÉCLERC, 1982: 74)

¹⁷⁰ “[...] e porque nós todos, miseráveis e pecadores não somos dignos de proclamar vosso nome, suplicantemente vos pedimos que Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso dileto Filho, em quem tendes toda complacência (cf. Mt 17,5), juntamente com o Espírito Santo Paráclito, por tudo vos renda graças como agrada a vós e a ele” Ver RnB, XXIII (FFC, 2004).

As orações de Francisco parecem resguardar claramente a sua identidade católica na expressão de fé ao Deus Uno e Trino, criador e redentor, mas, ao mesmo tempo, se apresenta com uma universalidade muito latente, fruto da experiência de Minoridade e do entendimento de um Deus para todos.

Os louvores ao Deus Altíssimo e o Capítulo XXIII da RnB não podem isoladamente apresentar uma influência do Islã na vida e na piedade de Francisco, mas juntamente com a Carta aos governantes dos povos podem dar uma visão bem ampla do coração do jovem de Assis e da importância da sua presença junto ao Sultão Malek-Al-Kamil, naqueles dias de 1219.

6.4 Oração

O caminho de Francisco passa claramente pela oração, como se viu nos tópicos anteriores desta seção; a reverência que o pobrezinho prestava ao Altíssimo fazia parte da sua história, como um reconhecimento da grandeza daquele que o escolheu entre os miseráveis da terra, para que nele sua grandeza fosse manifesta. Ele vivia uma experiência muito acentuada do Deus que lhe fez misericórdia - esta expressão tão cara ao Assisate na sua piedade particular - um reconhecimento público de ter sido escolhido como idiota e louco para confundir a sabedoria dos homens, conforme Fioretti 10:

Estava uma vez São Francisco no convento da Porciúncula com frei Masseo de Marignano, homem de grande santidade, discrição e graça em falar de Deus; pela qual coisa São Francisco o amava muito; um dia, voltando São Francisco de orar no bosque, e ao sair do bosque, o dito frei Masseo quis experimentar-lhe a humildade; foi-lhe ao encontro e, a modo gracejo, disse: “por que a ti? Por que a ti? Porque a ti?” São Francisco respondeu: “que queres dizer?” Disse frei Masseo: ‘Por que todo mundo anda atrás de ti e toda a gente parece que deseja ver-te e ouvir-te e obedecer-te? Não és homem de belo corpo, não és de grande ciência, não és nobre; donde vem, pois, que todo o mundo anda atrás de ti?’ Ouvindo isto, São Francisco, todo jubiloso em espírito, levantando a face para o céu por grande espaço de tempo, esteve com a mente elevada em Deus; e depois, voltando a si, ajoelhou-se e louvou e deu graças a Deus; e depois, com grande fervor de espírito, voltou-se para frei Masseo e disse: ‘queres saber por que a mim? Queres saber por que a mim? Queres saber por que todo o mundo anda atrás de mim? Isto recebi dos olhos de Deus altíssimo, os quais em cada lugar contemplam os bons e os maus: porque aqueles olhos santíssimos não encontraram entre os pecadores nenhum mais vil nem mais insuficiente nem maior pecador do que eu; e assim, para realizar esta operação maravilhosa, a qual entendeu de fazer, não achou outra criatura mais vil sobre a terra; e por isso me escolheu para confundir a nobreza, e a grandeza e a força e a beleza e a sabedoria do mundo; para que se reconheça que toda a virtude, e todo o bem é dele e não da criatura, e para que ninguém se possa gloriar na presença dele; mas quem se gloriar se glorie no Senhor, a quem pertence toda a honra e glória na eternidade’. Então Frei Masseo, ouvindo tão humilde resposta, dada com tanto fervor, se espantou e conheceu certamente que São Francisco estava fundado na verdadeira humildade. (FFC, 2004: 1505-1506).

Esta piedade se encontra e se expande no contato com os homens de todas as espécies, sobretudo com os mais miseráveis; o amor de Deus o levava aos menores da sociedade, mas também o levava ao encontro dos grandes, como por exemplo, o Papa Inocêncio III, os cardeais com os quais ele e a sua fraternidade tinham contato, ainda que não buscasse favor algum.

E entre os tantos encontros que marcaram a vida do pobrezinho, sobressai o encontro com o Islã. Se, aos olhos de muitos estudiosos foi um encontro sem resultados, a presente pesquisa busca nos textos de Francisco, entre os quais, capítulo destinado à missão da fraternidade na Regra não Bulada; nos louvores ao Altíssimo; ou ainda, na oração de conclusão da Regra não Bulada, mais do que nas primeiras biografias, a chave para entender a abertura de coração de Francisco, que via o mundo como um lugar de encontro.

Crê-se que há uma profunda concordância entre o modo de ser de Francisco, o encontro com o Sultão Malek-Al-Kamil e os textos citados. Francisco foi recebido e bem tratado no mundo do irmão muçulmano, com certeza considerado um santo pelos cristãos e possivelmente um crente fiel também aos olhos do Sultão e sua corte.

Ó vós que credes! Quando percorreres o caminho de Allah, certificai-vos da situação, e não digais àquele que vos dirige a saudação do Islão: “Não é crente”, buscando com isso os efêmeros bens da vida terrena, pois, junto de Allah, há muitos ganhos. Assim, éreis, antes, e Allah fez-vos mercê do Islão. Então, certificai-vos. Por certo, Allah, do que fazeis, é Conhecedor. (SURA 4, 94).

Os encontros de Francisco certamente o levavam ao encontro de Deus e, a partir deles, o jovem de Assis desejava ardentemente que os homens pudessem viver a mesma relação com o Misericordioso e Misericordizador.

Carta ao Governante dos Povos

Pouco depois de sua viagem ao Oriente, entre os anos de 1219 e 1220, Francisco escreveu a Carta aos Governantes dos Povos. A forma como a tradução brasileira (FFC, 2004: 13-89) das Fontes Franciscanas e Clarianas expressa a data da carta, em si, já é uma grande porta aberta para a sua interpretação como uma clara influência do Islã na piedade do Irmão Menor, e confirma ainda “o quanto era aberto o horizonte apostólico do humilde Frei Francisco que ‘com toda reverência de que é capaz’ recorda aos poderosos deste mundo a caducidade das coisas humanas, convidando-os a não se esquecerem do Senhor.” (PAOLAZZI, 2009: 148). Na introdução à edição das Fontes Franciscanas e Clarianas, edição brasileira, quase todos os escritos assinalam um ano de publicação - alguns com uma possível

variação, enquanto a Carta aos Governantes dos Povos lê-se simplesmente assim: “Carta aos Governantes dos Povos: pouco depois da viagem de Francisco ao Oriente”. (FFC, 2004: 19). Não há sequer uma possível variação. No entanto, mais importante do que a data da Carta é o seu conteúdo, que remete diretamente aos dias em que o jovem de Assis passou em Damietta, mais precisamente às orações e à forma de rezar que ele assistiu junto ao Sultão Malek-Al-Kamil. Eis o texto, da Carta aos Governantes dos Povos:

A todos os podestás e cônsules, aos juízes e governantes de toda a terra e a todos aos quais chegar esta carta, a todos vós Frei Francisco, vosso pequenino e desprezível servo no Senhor; deseja saúde e paz.

Considerai e vede, pois o dia da morte se aproxima (cf. Gn 47,29). Portanto, rogou-vos com reverência, como posso, que não vos esqueçais do Senhor por causa dos cuidados que tendes e das preocupações deste mundo (cf. Mt 13,22) e não vos afasteis de seus mandamentos, porque todos aqueles que dele se esquecem e se afastam de seus mandamentos são amaldiçoados (cf. Sl 118,21) e serão por ele destinados ao esquecimento (Ez 33,13). E quando chegar o dia da morte, tudo o que julgavam possuir lhes será tirado (cf. Lc 8,18). E quanto mais sábios e poderosos tiverem sido neste mundo, tantos maiores tormentos (cf. Sb 6,7) sofrerão no inferno. Por isso, meus senhores, aconselho-vos firmemente que deixeis de lado todo o cuidado e preocupação e recebeis benignamente, em sua santa memória, o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. E presteis tanta honra ao Senhor no meio do povo a vós confiado que, todas as tardes, seja anunciado por um pregoreiro ou por outro sinal, para que todo o povo renda louvores e graças ao Senhor Deus Onipotente. E se não fizerdes isto, sabeis que deveis prestar contas no dia do juízo (Cf. Mt 12,36) diante de vosso Senhor Jesus Cristo.

Aqueles que guardarem consigo este escrito e o observarem saibam que são abençoados pelo Senhor Deus. (FFC, 2004: 125-126).

Esta carta, dirigida aos líderes de seu tempo, apresenta alguns pontos cardeais para a reflexão em pauta. A consciência da Minoridade de Francisco diante de todos: “vosso pequenino e desprezível servo” a minoridade que abraçou como seguimento do Santo Evangelho e o fez, no percurso de sua vida, irmão de todas as criaturas por causa de Deus. A saudação que ele havia recebido do Senhor (Test, FFC, 2004: 189) para dar aos homens “paz”, pela qual ele empenhou toda a sua vida, não apenas para os homens do Ocidente, mas do Oriente e todos os homens, fossem eles cristãos, fiéis, sarracenos ou infiéis.

“Não vos esqueçais do Senhor por causa dos cuidados que tendes e das preocupações deste mundo”. O Concílio Lateranense IV empenhou um grande esforço para com preocupações do mundo¹⁷¹, mesmo que fossem ditas em nome do Senhor; cristãos e muçulmanos se arrastavam em uma guerra centenária ao tempo de Francisco, os tratados de paz eram apenas manobras para se ganhar tempo para novas batalhas, um mundo que tinha

¹⁷¹ “É nosso ardente desejo libertar a Terra Santa das mãos dos infiéis” que se reúnam os exércitos para com o nosso conselho e orientação possamos vencer os nossos inimigos, assim que todos contribuam da melhor maneira possível para sustentar aqueles que estão em guerra. Tirando o que está em aspas, o resto é um pequeno resumo livre do Cânon 71 do Concílio Lateranense IV. (MANSI, 1961: 972).

sido abandonado por Francisco (Test, FFC, 2004: 188), que preferia servir ao patrão e não ao servo. (2 Cel II, FFC, 2004: 304).

“Por isso, meus senhores, aconselho-vos firmemente que deixeis de lado todo o cuidado e preocupação e recebeis benignamente, em sua santa memória, o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.” Se o Concílio IV de Latrão tinha uma grande preocupação com a guerra de reconquista da Terra Santa, é bem verdade que também manifestava uma grande preocupação com o zelo para com a Eucaristia como se pode ver nos Cânones 20 e 21 do Concílio.¹⁷² E, curiosamente, o amor pela Eucaristia foi plenamente divulgado por Francisco, enquanto ele mantinha silêncio com respeito à propaganda Cruzada.¹⁷³ Neste sentido, pode-se reafirmar o peso da identidade cristã na vida de Francisco, um homem que mesmo tendo uma visão para além da instituição Igreja, sempre buscou fidelidade a ela.

E presteis tanta honra ao Senhor no meio do povo a vós confiado que, todas as tardes, seja anunciado por um pregoeiro ou por outro sinal, para que todo o povo renda louvores e graças ao Senhor Deus Onipotente”. No trecho precedente está o cerne da carta, que do ponto de vista aqui partilhado, é a clara manifestação do quanto Francisco ficou impressionado com a piedade muçulmana, a ponto de pedir aos governantes dos povos que colocassem alguém para convocar o povo à oração, como ele viu ser feito durante os dias de Damietta.

No ano de 1219 Francisco se encontrava no país dos muçulmanos. Ali ele pôde ver como todos os dias, ao meio dia em ponto, os muezim, no alto do minarete, chamava as pessoas para a oração. Viu como todos logo se jogavam por terra e se inclinavam profundamente a fim de glorificar a Deus. Quando mais tarde voltou para Itália, Francisco sentiu falta da profunda religiosidade dos árabes. Por isso escreveu aos governantes e dirigentes do mundo todo que eles deviam introduzir uma coisa semelhante. Pediu-lhes que todas as tardes, por meio de um arauto ou de outro sinal qualquer, todo o povo louvasse e desse graças ao Senhor Todo-poderoso. (ROTZETTER, 2003: 209).

Francisco apresenta uma atitude dialogal de um homem que se encontrou no Evangelho e voltou-se a ele e, nele revelou uma face nova da humanidade segundo Léclerc (1982: 8), distanciando-se dos litígios e das discussões, demonstrando não ter “o monopólio nem de Deus e nem da verdade, nem ele e nem a sua religião” (BERKENBROCK, 1996: 330). Se os primeiros biógrafos de Francisco não podiam, por força dos preconceitos e das circunstâncias, mencionar a importância do Islã na piedade do pobrezinho, nada melhor que o

¹⁷² Cf. Concílio Lateranense IV. (MANSI, 1961). Pode ver ainda a bula *Sani Cum Olin* de Honório III.

¹⁷³ Evidentemente, Francesco scelse fra i vari documenti papali. Ascoltò l'appello di Onorio a um maggiore rispetto per l'Eucaristia [...] In realtà, tutto induce a ritenere che Francesco non cedette alla pressione morale da parte delle autorità ecclesiastiche e non volle utilizzare quest' "opportunità di guadagnare la salvezza" o piuttosto "questo mezzo di salvezza" como innocenzo III definiva la Crociata. (HOEBERICHTS, 2002: 21-22).

seu próprio testemunho para ajudar a compreender sua postura dialogal, e, ao mesmo tempo, a sua preocupação com o projeto do Evangelho, chamando a atenção dos líderes para “não colocarem os valores materiais acima dos valores evangélicos, os valores materiais levam às contendas.” (CROCOLI, 2006: 130).

Francisco, obviamente, foi inspirado por adhan, o chamado que ele havia ouvido quando os soldados, no acampamento do Sultão, eram solicitados a se voltar cinco vezes ao dia em direção a Meca para rezar. Ele não apenas havia ficado contente ao admirar essa prática; ele queria trazer essa mesma devoção intensa ao mundo cristão. Assim como os muçulmanos atendiam ao chamado de um muezzim. (MOSES, 2010: 177).

Ao final do encontro de Francisco com o Sultão, foram-lhe oferecidos vários presentes¹⁷⁴ como atestam seus primeiros biógrafos, segundo os quais ele não teria aceitado nenhum dos presentes a não ser uma trompa que o Muezzim usava para convocar o povo à oração¹⁷⁵ e que ainda se encontra na Basílica de Assis. Seu simbolismo reforça a tese da universalidade de Francisco, que de encontro em encontro, foi moldando a sua identidade.

Se este foi o único presente dado pelo Sultão e aceito por Francisco como chega a sugerir Tolan, não se pode afirmar. Mas, a inscrição no objeto é por si só muito sugestiva: “Com este objeto São Francisco convocava o povo à oração”. Tal inscrição leva a pensar que a Fraternidade reconhecia a importância do encontro de Francisco com o Sultão para a vida de oração do pobrezinho, e remete claramente ao texto da Carta aos Governantes dos Povos. De fato, “a permanência de Francisco entre os muçulmanos foi o início de um processo de descoberta, através do qual se conseguiu corrigir muitas distorções sobre o Islã.” (BERKENBROCK, 1996: 330), e que trouxe visivelmente aos cristãos, elementos da piedade daqueles que eram chamados filhos da escrava, servos do Diabo.

Estes elementos podem ser confirmados ainda em outros textos que convidam o povo a uma grande reverência ao Onipotente, Santo e Misericordioso.

Reverência

Gosto de imaginar ao entardecer de Damietta, nos primeiros dias, certo espanto da parte de Francisco. Afinal, desde a infância, só se ouvia falar coisas perversas sobre os filhos de Ismael, e, de repente, ele se vê diante de um líder muçulmano que todas as tardes se curva

¹⁷⁴ Cf. 1 Cel XX-56, FFC, 2004: 337; Juliano de Espira VII-36, FFC, 2204: 527; LM IX-8, FFC, 2204: 614.

¹⁷⁵ “È sempre nel corso degli anni 1330 che si sente parlare per la prima volta di curiose reliquie che testimonierebbero della predicazione di Francesco presso i musulmani. Si tratta di un corno d’avorio ornato d’argento e di due bastoni di legno attaccati con delle catene. Questi oggetti sono conservati oggi nel tesoro della basilica di Assisi. Su uno degli anelli d’argento che abbellivano il corno, si legge l’iscrizione seguente: “con questa campana [sic], San Francesco convocava il popolo alla predicazione e con questi bastone, percuotendoli l’uno contro l’altro imponeva loro il silenzio”. (TOLAN, 2009: 285-286).

ao ouvir o canto do *Muezzin* para prestar reverência a *Allah*, e juntamente com seu líder, todos os seus seguidores. Minha imaginação me leva a pensar na possibilidade de que nos últimos dias o próprio Francisco se curvava para prestar reverência ao Deus de tantos nomes, presente no coração do Sultão e de Francisco, e dos lábios de ambos ecoa o louvor ao Altíssimo Misericordioso e Misericordador. Sei que o presente trabalho não é de um literato, mas de um pesquisador, e, é exatamente por isso, que se consigo ver os dois homens curvados ao chão, alimentados pelo mesmo rio que sustenta os místicos. Francisco aprimorou a sua reverência depois que retornou ao Ocidente, fato notável em suas cartas, detalhes que serão seguidos ao fechar esta parte.

“Baseando-nos nos últimos escritos de Francisco, notamos que ele começou a efetivamente olhar o Islã de modo diverso, aprendendo algumas coisas novas” como diz Hoeberichts (2002: 159), tais como o valor das escrituras, a piedade e religiosidade, o convite à oração. “A descoberta da presença de Deus entre os sarracenos acrescenta uma nova e importante perspectiva de aproximação ‘por amor de Deus’ de Francisco” ainda segundo ainda Hoeberichts (2002: 162).

Na carta aos clérigos fala do amor às escrituras, o valor do nome do Senhor, elementos que ele cultivava piamente, tendo a alegria de encontrar no meio dos sarracenos que veem no Corão o “Deus enlavrado” (TEIXEIRA, in Luchesi, 2002:72). “Semelhantemente os nomes e as palavras escritos do Senhor, onde forem encontrados em lugares sujos, sejam recolhidos e devem ser colocados em lugares honestos.” (1 Ct, FFC, 2004: 107-109). ¹⁷⁶Tanto a primeira recensão, possivelmente escrita no Capítulo de Pentecostes, de 1219, quanto a segunda, possivelmente escrita logo após a viagem ao Oriente, tratam do tema da piedade para com a palavra, o que deixa claro que não houve estranhamento da parte de Francisco ao ver o amor dos sarracenos pelo Corão, mas sim uma alegria e exultação no espírito, algo muito presente na vida do pobrezinho que se fazia irmão de todas as criaturas. E, diferentemente da carta aos clérigos, que traz apenas uma consonância com a piedade e a reverência do fiel muçulmano para com os escritos sagrados, a Carta aos Custódios acrescenta um elemento novo, uma “ressonância da experiência de Francisco no Oriente.” (FFC, 2004: 18).

“E de tal modo anuncieis e pregueis a todas as pessoas sobre o louvor dele que, a toda hora e quando soarem os sinos, sempre sejam dados, por todo o povo, louvores e graças ao Deus onipotente por toda a terra.” (FFC, 2004: 110). ¹⁷⁷ Há autores que defendem uma

¹⁷⁶ Carta aos Clérigos 1ª e 2ª recensão

¹⁷⁷ Cf. Carta aos Custódios (Primeira recensão).

ligação estreita entre a oração do Ângelus¹⁷⁸ e este pedido de Francisco aos governantes dos povos, aos seus custódios, bem como a toda ordem¹⁷⁹ como se pode conferir:

Frei Francisco, homem desprezível e frágil, deseja saúde naquele que nos remiu e lavou em seu preciosíssimo sangue (cf. Ap 1,15); ao ouvir o nome dele, prostrados por terra (cf. Esd 8,6; Gn 19,1), adorai-o com temor e reverência; o nome dele é Senhor Jesus Cristo, Filho do Altíssimo (cf. Lc 1,32), que é bendito pelos séculos (Rm 1,25; 9,5). (Ord, FFC, 2004: 121).

Ainda que não se tenha muitos textos que apontam para uma clara ligação entre a oração do Ângelus e a Carta aos Governantes dos Povos, muitos autores são de acordo com relação ao fato de esta oração fazer parte da tradição franciscana.¹⁸⁰

A reverência a todas as criaturas e, em especial, ao Altíssimo, abre o coração do pobrezinho para os muçulmanos de quem se vê como irmão e não como inimigo, um irmão que tem algo a ensinar e que é capaz de ver em Francisco um homem fiel; “E os servos do Misericordioso são os que andam, mansamente, sobre a terra, e, quando os ignorantes se dirigem a eles, dizem: ‘Salam!’ ‘Paz!’” (SURA 25,63). Ao ouvir a saudação que Francisco portava como revelação do Senhor, é possível que Al-Kamil a tenha reconhecido, pois é uma

¹⁷⁸ Durante il suo viaggio missionario 1219-1220 in Egitto e in Siria, Francesco dovette restare fortemente impressionato dall’uso musulmano di proclamare ogni giorno, dall’alto dei minareti e per bocca del Muezzin, la lode di Allah e l’invito alla preghiera. Privo di pregiudizi confessionali quando si trattò della lode di Dio, Francesco si impegna a diffondere un uso analogo anche nell’Occidente cristiano e lo raccomanda con forza ai reggitori dei popoli, ripetendo l’esortazione anche ai suoi frati nella lettera A tutti custodi, in un contesto dove tornano i temi più cari della sua predicazione, l’invito alla penitenza per essere salvi, la venerazione al corpo e Sangue del Signore, la lode universale a Dio. [...] sarebbe interessante, nel contesto di una storia della pietà cristiana che gli esperti mi dicono essere ancora un ‘pio’ desiderio, chiarire quale influsso abbiamo avuto queste esortazioni di Francesco e l’azione capillare dei suoi seguaci sull’introduzione del suono dell’“Ave maria”, la “squilla di lontano che paia il giorno pianger che si more”. [...] Francesco, per parte sua, contribuisce all’annuncio non solo con la predicazione itinerante, le laudi-esortazioni che affida ai suoi fratelli. (PAOLAZZI, 2002: 235-236).

¹⁷⁹ Esse apelo de Francisco não foi acolhido de imediato, mas a tradição franciscana desempenhou um papel importante neste sentido, ao criar, alguns anos depois, a oração do Ângelus, na qual se relembra a encarnação do Verbo e o diálogo do anjo Gabriel com Maria, mãe de Jesus (Lc 1,26-38). Essa oração foi introduzida mais tarde nas igrejas cristãs, e um dos incentivadores deste costume foi São Boaventura que, por Ele muito trabalhou. “De certo modo, realizou-se o desejo de Francisco, mas sem referência ao salât e sem o alcance ecumênico, como fora a intenção primeira de Francisco” (CURSO, 2000:17). Ver ainda: Jeusset, 1995: 167-171; Crocoli, 2006: 130. João Batista Libânio em um artigo sobre a oração do Ângelus apresenta um paralelo da mesma com a oração muçulmana, mas de uma forma que certamente não é aquela desejada por Francisco: “No século XV, percebeu o Papa Calisto III a semelhança da maneira de chamar à oração do Ângelus pelo toque do sino com o costume dos muçulmanos que ouvem idêntico chamado à oração desde o alto dos minaretes. E então, em tempos de guerra com os turcos, ele relacionou as duas orações – cristã e islâmica – e prescreveu o Ângelus em Roma a fim de obter a proteção da Virgem no combate contra esses inimigos da fé católica”. Disponível em: <<http://www.psf.org.br/?p=3499>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

¹⁸⁰ Le prime notizie sicure risalgono piuttosto alla seconda metà del sec. XIII. In una Chronica francescana dell’epoca, si legge infatti che nel Capitolo generale dell’Ordine tenuto da San Bonaventura a Pisa nel 1263 fu stabilito che “i frati nei discorsi persuadessero il popolo a salutare alcune volte la B. V. Maria al suono della campana di Compieta, perché è opinione di alcuni solenni [dottori] che in quell’ora essa fosse salutata dall’Angelo”. A San Bonaventura, del resto, doveva stare molto a cuore la pia pratica, tanto che la raccomandò anche nel Capitolo generale di Assisi del 1269. (MORENO, Simone).

saudação símile àquela entre os fiéis muçulmanos¹⁸¹. De fato, Francisco foi ao encontro dos muçulmanos e não contra eles. Quis estar entre eles com o espírito de Jesus e levar-lhes a paz. Dirigiu-se aos muçulmanos com tal espírito específico que deixou de lado cruzadas e armas. “E pelo Sultão foi recebido com a mesma saudação. ‘Assalam Aleikum!’”¹⁸² Da mesma forma, os seus irmãos deveriam levar a saudação da paz, evitando rixas e disputas. Por causa do Senhor Jesus.

Francisco, um filho da paz, um irmão Menor vivendo de acordo com o Santo Evangelho, um homem capaz de aprender e ensinar, um homem de coração aberto e de uma mística universal; capaz de ver a bondade de Deus em todas as coisas.

Comovia-se acima da compreensão dos homens, quando nomeava vosso nome, ó Senhor santo. Por esta razão onde quer que encontrasse algum escrito, seja divino, seja humano, no caminho, em casa ou no chão, recolhia-o com muita reverência e recolocava-o em lugar sagrado e honesto (...) Como certo dia tivesse sido interrogado por um irmão porque recolhia também tão cuidadosamente os escritos dos pagãos e onde não havia o nome do Senhor, respondeu dizendo: “filho, porque ai há letras com as quais se compõe o gloriosíssimo nome do Senhor Deus, também o que aí há de bom não pertence nem aos pagãos nem a homem algum, mas somente a Deus, de quem provem todo o bem. (1 Cel XXIX-82, FFC, 2004: 253).

Um coração aberto, que tem o mundo como seu claustro e os homens como filhos do mesmo Pai de quem provem tudo o que é bom, aquele a quem confiou toda a sua vida ao se desnudar na praça de Assis.

¹⁸¹ Al-Kamil deve ter percebido a semelhança entre o cumprimento de Francisco e o conhecido cumprimento árabe, as-salamu alaikun, ou seja “a paz esteja com você”. (MOSES, 2010: 144).

¹⁸² Cf. Curso básico sobre o carisma missionário franciscano. FFB. Petrópolis 2001. Encontro com os muçulmanos. Lição 16: 16.

CAPÍTULO VII

7 TESTAMENTOS

No final de sua vida, Francisco escreveu o seu Testamento onde deixou para a sua Fraternidade uma espécie de autobiografia de fé. Entende-se que a vida do pobrezinho foi toda marcada por testamentos que foram deixados para que a sua fraternidade pudesse se reinventar a cada dia e a cada encontro, assim como ele mesmo o fez. O que se pretende neste tópico é trabalhar além do Testamento em si, em dois momentos privilegiados no caminho do diálogo com o mundo e com os homens.

O primeiro momento aborda o natal em Greccio. O desejo de transformar todo lugar em Terra Santa pode ser uma forma de desmistificar os argumentos dados para a criação e manutenção da guerra entre cristãos e muçulmanos, mas, além disso, é uma forma de dizer que todos os homens e todas as mulheres são sagrados aos olhos de Deus, e, assim sendo, existe a mudança de perspectiva que escapa da ideia do ‘meu Deus único’, que se desloca para a ideia do ‘nosso Deus único’.

No segundo momento deste tema se trabalha a inspiração divina e a perfeita alegria, elementos essenciais na vida do Assisate que enfrentou muitos desafios dentro da sua própria comunidade, o que não é muito incomum para os homens que experimentaram mergulhar no oceano da mística e, por isso mesmo foram combustível no motor da história da humanidade.

Por fim, aborda-se o Testamento em si mesmo. Uma leitura do que disse Francisco permite compreender o homem universal, aberto a todos os homens, mergulhado na fraternidade, tomado pelo Santo Evangelho, buscando sempre a Minoridade, e tudo por causa do Senhor, e guiado por Ele, que o fez compreender o chamado à submissão a toda humana criatura.

Estes elementos apresentados mostram o eixo condutor da vida de Francisco, são testamentos e testemunhas de uma história permeada por encontros e por uma capacidade de deixar-se moldar, de se converter a partir do outro.

No Testamento, Francisco apresenta a sua história feita de muitos encontros, com leprosos, irmãos, Papa, homens na pregação da paz. Todos os encontros foram pontuados por mudanças e orientados, segundo ele, pela inspiração divina.

O encontro com o Sultão, assim como os outros encontros na vida de Francisco, alargou os horizontes do jovem de Assis, chegando ao ponto de querer transformar a pequena Greccio em Belém, em consonância com o discurso da senhora pobreza: “O mundo é o nosso

claustro”, os homens são os nossos irmãos e toda a terra é santa. O que pode parecer apenas uma cena plástica para as igrejas nas festas de Natal de nossos dias, foi para Francisco um ponto central, uma forma silenciosa de gritar contra as motivações da guerra. Fica clara a valorização da identidade marcada pela encarnação do verbo; ao mesmo tempo, fica também clara a abertura dialogal para com o outro, pois o mundo é lugar também do outro, seja ele cristão ou sarraceno.

Mas a vida é marcada também por desencontros¹⁸³, por isso uma leitura da Perfeita Alegria, quando Francisco aponta os desencantos da sua história, mas sempre se voltando para aquele que o conduziu entre os leprosos, que lhe deu irmãos, que o mandou anunciar a paz, e que, sobretudo, o mandou viver segundo a forma do Santo Evangelho, que, da perspectiva dessa tese, o leva ao sentimento de Minoridade, raiz de toda a sua abertura para o outro.

7.1 Toda terra é santa, ou o Natal em Greccio

No filme produzido pela TV RAI Italiana, chamado Chiara e Francesco,¹⁸⁴ há uma cena em que Frei Francisco e Frei Iluminado estão voltando do Egito e passam por Greccio. Ao chegar próximo à cidade, Francisco pergunta ao seu irmão: “Que lugar é esse?” Iluminado fica triste pensando na gravidade da enfermidade ocular de seu pai espiritual, mas responde: “Aqui é Greccio.” Francisco sorri e diz: “Não, aqui não é Greccio, aqui é Belém, veja!”

O que chama a atenção nesta cena do filme é o fato de uma história romanceada, produzida nos anos 2000, falar desta visão de Francisco que apresenta a universalidade espiritual do pobre de Assis, pois para o autor do filme a cena se dá exatamente no retorno de Francisco à Itália, após o encontro com o Sultão. O filme ainda sugere que Francisco tenha ido ao Egito por indicação de um amigo de juventude que presenciou com desespero os saques de Constantinopla, e aponta um encontro muito fraterno entre Francisco e Malek-al-Kamil¹⁸⁵.

Tomás de Celano e Boaventura narram em suas obras denominadas *Vida de Francisco* uma experiência interessante ocorrida no vilarejo de *Greccio* por ocasião do Natal. Refere-se aqui, a esse episódio como O Natal em Greccio, sendo tais narrativas apresentadas em anexo no fim do texto. O Natal em Greccio parece estar inserido em um contexto muito claro de

¹⁸³ “A vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida.” **Samba da Benção**, Vinícius de Moraes.

¹⁸⁴ **Chiara e Francesco**. Coprodução RAI Fiction, Lux vide Spa Rai trade spa, produzido por Matilde e Luca Bernabei, Itália, 2007.

¹⁸⁵ Claro que há uma consciência na pesquisa de que estes fatos do filme são romanceados de acordo com as ideias dos autores. Se tais ideias não acordam com a cronologia de Francisco, elas estão em perfeita sintonia com a sua postura e as ações de alguém que escolheu ser um Irmão Menor.

Minoridade e de abertura, pois transformar toda a terra em lugar onde Jesus nasceu é dizer que toda a terra é santa, e todos os homens são santificados pela encarnação de Jesus. Pois, o que Francisco desejava era viver em tudo o Evangelho.

A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo o santo Evangelho” (1 Celano, FFC, 2004: 254). Quando chegou a Greccio quis celebrar o natal como gesto de pobreza e humildade do menino que nasceu para a salvação de todos os homens: ‘ali se honra a simplicidade, se exalta a pobreza, se elogia a humildade; e de Greccio se fez como que uma nova Belém.’ (1 CEL, FFC, 2004: 254).

O Natal em Greccio parece ter nascido do encontro com o outro contra o qual a Igreja da cristandade estava em guerra, e seria resultado de uma nova compreensão de Terra Santa apresentada por Francisco, em consonância com a Carta aos Governadores dos Povos e aos custódios nas quais Francisco pede aos homens que em toda terra e sempre que se recordarem do Senhor possam prestar reverência e respeito.

Se toda a terra é santa, não deverá mais haver espaço para a guerra, mas para a fraternidade, para a convivência fraterna e espiritual como as propostas apresentadas no projeto missionário do Capítulo XVI da RnB, assim, todos os homens estarão preparados pela penitência e pela fraternidade para a chegada do Reino.

Francisco, ao celebrar em *Greccio* como fruto do seu encontro com o sultão, como desejo de uma fraternidade universal, quebra mais uma muralha que separava e ainda separa os homens: a muralha das fronteiras.

O maior argumento da Igreja para as cruzadas eram a retomada da terra que Jesus havia comprado com o seu sangue e a vingança contra os ultrajes feitos aos lugares onde ele viveu e morreu para redimir os homens e mulheres¹⁸⁶. As ações de Francisco diante dos fatos que o cercavam podem nos apontar, de alguma forma, o seu pensamento, mesmo que esse não tenha sido relatado por aqueles que escreveram inicialmente a vida e as ações do pobrezinho. Ainda que seja interpretado por alguns como capelão de guerra, escritos como aqueles que foram vistos no tópico VI deste trabalho, e algumas ações, mostram claramente a abertura de coração de um homem marcado pela fraternidade da sua Ordem, pela Minoridade da sua vida e pela escolha do Evangelho como norma para viver.

Os elementos apresentados por Celano na narração: a pobreza, a humildade da encarnação, a caridade da paixão e a simplicidade do presépio, deixam pistas de como Francisco entendia o seu viver o Evangelho, e como esta opção se opunha, de certa forma, ao

¹⁸⁶ As cartas do Papa Inocêncio III que convocavam as cruzadas, o Cânon 71, do IV Concílio de Latrão e as propagandas favoráveis ao embate contra os muçulmanos, mostram claramente a ideia central que queria dar sentido à guerra.

motivo da guerra, uma vez que a vida segundo o Santo Evangelho tornava santo todos os lugares, e não mais apenas a “Terra Santa”. Greccio se transformava em Belém e a graça da encarnação deveria ser partilhada com todos os homens de todos os lugares.

A instituição do presépio em Greccio é um modo de fazer entrar em todas as casas e em todos os corações os lugares santos, superando em certo sentido a necessidade de peregrinação até a terra Santa. ‘Greccio se tornou uma nova Belém’ [...] se poderia dizer que nos encontramos diante de um episódio em certo sentido igual àquele do assim dito perdão de Assis, pedido por Francisco ao papa Honório: ‘uma indulgência sem óbolos’ para todos aqueles que fossem à Porciúncula, ‘porque eu quero mandar todos ao paraíso’. (RADI, 2006: 8).

Muito mais do que uma cena artística, o evento de Greccio revela o entendimento de Francisco no que diz respeito aos homens e às relações entre eles e Deus, uma geografia de territórios claramente diversa daquela apresentada pela Igreja, e ainda que Francisco não dissesse qualquer palavra de reprovação aos atos da guerra, as suas ações manifestavam um homem em busca dos homens.

A Minoridade do presépio

A Minoridade em Francisco é uma decorrência clara do seu seguimento do Evangelho. A pobreza do presépio retratada por ele com o respeito e a reverência pela encarnação do verbo que se fez pobre para estar com todos os homens é, no entender do pobrezinho, um caminho oportuno para colocar fim aos litígios que separavam cristãos e sarracenos.

Ele deseja, desta forma, retratar os apuros pelos quais Jesus passou desde o seu nascimento, uma opção de esvaziamento por amor a todos os homens: “Quero celebrar a memória daquele menino que nasceu em Belém (cf. Mt 2,1-2) e ver de algum modo com os olhos corporais os apuros e necessidades da infância dele, como foi inclinado estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno.” (1 Cel XXX-84, FFC, 2004: 255).¹⁸⁷

Transformar Greccio em Belém seria no entender de Francisco, como narra Celano, uma forma sublime de viver a vontade de Jesus e seguir os seus passos na pobreza de uma noite fria, celebrando o Deus feito carne entre os homens e para os homens.

A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância. Com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração. Recordava-se em assídua meditação das palavras e com penetrante consideração rememorava as obras dele. Principalmente a humildade da encarnação e a caridade da paixão de tal modo ocupavam a sua memória que mal queria pensar outra coisa. Deve se por isso, recordar e cultivar em reverente memória o que ele fez

¹⁸⁷ Os animais apresentados no presépio, boi e burro são símbolos da acolhida do Messias por todos os povos; o boi sendo símbolo do judaísmo e o burro símbolo dos gentios. LIMA, Katia. Disponível em: <<http://www.cantodapaz.com.br/blog/2008/11/24/boi-burro-presepio/>> Acesso em: 20 jan. 2014.

no dia do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo no terceiro ano antes do dia da sua gloriosa morte, na aldeia que se chama Greccio. (1 Cel XXX-84, FFC, 2004: 254-255).

O Natal sendo para os cristãos uma ação de Deus que quer se comunicar com os homens: “A palavra de Deus se fez carne e veio habitar entre nós” (Jo 1,14), é compreendido por Francisco como a comunicação com todos os homens, e não apenas com um grupo específico, no caso dos cristãos latinos. Celebrar a encarnação em uma comunidade simples e chamá-la de Belém, como sugere o texto de Celano, mostra um homem capaz de um diálogo com todas as criaturas, e que entende que a guerra não é o caminho para os homens, mas somente a paz. No entender do pobrezinho, a terra é de todos os homens, e todos os homens são da terra, bem em consonância com a resposta dada anos antes ao Bispo de Assis: “Senhor, se tivermos qualquer propriedade, ser-nos-ão necessárias armas para a nossa proteção” (LTC IX-35, FFC, 2004: 814)

O presépio na sua gloriosa nudez significava a reafirmação da pobreza e da humildade das origens [...] o presépio resumia em si a mensagem evangélica, tornava-se para Francisco um substituto significativo e popular da mesma ideia da cruzada que por muito tempo havia adormecido na Igreja o autêntico ensinamento de Jesus. Queria dizer a todos os homens que, para venerar os lugares santos, não era necessário reconquistá-los com as armas, porque poderiam possuir e venerar na alma. Posse, adoração e oração, se tornam de tal modo destituídas de lugar, como um patrimônio presente em todo canto e em todo o tempo: os lugares santos saíam da geografia do mundo para transferir-se para aquela do espírito. (RADI, 2006: 69).

Neste aspecto se pode afirmar que Francisco entendia o Evangelho como fonte para o diálogo. A encarnação em todo tempo e em todos os corações é elemento primordial para entender toda a humanidade como uma grande fraternidade, seguindo os passos de Jesus que escolheu ser o Menor entre os homens.

O Natal - Deus entre os homens

Quando chegou o tempo do Natal, Francisco parece ter encontrado um modo de convidar os homens para celebrar o nascimento de Jesus como um evento para todas as pessoas e para todas as regiões do mundo.

O encontro com o sultão Malek-al-Kamil, às margens do Nilo, deixou marcas profundas no coração daquele homem que um dia sonhara ser cavaleiro, receber honras, lutar em busca de prestígio. No vilarejo de Greccio, entre os pobres, despojado de todos os faustos e pompas, de toda presunção, ele celebra o vigor da sua fé como um autêntico buscador do diálogo, que percebeu ainda mais a sua beleza quando se encontrou com o outro.

Neste aspecto, a celebração do Natal, ao transformar Greccio em Belém, é um testemunho vivo para os seus frades, de maneira especial para aqueles que, por inspiração divina, desejaram viver entre os sarracenos e infiéis, pois assim, puderam, seguindo o exemplo de Francisco, se sentir em casa e entre irmãos no grande claustro que é o mundo.

No natal de 1223 é em Greccio, sob o convite do nobre Giovanni Velita, senhor do local, ou seja, senhor da pobre localidade, e com ele organiza a sagrada representação da natividade, com uma cabana, um boi, um asno, uma manjedoura com um menino, a imagem do menino Jesus de Belém e, diante da pobre gente de Greccio e de tantos (também Menores) vindos a assistir aquele espetáculo sagrado insólito, prega ainda sobre a importância do exemplo de Jesus, aquele que os papas amam exaltar como “Rei dos reis” para sustentar instrumentalmente a própria presunção e supremacia [...] que escolhe nascer em uma manjedoura, pobre entre os pobres. (MARCONI, 2008: 102).

A celebração do Natal se torna um testamento em consonância com vários outros na vida do pobrezinho, todos marcados pelo seu sentimento de Minoridade e de busca assídua de viver segundo a forma do santo Evangelho, tais como o encontro com o leproso, tantas vezes recordado neste texto, porque um evento pontual no processo de conversão; o encontro pacífico com o sultão Malek-al-Kamil, objeto central desta pesquisa, da qual resultaram os fundamentos da Missão Cristã no entender de Francisco, entre os sarracenos e os infiéis; posteriormente, os conflitos dentro da Ordem, e, finalmente, a sua renúncia ao cargo de Ministro Geral da Ordem, em função de tais conflitos.

A celebração do Natal vem coroar o seu entendimento da lógica de Deus que segue um caminho diferente daquele escolhido pelos homens e, conseqüentemente, pelos senhores da Igreja.

“A comovente celebração do natal em Greccio. Onde resulta claramente: Deus segue uma lógica diversa daquela dos homens, o seu amor renuncia a força e o domínio e se consuma no pequeno e no invisível.” Rotzetter (1990: 13) restaurando a sacralidade de todos os lugares e de todos os homens contrapõe qualquer argumento que coloque os homens em guerra em defesa de Jerusalém.

E aproximou-se o dia da alegria, chegou o tempo (cf. Tb 13,10; Ct 2,12) da exultação. *Os irmãos foram chamados de muitos lugares*; homens e mulheres daquela terra, com ânimos exultantes, preparam, segundo suas possibilidades, velas e tochas para iluminar a noite que com o astro cintilante iluminou todos os dias e os anos (e os lugares e os homens). Veio finalmente o santo de Deus e, encontrando tudo preparado, viu e alegrou-se (cf. Jo 8,56). E, de fato, prepara-se o presépio, traz-se o feno, são conduzidos o boi e o burro. *Ali se honra a simplicidade, se exalta a pobreza, se elogia a humildade*; e de *Greccio se fez como que uma nova Belém*. Ilumina-se a noite como dia (cf. Sl 138,12) e torna-se deliciosa para os homens e animais. As pessoas chegam ao novo mistério e alegram-se com as novas alegrias. O bosque faz ressoar as vozes, e as rochas respondem aos que se rejubilam. Os irmãos

cantam, rendendo os devidos louvores ao Senhor, e toda a noite dança de júbilo. (1 Cel XXX-85, FFC, 2004: 255-256, grifos meus).

Francisco é um homem que chama os homens à oração, a contemplar o mistério da total gratuidade de Deus que se doa no Filho feito pobre, humilde e sofredor, para levar a todos os homens a redenção, convidando-os a uma nova perspectiva que se contrapõe à lógica da posse e do poder que havia conduzido à queda original (MICCOLI, 2010: 45), e que ainda conduzia os homens à guerra e ao ódio entre irmãos.

Transformar Greccio em Belém é uma forma de dizer que o ‘Deus único’ dos cristãos é partilhado por todos os homens, e por isso, não é mais o ‘meu Deus único’, mas o ‘nosso Deus único e santo’ que não conhece fronteiras, mas, se revela na banalidade de todas as coisas, segundo Rotzetter (1990: 47). O “Meu Deus e tudo¹⁸⁸” tantas vezes repetido nas orações de Francisco mostra um homem vivendo envolto em Deus e por causa de Deus, submisso a todos e irmão de todos.

7.2 Por inspiração divina ou a perfeita alegria¹⁸⁹

Toda a vida de Francisco de Assis foi marcada, segundo ele mesmo disse, pela inspiração divina de acordo com o documento Testamento da FFC (2004: 189). O desejo de viver uma vida de acordo com a forma do Santo Evangelho, em fraternidade e com o sentimento de minoridade, fez com que o pobrezinho pudesse buscar sempre um via de vencer a si mesmo, uma espécie de grande *Jihad* como caminho de encontro com todas as criaturas e, ao mesmo tempo, pudesse deixar aos seus frades orientações para a vida em fraternidade.

Além do Testamento, apresentado no último tópico desta pesquisa, que tem a papel de carta aberta aos seus frades para que não se esquecessem do projeto de Deus em suas vidas, e do Natal em Greccio, apelo para que se pudesse perceber a sacralidade de toda a terra e de todas as criaturas, Francisco ainda deixou o itinerário para a alegria verdadeira. O que vai se tornando claro com esta análise é que o viver segundo o Evangelho é uma grande descoberta para Francisco que se permite ir ao encontro do outro, e, ao mesmo tempo, vencer a si mesmo.

¹⁸⁸ GIHARDI “Deus meus et omnia.” Expressão usada por Francisco nas suas orações.

¹⁸⁹ A tradução portuguesa das Fontes Franciscanas e Clarianas (Vozes, 2004) usa o termo ‘A verdadeira e perfeita alegria’, mas a edição italiana usa o termo *letizia* cuja tradução por alegria em língua portuguesa empobrece o sentido do termo. O termo *Letizia*, em italiano (*laetitia* em latim) sugere a ideia de intimidade e serenidade espiritual como uma beatitude celeste, enquanto *alegria* sugere a ideia de bom humor. “*Letizia* vc. Dotta, lat. *Laetificare*, (m), da *laetus* 'lieto'. Sentimento di intima gioia e de serenità spirituale: occhi pieni di l., agli amici daremo l. E libertà (L.B Alberti) (lett) beatitudine celeste. (p. 1253) *Allegria: viva manifestazione de gioia, di buonumore* (p. 86)” Zingarelli 2013.

Por esta ótica o encontro com o Sultão não parece ser muito diferente daquele com o leproso: o que antes causava asco se transformava agora em oportunidade de se encontrar com Deus.

A Perfeita Alegria mostra que, no entender do pobrezinho, não são os triunfos da Ordem, que crescia assustadoramente chegando aos reis e rainhas, ao clero e tantos lugares, que demonstram que eles são seguidores de Cristo, e sim o aceitar a lógica da cruz. (MICCOLI, 2010: 87). No entender de Francisco não eram os discursos e nem os milagres de Jesus que manifestavam a salvação dos homens, mas a sua entrega total e definitiva na Cruz.

O episódio se difunde em três versões¹⁹⁰ dentro dos escritos do primeiro século após Francisco, e aponta a posição do pobrezinho diante dos fatos ao seu redor, como a guerra que assolava seu tempo, as crises na Igreja e na Ordem fundada por ele, e a busca do poder. E, diante de tais fatos ele se apresenta como um homem que queria viver segundo a forma do Santo Evangelho, pois, para ele, só vivendo o Santo Evangelho seria possível alcançar a Perfeita Alegria.

A verdadeira alegria se manifesta como uma configuração da própria vida à vida do Cristo que se faz menor e submisso a todos, por amor ao Pai. Somente na Cruz é possível ser encontrada a perfeita alegria. Para Francisco, a comunhão de destino com Cristo, o laço fiel na dor e na Cruz é o verdadeiro motivo da alegria, segundo Rotzetter, (1989: 64), e com esta alegria ele pode tocar os corações dos cristãos, dos hereges, dos muçulmanos, dos reis e dos papas, mas em especial, o seu próprio coração, uma vez que para ele a Perfeita Alegria está em não se perturbar com nada que lhe é exterior, nem glórias e nem dores, mas na comunhão com a cruz de Cristo.

Todos os eventos ao redor do pobrezinho despertam nele o sentimento de intimidade com Cristo, e mais do que o esvaziamento de Jesus, o ensinamento a Frei Leão apresenta a *kenosis* do próprio Francisco que não alcança a glória de ser cavaleiro (sonho originário), mas encontra a alegria no imitar e seguir a Jesus.

A Perfeita Alegria também não se encontra no crescimento da Ordem com a presença de mestres e doutores: “Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na ordem”, ainda que na Ordem sejam inseridos membros importantes do clero tais como: “os prelados ultramontanos, arcebispos e bispos”, ou quem sabe os nobres como “o rei da França e o rei da Inglaterra”. Em nenhuma destas inserções à Ordem está a Perfeita Alegria, ou seja,

¹⁹⁰ O texto da Perfeita Alegria encontra três versões dentro da tradição franciscana, sendo o texto primordial possivelmente de Francisco, mas com datação ainda não definida (cf. FFC, 2004: 20). O texto se refere a um diálogo entre Frei Leão e Frei Francisco no qual o pobrezinho define para o companheiro aquilo que entende ser a verdadeira alegria. As três versões: fontes relativas a São Francisco (p. 194), Compilações e Florilégios (p. 1132) e Fioretti (p. 1501), se encontram em Anexo ao final da tese.

os anseios que buscam a Igreja de Inocêncio III e seus sucessores não são os mesmos de Francisco.

O poder econômico com conquistas de terras e expansão de domínios, que tanto almejavam os nobres da Europa e os papas, também não alimentam os sonhos do pobrezinho.

A tarefa primordial da Igreja parece ser cumprir o mandato de Jesus “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28, 19), mas, também aqui, não está a chave para a perfeita alegria de Francisco: “Do mesmo modo, que os meus irmãos foram para o meio dos infiéis e os converteram todos à fé [...]: digo-te que em tudo isto não está a perfeita alegria”. Tal atitude missionária parece ser para muitos um bom pretexto para ele ter ido ao encontro do Sultão, contudo, a vivência da Minoridade parece ser ainda mais primordial para Francisco.

A Perfeita Alegria também não parece estar na simples paz entre os homens (ainda outro pretexto para o encontro com o Sultão), mas é a capacidade de se esvaziar de tudo e por isso deixar Deus ser tudo, e no tudo de Deus haverá espaço para todos os homens. A estas conclusões Francisco só poderia chegar após os inúmeros encontros e desencontros no itinerário de sua vida.

Na Cruz de Cristo Francisco busca a mansidão e a paz interior, e a encontrando não se fazem mais necessárias a guerra e a expansão de territórios, porque o viver agora é Cristo (Fl.1,21) e o seu Evangelho.

A Fraternidade

A fraternidade reunida ao redor de Francisco cresceu assustadoramente ao longo de sua vida. Quando se vê o processo da construção da Regra de vida e os primeiros Capítulos gerais se percebe a força da Ordem dentro da Igreja e, como tal, aparecem também os dissabores e os desafios comuns a um grande grupo. Diante de tais fatos, o texto da Perfeita Alegria se apresenta como uma verdadeira meta para os frades, pois, ainda que os prelados, bispos e os mestres de Paris entrassem na Ordem, e ela fosse cada dia mais respeitada e admirada no mundo da cristandade, isso não seria a Alegria Perfeita.

É possível dizer que nos anos finais, em que se tratava de buscar a identidade da Ordem colocando a em confronto com novas exigências e demandas, tenha acontecido uma forma de marginalização de Francisco, por ele mesmo atestada e dita em forma de parábola na perfeita alegria onde o frei porteiro, em nome de todos os outros que vivem em Santa Maria dos Anjos, lhe nega de entrar dizendo-lhe: “tu es un unus simplex et idiota; ad modo non venis nobis, nos sumus tot e tales, quod non indigemus te”; reconhecendo as dificuldades de diálogo e aceitando a

marginalização, o santo, em 1220, renunciaria também a direção oficial da Ordem. (MARANESI, 2008: 148).

O caminho da Ordem em relação aos infiéis e sarracenos não seguiu aquele traçado por Francisco no Capítulo XVI da Regra não Bulada. O crescimento da mesma a colocava mais a serviço daquela reforma traçada pelo IV Concílio de Latrão e pelos Papas Inocêncio III e Honório III do que por aquela restauração entendida por Francisco diante do crucifixo na igreja de São Damião.

A Perfeita Alegria, portanto, está muito mais voltada à configuração com o Cristo pobre e sofredor do que com a ideia triunfalista de crescimento e sentimento de importância diante da cristandade.

O IV Concílio de Latrão propunha uma grande reforma na Igreja como já foi visto nas primeiras partes do estudo. Na Perfeita Alegria, o pobrezinho mostra também que nenhuma reforma poderá passar pela violência de uma guerra, mas pelo esvaziamento diante do Cristo sofredor. Portanto, não se encontra a Perfeita Alegria nas armas, na expansão comercial, e nem mesmo na conversão dos infiéis, e menos ainda na simples paz entre os povos. Embora todos esses atos possam ser caminho para a Perfeita Alegria, ela só se dará no encontro definitivo com Cristo, abraçando a cruz e tomando-a para si. Francisco era uma voz que clamava sem gritar, queria ser ele sem condenar e nem julgar ninguém, fugia de toda busca de sucesso e deixava a Deus a graça de operar e incidir. A Perfeita Alegria exprime com clareza tal condição, segundo Miccoli (2010: 187). “Diante do mal no mundo, os conflitos e as injustiças, todo frade deve colocar sua confiança na misericórdia do Senhor e no ter a paz no seu coração, com esta fé poderá conquistar a simplicidade e a paz interior.” (SCOGNAMIGLIO, 2006: 62).

Diante de todos os conflitos enfrentados por Francisco dentro da Ordem e na Igreja, e ainda diante dos conflitos enfrentados pela Igreja, conforme afirma Miccoli (2010: 108) “[...] me parece difícil não reconhecer então que a parábola da verdadeira alegria constitua um testemunho precioso da consciência com que Francisco apresentava alternativas diante das diversas posições em campo.” Ou seja, qualquer reforma que não passar pelo encontro com o outro sem pretensões e nem soberba, sem o esvaziamento a exemplo de Jesus e do seu Evangelho, será vazio de sentido.

O esvaziar-se de Francisco não está exclusivamente direcionado à Cruz, mas ao se situar diante do outro, um esvaziamento de posses e de verdades que é capaz de comover o

seu interlocutor¹⁹¹ e deixar espaço para que também o outro se apresente como é, e seja visto como tal. Tal esvaziamento deverá ser a base para quem desejar, por inspiração divina, viver junto com o outro.

Os infiéis

O pensamento de Francisco não era voltado apenas para a cristandade, a missão sempre fez parte de seus projetos, e desde que o grupo alcançou o número de oito Irmãos eles se puseram no mundo, e a cada Capítulo e a cada Irmão que chegava, mais e mais aumentava nele e na Fraternidade o ardor missionário. No entanto, parece que nos encontros de sua vida o pobre de Assis foi alargando seus horizontes e percebendo que o outro também crê em Deus, portanto, a Perfeita Alegria também não consiste em converter todos os homens à fé cristã. “E caminhando um pouco, São Francisco chamou em alta voz: ‘Ó irmão Leão, ainda que o frade menor soubesse pregar tão bem que convertesse todos os infiéis à fé cristã, escreve que não está nisso a Perfeita alegria”.

A possibilidade de o outro crer só pode ser entendida a partir da entrega total de Jesus, e abraçando este sentimento Francisco se torna um homem sem fronteiras que já não precisa mais criar litígios e contendas porque a fé do outro não é coisa do demônio (JEUSSET, 2005: 123). A busca da Perfeita Alegria na vida da Fraternidade permite ao pobrezinho derrubar também a barreira religiosa e se aventurar em busca do último dos homens [infiel e sarraceno] fazendo dele o primeiro dos Irmãos, segundo Jeusset (2005: 140). Desta forma não é mais a conversão do outro que gera a alegria, mas o seguimento do Cristo crucificado.

Para muitos, Francisco não alcançou nada do que pretendia: não foi mártir, não converteu o sultão, não acabou com a guerra, não firmou a paz entre cristãos e muçulmanos, e, ao fim da vida, parece quase um exilado em si mesmo, à margem dos projetos de uma Igreja que buscava a glória, mas no frio, na fome, e, sobre a noite e a neve caindo ele deixou seu testemunho de ter encontrado em Cristo a Perfeita Alegria.

A *kenosis*

A Cruz de Cristo se torna a grande chave de leitura para toda a ação de Francisco como um buscador do outro, em momento algum o jovem de Assis se mostra superior, mas busca sempre mais a sua identidade na *kenosis* de Jesus; “[...] na cruz da tribulação de cada

¹⁹¹ Ed è questa radicalità che deve aver colpito al-Kamil. Il sultano si commosse per la piena adesione del suo ospite all’insegnamento del grande profeta Gesù. (RADI, 2006: 52).

aflição nós nos podemos gloriar, porque isso é nosso e assim diz o Apóstolo: ‘Não me quero gloriar, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo’” (Gl 6,14).

Diante de uma comunidade que não o acolhe, diante da nudez na noite fria, o pobrezinho mantém a paz, sendo esta uma das grandes revelações que ele disse ter recebido, ser um portador da paz. Mesmo não tendo posse alguma, ainda que não convertesse ninguém¹⁹², mesmo que na Ordem não entrasse ninguém, e ainda que ela não existisse mais, Francisco e seus irmãos foram convidados a manter a Minoridade que é propiciadora do encontro e do diálogo.

A Igreja se sentia profundamente incomodada com a presença do Islã no mundo, e sentia que sua Missão era exterminar os abomináveis sarracenos. Francisco se coloca diante do outro simplesmente como um Irmão Menor sem se perturbar com sua nudez, sem grandes pretensões; para ele bastava ser submisso a toda humana criatura por amor de Deus; era isso que ele queria, era isso que ele desejava de todo coração. Neste sentido a Perfeita Alegria se torna um testamento das escolhas feitas por ele no seu *Jihad* particular que entre tantos desencontros o permitiu encontrar-se a si mesmo na nudez da noite escura e fria. Ele não converteu o Sultão, não parou as cruzadas e nem conseguiu contemplar, no fim da vida, uma Fraternidade como aquela que iniciou com ele o caminho do Evangelho. Estava nu, com fome e com frio diante da porta fechada, mas manteve a paz, e parece ter entendido que havia uma esperança para cristãos e muçulmanos: que todos se submetessem uns aos outros por causa de Deus.

No texto dos Fioreti quando interrogado por Frei Masseo sobre a razão pela qual as pessoas o procuravam, a resposta foi clara e objetiva, porque Deus havia escolhido o que era pior no mundo para confundir o que parecia ser bom. (Fior, FFC, 2004: 1505). Desta forma, ele buscou no seu esvaziamento a ideia de não submeter ninguém, mas com todos se submeter ao Senhor que submeteu o próprio Filho aos tormentos da cruz (FFC, 2004: 98-99).¹⁹³ Nesta perspectiva pode-se encerrar o trabalho relendo o Testamento de Francisco como o complemento dos seus escritos, da sua regra de vida, mas, sobretudo, como seu testemunho de vida, deixado para toda a Fraternidade.

¹⁹² É possível que estivessem voltando de uma pregação, a qual ninguém quis dar ouvidos e Leão estivesse raivoso diante da situação, por isso, o ensinamento a Leão e a toda fraternidade, na Minoridade que escolheram deve estar a Perfeita alegria.

¹⁹³ “[...] irmãos todos, prestemos atenção ao Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas (cf. Jo 10,11) suportou a paixão da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome (cf. Rm 8,35; 2 Cor 11,27) na enfermidade e na tentação e em outras coisas mais; e, a partir disso receberam do Senhor a vida eterna. Daí é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito as obras, e nós, proclamando-as, queiramos receber a glória e a honra. (Cf. A Imitação de Cristo,.)”

7.3 *Viver segundo o Evangelho ou o Testamento*¹⁹⁴

Ao longo de todo o texto muitas vezes foram usadas as expressões “como podemos ver no Testamento”, “conforme o Testamento” e outras ainda terminadas com o termo Testamento. Não seria possível então concluir esta pesquisa sem fazer uma leitura do texto que inspirou grande parte desta caminhada.

O Testamento escrito nos últimos dias da vida de Francisco de Assis (FFC, 2004: 19) é, sem dúvida, a melhor chave de leitura para compreender todo o seu itinerário tendo como centralidade de sua experiência o encontro com o leproso no qual, segundo ele mesmo, abriu mão de si mesmo para se lançar ao encontro do outro.

“Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles.”¹⁹⁵ A partir deste momento central de sua vida, segundo o Evangelho (VAUCHEZ, 2019: 37)¹⁹⁶, ele deixou o modo de vida ao qual estava habituado “e, depois, demorei só um pouco e sai do mundo”. Assim, ele foi se colocando diante do Senhor e sendo inspirado por ele para tantos outros encontros ao longo da sua história.

Quando Francisco fala de sua conversão no Testamento, quando Deus o conduziu aos leprosos, é preciso analisar a condição dos leprosos que constituíam no imaginário coletivo a figura talvez mais repugnante e horrenda que se pudesse delinear aos olhos dos homens daqueles séculos, cheia de significados sinistros que justificavam a sua sistemática marginalização do consórcio civil, quando não se chegava à forma de repressão violenta e sanguinária. (MICCOLI, 2010: 88-89). Quando a sociedade pensava neles, fazia casebres longe da cidade, fora dos muros. No Testamento, Francisco mostra a mudança que Deus provocou nele ao abandonar o mundo depois de encontrar o leproso; a segunda etapa deste processo será a descoberta da vida segundo o santo Evangelho.

Neste aspecto, os dois primeiros elementos do texto já apontam as características da vida escolhida por Francisco que fazem dele um homem aberto ao diálogo: é o Senhor quem o conduz e, ele se deixa transformar a partir do encontro com o outro.

A primeira mudança se dá no encontro com o leproso, transformando o amargo em doçura, como se vê no documento do Testamento:

¹⁹⁴ Ver em Anexo, Testamento na íntegra.

¹⁹⁵ Cf. Anexo 1.

¹⁹⁶ Ancora, se il tema dell'incontro con i lebbrosi compare in tutte le vite, nessuna referisce di una guarigione da lui effettuata e, anzi, dal suo testamento risulta chiaramente come fosse lui a uscire trasformato da quell'incontro. (VAUCHEZ, 2010: 37)

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e sai do mundo. (FFC, 2004: 189).

A escolha de Francisco é pontuada pela orientação do Senhor, ou seja, o pobrezinho submete toda a sua vida a Deus. O Testamento é uma recordação, o reassumir de toda a história e evolução da Fraternidade (MATURA, 1996: 189), sempre de acordo com a vontade do Altíssimo, e por causa do Senhor o que era amargo transformou-se em doçura e a primeira barreira de encontro foi quebrada.

É reveladora a expressão “o Senhor me conduziu entre eles”; ela nos permite entender que também foi o Senhor que o conduziu entre os muçulmanos; pois ele sempre se sentiu em relação com Deus e quando interrogado da parte do Sultão e de suas sentinelas em nome de quem estava ali (LM IX-8, FFC, 2004: 613), ou por qual propósito a resposta foi clara: em nome de Deus (FRUGONI, 2011: 85).

O andar pelo mundo não é fruto de uma missão proselitista, mas, consequência de um encontro que começou a ser clarificado no beijo ao leproso, que permitiu a Francisco de Assis sair do mundo, ou seja, sair da lógica das guerras e das disputas pelo poder, onde o outro é visto com asco e como inimigo, e entrar na dinâmica do outro como uma possibilidade de se encontrar com Deus.

O desenvolvimento do Testamento permite três momentos fundamentais da história da relação Deus/Francisco: a conversão no encontro e no serviço ao leproso; a experiência da fé na vida da Igreja; e a chegada dos irmãos para formar a comunidade. De acordo com Maranesi (2008: 150-151), os momentos são sucessivos e conduzidos pelo Senhor, fazendo com que Francisco, de encontro em encontro, possa formar a sua identidade.

A identidade católica

Elemento importante para quem se abre ao diálogo é a consciência de sua identidade. Em seu Testamento, bem como em outros textos já analisados nesta pesquisa, o pobrezinho deixa muito clara a sua identidade cristã católica, seja no amor aos Sacramentos, seja no respeito e reverência aos sacerdotes ou, ainda, nos textos e objetos sagrados. “Depois o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da Santa Igreja romana – por causa da ordem deles – que, se me perseguirem, quero recorrer a eles.” (Test, FFC, 2004: 189). Esta forte percepção de pertença a um grupo e de vivência da fé de toda

uma comunidade, esta identidade católica, oferece a Francisco um suporte para se abrir ao encontro com o outro.

Além do respeito aos sacerdotes, a identidade católica é marcada, no entender de Francisco, pela celebração dos Sacramentos; o agir dele é sempre em função da graça de Deus: “E ajo desta maneira, porque nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus, a não ser o seu santíssimo corpo e o seu santíssimo sangue que eles recebem e só eles ministram aos outros.” A visão de Francisco, como ele mesmo diz, é aquela de sintonia com o Altíssimo Filho de Deus que sempre diz o que ele deve fazer, levando-o de encontro em encontro, abrindo as fronteiras da experiência do Sagrado, além das linhas da cristandade.

O amor aos santíssimos nomes e palavras de Deus, que devem ser sempre recolhidos e guardados em lugares dignos, deixa transparecer elementos de uma piedade muito particular de Francisco, que se encontra em sintonia também com elementos da piedade muçulmana no que diz respeito às palavras escritas no Corão, diante das quais todo fiel deve prestar a máxima reverência.

O amor à palavra de Deus que dá a vida faz com que a escritura em si mesma assuma caráter de sacralidade nas culturas orais (MICCOLI, 2010: 84) e abre um laço de concórdia, pois a palavra de Deus não pertence aos homens, nem aos pagãos e nem aos cristãos, mas somente a Deus, conforme consta em 1 Cel XXIX-82.

De fato, como certo dia tivesse sido interrogado por um irmão para que recolhia também tão cuidadosamente os escritos dos pagãos e onde não havia o nome do Senhor, respondeu, dizendo: “Filho, porque aí há letras com as quais se compõe o gloriosíssimo nome do Senhor Deus (cf. Dt 5,11) também o que aí há de bom não pertence nem aos pagãos nem a homem algum, mas somente a Deus, de quem provém todo bem”. (FFC, 2004: 253).

Esta compreensão de Francisco permite uma relação sempre de aprendizado para além da piedade própria no encontro com a piedade alheia. Francisco era um homem do seu tempo e da sua Igreja, mas, como um místico, conseguiu ir além do seu tempo e além da Igreja.

O Evangelho¹⁹⁷

O Testamento de Francisco apresenta de forma definitiva aquela que foi sua grande marca, a vida segundo a forma do Santo Evangelho: “E depois que o Senhor me deu irmãos,

¹⁹⁷ Questa enunciazione iniziale fissa il primo fondamento della vita dei Frati Minori, la “forma sancti Evangelii”, come si esprime S. Francesco nel suo Testamento. Essa si concretizza nella vita conforme ai consigli evangelici ma come erano concepiti da S. Francesco, tutto pervaso dal Vangelo. L’essenza primaria e determinante è dunque che i frati vivano il Vangelo. Questa è la forma della loro vita. (ESSER, 1980: 57).

ninguém me mostrou o que eu devia fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever em poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou”. Não foi o projeto de reforma da Igreja e nem as normas de vidas das comunidades existentes que moveram o coração do Assisate, mas, segundo ele, o próprio Senhor, que o revelou a forma como deveria viver junto com seus irmãos.

O viver segundo o Evangelho é a tradução prática, operativa em termos societários, dos critérios de fundo daquela escolha individual que Francisco havia realizado depois do encontro com os leprosos; “é a forma que traduz e exprime a sua total consciência de que estes critérios encontram a sua plena e coerente atuação seguindo as normas de Cristo, correspondendo ao exemplo por ele oferecido” (MICCOLI, 2010: 90), abrindo assim a perspectiva da Minoridade, “Vai vende tudo que tem e dá aos pobres e depois vem e segue-me.” (Mt,19-21). Fazer-se igual na mesma proporção que o Cristo se fez igual, aqui se encontra mais uma chave para entender o silêncio de Francisco diante dos hereges e dos sarracenos e as recomendações para aqueles que queriam viver no meio deles. No entender de Francisco de Assis, o Evangelho abria o coração do homem a todos os homens, e o esvaziamento de Jesus na Cruz era oferecido a todos, por isso a expressão de adoração da Cruz: “[...] nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que há em todo mundo, e vos bendizemos, porque, pela vossa santa cruz, remistes o mundo.” (Test, FFC, 2004: 189). Não é a salvação de um homem ou de uma comunidade particular que está em risco, mas a salvação do mundo, por isso a necessidade de viver no meio do mundo submetido a todos por amor a Deus, porque a pregação não é o essencial¹⁹⁸ para Francisco, mas sim o testemunho do Evangelho, apresentado na forma da fraternidade de ser e viver no meio dos outros, fazendo do acolhimento a primeira missão dos frades entre os homens (MATURA, 1996: 179). Em Francisco de Assis a exigência missionária nasce de um impulso direcionado a todos sem distinção, entre fiéis e infiéis¹⁹⁹, daí a importância de ser portador da paz.

O viver segundo a forma do Santo Evangelho permite a Francisco a compreensão de que,

¹⁹⁸ La predicazione propriamente detta nella sua forma canonica ufficiale, riconosciuta ai frati appositamente esaminati e approvati (RnB 17, 1-2: FF 46; Rb 9: FF98) non è essenziale come lo è per l’Ordine dei Predicatori: le Regole, che ne parlano solo alla fine del progetto di vita, quasi come appendice, non la ritengono un elemento essenziale, il Testamento la ricorda solo di Sfuggita (2 Test 25: FF 123); solo l’evoluzione storica dell’Ordine assegnerà alla predicazione un’importanza di primo piano. (Matura, 1996: 178).

¹⁹⁹ Cf. Manselli, 1995: 259.

O plano de Deus não é para uma pequena parte da terra, mas para o mundo inteiro, Deus o envia para o mundo todo e para todos os homens com a força do Evangelho para pregar a paz, um pensamento diverso daquele de Inocêncio III que dizia fazer a guerra em nome de Deus e para vingar Jesus Cristo. Francisco exorta os seus frades a viver a minoridade na Terra dos estrangeiros, da mesma forma que a vivia na terra dos cristãos. (FRUGONI, 2012: 85-86).

Por isso a ideia presente de forma explícita no Testamento, o irmão da Fraternidade tem uma missão especial, anunciar a paz a todos os homens.

Anúncio da paz a todos os homens

A vida segundo o Evangelho, a Fraternidade e a Minoridade são coroados com a pregação da paz, uma atitude que nasce, como os outros momentos da vida de Francisco, da revelação do Senhor. “Como saudação, o Senhor me revelou que disséssemos: o Senhor te dê a paz.” (Test, FFC, 2004: 190).

O nada possuir era uma condição para poder realizar esta paz²⁰⁰ revelada pelo Senhor e propagada pelo pobrezinho. O encontro de Francisco com o Senhor no caminho de Espoleto está em clara consonância com o anúncio da paz; a lógica que levava à guerra era pontuada pela busca de riquezas e nobreza, mas estes não eram, segundo os hagiógrafos e o próprio Francisco, os projetos do Senhor para ele. Aos poucos, foram sendo apresentados para ele os projetos do Senhor: na acolhida dos Irmãos, no desejo de viver segundo a forma do Santo Evangelho, no sentimento de minoridade, do nada possuir e nada desejar a não ser viver de acordo com o Altíssimo, todas estas etapas se encerram na saudação da paz.

Pelo Evangelho, Francisco e seus Irmãos são chamados a viver o amor a todos os homens, mas, sobretudo, aos inimigos, buscando a perfeição da caridade, segundo Paolazzi (2002: 326), de tal forma que a expansão projetada pela Fraternidade não é aquela pautada nas armas e nem nas conquistas de territórios, mas aquela oferecida pelo Evangelho e pelo sentimento de minoridade, fazendo do mundo um claustro, dos homens irmãos, do Evangelho a Regra, da paz o projeto.

No seu Testamento, Francisco deixa claro que tudo isso foi guiado pela ação do Senhor a quem ele decidiu seguir desde o caminho de Espoleto, e todos estes elementos fizeram dele um homem aberto ao diálogo, capaz de mudar o coração e o pensamento a cada encontro, não como um ser que relativiza tudo, mas como um homem que tem clara consciência da sua fé, e, por isso, mais do que a conversão do outro, aprendeu a buscar uma

²⁰⁰ Sin dagli inizi della sua “conversione” Francesco aveva sentito uno stretto collegamento tra povertà e predicazione; questo legame così profondo, messo continuamente in pratica nella realtà quotidiana dopo il 1220, in Italia e fuori, venne ad avere un particolare rilievo nella Regola non bollata, in cui quattro capitoli strettamente collegati fra loro, il XIV, XV, XVI, XVII, toccano il tema del comportamento dei frati minori nella società, che Francesco evangelicamente chiama “mundus”. (MANSELLI, 1995: 267), ver ainda: Miccoli, 2010: 95.

convivência espiritual, muito mais do que submeter o outro, aprendeu a se submeter a toda humana criatura por amor de Deus, confessando sempre a sua identidade de Irmão Menor, anunciador da paz.

“Não nasce a planta perfeita, não cresce o fruto maduro, se queres boa colheita comece a semear” (Olavo Bilac).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colher uma tese é um trabalho árduo e saboroso ao mesmo tempo; partilhar os seus frutos é uma doce obrigação.

Quando esta pesquisa foi proposta, o alvo principal era observar nos textos de Francisco de Assis uma influência da piedade muçulmana. Lendo autores como Basetti-Sani e Jeusset, esta ideia parecia um tanto quanto clara, mas, aos poucos, foram se delineando outros autores, e o que parecia muito evidente foi se tornando um pouco obscuro. Nesta etapa foi de importância fundamental a leitura da obra *Il Santo dal Sultano*, de John Tolan. O autor faz uma leitura das interpretações do encontro entre Francisco e o Sultão ao longo dos séculos, pontuando os interesses vigentes em cada momento e por cada grupo que analisou o referido encontro.

No que tange à evolução da Regra, se debruçou, de forma mais efetiva, sobre os textos de Celso Teixeira, David Flood, Felice Accrocca, Paolazzi, Esser e outros. Aos poucos a tese foi se configurando, tal qual a terra preparada, as sementes lançadas.

Ao capinar o texto e podar as folhas usou-se como ferramentas, sobretudo, o texto de Hoeberichts, fundamental pra entender o contexto do encontro entre Francisco e o Sultão Malek-al-Kamil no que diz respeito aos projetos do primeiro, assim como aos projetos da Igreja. A planta foi ficando tenra, e foram acrescentados adubos com os textos de Moses, Frugoni, Beer e outros.

Mas, quando os frutos começaram a nascer, surgiram também algumas inquietações. Ao olhá-las pode-se perceber que não seria possível colher da forma esperada inicialmente, ou seja, as influências do Islã sobre os textos e a vida de Francisco não estavam muito contundentes.

Neste momento foi de importância fundamental a leitura de André Vauchez quando disse que Francisco se transformou a partir do encontro com o leproso. Esta constatação começou a desencadear outros tantos encontros, e outros frutos começaram a despontar, e foram amadurecendo com as leituras de Miccoli, Rotzetter, Maranesi, Manselli e outros autores.

Contudo, o texto principal que compõe toda a estrutura da tese vem das primeiras biografias de Francisco de Assis tomadas nas Fontes Franciscanas e Clarianas, edição brasileira, Vozes 2004, e das Fontes Franciscanas da edição italiana, Movimento Franciscano 1977 e, de suma importância, os escritos do próprio Francisco encontrados nas mesmas obras. Desta forma, quer-se apresentar os frutos da colheita:

A vida de Francisco, segundo ele próprio alega foi toda marcada pela revelação divina, portanto, mesmo estando ele dentro da Igreja e buscando viver

com as orientações da instituição, sempre conseguiu dar passos avante.

A vida da fraternidade que, segundo ele, era orientada pela inspiração divina, era também conduzida pelas muitas experiências que os Irmãos viviam diante dos muitos confrontos impostos pela missão, onde se encontravam homens e mulheres de diversas realidades. Assim, a regra de vida foi sendo construída no decorrer de pelo menos quatorze anos de existência, desde o primeiro momento em que a Ordem esteve junto ao Papa Inocêncio III, em 1209/1210, até a Regra Bulada de 1223.

Os muitos Capítulos da Ordem e as províncias criadas mostram que Francisco e o seu grupo tinham um projeto também de expansão, mas, enquanto a Igreja ambicionava anexar novos territórios, os primeiros anunciavam o Evangelho, e, exatamente este projeto de expansão fez surgir as províncias além da Europa e, conseqüentemente, a viagem de Francisco ao Egito, onde pode se encontrar com o Sultão Malek-al-Kamil.

Com relação ao encontro entre Francisco e o Sultão destacam-se alguns pontos importantes. Primeiro: os hagiógrafos, mesmo defendendo as propagandas das Cruzadas, não ousaram criticar o Sultão ou o tratamento dispensado a Francisco por parte do mesmo, o que deixa claro que o encontro foi respeitoso e dialogal; segundo: muitos autores que trabalharam a relação entre Francisco e o Islã se prenderam, de forma demasiada, ao encontro da forma como foi narrado pelos primeiros hagiógrafos, e não investigando tal relação do ponto de vista dos textos do próprio Francisco, e nem de acordo com a forma de vida por ele escolhida; terceiro: esta pesquisa buscou argumentos de forma inovadora, ao avaliar os textos de Francisco, tais como a Carta aos Governantes dos Povos, os Capítulos XVI e XIII na Regra não Bulada, a Verdadeira e Perfeita Alegria e o Testamento e gestos de Francisco como o Natal em Greccio, que empreenderam sua escolha de vida de Irmão Menor pautada no Evangelho.

Outro tema trabalhado pela pesquisa foi a questão da datação do Capítulo XVI da Regra não Bulada, entendendo-se aqui que o fato do texto ter sido escrito antes da viagem de Francisco ao Egito, ou depois da mesma, não retira o mérito de seu projeto de levar a Boa

Notícia a todos. Porém, concorda-se com os autores que defendem que o modo como o fundador da Ordem dos Frades Menores se comportou, indica que o texto foi produzido em uma data posterior ao encontro, ou seja, toda a organização da Ordem se dava a partir das experiências que eram partilhadas nos Capítulos. Assim sendo, mesmo estando dentro do projeto e do pensamento de Francisco, a missão junto aos infiéis e aos sarracenos foi importante para concepção final do texto, especialmente o encontro entre ele e o sultão, ainda que o modo de viver no mundo, submisso a todos, seja uma marca preponderante na sua fraternidade. Dessa forma, a escolha do modo de vida de Francisco em fraternidade, na minoridade, e seguindo o Santo Evangelho, é essencial para entender seu comportamento diante do sultão Malek-al-kamil e, mais ainda, a forma como foi elaborado o Capítulo XVI da Regra não Bulada no que diz respeito à relação com o outro.

Os textos de Francisco apontam nitidamente para uma vida de total abertura ao outro por causa do Evangelho, e somente lendo os seus escritos é possível compreender o lugar do outro em sua vida. As escolhas da fraternidade, de sair do mundo como forma de estar mais imerso nele, do jeito que o mundo é (era), permite compreender momentos marcantes da vida do pobrezinho como o Natal em Greccio, no qual ele explicita definitivamente a ideia do mundo como claustro, e dos homens como irmãos.

A Verdadeira Alegria aponta nitidamente o lugar de Deus e do outro na vida de Francisco, que escolheu junto com sua fraternidade a Minoridade como forma de ser no mundo, assim, contrariando o Cânon 69 do IV Concílio de Latrão. Pois, só assim, seria possível viver a paz dada a ele como revelação divina.

Algumas cartas escritas por Francisco, de forma especial, a Carta aos Governantes dos Povos e a Carta aos Custódios, demarcam a importância da sua relação com o Islã, pois sem nunca abrir mão de sua identidade cristã católica, soube, como poucos, colher o que de piedoso e santo havia na tradição do outro.

Os nomes de Deus usados por Francisco nos Louvores ao Deus Altíssimo e no Capítulo XXIII da Regra não Bulada, sendo ou não uma influência do Islã, mostram a abertura e a amplitude de coração do jovem de Assis, sempre submisso ao outro por causa de Deus.

Um texto de Celano usado no corpo da tese deixa transparecer o pensamento de Francisco, que vivendo em fraternidade como um Irmão Menor, e segundo o Santo Evangelho, foi capaz de dialogar com o outro tendo em vista que o mundo era, para ele, o lugar dos homens e, portanto, o lugar de Deus a quem pertence todas as coisas boas.

Comovia-se acima da compreensão dos homens, quando nomeava vosso nome, ó Senhor santo. Por esta razão onde quer que encontrasse algum escrito, seja divino, seja humano, no caminho, em casa ou no chão, recolhia-o com muita reverência e recolocava-o em lugar sagrado e honesto (...) Como certo dia tivesse sido interrogado por um irmão porque recolhia também tão cuidadosamente os escritos dos pagãos e onde não havia o nome do Senhor, respondeu dizendo: “filho, porque aí há letras com as quais se compõe o gloriosíssimo nome do Senhor Deus, também o que aí há de bom não pertence nem aos pagãos nem a homem algum, mas somente a Deus, de quem provem todo o bem. (1 Cel XXIX-82, FFC, 2004: 253).

O viver a fraternidade, o ser submisso aos homens de outros costumes e religiões, sem renegar a própria fé, estes são, em síntese, os princípios da Missão Franciscana, consequência do lugar que o outro representava na vida de Francisco; por isso a Minoridade aplicada nos relacionamentos, pois ser Menor e submisso ao mesmo tempo, diante do outro, é viver o Evangelho, é ser submisso e menor diante de Deus.

A pobreza de Francisco e de seus irmãos aparecem em Boaventura como um caminho claro para tocar o coração do outro:

Na realidade, como alguns dos irmãos tivessem chegado às regiões dos infiéis, aconteceu que um sarraceno, movido por piedade, lhes ofereceu dinheiro para o alimento necessário; recusando eles a aceitá-lo, o homem ficou admirado, percebendo que eram pobres. Tendo compreendido finalmente que eles não queriam possuir dinheiro, porque se tornaram pobres por amor a Deus, uniu-se a eles com tão grande afeição que ofereceu-lhes para fornecer todas as coisas necessárias (cf. 1 Rs 4,7), enquanto lhe sobrasse algo dos bens. Ó inestimável preciosidade da pobreza por cujo maravilhoso poder a mente da ferocidade bárbara se transformou em tão grande doçura e compaixão! Por conseguinte, horrendo e nefando crime que o homem cristão calque aos pés esta nobre pérola (cf. Mt 7,6) que o sarraceno exultou com tanta afeição. (LM IV-7, FFC, 2004: 574)

Esta pesquisa, na sua primeira parte abordou o ardor missionário de Francisco pontuando o seu processo de conversão e a formação da Fraternidade com o anseio de restaurar a Igreja. Na segunda parte, foi analisada a estruturação da Ordem que se organizava para viver no mundo, ao mesmo tempo em que a Igreja também se preparava para o IV Concílio de Latrão. Mas, os desejos de Francisco, contrariamente aos da Igreja, apontavam para métodos e objetivos diferenciados, de um homem que, apesar de pertencer à Igreja, enxergava além de seus muros. Na terceira e última parte foram analisados alguns textos e atitudes de Francisco que permitiram que ele fosse apontado como um buscador do diálogo.

Os objetivos de Francisco estavam pautados na vida segundo a forma do Santo Evangelho e no seu projeto de Minoridade. Estes elementos fizeram dele um buscador do diálogo, como ficou claro a partir de alguns de seus textos e ações, que mostraram sua abertura para com o outro, sobretudo o Islã, em um momento de cruenta guerra.

Desta forma, se pode concluir que o encontro com o Sultão Malek-al-Kamil não foi um fracasso porque estava dentro do projeto de vida de Francisco, e ao mesmo tempo alargou ainda mais os seus horizontes; não só o mundo dos cristãos era o claustro, mas o mundo

inteiro, não só a paz entre os cristãos interessava ao Assisate, mas a paz com todas as criaturas.

Na trajetória de Francisco, o encontro com o outro sempre foi determinante para uma evolução do seu pensamento e do seu modo de agir, como ficou demonstrado ao longo da pesquisa, desde o encontro com os leprosos, que o fez abandonar o mundo e começar um novo modo de vida, até o encontro com o Sultão, e todos os demais encontros fortemente marcados pela vida segundo o Evangelho e a Minoridade.

REFERÊNCIAS

ACCROCCA, Felice e CICERI, Antônio. **Francesco e i Suoi frati**. Biblioteca Francescana, Milano, 1998. (FA-AC)

AJJELO, Anna. **La Croce la Spada i Franciscani e L'Islam nem Duecento**, Mediterraneo, Nápoli, 1999.

ALBERZONI, M. P. **Francesco d'Assisi, il cardinale Giovanni di San Paolo e il collegio cardinalizio** In. A cura di Alvaro Cacciotti e Maria Melli, **FRANCESCO A ROMA DAL SIGNOR PAPA** Biblioteca Francescana Milano, Milano, 2008 Pp 61-91

ANTINUCCI, Lucia. **Seguire Cristo Alla Maniera di Francesco**, La vocazione laicale secondo la regola dell'Ordine Franciscano secolare. Messaggero Padova, Padova: 2011.

ARMSTRONG, K. **Jerusalém: uma cidade, três religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BASSETTI-SANI, G. Sarracenos. In: Movimento Franciscano Assisi. **Dicionário Franciscano**. Petrópolis: Cefepal/Vozes, 1993, p. 691-700.

_____. **L'Islam e Francesco d'Assisi: la missione profetica per il dialogo**. Firenze: La Nuova Itália, 1975.

_____. Francisco de Assis: a crise da igreja pelos fins do século XII, princípios do século XIII. In: **Concilium**, v. 4, Fasc. 37. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 10-24

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo, Paulus, 1990.

BEER, F. São Francisco e o Islão. In: **Concilium**, v. 17, Fasc 169. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 16-29.

BERKENBROCK, V. A atitude franciscana e o diálogo inter-religioso. In: MOREIRA, A.S. (Org.). **Herança franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERNABEI, Matilde e Luca. **Chiara e Francesco**. 2007. Coprodução RAI Fiction – Lux vide Spa Rai trade spa. Produção Italiana.

BOFF, L. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

_____. **Oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

_____. **São Francisco de Assis: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRUFANI, S. ROMA, 1209: Innocenzo III incontra Francesco (Secondo Tommaso da Celano) In A cura di Alvaro Cacciotti e Maria Melli **Francesco a Roma dal signor papa**, Biblioteca Francescana Milano, Milano, 2008 Pp 15-37

BUTINGAN, K; LITELL, M; VITALE, L. **Os Franciscanos e a não violência**. Petrópolis: FFB, 2004.

CARDINI FRANCO. **Francesco d'Assisi**, Mondadori, Milano 2009.

CLAIRVAUX, Bernard de. **Histoire, mentalités, spiritualité**. 7 ed. Paris: Les éditions du cerf, 29, Bd de Latour-Maubourg, 1992.

_____. **Eloge de la nouvelle chevalerie**. 7 ed. Paris: Les éditions du cerf, 29, Bd de Latour-Maubourg, 1990.

CIPOLLONE, Giulio. **Cristianità – Islam cattività e liberazione in nome di Dio il tempo di Innocenzo III dopo il 1187**. Editrice Pontificia Università Gregoriana Roma, 1992.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1983.

CONTI, M. **Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens**. Petrópolis: Vozes/FFB, 2004.

CROCOLI, A. (Org.). **Francisco de Assis, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso**. Petrópolis: FFB, 2006. P. 117-141

_____. Testamento: elementos para uma leitura. **Revista Franciscana**, v. V, n. 8, 2005. Petrópolis: FEB.

CURSO básico sobre o carisma missionário franciscano, 16. Encontro com os muçulmanos. Petrópolis: FFB, 2001.

_____, 7. A missão franciscana nas primeiras fontes. Petrópolis: FFB, 2000.

DESBONNETS, Théophile. **Dalla Intuizione alla Istituzione**. Biblioteca Francescana, Milano 1986. (Desbonnets, 1986).

DOZZI, Dino. **I Vangelo nella Regola non Bollata di Francesco d'Assisi**. Istituto Storico Dei Cappuccini, Roma, 1989.

ESSER, Kajetan; ENGELBERT, Grau. **Documenti di Vita Francescana**. Milano, Biblioteca Francescana: 1980.

FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, D. **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

FLETCHER, R. **A cruz e o crescente cristianismo e Islã, de Maomé à reforma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Trad. C.M. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.

FLOOD, David; VAN DIJK, Willibrord; MATURA, Thaddée. **La Nascita di un Carisma**. Biblioteca Francescana Provinciale, Milano, 1976.

_____. **Die Regula non bullata der Minderbrüder.** Werl, Köln 1967.

_____. **Frei Francisco e o Movimento Franciscano.** Petrópolis, Cefepal-Vozes: 1986.

FONTI FRANCESCANI I, II. Editora Movimento Franciscano, Assis. 1977.

FRANCESCO D'ASSISI E FRANCESCANESIMO DAL 1216 AL 1226: **Atti** del IV Convegno Internazionale, Assisi 15-17 Ottobre 1976. Assisi: Società internazionale di studi Francescani, 1977. p.265-277.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média: nascimento do ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREMANTLE, Anne. **Idade da fé.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

FRESNEDA, Francisco Martínez, **Francisco de Asís Y la paz.** PPC Editorial, Madrid: 2007.

FRUGONI, Chiara. **Francesco nella terra dei non cristiani.** Biblioteca di Frate Francesco, Editora Biblioteca Francescana, Milano: 2012.

_____. **A Vida de Um Homem: Francisco de Assis,** São Paulo, companhia das letras: 2011.

GONNET, Giovanni. Cátaros e valdenses no seio da igreja da Idade Média. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. **Concilium: Revista Internacional de Teologia,** Petrópolis, v.24, fas.220, p.790-794, 1988. A verdade e suas vítimas - História da Igreja.

GRINGS, D. Dadeus. **História Dialética Do Cristianismo,** EDIPUCRS, Porto Alegre: 1994.

HOEBERICHTS, J. **Francesco e L'islam.** Padova, Messaggero Santo Antonio: 2002.

HOURANI, A. **Uma história dos povos árabes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MIGNE, J.P. **Innocentii 3. Romani pontificis opera omnia, tomis quatuor distributa** Paris, 1970

IRIARTE, L. **História franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Vocação franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1976.

JANEIRO, I.V. Diálogo Franciscano-islamico durante la vita di San Francesco. In: POSSEDONI. G.A. (Org), **San Francesco e l'Oriente, oltre le parole.** Padova, Messaggero: 2003. Pp 31-44.

JESUSSET, Jean Gwénoilé. **Dio È Cortesia,** Francesco d'Assisi il suo Ordine e l'Islam. Messageiro Padova, Padova: 1988.

_____. **Encontro na outra margem: Francisco de Assis e os muçulmanos.** Braga, Franciscana, 1995.

- JOMIER, J. **Islamismo**: história e doutrina. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LECLERC, E. **O cântico das criaturas**: os símbolos da união. Petrópolis: Vozes/FFB, 1999.
- LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LEHMANN, Leonardo. “Sed Sint Minores”: La Minorità Nella Regula Non Bullata: Proposte e Reazioni. In: PADOVESE, Luigi (Org). **Minores Et Subditi Omnibus Tratti caratterizzante dell’identità francescana**. Edizioni Collegio S. Lorenzo da Brindisi, Roma: 2003, p.129-148
- _____. **L. Francisco**: Mestre de oração. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1997.
- LEONI, G.D. **A canção de Rolando**. São Paulo: Atena, 1958.
- LIGATO, Giuseppe. **La crociata a Damietta tra legato papale, profezie e etragie**. I Frati Minori e i Sarraceni nel XIII Secolo – Anna Ajello.
- LUCCHESI, Marco (Org.). **Caminhos do Islã**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MAALOUF, A. **As cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- MALECZEK, Werner **innocenzo III e la curia romana nell’anno 1209**. In A cura di Alvaro Cacciotti e Maria Melli **FRANCESCO A ROMA DAL SIGNOR PAPA**, Biblioteca Francescana Milano, Milano, 2008 Pp 93-122
- MANSELLI, R. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes/FFB, 1997.
- MANSI, Joannes Dominicus. **Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio**, Vol 22. Akademische Druck – Uverlagsanstalt, Graz, 1961.
- MARANESI P. Francesco e la fraternitas minoritica a Roma. Confronto critico tra le fonti primitive sui caratteri della prima fraternità minoritica. In A cura di Alvaro Cacciotti e Maria Melli, **Francesco a Roma dal signor papa** Biblioteca Francescana Milano, Milano, 2008 Pp 141-226.
- MARTINELLI, Paolo. La Minorità: Segno Dell’amore Kenotico Di Dio Nella Chiesa E Nella Società. In: PADOVESE, Luigi (Org). **Minores Et Subditi Omnibus Tratti caratterizzante dell’identità francescana**. Edizioni Collegio S. Lorenzo da Brindisi, Roma: 2003, p. 367-390.
- MARCONI, Silvio. **Francesco sufi** : radici islamico-sufiche nelle scelte di Francesco di Assisi. - Roma: Edizioni libreria Croce, 2008.
- MAZZUCO, V. **Francisco de Assis e o modelo de amor** Cortês-cavaleiresco. Petrópolis, Vozes: 2008.

MERLO G.M, "Venientes ad apostolicam sedem" incontri romani. In A cura di Alvaro Cacciotti e Maria Melli, **Francesco a Roma dal signor papa**, Biblioteca Francescana Milano, Milano, 2008 Pp 227-243.

MESSA, P. (Org). Francesco e il Sultano. Atti della Giornata di Studio, Firenze, 25 settembre 2010. **In: Studi Francescani** 108/3-4 (2011) - Firenze 2011.

MICCOLI, Giovanni. **Francesco d'Assisi Memoria, Storia e Storiografia**, Biblioteca Francescana, Milão, 2010. (GM)

_____. **Francesco il Santo di Assisi all'origine dei movimenti francescani**. Donzelli Editore, Roma, 2013.

MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). **Herança franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOORMAN, John. L'espansione francescana dal 1216 al 1226. In: CONVEGNO INTERNAZIONALE DI STUDI FRANCESCANI (4.: 1976 ; Assisi, Italie).

MOSES, P. **O Santo e o Sultão**. São Paulo, Acatu 2010.

MATURA, Thaddée. **Francesco, un Altro Volto**. Biblioteca Francescana, Milano 1996.

MARGOTTI, Fortunato. Missão. In: **Dicionário Franciscano**. Petrópolis, Cefepal/Vozes 1993. p. 437-442.

OLIVEIRA, Vitória Peres de. **Mulheres que eram homens: o elemento feminino na mística sufi**. In: LUCCHESI, Marco (Org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PAOLAZZI, Carlo. **Lettura Degli "Scritti" di Francesco D'assisi**. Biblioteca Francescana, Milano, 2002.

_____. **Francesco D'assisi Scritti**. Edizione crítica a cura di. Frati Editori di Quaracchi, Roma, 2009.

_____. **Minores et subditi omnibus**, Ossia il recupero di uma categoria evangelica. p.5-18.

_____. **La forma vitae presentata da francesco a papa innocenzo III**. In a cura di Alvaro Cacciotti e Maria Melli, **Francesco a Roma dal signor papa**. Biblioteca Francescana Milano, Milano, 2008 Pp 123-139.

PADOVESE, Luigi (Org). Minores Et Subditi Omnibus Trattati caratterizzanti dell'identità francescana. Edizioni Collegio S. Lorenzo da Brindisi, Roma: 2003

POSSEDONI. G.A. (Org.) PADOVA, Messaggero PIRONE, B. Francesco: Un'anima Aperta Sull'islam. In: **San Francesco e l'Oriente, oltre le parole**. 2003, p. 45-67.

_____. JANEIRO, I.V. Diálogo Franciscano-Islamico Durante La Vita Di San Francesco. In: **San Francesco e l'Oriente, oltre le parole**. p. 31-44.

RADI, L. **Francesco e il Sultano**. Assisi, Citadella Editrice, 2006.

ROTZETTER, A. **Francesco D'Assisi Memoria e Passione**. Padova, Messaggero di S. Antonio, 1990

_____. **Com Deus nos dias de hoje**. Curso básico de vida franciscana. Petrópolis, Vozes-FFB: 2003.

RUNCIMAN, S. **História das cruzadas I: a primeira cruzada e a fundação de Jerusalém**. Rio de Janeiro: Imago, 2003 a.

_____. **História das cruzadas III: o reino de Acre e as últimas cruzadas**. Rio de Janeiro: Imago, 2003b.

SCOGNAMIGLIO, E. **Francesco e il Sultano: o "spirito di Assisi" e la profezia della pace**. Padova, Messaggero, 2011

SPOTO, D. **Francisco de Assis: o santo relutante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TEIXEIRA, C.M. Evangelização e paz. **Revista Franciscana**, v. V, n. 8, 2005. Petrópolis: FFB. p. 7-24.

_____. Inocência III e Francisco de Assis. **Revista Franciscana**, Vol. VI, nº 10. Petrópolis: FFB, 2006 pp 9-29.

_____. **Regra Franciscana: evolução, mitos, história**. Petrópolis, Cefepal, 1994.

TEIXEIRA, Faustino. A experiência de Deus no Islã. In: LUCCHESI (Org.) **Caminhos do Islã**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. (Org.) **No Limiar do Mistério, Mística e Religião**. São Paulo, Paulinas, 2004.

TOLAN John. **Il Santo Dal Sultano, L'incontro di Francesco d'Assisi e l'Islam**. Roma-Bari, Laterza, 2009.

TRADUÇÃO do sentido no nobre alcorão para a língua portuguesa. Complexo do Rei Fahd para a impressão do Alcorão Nobre, S/d.

URIBE, Fernando. **Omnes Vocentur Fratres Minores** verso un'identificazione della minorità alla luce degli scritti di S. Francesco d'Assisi. In: **PADOVESE, Luigi (Org). Minores Et Subditi Omnibus Tratti caratterizzante dell'identità franciscana**. Edizioni Collegio S. Lorenzo da Brindisi, Roma: 2003, p. 149-190

VADAKKEKARA, Benedict. Lo Spirito Di Minorità Nella Vita Missionaria Franciscana Dalla RnB Xvi Alle Costituzioni Cappuccine, Xii (1638). In: **PADOVESE, Luigi (Org). Minores Et Subditi Omnibus Tratti caratterizzante dell'identità franciscana**. Edizioni Collegio S. Lorenzo da Brindisi, Roma: 2003, p. 255-272.

VAUCHEZ, André. **FRANCESCO D'ASSISI**. Einaudi, Torino:2010.

_____. Os Movimentos religiosos leigos na Idade Média. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**, Petrópolis, v.39, fas.301, p.354-361, 2003. Movimentos na Igreja (Parte I) Paisagens históricas.

_____. Movimentos na Igreja (Parte I) Paisagens históricas San Francesco e il sultano. In Atti della giornata di Studio. **Biblioteca Francescana** “stanza delle laudi” Firenze, 25 settembre, 2010.

VIGNELLI, Guido. **San Francesco Antimoderno: Difesa del Serafico dalle falsificazioni progressiste**. Fede e Cultura, Verona 2009.

VITRAY-MEYEROVITCH, Eva de. Sentidos da oração. In: LUCCHESI, Marco (Org.). **Caminhos do Islã**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. Rumi, a Paixão pela Unidade. In: LUCCHESI, Marco. **Caminhos do Islã**, 2002.

ZAVALLONI, R. **Pedagogia franciscana: desenvolvimentos e perspectivas**. Petrópolis: Vozes/FFB, 1999.

ZINGARELLI, N. **Lo Zingarelli 2013**, Ed. Zanichelli, Roma: 2013

Sites:

FALBEL, Nachman. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/53649170/Heresias-Medievais>>. Acesso em: 04 set. 2012.

GAUDIUM, Evangelii, 251 – Disponível em:<http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.html#O_dialogo_inter-religioso> Acesso em: 14 jan. 2014.

_____. **Heresias medievais**. Disponível em: <<http://www.profcardy.com/exercicios/resposta.php?id=462>> Acesso em: 16 jan. 2014.

GIHARDI “Deus meus et omnia.” Disponível em: <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/pedro.htm>> Acesso em: 19 dez. 2013.

LIMA, Katia. Disponível em: <<http://www.cantodapaz.com.br/blog/2008/11/24/boi-burro-presepio/>> Acesso em: 20 jan. 2014

MORENO, Simone. Disponível em: <<http://www.stpauls.it/madre06/0504md/0504md07.htm>>Acessi en 14 jan. 2014

SILVA, Andréia Cristina L. F. da. **O IV Concílio de Latrão: heresia, disciplina e exclusão**. Disponível em: <www.ifcs.ufrj.br/~frazão>. Acesso em: 12 maio 2008.

TEIXEIRA, F. **Peregrinos do diálogo**. Disponível em: <http://empaz.org/dudu/du_peregrinos_dia.htm>. Acesso em 01 mar. 2008.

<http://www.servidimaria.org/po/attualita/promotori1/promotori1.htm>>. Acesso em: 08 maio 2008.

IV CONCÍLIO LATERANENSE, disponível:

<http://www.intratext.com/ixt/ita0138/_P1Z.HTM> Acesso em: 25 nov. 2013.

COSTA, Sandro Roberto, Disponível em: <<http://cefram.blogspot.it/2007/08/os-primeiros-captulos-da-ordem.html>>. Acessado em: 04 de out. 2013

BRAGUE, Rémi, <<http://www.ramonlull.net/comum/arq/houvenaidademedial.pdf>>. Acesso em: 24 de jul. 2013

LIBÂNIO, João B, A hora do Ângelus<<http://www.psfx.org.br/?p=3499>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

ANEXOS

Os textos anexados são todos retirados das Fontes Franciscanas e Clarianas Editora Vozes 2004. Optou-se por colocar as páginas onde se encontram tais textos dentro da referida obra.

Anexo 1

TESTAMENTO (Test, FFC, 2004: 188)

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e sai do mundo. E o Senhor me deu tão grande fé nas igrejas que simplesmente eu orava e dizia: nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que há em todo mundo, e vos bendizemos, porque, pela vossa santa cruz, remistes o mundo. Depois o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da Santa Igreja romana – por causa da ordem deles – que, se me perseguirem, quero recorrer a eles. E se eu tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão (cf. 1 Rs 4,30-31) e encontrasse sacerdotes pobrezinhos deste mundo, não quero pregar nas paróquias em que eles moram, passando por cima da vontade deles. E a eles e a todos os outros quero temer, amar e honrar como a meus senhores. E não quero considerar neles o pecado, porque vejo neles o Filho de Deus, e eles são meus senhores. E ajo desta maneira, porque nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus, a não ser o seu santíssimo corpo e o seu santíssimo sangue que eles recebem e só eles ministram aos outros. E quero que estes santíssimos mistérios sejam honrados e venerados acima de tudo e colocados em lugares preciosos. Os santíssimos nomes e palavras dele escritos, se por acaso eu os encontrar em lugares inconvenientes, quero recolhê-los e rogo que sejam recolhidos e colocados em lugar honesto. E a todos os teólogos e aos que ministram as santíssimas palavras divinas devemos honrar e venerar como a quem nos ministra espírito e vida (cf. Jo 6,64).

E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu devia fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever em poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou. E aqueles que vinham para assumir esta vida davam aos pobres tudo o que podiam ter (cf. Tb 3,1); e estavam contentes com uma só túnica, remendada por dentro e por fora, com o cordão e calções. E mais não queriam ter. e nós, clérigos, rezávamos o ofício como os outros clérigos, os leigos diziam os Pai-nossos (cf. Mt 6,9-13); e de boa vontade ficávamos nas igrejas. E éramos iletrados e submissos a todos e eu trabalhava com as minhas mãos (cf. At 20,34) e quero trabalhar; e quero firmemente que os outros irmãos trabalhem num ofício que convenha à honestidade. Os que não sabem trabalhar aprendam, não pelo desejo de receber o salário do trabalho, mas por causa do exemplo e para afastar a ociosidade. E quando não nos for dado salário, recorramos à mesa do Senhor, pedindo esmolas de porta em porta. Como saudação, o Senhor me revelou que disséssemos: o Senhor te dê a paz (cf. 2 Ts 3,16), cuidem os irmãos para não receber de modo algum igrejas, pequenas habitações pobrezinhas e tudo o que for construído para eles, se não estiver como convém conforme à santa pobreza que prometemos na regra, hospedando-se nelas sempre como forasteiros e peregrinos (cf. 1 Pd 2,11). Mando firmemente por obediência a todos os irmãos, onde quer que estejam, que não ousem pedir à Cúria Romana qualquer tipo de carta, nem por si, nem por pessoa intermediária, nem em favor de Igreja nem em favor de outro lugar sob pretexto da pregação, nem por perseguição de seus corpos; mas, se em algum lugar não forem aceitos, fujam para outra (cf. Mt 10,23) terra para fazer penitência com a benção de Deus.

Quero firmemente obedecer ao ministro geral desta fraternidade e a qualquer outro guardião que lhe aprouver dar-me. E quero de tal modo estar preso em suas mãos que eu não possa andar ou agir fora da obediência e da vontade dele, porque ele é meu senhor. E, embora eu seja simples e enfermo, quero, no entanto, ter sempre um clérigo que reze para mim o ofício, como consta na regra. E todos os outros irmãos sejam obrigados do mesmo modo a obedecer aos seus guardiães e a rezar o ofício, como consta na regra. E todos os outros irmãos sejam obrigados do mesmo modo a obedecer aos seus guardiães e a rezar o ofício segundo a regra. E se forem encontrados [irmãos] que não rezam o ofício segundo a regra e querem variar com outro modo ou que não são católicos, todos os irmãos, onde quer que estiverem, onde encontrarem alguns destes, por obediência sejam obrigados a apresentá-lo ao custódio mais próximo daquele lugar em que o encontraram. E o custódio seja firmemente obrigado por obediência a guardá-lo fortemente como a um homem prisioneiro de dia e de noite, de tal modo que não possa escapar de suas mãos, até que o entregue pessoalmente às mãos de seu ministro. E o ministro esteja firmemente obrigado por obediência a enviá-lo por tais irmãos, que o devem guardar de dia e de noite como a um homem prisioneiro, até que o apresentem diante do senhor de Óstia, que é o senhor, o protetor e o corretor de toda a fraternidade. E não digam os irmãos: esta é outra regra; porque esta é uma recordação, uma admoestação, uma exortação e o meu testamento que eu, Frei Francisco pequenino, faço para vós, meus irmãos benditos, para que observemos mais catolicamente a regra que prometemos ao Senhor.

E o ministro geral e todos os outros ministros e custódios estejam obrigados pela obediência a nada acrescentar ou diminuir (cf. Dt 4,2; 12,32) a estas palavras. E tenham sempre consigo este escrito junto à regra. E em todos os capítulos que realizarem, ao lerem a regra, leiam também estas palavras. E ordeno firmemente por obediência a todos os meus irmãos, clérigos e leigos, que não introduzam glosas na regra nem nestas palavras dizendo: assim devem ser entendidas. Mas, como o Senhor me concedeu de modo simples e claro dizer e escrever a regra a estas palavras, igualmente, de modo simples e sem glosa, as entendais e com santa operação as observeis até o fim. E todo aquele que estas coisas observar seja repleto no céu da benção do altíssimo Pai e na terra (cf. Gn 27,27-28) seja repleto de benção do dileto Filho com o Santíssimo Espírito Paráclito e com todas as virtudes dos céus e com todos os santos. E eu, Frei Francisco pequenino, vosso servo, quando posso, vos confirmo, interior e exteriormente esta santíssima benção. (Testamento, FFC, 2004: 188-191).

Anexo 2

A verdadeira e perfeita alegria (PA, FFC, 2004: 194)

O mesmo [frei Leonardo] contou na mesma ocasião que, um dia o bem aventurado Francisco, em Santa Maria, chamou frei Leão e disse: “frei Leão, escreve”. E este respondeu: “já estou pronto”. “escreve - disse – o que é a perfeita alegria. Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na ordem. Escreve que isto não é a verdadeira alegria. Igualmente que entraram na ordem todos os prelados ultramontanos, arcebispos e bispos, o rei da França e o rei da Inglaterra: escreve que isto não é a verdadeira alegria. Do mesmo modo, que os meus irmãos foram para o meio dos infiéis e os converteram todos à fé, e, além disso, que eu tenho tanta graça de Deus que curo os enfermos e faço muitos milagres: digo-te que em tudo isto não está a perfeita alegria. Mas o que é a verdadeira alegria? Volto de Perugia e chego aqui na calada da noite; e é tempo de inverno, cheio de lama e tão frio que gotas de água se congelam nas extremidades da túnica e [me] batem sempre nas pernas, e o sangue jorra de tais feridas. E totalmente na lama, no frio e no gelo, chego a porta e, depois de eu ter batido e chamado por muito tempo, vem um irmão e pergunta: quem és? Eu respondo: Frei Francisco. E ele diz: vai-te embora! Não é hora descente de ficar andando; não entrarás. E, como insisto, de novo ele responde: vai-te embora! Tu és simples e idiota. De maneira alguma serás acolhido junto a nós, somos tantos e tais que não precisamos de ti. E eu novamente me colocar de pé diante da porta e digo: por amor de Deus, acolhei-me por esta noite. E ele responde: não o farei. Vai ao lugar dos crucíferos e pede lá. Digo-te se eu tiver paciência e não ficar perturbado, nisto está a verdadeira alegria e a verdadeira virtude e a salvação da alma. (FFC, 2004: 194)

Anexo 3

Como a caminhar expôs São Francisco a Frei Leão as coisas que constituem a perfeita alegria. (Fior 7, FFC, 2004: 1501)

Vindo uma vez São Francisco de Perusa para Santa Maria dos Anjos com Frei Leão em tempo de inverno, e como o grandíssimo frio fortemente o atormentasse, chamou Frei Leão, o qual ia mais à frente, e disse assim: “Irmão Leão, ainda que o frade menor desse na terra inteira grande exemplo de santidade e de boa edificação, escreve, todavia, e nota diligentemente que nisso não está a perfeita alegria”.

E andando um pouco mais, chama pela segunda vez: “Ó irmão Leão, ainda que o frade menor desse vista aos cegos, curasse os paralíticos, expulsasse os demônios, fizesse surdos ouvirem e andarem coxos, falarem mudos, e mais ainda, ressuscitasse mortos de quatro dias, escreve que nisso não está a perfeita alegria”. E andando um pouco, São Francisco gritou com força: “Ó irmão Leão, se o frade menor soubesse todas as línguas e todas as ciências e todas as escrituras e se soubesse profetizar e revelar não só as coisas futuras, mas até mesmo os segredos das consciências e dos espíritos, escreve que não está nisso a perfeita alegria”.

Andando um pouco além, São Francisco chama ainda com força: “Ó irmão Leão, ovelhinha de Deus, ainda que o frade menor falasse com língua de anjo e soubesse o curso das estrelas e as virtudes das ervas; e lhe fossem revelados todos os tesouros da terra e conhecesse as virtudes dos pássaros e dos peixes e de todos os animais e dos homens e das árvores e das pedras e das raízes e das águas, escreve que não está nisso a perfeita alegria”. E caminhando um pouco, São Francisco chamou em alta voz: “Ó irmão Leão, ainda que o frade menor soubesse pregar tão bem que convertesse todos os infiéis à fé cristã, escreve que não está nisso a perfeita alegria”.

E durando este modo de falar pelo espaço de duas milhas, Frei Leão, com grande admiração, perguntou-lhe e disse: “Pai, peço-te, da parte de Deus, que me digas onde está a perfeita alegria”. E São Francisco assim lhe respondeu: “Quando chegarmos a Santa Maria dos Anjos, inteiramente molhados pela chuva e transidos de frio, cheios de lama e aflitos de fome, e batermos à porta do convento, e o porteiro chegar irritado e disser: ‘Quem são vocês?’; e nós dissermos: ‘Somos dois dos vossos irmãos’, e ele disser: ‘Não dizem a verdade; são dois vagabundos que andam enganando o mundo e roubando as esmolas dos pobres; fora daqui’; e não nos abrir e deixar-nos estar ao tempo, à neve e à chuva com frio e fome até à noite: então, se suportarmos tal injúria e tal crueldade, tantos maus tratos, prazenteiramente, sem nos perturbarmos e sem murmurarmos contra ele e pensarmos humildemente e caritativamente que o porteiro verdadeiramente nos tinha reconhecido e que Deus o fez falar contra nós: ó irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria. E se perseverarmos a bater, e ele sair furioso e como a importunos malandros nos expulsar com vilanias e bofetadas, dizendo: ‘Fora daqui, ladrõezinhos vis, vão para o hospital, porque aqui ninguém lhes dará comida nem cama’; se suportarmos isso pacientemente e com alegria e de bom coração, ó irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria. E se ainda, constrangidos pela fome e pelo frio e pela noite, batermos mais e chamarmos e pedirmos pelo amor de Deus com muitas lágrimas que nos abra a porta e nos deixe entrar, e se ele mais escandalizado disser: ‘Vagabundos importunos, pagar-lhes-ei como merecem’; e sair com um bastão nodoso e nos agarrar pelo capuz e nos atirar ao chão e nos arrastar pela neve e nos bater com o pau de nó em nó: se nós suportarmos todas estas coisas pacientemente e com alegria, pensando nos sofrimentos de Cristo bendito, as quais devemos suportar por seu amor; ó irmão Leão, escreve que aí e nisso está a perfeita alegria, e ouve, pois, a conclusão, irmão Leão. Acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede aos amigos, está o de vencer-se a si mesmo, e voluntariamente pelo amor suportar trabalhos, injúrias, opróbrios e desprezos,

porque de todos os outros dons de Deus não nos podemos gloriar por não serem nossos, mas de Deus, do que diz o Apóstolo: ‘Que tens tu que o não hajas recebido de Deus? E se dele o recebeste, por que te gloriasses como se o tivesses de ti?’ Mas na cruz da tribulação de cada aflição nós nos podemos gloriar, porque isso é nosso e assim diz o Apóstolo: “Não me quero gloriar, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Ao qual sejam dadas honra e glória in secula seculorum. Amém. (Fioretti 8, FFC, 2004: 1501)

Anexo 4

O ensinamento de São Francisco a Frei Leão de que só na cruz está a perfeita alegria. (Aff VII, FFC, 2004: 1132)

Num tempo de inverno, quando São Francisco vinha de Perúgia com Frei Leão a Santa Maria dos Anjos, e o frio o atormentava de maneira cortante, chamou Frei Leão, que ia um pouco à sua frente, dizendo: “Ó Frei Leão, embora os frades menores deem em toda a terra grande exemplo de santidade e de boa edificação, escreve, isto é, anota que aí não está a perfeita alegria”. E depois de andar um pouco, chamou-o de novo, dizendo: “Ó Frei Leão, enquanto o frade menor ilumine os cegos, endireite os corcundas, expulse demônios, restitua a audição aos surdos, o andar aos coxos e a fala aos mudos e, o que é mais ainda, ressuscite um morto (cf. Mt 11,4) de quatro dias, escreve que aí não está a perfeita alegria”. E outra vez clamando, dizia: “Ó Frei Leão, se o frade menor conhecesse as línguas de todos os povos, todas as ciências e as Escrituras, de modo que soubesse também profetizar (cf. 1 Cor 13,2) e revelar não somente as coisas futuras, mas também as consciências dos outros, escreve que aí não está a perfeita alegria”. E estando eles ainda a caminhar, clamou novamente: “Ó Frei Leão, ovelhinha de Deus, embora o frade menor

Fale a língua dos anjos (cf. 1 Cor 13,2) e conhecesse o curso das estrelas e as virtudes das ervas, e lhe fossem revelados todos os tesouros da terra, e conhecesse as virtudes das aves e dos peixes (cf. 1 Rs 4,33), dos animais e dos homens, das árvores e das raízes, das pedras e das águas, escreve bem e anota diligentemente que não está aí a perfeita alegria”. E um pouquinho depois, clamou: “Ó Frei Leão, conquanto o frade menor soubesse pregar tão solenemente a ponto de converter todos os infiéis à fé, escreve que aí não está a perfeita alegria”.

Durou este modo de falar bem por duas milhas. Frei Leão, então, admirando-se imensamente de tudo, disse: “pai, rogo-te da parte de Deus que me digas onde está a perfeita alegria”. Respondeu-lhe São Francisco: “quando chegarmos a Santa Maria dos Anjos tão banhados pela chuva e congelados pelo frio, também sujos pela lama e atormentados pela fome, e batermos à porta do eremitério e o porteiro vier irado, dizendo: ‘quem sois vós?’ e nós dissermos: ‘somos dois dos vossos irmãos’. E ele, pelo contrário, disser: ‘sois antes dois velhacos que andais percorrendo o mundo roubando as esmolas dos pobres!’ e [se] não nos abrir [a porta], mas nos deixar na neve e na água, no frio e a na fome até à noite. Então, se nós tolerarmos pacientemente injúrias e a repulsa sem perturbação e sem murmuração, e [se] pensarmos humilde e caritativamente que aquele porteiro verdadeiramente nos conhece que Deus excita a língua dele contra nós, ó Frei Leão, escreve que aí está a perfeita alegria. E se nós perseverarmos batendo [à porta] e o porteiro, perturbado como que contra importunos, sair e nos bater com duríssimas bofetadas, dizendo: ‘retirai-vos daqui, desprezíveis poltrões, e ide à hospedaria. Pois, quem sois vós? Aqui absolutamente não comereis!’ E se nós suportarmos estas coisas alegremente e recebermos as injúrias com amor de todo o coração, ó Frei Leão, escreve que aí está a perfeita alegria. E se nós, atormentados de todos os lados pela fome que urge, pelo frio que aflige, aproximando-se também à noite, batermos [à porta], gritarmos e insistirmos com pranto para que [a porta] nos seja aberta, e se ele, mais exasperado, disser: ‘estes são homens descarados e desaforados: eu os subjugarei!’ E se ele, saindo com um bastão nodoso e tomando-nos pelo capuz, lançar-nos por terra sobre a lama e a

neve a bater em nós com o predito bastão de modo a encher-nos de feridas por todos os lados, se tolerarmos tantos males, tantas injúrias e pancadas com alegria, pensando que devíamos tolerar os sofrimentos do Cristo bendito, ó Frei Leão, escreve que aí está a perfeita alegria. Porque – ouve a conclusão, Frei Leão – entre todos os carismas do Espírito Santo que Cristo concedeu e concede aos seus amigos está o de vencer-se a si mesmo e suportar ultrajes de bom grado por causa de Cristo e de caridade de Deus. Pois em nenhuma das mencionadas maravilhas podemos gloriar-nos, porque não são nossas, mas de Deus. O que tens, pois, que não recebeste? E se recebeste, por que te glorias, como se não tivesses recebido (cf. 1 Cor 4,7)? Mas podemos gloriar-nos na cruz da tribulação e da aflição, porque isto é nosso. Por isso, diz o apóstolo: Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Gl 6,14), a quem seja o louvor pelos séculos dos séculos. Amém”. (CA VII, FFC, 2004: 1132-1134)

Anexo 5

O desejo pelo qual foi levado primeiramente à Espanha para receber o martírio e depois à Síria; e como Deus, multiplicando os víveres, por meio dele libertou os navegantes do perigo. (1 Cel XX-55, FFC, 2004: 235)

Abrasando-se do amor divino, o beatíssimo pai Francisco esforçou-se sempre por lançar mão *a coisas mais valorosas* (cf. Pr 31,19) e, andando com o coração aberto no *caminho dos mandamentos* (cf. Sl 118,32) de Deus, desejava atingir o ápice da perfeição. No sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobre-maneira pelo desejo do martírio, quis atravessar o mar até às regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Depois que entrou num navio que para lá se dirigia, tendo soprado ventos contrários, encontrou-se com os demais navegantes nas regiões da Eslavônia. E, vendo-se frustrado em tão grande desejo, passado um pequeno intervalo de tempo, suplicou a alguns navegantes que se dirigiam a Ancona que o levassem consigo porque naquele ano dificilmente pôde algum navio atravessar para a região da Síria. E, recusando eles firmemente a fazê-lo pela falta [do pagamento] das despesas, o santo de Deus, confiando muito na bondade do senhor, entrou às escondidas no navio com o companheiro. Pela divina providência, apresentou-se alguém, desconhecido de todos, que trazia consigo as coisas necessárias em alimento, o qual chamou a si alguém do navio *que temia a Deus* (cf. Jó 1,1) e disse-lhe: “*Leva contigo* (cf. Tb 11,4) todas estas coisas e fornecerás com fidelidade *em tempo de necessidade* (cf. Sir 8,12) a esses pobres que se escondem no navio”. E assim aconteceu que, tendo surgido grande tempestade, depois que consumiram todos os víveres, *pelejando em remar* (cf. Mc 6,48) pó muitos dias, somente tinham sobrado os víveres do pobre Francisco. – Esses víveres, pela graça e poder divino, se multiplicaram tanto que, como ainda houvesse muitos dias de navegação, de sua abundância proveram plenamente às necessidades de todos até ao porto de Ancona. E assim, vendo os navegantes que tinham escapado dos perigos do mar por meio de Francisco, o servo de Deus, renderam Graças a *Deus onipotente* (cf. Sir 50,19) que sempre se mostra admirável e amável em seus santos.

Francisco, *o servo de Deus altíssimo* (cf. Dn 3,93), deixando o mar, caminha por terra e, *rasgando-a com o arado* (cf. Dt 21,3) da palavra, *semeia a semente* da vida, produzindo *fruto* (cf. Mt 13,3) bendito. Logo, muitos homens bons e idôneos, clérigos e leigos, *fugindo do mundo* (cf. 2Pd 1,4) e pisando virilmente o demônio, por graça e vontade do Altíssimo, seguiram-no devotamente na vida e no propósito. – Mas, embora a videira do Evangelho produza copiosos frutos escolhidíssimos, no entanto, de modo algum se esfria nele o sublime propósito e ardente desejo do martírio. De fato, *depois de não muito tempo* (cf. Mt 25,19), tomou o caminho de Marrocos para pregar o Evangelho de Cristo ao Miramolim e a seus

correligionários. Era levado por tão grande desejo que, de vez em quando, deixava para trás *o companheiro de sua peregrinação* (cf. 2Cor 8,19) e se apressava, ébrio em espírito, para alcançar o propósito. Mas o bom Deus, a quem unicamente por benignidade aprovou recordar-se de mim e de muitos, depois que ele chegou à Espanha, *opôs-se frontalmente a ele* (cf. Gl 2,11) e, para que não procedesse além, tendo-se manifestado uma doença, trouxe-o de volta da viagem iniciada.

Voltando ele a Santa Maria da Porciúncula, não muito tempo depois, alguns homens letrados e alguns nobres se juntaram a ele com muita satisfação. – Ele, como era muito nobre de espírito e discreto, tratando-os com honra e dignidade, colocava piedosamente o que era seu à disposição de cada um. Na verdade, dotado de especial discricção, considerava sabiamente em todos a dignidade dos graus. – Mas ainda não consegue descansar, sem seguir até ao fim de maneira mais fervorosa ainda o beato ímpeto de seu espírito. No décimo terceiro ano de sua conversão, dirigindo-se às regiões da Síria, como a cada dia recrudescessem batalhas fortes e duras entre cristãos e pagãos, tendo tomado consigo um companheiro, não teve medo de apresentar-se diante do sultão dos sarracenos. – Mas quem seria capaz de narrar com quanta virtude do espírito lhe falava, com quanta eloquência e confiança respondia aos que insultavam a lei cristã? Antes de ter acesso ao sultão, capturado pelos correligionários, atacado com ultrajes, castigado com açoites, não se amedronta; ameaçado com suplícios, não teme; com a morte planejada não se apavora. E, embora tivesse sido maltratado por muitos com ânimo bastante hostil e com espírito adverso, no entanto, foi recebido pelo sultão com muita honra. Honrava-o como podia e, tendo-lhe oferecido muitos presentes, tentava dobrar o espírito dele às riquezas do mundo; mas depois que o viu desprezar valorosamente tudo como esterco, encheu-se de máxima admiração e via-o como homem diferente de todos; ficou muito tocado pelas palavras dele e *ouvia-o de muito bom grado* (cf. Mc 6,20). – Em todas estas coisas o Senhor *não realizou o desejo* (cf. Sl 126,5) dele, reservando-lhe a prerrogativa de uma graça especial.

Anexo 6

Como em Damieta predisse a futura derrota dos cristãos. (2 Cel IV-30, FFC, 2004: 320)

No tempo em que o exército dos cristãos sitiava Damieta, *o santo de Deus* (cf. 2Rs 4,9; Mc 1,24) estava presente com seus companheiros: na verdade, haviam atravessado o mar pelo fervor do martírio. Então, *ao prepararem-se os nossos para o dia da batalha* (cf. Pr 21,31), tendo ouvido isto, o santo queixou-se profundamente da guerra. E disse a seu companheiro: “Se em tal dia acontecer o embate, *o Senhor me mostrou* (cf. 2Rs 8,10), os cristãos *não se sairão bem* (cf. Nm 14,41). Mas se eu disser isto, serei julgado como louco; se eu me calar, não escapo da consciência. Portanto, o que te parece?” O companheiro *respondeu-lhe, dizendo* (cf. Lc 3,16): “Pai, *não te importe que sejas julgado pelos* (cf. 1Cor 4,3) homens, porque não é agora que começa a ser julgado como louco. Descarrega tua consciência e teme *mais a Deus do que aos homens*” (cf. Lc 12,4-5; At 5,29). Então, o santo sai e dirige-se aos cristão com admoestações salutares, desaconselha a guerra, anuncia a derrota. A verdade torna-se *fábula* (cf. Tb 3,4), *eles endurecem o coração* (cf. Jo 12,40) e não quiseram ser advertidos. Vai-se, combate-se, guerreia-se e os nossos são acuados pelos inimigos. E, durante a batalha, com espírito preocupado, o santo manda o companheiro *levantar-se para olhar* (cf. Nm 22,20.41); e manda olhar pela terceira vez quem nada viu na primeira e na segunda. E eis! Toda a cavalaria dos cristãos *voltada para a fuga* (cf. Jr 49,24), trazendo o fim da guerra a vergonha, não o triunfo. E por esta grande derrota o número dos nossos diminuiu tanto que houve seis mil entre mortos e prisioneiros. A compaixão para com eles consumia o santo, e não menos os consumia o arrependimento pelo acontecido. E lamentava principalmente os espanhóis, pois via que a coragem mais pronta deles nas armas deixara muito poucos. –

Conheçam estas coisas os príncipes da terra (cf. 1Cr 28,21; Sl 18,5), e saibam que *não é fácil lutar contra Deus* (cf. Sir 46,8), isto é, *contra a vontade do Senhor* (cf. 2Cor 8,5). Costuma terminar em desgraça o atrevimento que, enquanto se apoia em suas próprias forças, não merece o auxílio celeste. Se, pois, a vitória deve ser esperada do alto, as batalhas devem ser combatidas com espírito divino.

Anexo 7

Como desejava ser mártir; como salvou os marinheiros do perigo do mar e como apareceu diante do sultão. (Jul VII-34, FFC, 2004: 525)

Animado pelo ardentíssimo desejo do martírio, no sexto ano de sua conversão, o bem-aventurado Francisco se propôs viajar para os lados da Síria, a fim de anunciar aos sarracenos o Evangelho de Jesus Cristo. Assim, iniciou a viagem para a Síria; mas, por causa dos ventos contrários, o navio no qual viajava aportou na Eslavônia. Ouvindo, porém, através dos marinheiros, que naquele ano a nave não poderia partir para a Síria, não podendo satisfazer o seu desejo, conseguiu a custo embarcar em outro navio que se dirigia para Ancona, porque os marinheiros temiam não receber o pagamento das despesas. Naquela ocasião, por meio dele *o Senhor fez um memorial das suas maravilhas* (Sl 110,4).

De fato, no mar levantou-se uma grande e longa tempestade e, depois de muitas fadigas, os próprios marinheiros ficaram sem ter o que comer; e foram salvos do perigo da morte, exatamente por meio daquele ao qual haviam negado subir ao navio por medo de ficar sem comida. Com efeito, com a ajuda do Senhor e às escondidas, o bem-aventurado Francisco havia trazido consigo alguma coisa; embora não tanto que bastasse para muita gente. Contudo, por seu mérito e pelo poder divino, tudo aumentou tanto e foi tão abundante que supriu as necessidades de todos até o porto de Ancona, embora ainda restassem muitos dias de viagem. Vendo isso, os marinheiros agradeceram imensamente ao clemetíssimo Salvador de todos, porque, graças ao seu servo Francisco, os havia livrado do perigo da morte.

Quando o santo homem desceu em terra, recomeçou a lançar as sementes da palavra divina, das quais recolheu o fruto, porque muitos homens idôneos se puseram a segui-lo.

Mas não esmoreceu nele o ardente desejo de martírio, de forma que, pouco depois, se pôs novamente a caminho, em direção a Marrocos, a fim de pregar a fé de Cristo ao Miramolim e a seus correligionários. Por vezes, caminhava com tal disposição que, indo à frente sozinho por causa do fervor de espírito, deixava para trás seu companheiro de peregrinação.

Todavia, quando com todo o fervor andava já pela Espanha, para a salvação de muitos outros o Senhor dispôs diversamente; apareceram-lhe diversas e gravíssimas enfermidades físicas, de modo que regressou à Itália.

De regresso, por pouco tempo fixou morada em Santa Maria de Porciúncula. Nessa época, recebeu na Ordem alguns letrados e nobres, pelos quais teve uma discrição mais atenta do que o digno e admirável cuidado que dedicava aos outros.

Todavia, embora contra a vontade fosse constrangido a protelar o seu propósito, o santo nunca desistiu do fervente desejo de martírio; até que, no décimo terceiro ano de sua conversão, atravessou o mar em direção à Síria. E mesmo que na ocasião lá se travassem diários combates entre cristãos e infiéis, *confiando no Senhor* (Fl 2,24), ele não teve medo de dirigir-se ao sultão, apesar do evidente perigo.

Tendo enfrentado muitas e graves agressões e ofensas antes de chegar, finalmente conseguiu aparecer diante do próprio sultão. Seria longo narrar com quanta força de ânimo esteve em sua presença, com quanta eloquência rebateu as palavras dos que ladravam contra a fé cristã. O sultão, porém, recebeu-o com a máxima honra e ofereceu-lhe muitos e preciosos presentes. O santo de Deus, no entanto, considerava tudo aquilo um desprezível esterco. Por isso, o

sultão ficou ainda mais admirado diante de um homem tão diferente dos outros e o ouviu com a maior atenção. – Mas nem com tudo isso *o ditoso homem viu cumprido o seu desejo* (Sl 126,5); por uma graça especial, o Senhor lhe reservou o privilégio de carregar, de forma mais admirável, os sinais das chagas.

Anexo 8

(LM III-9, FFC, 2004: 702)

Especialmente a partir disso se pode perceber o fervor da perfeita caridade com o qual o amigo do Esposo era transportado para Deus: desejava ardentemente oferecer-se a si mesmo ao Senhor como *hóstia viva* (cf. Rm 12,1) por meio da chama do martírio. Pois, por três vezes empreendendo viagem por causa disto às regiões dos infiéis, mas duas vezes proibido pela disposição divina, , finalmente na terceira vez, depois de inúmeras injúrias, açoites e inúmeras fadigas, foi conduzido à presença do sultão da Babilônia e, estando Deus a guiá-lo, *anunciava Jesus em tão eficaz demonstração do espírito e da virtude* (cf. 1Cor 2,4; At 5,12) que o próprio sultão se admirava e, voltando à mansidão por vontade divina, lhe prestava ouvidos benignos. Na verdade, percebendo nele o fervor do espírito, a firmeza de ânimo, o desprezo da vida presente e a eficácia da palavra divina, teve para com ele tanta devoção que com grande honra o conduzia, lhe oferecia preciosos presentes e insistentemente o convidava a prolongar sua demora junto dele. Mas o verdadeiro desprezador do mundo e de si mesmo, desprezando todas as coisas oferecidas como lama e vendo que não podia alcançar o seu propósito – depois que fez em disfarce o que pôde para alcançá-lo -, advertido por uma revelação, voltou para os países dos fiéis. E assim aconteceu que o amigo de Cristo procurou, com todas as forças, a morte por amor dele e, no entanto, não a encontrava de maneira alguma, e não lhe faltou este mérito do desejado martírio, pois ele estava reservado para ser futuramente marcado com um privilégio especial.

Anexo 9

(LM IX-5-9, FFC, 2004: 611)

Com o fervoroso fogo da caridade, tentava imitar o glorioso triunfo dos santos mártires, nos quais a chama do amor não pôde nem extinguir-se nem a fortaleza enfraquecer-se. Por esta razão, desejava também ele, inflamado por aquela perfeita caridade *que lança fora o temor* (1Jo 4,18), oferecer-se ao Senhor, pelas chamadas do martírio, como *hóstia viva* (cf. Rm 12,1), para pagar na mesma moeda a Cristo que morreu por nós e para estimular os outros ao amor de Deus. De fato, no sexto ano de sua conversão, ardendo de desejo do martírio, resolveu atravessar o mar até às regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. E como tivesse subido num navio que se dirigia para lá, soprando *ventos contrários* (Mt 14,24; Mc 6,48), foi compelido a aportar na costa da Eslavônia. Depois de ter permanecido aí por algum tempo e não podendo encontrar um navio que então fizesse a travessia, sentindo-se frustrado em seu desejo, pediu a alguns navegadores que se dirigiam a Ancona que, por amor a Deus, o levassem consigo. Mas, recusando eles firmemente por falta [do pagamento] das despesas, o homem de Deus, confiando muito na bondade de Deus, subiu às escondidas no navio com seu companheiro. Apresentou-se um homem – como se crê – enviado por Deus em auxílio a seu pobre, o qual, trazendo consigo os víveres necessários, disse a alguém do navio *que temia a Deus* (cf. Jó 1,1): “Guarda tudo isto fielmente para os irmãos pobres que se escondem no navio e fornece-lhes amigavelmente *no tempo da necessidade!*” (cf. Sir 8,12). E assim aconteceu que, não conseguindo os navegadores durante muitos dias aportar em parte alguma por causa da força dos ventos, foram consumidos todos os alimentos deles, e sobrava unicamente a esmola trazida do alto ao pobre Francisco. E como

esta fosse muito pouca, recebeu pelo poder divino tanto aumento que, permanecendo no mar por muitos dias por causa da tempestade até ao porto de Ancona, proveu plenamente as necessidades de todos. E assim, vendo os navegadores que por meio do servo de Deus escaparam dos muitos perigos da morte, como quem sentiu os horrendos perigos do mar e *viram as obras do Senhor em alto-mar* (cf. Sl 106,24), renderam graças *ao Deus onipotente* (cf. Sir50,19) que se mostra sempre admirável e amável em seus amigos e servos.

E, tendo abandonado o mar, ao começar a percorrer a terra e lançar nela a semente da salvação, colhia messes frutuosas. E o porque o fruto do martírio atraía tanto o coração dele que desejava ardentemente acima de todos os méritos da virtude a morte preciosa por Cristo, empreendeu viagem para Marrocos para pregar o Evangelho de Cristo ao Miramolim e sua gente, contanto que de algum modo pudesse alcançar a palma do martírio. E era transportado por tão grande desejo que, embora fosse de compleição frágil, corria na frente de se *companheiro de peregrinação* (cf. 2Cor 8,19) e, apressado para alcançar o propósito, voava como um ébrio de espírito. Mas, depois que chegou à Espanha, por divina disposição que o reservava para outras coisas, sobreveio-lhe gravíssima enfermidade; impedido por esta, não conseguiu realizar o que queria. Sentindo então o homem de Deus que a vida dele na carne ainda era necessária à prole que gerara, embora julgasse que a morte para ele fosse lucro, voltou *para apascentar as ovelhas* (cf. Jo 21,17) confiadas aos seus cuidados.

E, impelindo o ardor da caridade o espírito dele ao martírio, ainda uma terceira vez tentou partir para o meio dos infiéis para dilatar a fé na Trindade pela efusão de seu sangue. No décimo terceiro ano de sua conversão, dirigindo-se às regiões da Síria, expôs-se constantemente a muitos perigos para poder ir à presença do sultão da Babilônia. Entre cristãos e sarracenos havia então uma guerra tão implacável – estando os acampamentos dos exércitos postados aqui e ali no campo um diante e perto do outro – que o caminho de mútuo trânsito não estava livre sem perigo de morte. De fato, emanara do sultão um edito cruel de que todo aquele que trouxesse a cabeça de algum cristão receberia um bizâncio de ouro como recompensa. E Francisco, intrépido cavaleiro de Cristo, esperando em breve alcançar seu propósito, decidiu tomar o caminho, não amedrontado pelo pavor da morte, mas provocado pelo desejo [dela]. Tendo feito antes uma oração, confortado pelo Senhor (cf. 1Sm 30,6), ele cantava com confiança aquela palavra do profeta: *Se eu ando no meio da sombra da morte, não temerei os males, porque estais comigo* (Sl 22,4).

Portanto, tendo tomado como companheiro o irmão de nome Iluminado, homem realmente de luz e virtude, depois que iniciaram a viagem, encontraram duas ovelhinhas; alegrando-se por tê-las visto, o santo homem disse ao companheiro: “*Confia no Senhor* (cf. Sir 11,22), irmão, pois em nós se cumpre aquela palavra do Evangelho: *Eis que vos envio como ovelhas em meio dos lobos*” (Mt 10,16). E, como tivessem andado mais longe, vieram ao encontro deles os guardas do sarraceno, os quais, como lobos que correm contra as ovelhas, os pegaram com crueldade e desprezo, infligindo-lhes insultos, atormentando-os com açoites e prendendo-os com cadeias. Finalmente, conduziram-nos ao sultão multiplamente afligidos e maltratados, por disposição da divina providência, de acordo com o desejo do homem de Deus. Então, como aquele príncipe perguntasse por quem, a que e como foram enviados e de que modo tinham chegado, Francisco, o servo de Cristo, respondeu que tinha sido enviado não por homem, mas pelo Deus altíssimo, para mostrar a ele e a seu povo a via da salvação e anunciar-lhes o Evangelho da verdade. E pregou ao predito sultão com tanta firmeza da alma, com tanta virtude de ânimo e com tanto fervor de espírito o Deus Trino e Uno e Jesus Cristo Salvador que ficava claro que nele se cumpria verazmente aquela palavra do Evangelho: *Darvos-ei boca e sabedoria a que não poderão resistir todos os vossos inimigos* (Lc 21,15). E o sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor de espírito e a virtude, *ouvia-o com prazer* (cf. Mc 6,10) e convidava-o com insistência a morar com ele. E o servo de Cristo, iluminado por um oráculo do alto, disse: “Se queres converter-te, tu com teu povo, a Cristo,

por amor a ele morarei convosco de muito boa vontade. Se ainda hesitas deixar a lei de Maomé pela fé em Cristo, manda que seja aceso um grande fogo, e eu entrarei nele com teus sacerdotes, para que assim reconheças qual fé deve ser com razão considerada mais certa e mais santa”. Disse-lhe o sultão: “Não creio que algum dos meus sacerdotes queira expor-se ao fogo para defender sua fé ou padecer alguma espécie de tormento”. De fato, ele vira que um de seus presbíteros, homem autêntico e ancião, tendo ouvido isto, imediatamente fugiu da presença deles. Disse-lhe o santo homem: “Entrarei sozinho no fogo, se queres prometer-me, por ti e por teu povo, que vos convertereis a Cristo, se eu sair ileso dele; e se eu for queimado, seja imputado aos meus pecados; mas se a virtude divina me proteger, reconheceréis o *Cristo, poder e sabedoria de Deus, verdadeiro Deus e Senhor Salvador* (cf. 1Cor 1,24; Jo 17,3; 4,42) de todos”. E o sultão respondeu que não ousava fazer esta opção porque temia uma revolta do povo. Ofereceu-lhe no entanto, muitos presentes preciosos que o homem de Deus, ávido não das coisas mundanas, mas da salvação das almas, desprezou todos como lama. O sultão, vendo o santo homem tão perfeito desprezador das coisas do mundo, movido de admiração, concebeu maior devoção para com ele. E embora não quisesse passar à fé cristã, ou talvez não o ousasse, no entanto, rogou devotamente ao servo de Cristo que aceitasse os presentes [presentes], para dá-los aos cristãos pobres ou às igrejas pela salvação de sua alma. E ele, porque fugia do peso do dinheiro e não via no espírito do sultão a raiz da verdadeira piedade, de maneira alguma aquiesceu.

Vendo também que não tinha proveito na conversão daquela gente nem podia *conseguir seu propósito* (cf. 2Tm 3,10), advertido por revelação divina, voltou às regiões dos fiéis. – Assim, por disposição da clemência de Deus e por merecimento da virtude do homem de Deus, misericordiosa e admiravelmente aconteceu que o amigo de Cristo procurava a morte por ele com todas as forças e de maneira alguma a encontrava, de modo que não lhe faltava o mérito do desejado martírio, e era reservado para mais tarde ser marcado por um especial privilégio. E, assim, realmente aconteceu que aquele fogo divino se acendia ainda mais perfeitamente no coração dele, para depois mais claramente manifestar-se na carne. Oh homem verdadeiramente bem-aventurado, cuja carne conquanto não tenha sido atravessada pela espada tirânica, no entanto, não está privada da semelhança do *Cordeiro imolado* (cf. Ap 5,12). Digo: Oh homem verdadeira e plenamente bem-aventurado, cuja alma, “embora a espada do perseguidor não a tenha tirado, no entanto, não perdeu a palma do martírio!”

Anexo 10

Como o sultão da Babilônia se converteu à fé e foi batizado por irmãos enviados pelo bem-aventurado Francisco. (AtF XXVII, FFC, 2004: 1178-1180)

Nosso santíssimo pai Francisco, impelido pelo zelo da fé e pelo fervor do martírio, atravessou ao ultramar com doze santíssimos companheiros seus, propondo dirigir-se diretamente ao sultão.

Então, quando chegou às terras dos pagãos, nas quais guardavam as estradas homens tão cruéis que nenhum cristão que passasse por ali podia escapar da morte, com a disposição de Deus, eles, de fato, se esquivaram da morte. No entanto, capturados e atormentados de múltiplos modos e fortemente amarrados, eles foram conduzidos ao sultão; na presença dele, São Francisco, instruído pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé católica que se ofereceu para comprová-la através do fogo. Ao ver isto, o sultão concebeu grande devoção para com ele tanto pela constância da fé quanto pelo desprezo do mundo – pois ele, ainda que paupérrimo, nada quis receber do mesmo [sultão] – quanto também pelo fervor do martírio. E a partir de então ouvia-o de muito bom grado, e rogou que viesse encontrá-lo com frequência. E, ademais, permitiu generosamente a São Francisco e aos companheiros poderem pregar

livremente, em qualquer lugar que quisessem. E deu-lhes uma bandeirinha, à vista da qual por ninguém fossem maltratados.

Obtida, portanto, esta generosa licença, São Francisco enviou dois a dois aqueles seus companheiros escolhidos por toda parte às diversas plagas dos pagãos; dentre as quais ele próprio escolheu uma com seu companheiro. Como ele tivesse chegado a uma hospedaria onde lhe era necessário hospedar-se para um descanso, encontrou ali uma mulher realmente formosa quanto ao rosto, mas muito feia de espírito, a qual pediu a São Francisco um ato muito mau. Ele lhe disse: “Aceito o que dizes”. Disse ela: “Então, vamos e preparemos o leite”. E São Francisco disse: “Vem comigo e eu te mostrarei o mais belo leite”. E conduziu-a ao maior fogo que então estava aceso naquela casa. E, despindo-se no fervor do espírito, deitou-se nu naquela lareira em chamas como se [fosse] num leite; e chamando-a dizia: “Despe-te e apressa-te em gozar deste leite esplêndido, florido e admirável, porque aqui convém que estejas, se queres obedecer-me!” Aquele fogo, no entanto, não fez qualquer mal a São Francisco, mas sobre aquela lareira tão ardentemente em chama, com rosto alegre, ele se deitava como se fosse sobre flores. E aquela mulher, vendo coisas tão admiráveis e ficando estupefata, se converteu ao Senhor Jesus Cristo não apenas do esterco do pecado, mas também das trevas da infidelidade, e se tornou de tão admirável santidade e graça que, com os auxílios dos méritos do santo pai, conquistou, naquelas plagas, muitas almas para o Senhor.

Vendo, porém, São Francisco que aí não conseguia produzir fruto, por revelação do Senhor, resolveu, depois de ter reunido de novo os companheiros, retornar às terras dos fiéis; e voltando ao sultão, informou-lhe o propósito de seu retorno. E o sultão [lhe] disse: “Frei Francisco, eu de bom grado me converteria à fé de Cristo, mas temo fazê-lo agora, porque estes [meus homens], se percebessem, imediatamente matariam a mim e a ti juntamente com teus companheiros. Como ainda podes ser muito útil e já que eu tenho que me desimpedir de uns grandes negócios para salvação de [minha] alma, de bom grado eu não gostaria de induzir tão repentina morte minha e tua; mas indica-me o modo pelo qual eu serei salvo, e eu estou preparado para obedecer em tudo”. Disse-lhe São Francisco: “Senhor, na verdade, retirar-me-ei agora; mas, depois que eu tiver voltado à minha terra e, chamando-me Deus, tiver passado ao céu, enviar-te-ei, depois de minha morte, segundo a disposição divina, dois dos meus irmãos, dos quais receberás o batismo e te salvarás, como me revelou o Senhor Jesus Cristo. E tu, neste meio tempo, desembaraça-te de todo negócio para que, quando vier a graça de Deus, ela te encontre preparado pela fé e pela vocação. Assentindo com alegria, o sultão obedeceu-lhe fielmente. E São Francisco, despedindo-se dele, voltou para as terras dos fiéis com aquele venerando colégio de santos companheiros.

Depois de alguns dias, o sultão adoeceu; e, esperando a promessa do santo, que já havia migrado à vida de beatitude, colocou observadores às saídas das portas para que, quando dois irmãos aparecessem trajando o hábito de São Francisco, eles os conduzissem às pressas até ele. E, naquele [mesmo] tempo, apareceu o bem-aventurado Francisco a dois irmãos seus e ordenou-lhes que sem demora se dirigissem ao sultão e cuidassem diligentemente da salvação dele, como lhe prometera. Eles executaram devotamente a ordem; e, atravessando o mar, foram conduzidos pelos mencionados observadores ao sultão, quando os viu, o sultão *alegrou-se com intenso júbilo* (cf. Mt 2,10), dizendo: “Agora sei verdadeiramente que o Senhor [me] enviou (cf. At 12,11) seus servos; porque, como São Francisco prometeu, revelando-lhe o Senhor, assim cuidou de mim, enviando-os solícitamente para minha salvação. O sultão, recebendo pelos ditos irmãos os ensinamentos da fé e o santo batismo, regenerado na própria enfermidade, migrou no Senhor ao júbilos eternos, e sua alma foi salva pelos méritos do santo pai.

Para o louvor e glória do Senhor.

Anexo 11

Frei Iluminado

(Em Oliger L. Liber exemplorum Fratrum Minorum saeculi XIII. In: *Antonianum* 2 (1927) 250-251, n. 98-99) (Tm, FFC, 2004: 1417)

Narrava o ministro geral (São Boaventura) que o companheiro do bem aventurado Francisco (Frei Iluminado), que o acompanhara quando foi ao sultão da Babilônia, costumava contar estas coisas. Quando esteve – disse – na corte do sultão, este quis provar a fé e devoção que o bem-aventurado Francisco mostrava ter para com Nosso Senhor Crucificado com este teste. Mandou que se estendesse diante de si um belo tapete quase totalmente decorado com os sinais da cruz, e disse aos presentes. “Que se chame agora este homem que parece ser um verdadeiro cristão; e se, vindo até mim, ele pisar sobre os sinais da cruz no tapete, dir-lhe-emos que injuriou ao seu Senhor. Se, porém, não quiser atravessar, dir-lhe-ei por que desdenha aproximar-se de mim.” E, chamado o homem cheio de Deus – e bem instruído a partir desta mesma plenitude tanto no agir quanto em responder –, ele, atravessando o tapete, aproximou-se livremente até ao sultão. Então o sultão, julgando o motivo pelo qual repreenderia ao homem de Deus, como se tivesse injuriado ao Cristo Senhor, disse: “Vós, cristãos, adorais a cruz como especial sinal de Deus. Então, por que não hesitaste em calcar com os pés os sinais da cruz?” Respondendo, disse o bem-aventurado Francisco: “Deveis saber que com nosso Senhor foram crucificados dois ladrões; nós temos a verdadeira cruz de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e adoramos e abraçamos com toda a devoção; logo, tendo sido dada a nós a santa cruz do Senhor, foram deixadas a vós as cruzes dos ladrões; e, por isso, não hesitei em atravessar sobre os sinais dos ladrões. Pois junto de vós não há nada da santa cruz”.

O mesmo sultão apresentou-lhe outra questão, dizendo: “Vosso Senhor ensinou nos seus Evangelhos que não deveis retribuir o mal pelo mal, nem defender o manto, etc.; com maior razão não devem os cristãos invadir nossas terras”. Disse-lhe o bem-aventurado Francisco: “Não parece que tendes lido todo o Evangelho de Cristo nosso Senhor; pois, em outro lugar ele diz: Se teu olho te escandaliza, arranca-o e lança-o longe de ti, etc.; por meio disto, na verdade, ele quis ensinar-nos que nenhum homem nos é tão caro ou tão próximo, mesmo se nos fosse caro como o olho da cabeça, que não devemos separar, arrancar e erradicar totalmente, se ele tentar desviar-nos da fé e do amor de nosso Deus. Exatamente por causa disto, os cristãos invadem com justiça a vós e as terras que ocupais, porque blasfemais o nome de Cristo e desviais do culto dele os que podeis. Se, porém, quiserdes conhecer, confessar e adorar o criador e redentor, eles vos amariam como a si mesmos”. Até os que estavam presentes se admiraram das respostas dele.

Anexo 12

Crônica de Ernoul

(Em *Chronique d’Ernoul et de Bernard Le Trésorier*, c. 37. In: Golubovich, *BBT* I, p. 12-13) (Tm, FFC, 2004: 1428)

Agora vos direi de dois clérigos que estiverem no acampamento em Damietta. Eles foram ao cardeal, dizendo que queriam ir pregar ao sultão e que não queriam ir sem licença. E o cardeal disse-lhes que eles não iriam nem com sua licença nem com sua ordem, porque ele conscientemente não queria dar licença de ir a tal lugar onde eles seriam mortos; porque ele sabia bem que, se eles fossem, não retornariam jamais. Eles lhe disseram que, se fossem, ele não teria nenhuma culpa, porque ele não os enviou para lá, mas apenas permitia que eles

fossem. Insistiram muito. Quando o cardeal viu que eles tinham tão grande vontade de ir, disse-lhes: “Senhores, eu não sei o que há em vossos corações e em vossos pensamentos, nem se eles são bons ou maus; mas, se vós fordes para lá, cuidai para que vossos corações e vossos pensamentos estejam sempre no Senhor Deus”. Eles disseram que só queriam ir em vista de um grande bem, se aí pudessem realizá-lo. Então, o cardeal disse que bem podiam ir, se eles quisessem, mas isso não era com sua licença.

Então, os clérigos partiram do acampamento dos cristãos e foram ao acampamento dos sarracenos. Quando os sarracenos que faziam a sentinela do exercício deles os viram chegar, pressupuseram que eles vinham como mensageiros ou para renunciar [à fé]. Foram ao encontro deles, prenderam-nos e levaram-nos à presença do sultão. Quando eles chegaram diante do sultão, eles o saudaram; o sultão saudou-se também, depois perguntou se eles queriam ser sarracenos ou se eles tinham vindo como mensageiros; e eles responderam que jamais seriam sarracenos; mas que eles haviam vindo ter com ele como mensageiros da parte do Senhor Deus e para entregar sua alma a Deus. “Se vós não quereis crer – dizem eles –, nós entregaremos vossa alma a Deus, porque nós vos dizemos em verdade que, se morreres nesta lei em que vos encontrais, vós estais perdidos, nem Deus terá mais vossa alma. E é por isso que viemos a vós. Se vós quiserdes ouvir-nos e escutar-nos, nós vos mostraremos com correta argumentação – diante dos mais sábios de vossa terra, se vós os mandardes [chamar] – que vossa lei é falsa”.

O sultão respondeu-lhes que ele tinha na sua lei arcebispos, bispos e bons clérigos e que sem eles jamais podia ouvir o que eles (os frades) tinham a dizer. Os clérigos responderam-lhe: “Estamos muito alegres por isso; mandai-os [chamar], e se eles quiserem ouvir-nos e escutar-nos e se nós não pudermos mostrar-lhes por correta argumentação que é verdade o que vos dizemos – que vossa lei é falsa –, mandai cortar-nos as cabeças”. O sultão mandou chamá-los, e eles vieram até ele em sua tenda. E assim se reuniram os maiores homens e os mais sábios de sua terra e os dois clérigos.

Quando eles estavam todos juntos, o sultão lhes disse por que os tinha mandado [chamar], contou-lhes por que eles estavam reunidos e o que os clérigos lhe tinham dito e por que eles haviam vindo. E eles lhe responderam: “Senhor, tu és a espada da fé e assim debes mantê-la e guardá-la. Nós te ordenamos, da parte de Deus e de Maomé, que no-la deu, que tu faças cortar as cabeças deles, porque não ouviremos as coisas que eles dizem; e também te proibimos que ouças as coisas que eles dizem, porque a lei proíbe que alguém ouça qualquer pregação. E se há alguém que queira pregar ou falar contra a lei, a lei manda que se lhe corte a cabeça. E por isso nós te ordenamos, da parte de Deus e da parte da lei, que tu lhes faça cortar as cabeças, porque assim o manda a lei”.

Então, pediram licença, saíram e não quiseram mais ouvir. E permaneceram o sultão e os dois clérigos. Então o sultão lhes disse: “Senhores, eles me disseram, da parte de Deus e da lei, que eu vos faça cortar as cabeças, porque assim manda a lei; mas irei contra o mandado [da lei], não vos farei cortar a cabeça, porque vos daria má recompensa pelo fato de que vós conscientemente vos aventurastes a morrer para entregar minha alma a Deus”. Depois, o sultão lhes disse que, se eles quisessem morar com ele, ele lhes daria grandes terras e grandes possessões; e eles lhe disseram que não morariam lá jamais, pois que ele não os queria ouvir nem escutar; e eles iriam voltar ao acampamento dos cristãos, se suas ordens lhes permitissem.

Então, o sultão lhes disse que de boa vontade os faria conduzir a salvo ao acampamento dos cristãos. Depois disso, mandou trazer-lhes ouro, prata e tecidos de seda em grande quantidade e mandou que eles tomassem aquilo que quisessem. Eles disseram que não tomariam nada, pois que eles não podiam ter a alma dele com o Senhor Deus; porque mais caro teriam a alma dele com o Senhor Deus do que se eles tivessem tido tudo quanto ele tinha de valioso para eles; mas que fizesse dar-lhes de comer, pois partiriam, visto que nada mais podiam fazer. O

sultão mandou dar-lhes comida em abundância; eles se despediram do sultão, e ele os mandou conduzir a salvo até ao acampamento dos cristãos.

Anexo 13
(LM XI-3, FFC, 2004: 621)

Também nele se manifestou tanto o espírito de profecia que previa as coisas futuras, via as coisas ocultas dos corações, percebia as ausentes como presentes e maravilhosamente se mostrava presente aos ausentes. No tempo em que o exército dos cristãos sitiava Damietta, o homem de Deus estava presente, não munido com armas, mas com a fé. E como no dia da guerra os cristãos se preparassem para a batalha, tendo ouvido isto, o servo de Cristo gemeu fortemente e disse a seu companheiro: “*O Senhor mostrou-me que não dará certo* (cf. 2Rs 8,10; Nm 14,41) para os cristãos, se for tentado o ataque da guerra; mas, se eu disser isto, serei considerado louco; se eu me calar, não escaparei da consciência. Portanto, que te parece?” Respondeu-lhe o companheiro, dizendo: “*Irmão, não te preocupes absolutamente que sejas julgado* (cf. 1Cor 4,3) pelos homens, porque não é agora que comesas a ser considerado louco. Descarrega tua consciência e teme *antes a Deus do que aos homens*” (cf. At 5,29). Tendo ouvido isto, o arauto de Cristo, saindo, se dirige aos cristãos com salutares conselhos, opõe-se à guerra, anuncia a derrota. “*A verdade torna-se fábula, eles endureceram seu coração* (cf. Tb 3,4; Jo 12,40) e não quiseram voltar atrás. Vai-se, trava-se combate, guerreia-se, e a cavalaria cristã toda é posta em fuga, trazendo o fim da batalha a desonra, não o triunfo. E por esta grande derrota o número dos cristãos diminuiu tanto que houve cerca de seis mil entre mortos e prisioneiros. Nisto se soube com evidência que não se devia desprezar a sabedoria do pobre, pois que *a alma do homem justo anuncia de vez em quando coisas mais verdadeiras do que sete sentinelas postadas no alto para fazer a vigia* (cf. Sir 37,18).

Anexo 14
***Jacques de Vitry - Carta escrita de Damietta em fevereiro ou março de 1220* (Tm, FFC, 2004: 1423)**

O senhor Rainério, prior de São Miguel, entrou na Religião dos Frades Menores. Esta Religião muito se multiplica por todo o mundo, visto que imita a forma da Igreja primitiva e em tudo a vida dos apóstolos. O mestre destes frades chama-se Frei Francisco, que é tão amável que é venerado por todos os homens; quando veio ao nosso exército, inflamado pelo zelo da fé, não teve medo de ir ao exército dos nossos inimigos; e como durante muitos dias tivesse pregado a palavra do Senhor aos sarracenos e tivesse tido pouco proveito, então o sultão, rei do Egito, pediu-lhe em segredo que suplicasse ao Senhor por ele para que, por inspiração divina, aderisse à Religião que mais agrada a Deus. Entrou nesta Religião o inglês Collins, clérigo nosso; e também dois outros dos companheiros, a saber, o mestre Miguel e o senhor Mateus, a quem eu entregara o cuidado da Igreja de Santa Cruz; com dificuldade consigo reter Cantor, Henrique e outros.

Anexo 15
Natal em Greccio
(LM X-7, FFC, 2004: 619)

E aconteceu, no terceiro ano antes de sua morte, na aldeia de Greccio, que ele decidiu celebrar a memória do nascimento do Menino Jesus com a maior solenidade que pudesse para reavivar a devoção. E para que isto não pudesse ser tachado como novidade, tendo pedido e obtido a licença do sumo pontífice, mandou que fosse preparado o presépio, que fosse trazido o feno e que fossem conduzidos o boi e o burro ao eremitério. Os irmãos são convocados, as pessoas

chegam, o bosque faz ressoar as vozes, e aquela noite venerável se torna esplendente e solene com luzes copiosas e claras e com louvores sonoros e harmoniosos. O homem de Deus estava de pé diante do presépio, repleto de piedade, banhado de lágrimas e transbordando de alegria. A solenidade da missa é celebrada sobre o presépio, cantando o Evangelho Francisco, o levita de Cristo. Em seguida, ele prega ao povo, que estava ao redor, sobre o nascimento do Rei pobre a quem, pela ternura de [seu] amor, chamava de Menino de Belém, quando o queria nomear. – E um cavaleiro virtuoso e digno de fé, o senhor João de Greccio – que, tendo abandonado a cavalaria secular por amor de Cristo, se ligou com grande amizade ao homem de Deus -, afirmou que viu um menino formoso a dormir naquele presépio, a quem o bem-aventurado pai Francisco, abraçando com ambos os braços, parecia despertar do sono. – De fato, não somente a santidade do vidente torna crível a visão do devoto cavaleiro, mas também a indicada fidedignidade [dele] a comprova, e os milagres que se seguiram a confirmam. Pois, o exemplo de Francisco, quando é olhado com atenção pelo mundo, serve de estímulo para os corações que se esfriam na fé de Cristo, e o feno do presépio, reservado pelo povo, serviu admiravelmente para curar os animais doentes e para repelir outras pestes diversas, glorificando Deus o seu servo em tudo e mostrando com evidentes prodígios e milagres a eficácia da santa oração.

Anexo 16

O presépio que fez no dia do Natal do Senhor (1 Cel XXX-84-87, FFC, 2004: 254-257)

A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo fervor do coração. Recordava-se em assídua meditação das palavras e com penetrante consideração rememorava as obra dele. Principalmente a humildade de encarnação e a caridade da paixão de tal modo ocupavam a sua memória que mal queria pensar outra coisa. – Deve-se, por isso, recordar e cultivar em reverente memória o que ele fez no dia do Natal do Nosso Senhor Jesus Cristo, no terceiro ano antes do dia de sua gloriosa morte, na aldeia que se chama Greccio. *Havia naquela terra um homem* (cf. Jó 1,1) de nome João, *de boa fama* (cf. Fl 4,8), mas de vida melhor, a quem o bem-aventurado Francisco amava com especial afeição, porque, como fosse muito nobre e louvável em sua terra, tendo desprezado a nobreza da carne, seguiu a nobreza do espírito. E o bem-aventurado Francisco, como muitas vezes acontecia, quase quinze dias antes do Natal do Senhor, mandou que ele fosse chamado e disse-lhe: “Se desejas que celebremos em Greccio a presente festividade do Senhor, apressa-te e *prepara a diligentemente* (cf. Pr 24,27) as coisas que te digo. Pois quero celebrar a memória daquele menino que *nasceu em Belém* (cf. Mt 2,1.2) e ver de algum modo com os olhos corporais os apuros e necessidades da infância dele, como foi *reclinado no presépio* (cf. Lc 2,7) e como, estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno”. O bom e fiel homem, ouvindo isto, *correu mais apressadamente* (cf. Jo 20,4) e preparou no predito lugar tudo o que o santo dissera.

E aproximou-se *o dia da alegria, chegou o tempo* (cf. Tb 13,10; Ct 2,12) da exultação. Os irmãos foram chamados de muitos lugares; homens e mulheres daquela terra, com ânimos exultantes, preparam, segundo suas possibilidades, velas e tochas para iluminar a noite que com o astro cintilante iluminou todos os dias e anos. Veio finalmente o santo de Deus e, encontrando tudo preparado, *viu e alegrou-se* (cf. Jo 8,56). E, de fato, prepara-se o presépio, traz-se o feno, são conduzidos o boi e o burro. Ali se honra a simplicidade, se exalta a pobreza, se elogia a humildade; e de Greccio se fez como que uma nova Belém. *Ilumina-se a noite como dia* (cf. Sl 138,12) e torna-se deliciosa para os homens e animais. As pessoas chegam ao novo mistério e alegram-se com novas alegrias. O bosque faz ressoar as vozes, e

as rochas respondem aos que se rejubilam. Os irmãos cantam, rendendo os devidos louvores ao Senhor, e toda a noite dança de júbilo. O *santo de Deus* (cf. Mc 1,24) está de pé diante do presépio, cheio de suspiros, contrito de piedade e transbordante de admirável alegria. Celebra-se a solenidade da missa sobre o presépio, e o sacerdote frui nova consolação.

O santo de Deus veste-se com os ornamentos de levita, porque era levita, e com voz sonora canta o Evangelho. E a voz dele, de fato, era uma voz forte, *voz doce* (cf. Ct 2,14), voz clara e voz sonora, a convidar todos aos mais altos prêmios. Prega em seguida ao povo presente e profere coisas melífluas sobre o nascimento do Rei pobre e sobre Belém, a pequena cidade. Muitas vezes, quando queria nomear o Cristo Jesus, abrasado em excessivo amor, chamava-o de “Menino de Belém” e, dizendo “Belém” e, à maneira de ovelha que bale, enchia toda sua boca, com a voz, mas mais ainda com a doce afeição. Também seus lábios, quando pronunciava “Menino de Belém” ou “Jesus”, como que o sorvia com a língua, saboreando com feliz paladar e engolindo a doçura desta palavra. Multiplicam-se aí os dons do Onipotente, e uma admirável visão é contemplada *por um homem de virtude* (cf. Mc 5,50). Via, pois, deitado no presépio um menino exânime, via que o santo de Deus se aproximava dele e despertava o mesmo menino como que de um sono profundo. E esta visão era muito apropriada, pois que o menino Jesus *tinha sido relegado ao esquecimento* (cf. Sl 30,13) nos corações de muitos, mas neles ele ressuscitou, agindo sua graça por meio de um servo São Francisco, e ficou impresso na diligente memória [deles]. Terminada finalmente a solene vigília, cada um voltou com alegria à própria casa.

O feno colocado no presépio foi guardado para que, por meio dele, *o Senhor salvasse os jumentos e animais, assim como multiplicara a sua santa misericórdia* (cf. Sl 35, 7.8). E, na verdade, aconteceu que muitos animais que tinham diversas doenças pela região ao redor, ao comerem deste feno, foram libertados de suas doenças. Até mesmo a mulher que trabalhavam em grande e longo parto, colocando sobre si um pouco do predito feno, dão à luz com parto saudável; e a multidão de homens e mulheres obtém a desejada saúde de diversas doenças. – Finalmente o lugar do presépio foi consagrado como *templo ao Senhor* (cf. 1Rs 8,63), e em honra do beatíssimo pai Francisco construiu-se sobre o presépio um altar, e dedicou-se uma igreja, para que, onde uma vez os animais *comeram forragem de feno* (cf. Dn 5,21), aí doravante os homens comam, para a salvação da alma e do corpo, a carne *do cordeiro imaculado e não contaminado, Nosso Senhor Jesus Cristo* (cf. 1Pd 1,19; 1Cor 1,10), *que com a suprema e inefável caridade se entregou a si mesmo por nós* (cf. Tt 2,14), e que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, Deus eternamente glorioso, por todos os séculos *dos séculos. Amém. Aleluia.* (cf. Ap 1,18; 19,4). Aleluia.

Anexo 17

Carta aos Custódios (Primeira Recensão) (1 Ct, FFC, 2004: 109)

A todos os custódios dos Frades Menores, aos quais chegar esta carta, Frei Francisco, vosso servo e pequenino no Senhor, deseja saúde com os novos sinais do céu e da terra, os quais são grandes e sobremaneira excelentes, mas minimamente considerados por muitos religiosos e por outros homens.

Rego-vos mais do que por mim mesmo que, quando vos convier e parecer melhor, supliqueis humildemente aos clérigos que o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e seus santos nomes e palavras escritos, que santificam o corpo [de Cristo], devam ser venerados acima de todas as coisas. E devem ter preciosos os cálices, corporais, ornamentos do altar e tudo o que se refere ao sacrifício. E se em algum lugar o santíssimo corpo do Senhor estiver muito pobrementemente colocado, de acordo com as prescrições da Igreja, seja por eles colocado com destaque em lugar precioso e seja levado com grande veneração e

ministrado com discricção aos outros. Também os nomes e as palavras escritos do Senhor, onde forem encontrados em lugares sujos, sejam recolhidos e colocados em lugar honesto. E em toda pregação que fizerdes, admoestais o povo sobre a penitência e que ninguém pode salvar-se, a não ser quem recebe o santíssimo *corpo e sangue* (cf. Jo 6, 54) do Senhor; e quando é sacrificado pelo sacerdote sobre o altar e é levado para outra parte, todas as pessoas, de joelhos, rendam louvores, *glória e honra* (cf. Ap 4, 9) ao Senhor *Deus vivo e verdadeiro* (cf. 1Ts 1, 9). E de tal modo anuncieis e pregueis a todas as pessoas sobre o louvor dele que, a toda hora e quando soarem os sinos, sempre sejam dados, por todo o povo, louvores e graças ao Deus onipotente por toda a terra.

E todos os meus irmãos custódios, aos quais chegar este escrito e que fizerem exemplares e o mantiverem consigo e fizerem cópias para os outros irmãos que têm o ofício da pregação e do cuidado dos irmãos e pregarem até ao fim tudo que está contido neste escrito, saibam que têm a bênção do Senhor Deus e a minha. E tenham isto por verdadeira e santa obediência. Amém.

Anexo 18.

Carta aos Governantes dos Povos (GV, FFC, 2004: 125)

A todos os *podestàs* e cônsules, aos juízes e governantes de toda a terra e a todos os outros aos quais chegar esta carta, a todos vós Frei Francisco, vosso pequenino e desprezível servo no Senhor, deseja saúde e paz.

Considerai e vede, pois *o dia da morte se aproxima* (cf. Gn 47, 29). Portanto, rogo-vos com reverência, como posso, que não vos esqueçais do Senhor por causa dos cuidados que tendes e das *preocupações* deste mundo (cf. Mt 23, 22) e não vos afasteis de seus mandamentos, porque todos *aqueles que dele se esquecem e se afastam de seus mandamentos são amaldiçoados* (cf. Sl 118, 21) e *serão* por ele destinados ao esquecimento (Ez 33,13). E quando chegar o dia da morte, *tudo o que julgavam possuir lhes será tirado* (cf. Lc 8,18). E quanto mais sábios e poderosos tiverem sido neste mundo, tanto *maiores tormentos* (cf. Sb 6,7) sofrerão no inferno.

Por isso, meus senhores, aconselho-vos firmemente que deixeis de lado todo o cuidado e preocupação e recebais benignamente, em sua santa memória, o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. E presteis tanta honra ao Senhor no meio do povo a vós confiado que, todas as tardes, seja anunciado por um pregoeiro ou por outro sinal. E se não fizerdes isto, sabeis que deveis *prestar contas no dia do júízo* (cf. Mt 12, 36) diante de vosso Senhor Jesus Cristo.

Aqueles que guardarem consigo este escrito e o observarem saibam que são abençoados pelo Senhor Deus.